

JAN VAL ELLAM

Jesus e Nietzsche

CONECTAR EDITORA

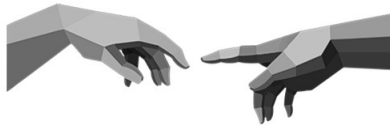




JESUS E NIETZSCHE

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



CONECTAR EDITORA



Jesus e Nietzsche

Copyright © Jan Val Ellam, 2019. Todos os Direitos Reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistemas de armazenamento em bancos de dados, sem a devida permissão, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos e estudos.



* * *

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Diagramação: Krysamon Cavalcante

Capa: Luciana Lebel

Revisão: Maria Helena Kummer

Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

www.conectareditora.com.br



* * *

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E46je Ellam, Jan Val, 1959-

Jesus e Nietzsche/Jan Val Ellam. Natal: Conectar Editora, 2019.

300 p., 21,6 cm.

1. Catolicismo – Mitologia. 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900 – Filosofia. 3. Jesus Cristo – Personalidade e missão. I. Título.

CDD 248.4

ISBN: 978-85-62411-61-8

1a. Edição. Natal - RN/2019

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Reflexão Necessária](#)

[Introdução](#)

1. [A Criação de Ídolos para a Humanidade](#)
2. [A Cultura Judaica e a Cultura Grega](#)
3. [Precisamos de Ídolos?](#)
4. [O Poder Opressor das Ideias Entronizadas](#)
5. [Subjugação e Escravização](#)
6. [Equívoco ou Cegueira](#)
7. [Um Ser Humano Submisso, mas nem tanto](#)
8. [Revolucionário Enlouquecido, mas nem tanto](#)
9. [O Ser Humano Emancipado](#)
10. [Afinal, Conflito ou Parceria Filosófica?](#)
11. [A Fé de Jesus e a Razão de Nietzsche](#)
12. [O Choque entre a Fé e a Razão de Jesus, que Nietzsche não Viu](#)
13. [Que Tipo de Ser Humano a Vida Universal Necessita?](#)
14. [Encanto e Susto](#)

[Posfácio](#)

[Notas](#)

[Sobre o Autor](#)

[Entrevista com Jan Val Ellam](#)

[Guia e Roteiro de Leitura dos Livros](#)

[Por que o IEEA?](#)

[Manifesto Projeto Orbum](#)

[Mais informações](#)

Sinopse

Não costumamos pensar sobre o seguinte aspecto da existência: sem os seres vivos, a vida não teria lugar, e tão somente existiria o palco, o cenário que a envolve.

O fenômeno da vida se hospeda, portanto, nos corpos dos seres vivos, no psiquismo de cada espécie, enfim, nos agentes que a expressam.

Mais complexa fica a questão se buscarmos um entendimento ainda mais misterioso: o de que é na mente dos seres vivos onde a vida efetivamente acontece!

Um dos mais inquietantes questionamentos do contexto existencial é o de se procurar saber quantas categorias de agentes a vida universal possui e os tipos de psiquismo que a natureza de cada espécie cósmica dispõe no jogo da existência.

Este livro apresenta um, até agora, desconhecido desenrolar de uma cronologia, na qual as principais classes desses agentes são nominadas — as deste e as do universo vizinho —, como também são relatadas as histórias que compõem as páginas de uma ancestralidade tida como mitológica pelo desavisado conhecimento humano da atualidade.

É leitura para gente adulta!

Reflexão Necessária

*Faça um favor a você mesmo: observe o mundo à sua volta e pense sobre
as causas das aflições da vida!*

Mais um: descondicione-se!

Por fim: emancipe-se!

O Universo agradece!

Introdução

Jesus e Nietzsche, dois dos meus ídolos – e aqui uso essa expressão em sentido bem diferente do que Nietzsche o faz em suas obras –, cujos legados guardo no coração, com o máximo de respeito que posso produzir, pois são luzes em plena escuridão da ignorância planetária e, como “inseto que sou”, jamais desisto de voar no entorno das luminosidades que eles emitem.

Aqui, não me refiro aos homens que eles foram ou deixaram de ser. Em absoluto, não os posso avaliar. Ressalto tão somente a obra, a contribuição, enfim, o profundo compêndio filosófico e humano que os dois deixaram, dos quais me sirvo e retiro alimento mental e espiritual para a minha vida.

Sobre o legado de Jesus, devo ressaltar que não o confundo com o que dele a Igreja Católica e suas derivações históricas se apropriaram, para manipular mentes e sensibilidades. Mesmo antes de ler Nietzsche, eu já tinha, como método de análise, essa separação entre o pretendido por algum fundador-revelador e o que fazem os seus ditos seguidores. A abordagem nietzschiana, nesse ponto, tão somente agravou profundamente o abismo já inevitavelmente percebido, entre o que talvez o “sonhador da Galileia” tenha vislumbrado e o que sobre o seu sofrimento, foi toscamente erigido.

Nem sequer, por enquanto, entro no mérito de que, se o que Jesus fez, foi algum dia compreendido por alguém, seja por ele mesmo – ao tempo da sua vida – ou ainda por Nietzsche, questão que, neste livro, me obrigarei a analisar, o que me dá a desgraçada certeza de que a todos desagradarei.

De qualquer modo, penso que, entre o homem que foi Jesus e o que sobre ele se pensa atualmente, talvez Nietzsche tenha sido o único suficientemente livre para acertar na crítica, errando, porém, de longe, quanto à percepção do enredo que envolveu o “crucificado”, naqueles dias distantes. E o fez como um observador moderno da cena da vida, através de lentes particulares, com as quais nenhum outro par de olhos, nem de longe, ousou tentar enxergar o “homem Jesus” e seu legado, ou seja, ele teve a coragem de se expressar de um modo

livre da “infecção da crença”.

Por que tanta ignorância? Culpa dos homens? Penso que não! Pois há muito mais em jogo, que ainda precisa ser percebido. Independente disso, penso que muitos dos protagonistas da “primeira hora cristã”, agiram com as melhores intenções que a época e o tempo das suas vidas permitiram. Contudo, sempre há as “raposas” e as “aves de rapina”, travestidas da condição humana, a “misturarem veneno e mel”, destilando ódio e perversão por onde passam, e sem se esquecerem de usar, como justificativa, o nome dos “ídolos” entronizados.

Na minha “busca”, propus a mim mesmo não desgrudar da inquietação filosófica de Nietzsche que, diferente da tranquilidade de Jesus, foi-me sempre motivo constante de mergulho interior, no sentido de reciclar os conceitos que fui absorvendo ao longo da vida, inclusive e, principalmente, vindos deles dois.

No meu “panteão de ídolos”, não se encontram “deuses” e muito menos o Jesus feito um “deus católico”, mera manipulação política da época de Constantino, mas só a memória e o legado de homens e mulheres que me enlevaram a sensibilidade com os seus exemplos e contribuições para o embelezamento da vida.

Não estranhe o(a) leitor(a) pelo fato de me ver usando, neste livro, a palavra “deus” com letra minúscula, mas é mesmo essa a minha intenção, pois ela se aplica quando menciono o Criador e outros entes extrafísicos poderosos, citados nas diversas mitologias, ou aqueles seres que são chamados com essa denominação pelas religiões ou, ainda, os que assim se declaram. Já o termo “Deus” com letra maiúscula, reservei para me referir ao Ser Supremo, ou seja, a Deidade, o Pai-Mãe Amantíssimo, o Incognoscível.

A pergunta que me fiz e que me faço, observando o mundo, é a seguinte: nestes tempos atuais é mais produtivo aplicar sobre a base dos meus valores, conceitos e opiniões – ainda que não me sinta apegado a eles, pois a tal não me permito – as convenções do modo de pensar de Jesus ou de Nietzsche?

Ao longo deste livro, exponho a resposta que pude construir para mim mesmo, esperando que possa ser útil a alguém.

Atlan, 9 de novembro de 2019

Jan Val Ellam

1

A Criação de Ídolos para a Humanidade

Ideias há as que libertam e edificam, outras, porém, aprisionam e danificam a consciência que luta por existir e se movimentar. Contudo, quantos sistemas de crenças existem que pretendem imobilizar o pensamento nos limites do que é julgado conveniente para a fácil manipulação e controle das pessoas? Infelizmente, muitos! E durante estes últimos dois mil anos, o mais cruel deles, segundo “o maior cismador de ideias e amigo de enigmas”, como, às vezes, Nietzsche se referia a si mesmo, foi o cristianismo.

Chega a ser doloroso constatar que as religiões, que deveriam, em tese, representar o modo de união entre os contextos da vida mundana e princípios e propósitos mais elevados, esqueceram-se por completo desta última componente, que costuma ser substituída pelo culto ao “deus do coração” das pessoas.

O conceito de “deus” pode até mesmo ser divergente entre os povos e suas culturas, mas desde que se consiga viver em paz, observando as regras da compaixão e da tolerância, o que ele venha a significar por si mesmo, importaria menos que os fatos. Entretanto, se tais eventos são causados pelo modo conceitual como se cultua este ou aquele “deus” e seus maneirismos, e guerras e mais conflitos se estabelecem como ordens vindas de sua parte, por ter escolhido este ou aquele povo para imperar sobre os demais, devido à sua proteção, tudo fica muito estranho e difícil de funcionar por aqui.

Se Jesus pretendeu nos libertar ou nos aprisionar, isso é assunto discutido no mundo espiritual até estes tempos atuais, e sei que fazer essa afirmativa é algo que pode chocar a muitos e, por isso, complemento o tema deste livro, que é sobre Jesus e Nietzsche, com o termo “para adultos”.

Para quem jamais pensou sobre esse aspecto da questão, é só se recordar que Jesus era um judeu, preso às escrituras da tradição do seu povo, nas quais estava escrito um roteiro profético sobre um “Messias todo poderoso”, que haveria de vir em nome do “deus dos judeus”, para restaurar o seu controle sobre a

humanidade, perdido desde os tempos de Adão e Eva.

Jesus sabia ser ele o “Messias” que todos esperavam, mas não cumpriu a missão de transformar Israel numa potência imperial. Sem se rebelar, confirmou o “deus da sua predileção” como sendo o “Criador dos Céus e da Terra”, orientando que todos o amassem e obedecessem.

Como o tal “deus dos judeus” quer que todos o temam, ele não se preocupa em ser simpático e benevolente, e demonstrou ser possuidor de um estranho senso de justiça ao eleger este ou aquele povo, em detrimento dos demais, e é nesse sentido que se estranha a controversa opção de Jesus ao pretender levar os terráqueos para o controle desse tipo de “deus” – que nada tem a ver com o “Ser Amantíssimo”, e de quem se esperava que Jesus tivesse se referido.

Se já foi difícil, no seu próprio tempo de vida, conduzir os eventos nessa direção, após a sua morte, o seu legado foi tão poderosamente danificado pelos processos históricos que, basicamente, o “Jesus tido como Deus”, que surgiu no catolicismo, foi uma mera convenção política do Império Romano, ajustando a religião por ele perseguida por quase durante três séculos (o cristianismo), na religião oficialmente escolhida por Roma ao tempo de Constantino, que passou a ser conhecido como o “catolicismo apostólico romano”.

Nesse ponto, as coisas se complicaram ainda mais e o cristianismo passou a ser uma sombra desarmônica quando o catolicismo o desfigurou significativamente.

1ª Constatação:

Segundo Nietzsche – e eu concordo com ele neste ponto –, poucos processos tidos, a princípio, como libertadores, criaram tantos “ídolos” aprisionadores de humanos, como o cristianismo.

A teologia católica, que surgiu posteriormente ao cristianismo primitivo, gerou todos os “**ídolos controladores**” necessários no campo dos dogmas, das crenças e dos costumes, em relação aos quais, até hoje, a História da Humanidade sofre as consequências do obscurantismo intelectual por eles impostos, e que, por mais de mil e quinhentos anos, impediu o progresso intelectual e espiritual dos ocidentais.

Liturgias, sacramentos, dogmas, santos, beatos, papas, o “diabo” (o grande inimigo), confissão obrigatória, batismo, primeira comunhão e tantos outros “ídolos” produzidos pela teologia católica, “encabrestaram” de tal modo a evolução das pessoas situadas no âmbito histórico do poder do catolicismo que, até agora, a herança desses traços culturais permanece influenciando os rumos da

humanidade.

Um desses “ídolos”, o dogma católico que proíbe o uso normal de preservativo, assume-se como sendo um dos principais responsáveis pela superpopulação mundial, e o pior: provoca o superpovoamento em áreas onde a educação e a liberdade mental parecem inexistir por força do impedimento do credo, que a tudo pretende definir.

Assim, de “ídolos em ídolos” vazios de **sentido lógico**, mas cheios de **“achismos teológicos”**, advindos de uma **exegese viciada, que demoniza e santifica** o que e quem os interesses da Igreja e da época histórica em que foram feitas, premiam e produzem fatos como: quatrocentos anos depois, a Igreja “pede desculpas” a Galileu Galilei por ter infernizado a sua vida, além de humilhá-lo pelo “pecado” de suas geniais teses científicas.

A quantas pessoas a Igreja não deveria pedir desculpas, por seus “ídolos” terem trucidado às suas sensibilidades e queimado incontáveis vidas?

Pelo que entendi do conjunto da obra de Nietzsche, **foi contra esse estado meio “doentio” de ser da Igreja e da sua absurda capacidade de criar e impor ídolos falsos e criminosos sobre os ombros da humanidade, que ele se contrapôs com veemência contundente.**

Passeando pelos paradoxos, desde o cristianismo nascente até a sua transformação em catolicismo pelo Império Romano no século IV, Nietzsche reconhece que, sob certos aspectos, o legado cristão nasceu a partir do esforço hercúleo de um dos mais libertários pensadores dos quais se teve notícias, que foi o “homem Jesus”, ainda que este parece não ter sido corretamente homenageado pelo que os seus pretensos seguidores viriam a fazer.

Observe o(a) leitor(a) que, aqui, jamais o **credo do “Concílio de Niceia” será respeitado, exatamente aquele que criou o mito da “Santíssima Trindade” e igualou Jesus a Deus**, deixando de lado a sua condição humana, para assim não ter que observá-la, analiticamente.

Desse modo, o sistema que foi sendo construído desde o ano 325 d.C., em que se deu tal concílio na referida cidade, foi “destruindo” a parte humana de Jesus, como também “aprisionando” os agora católicos, ou seja, os seguidores do ex-nascente cristianismo. Depois de ter sido perseguido pelo Império Romano durante os três primeiros séculos da sua existência, o cristianismo foi alçado, por decisão do imperador Constantino, à religião oficial do estado, a qual passou a cultivar teses muito mais paulíneas – formuladas por Paulo de Tarso –, do que propriamente as de Jesus.

Afinal, as “doutrinas da salvação e da justificação pela fé” foram formuladas por Saulo de Tarso, ex-perseguidor de cristãos – que se convertera ao “convite” de um “Jesus ressuscitado”, que lhe aparecera em plena viagem para Damasco –,

e que mais tarde assumiria o nome do batismo cristão “Paulo”.

Apesar de jamais ter visto Jesus em vida, a teologia de Paulo, o agora radical seguidor do Cristo, foi a que fundou e mais esteve presente na nova face do cristianismo, desde então, chamado de “catolicismo”. Jesus jamais se referiu a essas duas doutrinas da fé católica, que passou a perseverar – posteriormente, elas também foram abraçadas pelo protestantismo.

De modo estranho, por universalista que fosse a mensagem de Jesus em seu aspecto filosófico, o seu vínculo de nascimento com as escrituras judaicas o levou a pretender convencer os homens e mulheres da Terra, a começar pelos judeus, a se submeterem com amor ao “Criador dos Céus e da Terra”, que era o “deus bíblico” Javé. Isso fez com que a sua mensagem passasse a ser composta por uma outra face, na época, não tão universalista assim: **a de que a filiação a esse “deus” somente se daria por e através dele, que era “o caminho, a verdade e a vida”**. Curioso, não?

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai se não por mim.”¹

(JOÃO 14,6-7)

Num sentido, ele convidou os seres humanos a se libertarem amorosamente, sem violência, de algumas das tradições ultrapassadas do seu tempo, enquanto noutro, firmou a necessidade da manutenção de um estado de subserviência ao Criador, **ainda que ele próprio não tenha obedecido aos ditames que o “Messias anunciado” por esse “Ser Divino” teria que cumprir**. Jesus se assumiu como sendo o Messias anunciado pelos profetas do seu povo, mas não usou dos seus poderes, nem da força, para fazer cumprir os desígnios impostos pelo “deus bíblico” sobre os seus ombros.

Pagou com a crucificação, sendo que nem mesmo o tal “deus bíblico” atendeu à sua prece de “livrá-lo daquele cálice”, ainda que, com os seus poderes e se o quisesse, o próprio Jesus poderia, sozinho, ter se livrado daquele suplício. Enigmático, não?

A teologia católica transformou toda essa história em outra versão mais estranha ainda: a de que os acontecimentos se deram daquele modo porque era imperioso que “o sangue de Jesus lavasse os crimes dos terráqueos”, porque a vida destes era uma consequência do “pecado original”, cometido por Eva e Adão – nessa ordem. Estranho, não?

O que isso resolveu, ainda estamos por descobrir, ou jamais descobriremos

porque não faz sentido algum. Ainda assim, por cerca de dois milênios, essa explicação tem perseverado como sendo a verdade!

Realmente, os “ídolos” gerados pelas elites humanas que conhecem e manipulam as necessidades do “rebanho”, têm poder inestimável.

2ª Constatação:

Jesus se bateu contra muitos “ídolos” da sua época, ainda que o seu legado tenha sido foco da criação de outros tantos, às expensas da sua vontade.

Nietzsche procurou identificar os que pôde e confrontou-os todos, destemidamente, inclusive e, principalmente, os criados em torno de Jesus, pelo viés católico.

Para a nossa reflexão, é imperioso que percebamos um aspecto: na mesma época em que o pensamento grego lutava, há mais de sete séculos, de maneira a se ver livre da antiga fé nos “deuses” da sua mitologia, sistematizada pelos poetas Hesíodo (em “*Teogonia*” e “*Os Trabalhos e os Dias*”) e por Homero (em “*Ilíada*” e “*Odisseia*”), estabelecendo a busca filosófica racional como método para a liberdade do psiquismo humano, lá estava Jesus, meio que “arrebanhando” os judeus para a obediência cega a um dos “deuses” da mitologia grega, conhecido como Caos, o “Criador desafortunado”, que nas escrituras judaicas-cristãs – baseadas nas mitologias semítica-babilônia e com raízes nas acadianas e sumérias –, se apresentava como sendo “Javé”, e afirmava ser ele o único “deus” digno de ser louvado.

Sim, é o mesmo “estranhíssimo personagem”, que assume nomes diferentes em mitologias e religiões distintas.

Mais inquietante ainda é perceber que, enquanto a visão helênica de realidade procurava levar o mundo adiante, o cristianismo em torno de Jesus afundou o progresso num viés de crença formulado por aquele que daria continuidade à sua obra, que foi Paulo, uma pessoa totalmente estranha ao “homem Jesus”, que sequer o conheceu em vida.

Sob essa perspectiva, pergunto-me: **Jesus fez bem ao mundo, “enfiando goela abaixo” a importância de se crer e se amar um “deus algo sádico e furioso”, que terminou por crucificá-lo?** Somente os judeus deveriam acreditar no “deus esquisito”? Bem, se eram, Paulo tratou de levar a obrigação de crença e de observância das escrituras judaicas aos gentios.

Qual o sentido disso? – e aqui começo a formular perguntas que Nietzsche jamais as elaborou devido ao imperativo dos limites do seu tempo, ou porque preferiu mesmo não fazê-las.

Jesus confirmou esse Ser como sendo o “Criador dos Céus e da Terra”, o enalteceu e convidou a que todos o louvassem, mas de modo estranho, como já dito, **ele não o obedeceu, ainda que a sua mensagem tenha sido no sentido de que todos deveriam se submeter a esse “deus”**.

E ele não o obedeceu – novamente me obrigo a ressaltar –, no sentido de que “jamais assumiu o papel do Messias poderoso” que lhe cabia cumprir, conforme os anúncios proféticos feitos pelo tal “deus bíblico”, por meio dos seus profetas, nas páginas das escrituras desde então consideradas “sagradas” para os judeus. O curioso é que antes de assim serem consideradas, muitos dos temas ali entronizados como divinos, compunham textos bem mais antigos, registrados nas tábulas das mitologias suméria, acadiana, caldeia e babilônica. Essas escrituras foram consideradas “sagradas” pelas atuais ramificações da religião cristã devido ao modo como o rabinato judaico foi se estabelecendo e tratando os textos que pôde colecionar, e mais ainda, pelo que o catolicismo também faria nesse sentido, com sua teologia surgida em tempos mais recentes.

3ª Constatação:

O catolicismo foi uma “mitologia que deu certo” e que passou a destruir “diversas outras que não deram tão certo assim”, e por isso quase se extinguiram.

Aqui, é importantíssimo que aqueles que buscam o sentido mais profundo dos acontecimentos da vida, tal o percebam.

O fato é que o “cristianismo catolicizado”, visto por Nietzsche com essas e outras cores adornadas com painéis perturbadores, transformou-se num perseguidor cruel das próprias pessoas vinculadas a essa crença, ao “castrá-las” na sua criatividade, tornando-as improdutivas e pobres – no sentido da feiura existencial.

De minha parte, penso que nós, os humanos, deveríamos perceber que a vida não se resolve por si só, pois ela precisa de algo mais: informação! Contudo de que tipo? “Religiosas”, “científicas” e “filosóficas”, dirão respectivamente os religiosos, os cientistas e os filósofos!

Aqui, começam os nossos problemas, porque a vida parece ser o que é, conforme a produzem as leis da Física, da Química e da Biologia, na sua essência material. Entretanto, ela não é somente isso, e para os que adoram uma “crençazinha romântica” qualquer, nessas três ciências, dramaticamente, a fé não pode ter lugar. Por que dramaticamente? Sem fé em algo, independente do que seja, o atual tipo de ser humano parece não saber levar a sua vida.

Provavelmente por isso, alguns tentaram torná-la religiosa – e conseguiram –, fazendo com que os humanos se entreguem a “deus”, para que ele resolva tudo. “Se deus quiser”, “graças a deus”, “deus é fiel”, “valha-me, deus”, “deus me livre”, “vá com deus”, “fique com deus”, “foi a vontade de deus”, enfim, expressões que parecem ser, a princípio, algo belo, mas que transformam o ser humano em agente de obrigações limitadas, pois que tudo é com “deus”.

Assim, por ela mesma, a vida nada resolveria, pois “deus” seria o grande sujeito do processo, e não a pessoa que, aqui, existe. Estranho, não?

As religiões, portanto, chegam afirmando que o ser humano foi e é condenado a ser “filho do pecado” por todo o sempre, sabe-se lá cometido por quem – mas aqui, se espera que “deus”, e não a própria vida, resolva tudo! Tudo? Nem tudo, pois a Igreja “pode resolver” desde que haja submissão aos seus dogmas de fé, para que o fiel se liberte do “vínculo com o demônio”, que parece ter sido quem convenceu Eva a desobedecer ao Ente Criador – que se apresentou como “deus”, em alguns livros tidos como “sagrados” por parte da humanidade.

Quanta “informação”! Porém, qual a qualidade desse “compêndio de esquisitices” que foi transformado em “sagrado”?

Quantos “conceitos”! Quantas “verdades”! Quantos “ídolos”!

Afinal, precisamos realmente submeter a natureza do tirocínio humano a esse tipo de “informação”?

O inquietante é perceber que Nietzsche responderia “não” a essa indagação, porque ele defendia exatamente a salvaguarda da saúde da lucidez humana, sem as “infecções da religiosidade infantil”. Contudo, e quanto a Jesus?

O que você acha, caro(a) leitor(a)?

Será que a desobediência de Jesus, nos últimos dias da sua vida, mesmo demonstrando que era ele, sim, o Messias profetizado, mas que não cumpriria a sua destinação, não foi a maneira dele dizer “não” às informações às quais ele se referiu, chamando de “velha e antiga aliança”? Será que a “nova aliança”, proposta por ele, não era exatamente substituir a submissão da “velha aliança” pelo amor, ou seja, em vez de temer e obedecer ao tal “deus”, amá-lo e, ao mesmo tempo, levar a vida de maneira digna e amorosa?

Diferente de Nietzsche, provavelmente pelo teor da missão difícilíssima da qual estava investido, Jesus deixou claro ser necessário lidar com esse padrão de informação, por força de um passado cujas notícias foram perdidas. Se ele fez isso da melhor maneira ou o fez do modo que pôde, é questão que, um dia, deverá ser melhor esclarecida.

Para quem, porventura, discordou da aparente obviedade que expressei ao afirmar que a vida não se estabelece por ela mesma, a tanto me propus e me

perdoo, porque, conforme penso, não vejo lá diferença entre quem espera que “deus” resolva tudo e quem tem fé na vida, aguardando também que ela dê o seu jeito para solucionar os problemas acumulados.

Precisamos perceber que a vida precisa de novas informações, posturas e ousadias ainda não empregadas, praticamente, pela natureza humana, e aqui, a criatividade dionisíaca cai bem melhor do que a fé sustentada em preces infundáveis e repetitivas.

Os “**viciados em fé e em oração**” sustentam a tese de que os dionisíacos erram bastante, e eles não! Óbvio, os inconformados e os criativos, ou seja, os dionisíacos, tentam produzir novas informações; os religiosos apenas reafirmam as informações de sempre, sendo a sua conduta o mau uso do viés da confirmação², que enxerga sempre a mesmice do desconforto de quem vive na falsa zona de conforto da crença apaziguada com a mediocridade.

De quantos “ídolos” ainda precisamos?

O modelo do “ídolo confortado e arrebanhado” é o padrão mais admirado pela atual geração de humanos, que adora se refugiar na crença de que “alguém cuida de nós”.

Haja corrupção e mesmice!

Haja cansaço!

2

A Cultura Judaica e a Cultura Grega

As culturas judaica e grega, esses dois “pilares” sobre os quais se assenta a visão de mundo da cultura ocidental, produziram o mito do “Paraíso”, o que, muito provavelmente, infantilizou a História da Humanidade por uns bons dois milênios, quando o ilusório passou a valer mais do que a pobre noção de realidade permitida aos humanos da Idade Média.

Essas culturas também serviram como “pilares” para muitas “construções esquisitas” que hoje possuem “raízes profundas” no imaginário do psiquismo humano.

Difícilmente percebemos, mas, **o judaísmo e sua produção desviada, chamada de “cristianismo”**, produziram o mito do “pecado original”, o que fez com que os “campos elísios”, da mitologia grega, fossem tomados por empréstimo, pois que, apartados do mais belo lugar agora interditado aos “pecadores humanos”, o cristianismo fez com que estes jamais deixassem de sonhar com o almejado retorno ao “jardim de origem”, em outras palavras, ao “Paraíso”.

Assim que esse mito do “Paraíso” foi transformado em cristão, o mesmo passou a ser associado – pelas futuras gerações de cristãos católicos europeus – às “terras maravilhosas”, “às ilhas afortunadas”¹ e “aos lugares perfeitos”, através dos escritos de muitos “pais” do então catolicismo nascente, nos seus tempos de transição, vindos do cristianismo, como:

- **Tertuliano (século II)**, o primeiro autor cristão a produzir uma obra literária sobre o cristianismo;
- **São Justino (século II)**, teólogo romano cristão;
- **Lactâncio (século IV)**, autor cristão, que foi conselheiro de primeira hora do imperador **Constantino**, que transformou o cristianismo, de culto perseguido, na religião oficial de Roma;

- **São Basílio (século IV)**, bispo de Cesareia, que apoiou o credo do “Concílio de Niceia” sobre a “Santíssima Trindade”; e
- **Prudêncio (século IV)**, um poeta romano cristão.

Na dúvida, **coube a Santo Agostinho, confirmar o “Paraíso” como sendo um lugar – enquanto realidade histórica e geográfica** – desconhecido, mas digno de ser procurado. Cuidadosamente, ele conferiu ao “Paraíso” as duas dimensões – material e espiritual – que um lugar deveria possuir, conforme o que as pessoas da sua época imaginavam.

Mais tarde, aos poucos, esse lugar distante foi sendo substituído pelas “ilhas afortunadas”, perdidas nas brumas por sobre os oceanos do mundo, e assim ficou por muito tempo com sua marca de local inatingível.

No século XIII, as narrativas sobre “ilhas perdidas e imaginárias” povoavam o psiquismo europeu, notadamente dos mais bem informados habitantes da península ibérica, que herdaram dos templários, agora novamente organizados sob a égide da “Ordem dos Cavaleiros do Cristo”, em Portugal, as notícias sobre aqueles lugares inatingíveis.

Viajar para descobri-los, passou a ser o lema dos mais valorosos anseios dos que, enlevados pelo imaginário da época, aventuravam-se oceano afora, como fizeram notadamente os portugueses, seguidos dos espanhóis.

Num tempo em que o Vaticano caiu na mais profunda desgraça da desagregação política, chegando a ter três autoaclamados papas que disputavam a legitimidade como podiam, para que um deles prevalecesse sobre os demais, o horizonte mítico português entrevia a “benção de deus” sobre a única nação templária do mundo – o que trazia obrigações para Portugal, sobre as quais o Vaticano parecia não mais ter tempo e condições para atendê-las.

4ª Constatação:

Cumprir no mundo a destinação cristã que o Vaticano havia esquecido, parecia ser o grande objetivo daqueles dias no imaginário dos bem-intencionados “agentes da vida” que, apesar dos esforços heroicos, viram novamente a Igreja Católica se reposicionar e destruir qualquer tentativa de elevação da prática cristã a patamares aceitáveis por pessoas com algum senso de razoabilidade.

Foi assim que, usufruindo os bons frutos do luteranismo e, mais tarde, do iluminismo, que o senso de razoabilidade de um homem pôs o foco da sua atenção em torno dos dois “pilares” que ajudaram a construir a lógica ocidental.

Observemos abaixo o que Nietzsche ressaltou sobre um outro povo bem distinto do judaico, que foi a raiz do cristianismo. Refiro-me aos gregos, um povo, então, bem mais livre e evoluído das amarras religiosas que os judeus, tão apegados às suas escrituras.

Assim, no livro ***“A Filosofia na Época Trágica dos Gregos”***², ele nos traduz o seu encantamento pela “singularidade grega”:

“Todos os povos se cobrem de vergonha quando se aponta para uma sociedade de filósofos tão maravilhosamente exemplar: a dos primeiros gregos, Tales de Mileto, Anaximandro, Heráclito, Parmênides, Anaxágoras, Empédocles, Demócrito e Sócrates. Todos esses homens são talhados inteiramente numa só peça de uma única pedra. Seu pensamento e seu caráter estão ligados por uma necessidade estrita. Ignoram todas as convenções porque a classe dos filósofos e dos sábios não existia naquela época. Todos eles são, em sua grandiosa solidão, os únicos homens que, naqueles tempos, viviam voltados para o conhecimento. Todos possuem essa vigorosa energia dos antigos, pela qual superam toda sua posteridade e que lhes permite encontrar sua forma própria e dar a esta, seu desenvolvimento pleno, em seus ínfimos detalhes e em sua maior amplitude, graças à metamorfose. De fato, moda alguma veio lhes emprestar mão forte e lhes facilitar as coisas. Desse modo, todos formam, em conjunto, aquilo que Schopenhauer chamou, em oposição à República dos sábios, uma República de gênios. Os gigantes se interpelam através dos intervalos desérticos da história e, sem se deixarem perturbar pelos anões descuidados e barulhentos que continuam a rastejar abaixo deles, prosseguem seu sublime diálogo entre espíritos.

Eu me propus a narrar a parte desse sublime diálogo espiritual do qual nossa moderna surdez pode ouvir e compreender algumas migalhas, ou seja, o mínimo.”

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE

Realmente, povo algum, em nenhuma época da história humana, teve tantos gênios e mestres do conhecimento quanto os gregos do período compreendido entre os séculos VIII e II antes do tempo da vida de Jesus.

Não existe nada nem parecido em lugar algum! Contudo, uma civilização desse porte foi transformada em algo menor, a ser enquadrado nas disposições e

desígnios estreitos das escrituras judaicas e, mais tarde, da filosofia dogmatizada pelos limites da teologia católica. Esse aspecto sepultou o progresso livre das ideias e da Filosofia, fazendo do progresso humano uma “dádiva de deus” e, o pior: administrada pela Igreja Católica!

Em outro livro, *“O Nascimento da Tragédia”*³, dentre outros aspectos magistrais, Nietzsche procura entender como “a mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para viver, como precisamente os gregos tiveram necessidade da tragédia? Mais ainda, da arte? Para que “arte grega”?

5ª Constatação:

Os gregos, o povo mais evoluído da época, que eram produto da mais bela cultura que já surgiu na Terra – a dos helenos, descendentes de Pandora –, foram trucidados pelo poder católico romano, que novamente os subjugou para um outro tipo de prisão, a religiosa.

Estranho, não?

Infelizmente, tudo é meio ou mesmo muito estranho em torno da vida humana. Talvez por isso, cheio da sua certeza de que era preciso rever tudo o que o cristianismo tinha colecionado em quase dois mil anos de dominação psíquica do “rebanho humano ocidental”, Nietzsche **dedicou a sua vida a “martelar” as “certezas” alheias** sobre “deus”, o sentido da vida, céu e inferno, enfim, os tais “ídolos” cristãos-católicos.

Para não fugir à estranheza das coisas, foi a “certeza de Jesus” que deu a “pedra angular de uma construção” que ele jamais imaginou que viria a produzir os tais “ídolos” aprisionadores, e a cuja “transvaloração”, Nietzsche se dedicou com todo empenho.

Jesus e Nietzsche, esses dois seres humanos “cheios de certezas”, o primeiro, no sentido de que existia um “deus-Pai-Criador”, a quem se devia obediência, e o outro, no sentido de que a única tese certa era a de ser melhor não ter nenhuma certeza – o que não deixa de produzir as suas “certezas” –, foram conduzidos pelas circunstâncias das suas vidas, o que respeito profundamente. E aqui falo de dois dos meus mestres, cujas vidas e legados, para mim, foram e são objetos de estudo e de apropriação no campo do aprendizado que a minha “pequenez” pode realizar, frente à grandeza de ambos.

Para que eu possa seguir adiante com os meus propósitos analíticos, preciso agora **tratar das “certezas” de Jesus, para, mais tarde, observar as de Nietzsche.**

A principal “certeza” de Jesus, que o levou ao extremo da crucificação, talvez tenha sido a sua grande dúvida ao longo de toda a sua vida. Paradoxal?

Sim, Jesus sempre soube que era ele o tal Messias referido nas escrituras judaicas, as quais ele se acostumou a escutar e a estudar desde criança, nas repetidas idas às sinagogas do seu tempo. Todavia, aquele enviado do “deus” Javé, teria que ser um humano superpoderoso, violento e implacável, que humilhasse todos os povos que haviam submetido os judeus, notadamente os romanos, que tinham um império, sendo os dominadores daquela hora. Caso o Messias subjugasse principalmente os romanos, os judeus estariam libertos e lutariam para conquistar todos os povos, formando um grande império planetário, o que entregaria o domínio dos seres humanos novamente para Javé, controle esse perdido desde os tempos de Adão e Eva e da expulsão dos mesmos do “Jardim do Éden”.

Ao longo de toda a sua vida, mesmo tendo os tais superpoderes, Jesus hesitou em se tornar aquele tipo de personagem. Inclusive, João, o Batista, o seu precursor que o havia anunciado desde o batismo, ficou em dúvidas se Jesus era realmente o Messias, pois este não estava fazendo nada no sentido do que havia sido profetizado. Ao contrário: usava seus poderes para curar doentes e pessoas fracas, e andava na companhia de mulheres e de publicanos, como era o caso do apóstolo Mateus e do amigo Zacheu.

Na dúvida, João chamou dois dos seus ex-discípulos que, naquela época, acompanhavam Jesus, pedindo-lhes que fizessem a seguinte pergunta ao Mestre:

“O Senhor é aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?” .

(LUCAS 7, 19)

Qual o problema?

Jesus resolveu jamais assumir o papel de “Messias violento”, o que deixou Javé furioso, além de algo estupefatos e decepcionados aqueles que lhe eram mais próximos e que, portanto, conheciam a sua história singular e percebiam seus poderes.

Por surpreendente que possa parecer à sensatez humana, Javé tinha, sim, repetidos ataques de fúria, conforme descrito no livro considerado “sagrado” – a “*Bíblia Sagrada*” –, ainda que nele, todo um conjunto de “esquisitices” sobre esse tal “deus” tenham sido e permaneçam claramente expostas e explicadas. Como exemplo, é sabido que, mesmo tendo pedido a Javé para livrá-lo do “cálice” da iminente crucificação, dele “escutou um não”, e Jesus resolveu

enfrentar as consequências da não observância aos desígnios do Criador em relação ao seu Messias que, estranhamente, não quis usar de seus poderes para se livrar daquele “escândalo”, que era tão somente um capricho de Javé.

O suicídio de Judas teve a ver com o espanto que ele sentiu ao ver que o seu amado Rabi se deixou prender pela guarda do Sinédrio, sem esboçar qualquer reação, quando tinha poderes para fazer o que quisesse.

Seus apóstolos e sua família – sem exceção – esperavam que, algum dia, Jesus viesse a assumir a sua condição de “super-homem”, só que Judas pensou que seria naquele exato momento em que ele mesmo providenciou para forçá-lo a ser o tal Messias, o que o “homem Jesus” se recusou a ser, numa atitude heroica sem tamanho. Não foi por menos que ele suou sangue na noite daquela quinta-feira que antecedeu à sua crucificação!

Quando a humanidade entenderá isso?

A teologia católica transformou essa história, insuportável para a sensibilidade humana, em *fake news* que duram há dois mil anos, pois que o cristão acredita que “deus” teria dito não a Jesus e o obrigado a tomar o “cálice” da crucificação porque ele, o Criador, amou tanto o mundo, que enviou seu filho dileto à Terra, para sofrer inevitavelmente, de modo que o sangue desse inocente apagasse a multidão dos “pecados humanos”, em especial o “pecado original”, promovido por Adão e Eva, ao desobedecerem a ele e ao terem filhos – todos, portanto, “pecadores e necessitados de salvação”. Assim, afirmam: “O sangue de Jesus salvou todo mundo! Ponto final!”

6ª Constatação:

Em termos atuais, a teoria do pós-fato, apresentada como uma solução para a polêmica em torno da pós-verdade, muito bem serviria para explicar o que os bem-intencionados teólogos do cristianismo nascente produziram para justificar o inexplicável. Entretanto, a ignorância humana dá guarida a todo tipo de esquisitice ao transformar a fé em algo sagrado. Desse modo, nada pode ser feito com o intuito de se modificar o que quer que seja, e as *fake news* são reafirmadas há cerca de mil e seiscentos anos, geração após geração, o que, convenhamos, é tempo suficiente para qualquer sandice ser transformada em “verdade sagrada”, quando embrulhada e travestida com as cores da fé religiosa. Haja pós-fato!

Nascido de uma “semente”, parte humana (da sua mãe Maria), e parte extraterrena (de uma inseminação artificial na menina ainda virgem, por volta dos seus 15 a 16 anos), desde cedo, Jesus se percebeu bem diferente dos demais

seres humanos que o rodeavam. Tão diferente ele era que, anualmente, José e Maria iam com Jesus a Jerusalém, como as demais famílias judaicas da sua época, e com ele sucedeu o seguinte evento, narrado nas páginas do “*Evangelho de Lucas*”:

“De ano em ano, seus pais costumavam ir a Jerusalém para a Festividade da Páscoa. E, quando ele tinha 12 anos de idade, subiram, segundo o costume da festividade. Quando a festividade terminou e eles começaram a viagem de volta, o menino Jesus ficou em Jerusalém, mas seus pais não perceberam. Pensando que ele estivesse no grupo que viajava junto, percorreram a distância de um dia e então começaram a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. Mas, visto que não o acharam, voltaram a Jerusalém e o procuraram cuidadosamente. Pois bem, depois de três dias, eles o acharam no templo, sentado no meio dos instrutores, escutando-os e fazendo-lhes perguntas. Mas todos os que o escutavam, ficavam admirados com o seu entendimento e suas respostas. Assim, seus pais ficaram espantados quando o viram, e sua mãe lhe disse: “Filho, por que você fez isso conosco? Olhe, seu pai e eu estávamos desesperados procurando você.” Mas ele lhes disse: “Por que estavam procurando por mim? Não sabiam que eu devo cuidar dos assuntos do meu Pai?” No entanto, não compreenderam o que ele estava lhes dizendo. Então, ele desceu com eles e voltou a Nazaré, e continuou a estar sujeito a eles. Também, sua mãe guardava cuidadosamente todas essas declarações no coração. E Jesus progredia em sabedoria e em desenvolvimento físico, e no favor de Deus e dos homens.”

(LUCAS 2, 41-52)

Outros pais e mães, que não fossem Maria e José, provavelmente colocariam de “castigo” uma criança que assim lhes respondesse, ou lhe dariam uma boa reprimenda. Afinal, perceberiam quão enraizado, numa criança, já se encontrava a noção de uma obediência cega a um Ser, como também a uma “missão divina”, o que, convenhamos, é algo muito complicado para qualquer psiquismo, quanto mais o de um menino.

Aqueles pais, porém, conheciam a maneira como seu filho havia sido concebido, e isso provavelmente os limitava bastante quanto ao saber como conduzir seus modos naquela idade.

A seguinte pergunta precisa ser feita, nesse ponto da reflexão: qual o livre-

arbítrio que, mais tarde, o “homem Jesus” teve, para aceitar ou não a tal “missão” que as escrituras proféticas se referiam como sendo a do Messias?

O “homem Jesus” é o meu herói em todos os sentidos e por muitas razões, as quais, infelizmente, pelos fatos, julgo que poucos as conheçam.

O seu ego teve que conviver com “convites” para ser o “Imperador da Terra”, com anjos e forças celestiais ao seu dispor, tão somente esperando uma ordem sua para protegê-lo – conforme procurei descrever no livro ***“Jesus e o Enigma da Transfiguração”***. Ele era o ser humano mais importante andando sobre o planeta e, ainda assim, preferiu ser humilhado, trucidado na sua condição humana, para não entregar a sua alma à imposição de um Ser problemático.

Enlevado por sua dúvida quanto ao tipo de Ente que era o tal “deus dos judeus” – o “Criador dos Céus e da Terra”, que o havia enviado como seu Messias –, ele até produziu as mais belas páginas de como um ser humano pode e deve amar a “deus”, mas um Deus Amoroso, Sublime e Perfeito, o que seja, e que nada tinha a ver com aquele Ser. **Jesus foi percebendo, aos poucos, o tamanho do problema que existia no cerne da sua missão de se fazer humano**, cuja compreensão somente se deu no instante da dolorosa crucificação e dos seus desdobramentos.

Talvez ele tenha se submetido àquela dor augusta porque somente um impacto psíquico, no alto grau superlativo em que se deu, pudesse abrir os olhos de quem se encontra inserido nos “porões de uma camuflagem quântica”, ainda por ser desvendada.

Fica patente que ele colecionava, sim, muitas “certezas” ou, pelo menos, **teve nos momentos em que proferiu as sentenças posteriormente elencadas nos evangelhos**.

A sua grande dúvida, porém, decorridos dois mil anos de história, nenhum exegeta bíblico ou teólogo jamais a percebeu: se ele deveria ou não cumprir o papel de “Messias dominador”, destinado a ele por meio das escrituras judaicas. Quanta cegueira!

7ª Constatação:

Assim, a certeza de que não cumpriria mesmo muita coisa do que dele era esperado naquela vida e, por isso mesmo, seria necessário retornar à Terra, porém não nascendo novamente, mas sim, vindo na sua forma de autoridade celestial, acompanhado das hostes celestiais a ele obedientes, para assumir o controle do julgamento geral dos vivos e dos mortos – anunciado, pela primeira vez, pelo profeta Enoch –, tal percepção fez com que Jesus passasse a anunciar tanto a sua morte, como a sua ressurreição, e

também o seu retorno.

“Aparecerá no céu o Sinal do Filho do Homem. Todas as tribos da terra baterão no peito e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu, cercado de glória e majestade.” (Mateus, 24,30 = Marcos, 13,26 = Lucas, 21, 27).

“O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada ao fogo”. (Mateus 3:10).

A certeza de que a **sua origem era celestial**, norteou os seus dias finais na Terra. Essa convicção estava ancorada num ser pré-existente, que inseminara sua mãe Maria, ainda jovem, e que aparece nas escrituras judaicas como “Hochmath”, a “Personificação da Sabedoria” (em grego, **Hagia Sophia**), exatamente o nome dado à sua **forma celestial**, que seria vista por todos, quando do seu retorno.

“Meu reino não é deste mundo. Se meu reino fosse deste mundo, meus súditos teriam combatido para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas meu reino não é daqui...” (João 18:36).

“Ele, porém, lhes dizia: Vós sois daqui de baixo e eu sou do alto. Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo...” (João 8:23).

“Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade, vos digo: antes que Abraão existisse, eu tenho sido.” (João 8:58).

“Tu o dizes: eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade escuta a minha voz.” (João 18:37).

“Em verdade vos declaro, não passará esta geração sem que tudo isso se cumpra.” (Lucas 21, 32).

“Passarão o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão.” (Lucas 21, 33).

“Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas me conhecem a mim, como meu Pai me conhece e eu conheço o Pai. Dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco. Preciso conduzi-las também e ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só pastor.” (João 10, 14-16).

“Na casa de meu Pai há muitas moradas.” (João 14, 2).

“Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração, e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve.” (Mateus 11, 28-30).

A doce e ingênua “certeza” de que o Ser que o conduzia, e a quem ele chamava de “Pai”, era perfeito, maravilhoso – essa “convicção” foi, sim, o

seu maior equívoco –, somente deixou de existir a partir do encontro de Jesus com os anjos, no “fenômeno da Transfiguração”.

“Portanto, sede perfeitos, assim como vosso Pai celeste é perfeito.” (Mateus 5, 48).

“Por que me chamas bom? Só Deus é bom.” (Marcos 10, 18).

“Eu e o Pai somos um.” (João 10, 30).

Ao longo da vida, Jesus construiu a certeza de que a corrupção moral era uma tendência a ser tratada, combatida, porque impedia a vida de seguir adiante com seus desafios, que já são muitos – isso fica patente nas suas palavras. Acho que, no modo de pensar do “homem Jesus”, cada “tropeço”, ou “escândalo”, era um atentado ao progresso de todos, e **haveria, sim, consequências decorrentes disso, a serem imputadas às elites corruptas e aos humanos mediocrizados.**

“Ai do mundo por causa dos escândalos! Eles são inevitáveis; mas ai do homem que o causa.” (Mateus 18, 7).

“Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida?” (Mateus 16, 26).

“Ouvi e compreendi. Não é aquilo que entra pela boca que mancha o homem, mas aquilo que sai dele: eis o que mancha o homem.” (Mateus 15, 11).

“Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto, bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; porque é pelo fruto que se conhece a árvore. Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas? Porque a boca fala do que lhe transborda do coração.” (Mateus 12, 33-34).

“Esta geração adúltera e perversa pede um outro sinal; mas não lhe será dado outro sinal do que aquele do profeta Jonas.” (Mateus 12, 39).

“Sede, pois, prudentes como as serpentes, mas simples como as pombas.” (Mateus 10, 16).

“Não julgueis, e não sereis julgados. Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida que com que tiverdes medido, também vós sereis medidos. Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?” (Mateus 7, 1-3).

“Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles.” (Mateus 7, 12).

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o reino dos céus: vós mesmos não entrais nem deixais que entrem os que querem entrar.” (Mateus 23, 13).

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de

iniquidades.” (Mateus 23, 27-28).

Nas palavras de Jesus também está claro que ele tinha a certeza de que, num futuro distante, existiriam muitos que **arrecadariam fortunas em seu nome e em nome de “deus”**, e para estes, não haveria mesmo qualquer possibilidade de acerto ou adequação, pelo muito de desvio que conscientemente cometeram, valendo-se da boa vontade e da ingenuidade de muitos seres humanos.

“Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muito me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não pregamos nós em vosso nome, e não foi em vosso nome que expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres? E, no entanto, eu lhes direi: Nunca vos conheci. Retirai-vos de mim, operários maus!” (Mateus 7, 21-23).

O que entendemos por realidade, funciona como uma espécie de espelho que nunca mente, e **o choque dessa realidade tarda, mas parece jamais falhar**.

O cristianismo conhecido e praticado ao longo destes dois mil anos é absolutamente diverso das intenções e das reais motivações do “homem Jesus”.

Ninguém o percebeu e, obviamente, muito menos Nietzsche. As críticas dele ao cristianismo são em outro sentido e precisam ser aprofundadas, tão rica é a sua abordagem para quem realmente pretender se elevar em compreensão e em sabedoria.

Para Nietzsche, o cristianismo era uma religião de escravos, em que a pobreza, a humildade e a covardia eram santificadas, invés de posturas que homenageariam a vida, tidas como pecados. Ele julgava que, com a evolução dessa religião, a sociedade havia entrado em decadência. Dessa maneira, sua grande esperança para evitar a completa falência da cultura ocidental era a chegada do **“super-homem nietzschiano”**, uma espécie de “novo messias”, a quem caberia a tarefa de enquadrar e orientar o povo, ressignificando seus valores. Só que esse “messias de Nietzsche” era ele mesmo e quem mais se deixasse temperar pelo modo de ser dionisíaco, que embeleza a vida e mandava todas as coisas cretinas sobre o “pecado original” e outros desse tipo para bem longe.

Nietzsche viu o que poucos enxergaram! Compreendamos ou não, vivemos sob a égide de superstições populares que terminaram possuindo as suas próprias fontes geradoras. As religiões, que retiraram das mitologias boa parte dessas superstições ancestrais, e as sacralizaram com traços de uma modernidade, que assim poderia ser chamada tão somente devido ao fato de que a seta do tempo voa sempre no sentido do futuro, mas não porque a humanidade tenha se modernizado realmente. Infelizmente, conforme penso, o “rebanho humano” só aumenta!

Os valores que reinam na visão de mundo ocidental há mais de 1500 anos, desde que o cristianismo nasceu em terras do Oriente, foi adotado pelo Império Romano no século IV, europeizando as suas principais teses, prevalecem como placas de sinalização para a movimentação do “rebanho humano” ocidentalizado, até os atuais tempos pós-modernos.

Segundo o que penso, Nietzsche foi um arrojado pensador, que cavou a última trincheira – para nela, ele mesmo se abrigar – de uma ousada luta contra os valores viciados que tocam a vida do “rebanho humano”, e que são muito custosos, de um modo geral, aos atuais fundamentos da própria existência da sociedade planetária.

Conforme apontou Mauro Araújo de Sousa⁴, na introdução da tradução brasileira do livro **“Para Além do Bem e do Mal”**⁵, Nietzsche abalou a fé cristã de muitos, e não foram poucos os seus inimigos, devido não somente à sua atitude contra o cristianismo, já que ele também fez críticas a muitos outros sistemas ideológicos, dentre eles o da democracia – “palavra”, atualmente, tão mal utilizada –, desmascarando a “moral de rebanho” que nele vigia politicamente. **Como em todo “rebanho” há manipulação, o poder do povo não existe – observa Nietzsche.** O que há são relações de forças em que, ou se domina, ou se é dominado. Sobre o socialismo não faltarão análises desse tipo, pois é **outro sistema movido pelo “espírito de rebanho”**.

Assim, o ser humano foi apequenado, amesquinhado, e o tipo “homem moderno” é uma possibilidade histórica infeliz, a menor delas, dentre tantas que poderiam ser. O **“último homem”**, tal como Nietzsche caracterizou o “homem moderno”, é um **“animal de rebanho”**, esse “animal psíquico” que almejou o **advento da felicidade, o desaparecimento da desigualdade, da injustiça e do sofrimento**, e que, conseguindo realizar somente parte desses projetos, está agora numa vida amorfa, estéril e sem brilho. É um sujeito que se submete à mediocrização em nome de uma “felicidade” transferida para o “Paraíso pós-Terra”, que parece somente poder abrigar os que se acovardaram, se resignaram, mas não os que lutaram!

Nietzsche enxergou uma anulação da subjetividade humana no modo de vida moderno, em que a individualidade se perde, e emerge um tipo de existência na qual impera a “massa de rebanho”, gerando o inevitável embotamento do indivíduo.

Não é por menos que, **para Nietzsche, o cristianismo representa uma moral dos fracos**, pois **valoriza o servilismo, a humildade, a aceitação, o conformismo com um tipo de sofrimento** que só retrai, submete.

O cristianismo seria o legítimo formador de uma “massa de rebanho”, sem

força, individualidade ou autonomia. Seria uma moral massificadora e de escravos. A modernidade, vitimada pelo capitalismo e herdeira da moral cristã, será fatal para as possibilidades da vida humana.

Por isso a **antropologia nietzschiana passa pela superação deste humano que aí está**. Na defesa de um “super-homem”, que teria em si resguardada a força, os instintos e os desejos, rejeita-se o homem que surgiu do tipo de sociabilidade que criamos.

Nesse sentido, **Nietzsche enquadra o contexto judaico-cristão como falido e decadente**, e eleva o sonho do que não conseguiu vir a ser, mas que bem poderia ter se tornado um painel de uma realidade terrena, caso a cultura grega tivesse evoluído e ocupado maiores espaços na planetária.

Apesar dos gregos antigos terem brindado o “deus-Criador” com o **epíteto de “Caos” – o pior “elogio” que se poderia fazer a alguém** –, atualmente, fica praticamente impossível se perceber o real motivo deles terem mantido esse “apelido” que, inclusive, o tal Ser “caído” tinha entre os seus próprios pares. Isso ocorre pelo fato do pensamento ocidental, tido como moderno, ter anatematizado, como mentiras mitológicas, as primeiras notícias erigidas pelos humanos.

A “busca da verdade”, que o pensamento humano começou então a empreender, já nasceu viciada e desprezando a principal componente do processo, que foi indevidamente transformada em mito. Além do que, acrescentou uma “verdade” idealizada que, até o momento, tornou parcial uma parte considerável do viés filosófico, tido como sendo do “lado do bem” – o que penso ser muito complicado, ainda que compreensível.

Desde então, a principal pista de uma verdade inacreditável, desagradável e violenta, permaneceu perdida nas entrelinhas dos contos que viraram lenda, enquanto o método científico se impôs como parâmetro da “busca”, fechando os olhos preconceituosamente a qualquer coisa que não preenchesse o orgulho e a vaidade dos acadêmicos de todos os tempos.

No prefácio do mesmo livro **“Para Além do Bem e do Mal”**, escrito em Sils-Maria, em junho de 1885, Nietzsche nos legou reflexões bastante produtivas sobre alguns aspectos dessa questão, ainda que para os intelectuais de então – como até agora o é –, mitologia, de fato, não possui nenhum vínculo com a realidade:

“Considerando que a verdade seja mulher, seria justificado suspeitar então que todos os filósofos, sendo dogmáticos, pouco entendiam de mulheres? Que a terrível seriedade, a inoportuna falta de tato que até

agora se têm utilizado para atingir a verdade eram meios desqualificados, desastrados e inconvenientes para conquistar os favores precisamente de uma mulher? Positivamente ela não se deixou conquistar.

(...)

Falando a sério, creio que há motivos para esperar que todo dogmatismo em filosofia, por mais solene e definitivo que se tenha apresentado, talvez não tenha sido mais do que uma nobre ciancice e um balbuciar. Talvez não esteja longe o tempo em que se compreenderá cada vez mais que coisa (Nota do autor Jan Val Ellam: “coisa” foi também tomada como “mesquinhez”, por outros tradutores) no fundo bastou para primeira pedra desses edifícios filosóficos, sublimes e absolutos, erguidos até agora pelos dogmáticos.

(...)

Esperamos que a filosofia dos dogmáticos apenas tenha sido uma promessa a ser ultrapassada após milhares de anos. Semelhante ao caso da astrologia, numa época ainda anterior, ao serviço da qual se despendeu talvez mais trabalho, dinheiro, perspicácia, paciência do que até agora se despendeu com qualquer ciência verdadeira. É a ela e as suas aspirações “supraterrenas” que se deve, na Ásia e no Egito, a arquitetura de grandioso estilo. Parece que para gravar no coração da humanidade as eternas exigências, todas as coisas grandes devem vagar primeiro pela terra como carantonhas monstruosas e terríficas. Uma dessas carantonhas foi a filosofia dogmática, quando se manifestou na doutrina do Vedanta, na Ásia, ou no platonismo, na Europa. Ingratos não sejamos para com ela, conquanto se deva confessar que o erro mais nefasto, mais persistente e mais perigoso até hoje cometido foi um erro dos dogmáticos, ou seja, **a invenção do espírito puro e do bem em si, feita por Platão** (Nota do autor Jan Val Ellam: grifo meu). No entanto, agora que este erro foi suportado, agora que a Europa, liberta deste pesadelo, volta a respirar e usufrui, pelo menos, de um mais salutar sono, somos nós, cujo dever é precisamente a vigília, quem herda toda a força engendrada na luta contra este erro.

Argumentar a respeito do espírito e do bem conforme Platão, seria de fato deturpar a verdade e negar o perspectivismo, condição fundamental de toda a vida.

(...)

Entretanto, a luta contra Platão, ou, para me tornar mais compreensível, e falar para o povo, a luta contra a opressão Cristiano-

eclesiástica, exercida desde há milhares de anos – porque o cristianismo é platonismo para o “povo” – criou na Europa uma maravilhosa tensão de espírito que nunca havia existido antes na terra. Com um arco tão fortemente tenso é possível atirar agora aos alvos mais longínquos.

Possivelmente, o homem europeu sente esta tensão como uma calamidade e já por duas vezes se tentou com grande estilo afrouxar o arco, primeiro pelo jesuitismo e depois pelo iluminismo democrático. Com o auxílio da liberdade de imprensa e da leitura dos jornais, isto conseguiria que o espírito já não se considerasse tão facilmente a si mesmo como um “sofrimento”! (Os alemães inventaram a pólvora – as minhas felicitações! Mas depois estragaram tudo – inventaram a imprensa). Todavia, nós, que nem somos jesuítas, nem democratas, nem mesmo suficientemente alemães, nós, os bons europeus e espíritos livres, muito livres – possuímos ainda todo o sofrimento do espírito e toda tensão do seu arco! Provavelmente também a flecha, a missão e – quem sabe? – o alvo...”

FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE

“Eurocentrismos” à parte, o ser humano possui, sim, tudo o que precisa para elevar o seu modo de viver a um padrão superior, emancipado, digno e nobre, se bom uso fizer do que jaz na natureza humana como sendo a fonte do altruísmo, do amor, do senso crítico e, acima de tudo, da razão filosófica que lhe permite tentar compreender e valorar quaisquer dos aspectos da existência.

Desse modo, penso que a “busca da verdade” está vitimada pela ausência do reconhecimento de premissas mitológicas, tidas como inaceitáveis, como também pela presença de uma crença platônica que não pôde e ainda não tem como ser demonstrável ao cientificismo, talvez por isso tão criticada por Nietzsche.

Entre ausências e presenças, a “busca” permanece desalinhada por tantas esquisitices que assumem faces de doutrinas filosóficas, religiosas, políticas, de outros aspectos da vida, e um “desconhecido Monstro” – nem tanto assim – com suas múltiplas faces, que vem se assumindo tanto como causa anterior à manifestação do universo, como também posterior, no que diz respeito ao contexto responsável pelo surgimento da vida no âmbito interno do que chamamos de “Criação Universal”.

Devo deixar claro que compreendo a crítica que Nietzsche fez a Platão, mas não concordo com o seu teor e, nesse ponto, acho que ele se esqueceu que estava

olhando para o passado com os seus olhos do século XIX.

Platão introduziu, acrescentou, formulou um viés filosófico antes inexistente e, obviamente, encheu o mundo ocidental com os ideais e sonhos platônicos, o que não penso que seja um prejuízo à vida. Muito pelo contrário! Os neoplatônicos, contudo, talvez esses tenham estigmatizado a herança platônica por meio das inevitáveis junções com alguns aspectos do cristianismo.

No já referido livro **“O Nascimento da Tragédia”**, Nietzsche, dentre outros aspectos magistrais, procura entender como:

“... a mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para viver, como precisamente os gregos tivera necessidade da tragédia? Mais ainda – da arte? Para que – arte grega?

(...)

O que significa, justamente entre os gregos da melhor época, da mais forte, da mais valorosa, o mito trágico?”

A resposta que Nietzsche não deu – pois não havia mesmo como – foi a de que a excepcional geração de gregos a qual ele se refere, foi exatamente a que recebeu a herança de um passado que começava a se desfigurar pelo fechamento dos “portais”, o que aprisionou definitivamente os “deuses” nas suas moradas antimateriais. Desde então, as gerações não mais tiveram qualquer contato com os tais seres, atualmente tidos como lendários e mitológicos, quando tão somente se tornaram ausentes.

Na Criação de Javé, como a vida surgiu no seio da “tragédia” de demônios – ou demos, que são seres extrafísicos, portanto do universo antimaterial –, que foram agregando experiência e “progressos” por meio das novas gerações que passaram a existir, sendo a de Zeus tão somente a última, antes do fechamento dos “portais”, o “mito trágico” foi a representação emblemática desse passado recém-encoberto pelo agora domínio humano, frente ao “crepúsculo dos deuses”.

Continuou Nietzsche:

“E o descomunal fenômeno dionisíaco? O que significa, dele nascida a tragédia? (...) Não poderia ser o socratismo da moral um signo de declínio, do cansaço, da doença, de instintos que se dissolvem anárquicos? É a “serenajovialidade grega” do helenismo posterior tão somente um arrebol do crepúsculo? A vontade epicúrica contra o

pessimismo, apenas uma precaução do sofredor? (...) É a cientificidade talvez apenas um temor e uma escapatória ante o pessimismo? Uma sutil legítima defesa contra – a verdade? E moralmente falando, algo como covardia e falsidade? E, amoralmente, uma astúcia? Ó Sócrates, Sócrates, foi este porventura o teu segredo? Ironista misterioso, foi esta, porventura, a tua – ironia?”

O panorama da vida humana era de ordem tão complexa que somente a tragédia produzida pelos gregos parecia dar conta de tamanha complexidade. Afinal, os gregos constituíram o único povo que usou da sua mitologia para fazer arte de alto nível, elevando a vida humana a um consórcio no qual a coexistência com seres não humanos se tornou um elemento tão natural à vida terrena, que até nestes tempos pós-modernos, seus traços, tidos como lendários por toda a humanidade desinformada, definem o nosso modo de enxergar e de levar a vida.

Todavia, enquanto não compreendermos a alma grega, que transformou o “mito trágico” em arte, e dela se serviu para perpetuar uma universidade do saber singular, universalista, que apesar da incontestada raiz, seus frutos foram absorvidos pelos demais povos da Terra, e talvez jamais tenhamos olhos para enxergar a sua verdadeira grandeza.

De todos os seres humanos que surgiram após os tempos gregos, Nietzsche me parece se agigantar como sendo o que mais sabiamente coletou a majestosa “alma” da arte grega, logo ele que não era dado a ver coisas que se situavam além da ordem natural da vida mundana.

Se lá atrás, reproduzi algumas das certezas do “homem Jesus”, para em torno delas estabelecer alguns padrões de análise, agora me proponho a praticar a mesma medida com algumas das “certezas” de Nietzsche, começando com algumas que ele expressou na autobiografia **“Ecce Homo”**⁶.

“Prevendo que em pouco terei que me dirigir à humanidade com a mais pesada das exigências que jamais foi colocada a ela, parece-me que deveria saber disso: pois não negligenciei “testemunhos” a meu respeito. O desequilíbrio entre a grandeza da minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos ficou expresso no fato de que não me ouviram, nem sequer me viram. Eu vivo jogado à minha própria sorte... e talvez seja apenas um preconceito o fato de eu viver?

(...)

Sob essas circunstâncias, há uma obrigação contra a qual os meus hábitos, e ainda mais o orgulho de meus instintos, se revolta, a

obrigação de dizer: Ouçam-me! Pois eu sou assim e assado. E, acima de tudo, não me confundam!

Por exemplo... eu não sou, nem de longe, um bicho-papão, um monstro moral – eu inclusive sou uma natureza contrária a esse tipo de gente que até hoje foi venerada como virtuosa. Cá entre nós, parece-me que é exatamente isso que me deixa cheio de orgulho. Eu sou um aprendiz do filósofo Dioniso, e faço gosto antes em ser um sátiro do que um santo. Mas leiam esta minha obra... Talvez eu tenha logrado alcançá-lo, talvez esta obra não tenha nenhum outro objetivo que não o de expressar essa oposição de uma maneira serena e amável. A última coisa que eu haveria de prometer seria melhorar a humanidade. Eu não terei de erigir nenhuns novos ídolos; que os velhos aprendam o que significa ter pés de barro. Derribar ídolos (a minha palavra para ideais) - isso sim é que faz parte de meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, de seu sentido, de sua veracidade justamente no mesmo grau em que foi falsificado um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – em alemão: o mundo falsificado e a realidade. A mentira do ideal foi, até agora, a blasfêmia contra a realidade; a própria humanidade foi enganada por ela e tornou-se falsa até o mais de seus instintos – a ponto de adorar os valores inversos como se fossem aqueles com os quais ela deveria garantir para si a prosperidade, o futuro, o direito ativo ao futuro.

Quem sabe respirar o ar das minhas obras, sabe que ele é um ar das alturas, um ar vigoroso. A gente tem de ter sido feito para ele, caso contrário não é nem um pouco insignificante o perigo de se resfriar no contato com ele. O gelo está próximo, a solidão é terrível – mas como todas as coisas repousam calmas à luz! Como se respira com liberdade! Quantas coisas a gente não sente abaixo da gente!... A filosofia, assim como a entendi e vivenciei até agora, é a vida espontânea no gelo e nas montanhas mais altas – a procura de tudo que é estranho e duvidoso na existência, de tudo aquilo que até foi excomungado pela moral. De uma longa experiência, concebida por tais andanças nas terras do proibido, aprendi a ver os motivos a partir dos quais se praticou a moral e se construiu o ideal, de um modo bem diferente do que eventualmente poderia se desejar: a história oculta dos filósofos, a psicologia de seus nomes grandiosos veio à luz para mim. – Quanto é a verdade que um espírito suporta, quanto é a verdade que ele ousa? Essa foi, para mim, e cada vez mais, a tábua para medir valores. Engano (a crença no ideal) não é cegueira, engano é covardia... Toda a conquista, todo o passo

adiante no conhecimento é consequência da coragem, da dureza em relação a si mesmo, da decência consigo mesmo. Eu não refuto os ideais, eu apenas visto luva diante deles... “Nitimur in vetitum” (“Nós buscamos o proibido”): é sob esse signo que a minha filosofia sai vitoriosa, pois até agora sempre foi proibida fundamentalmente apenas a verdade...”

8ª Constatação:

Nietzsche acusa acertadamente a filosofia religiosa de ter proibido a discussão sobre a “busca da verdade” e, por estarmos há tanto tempo dela afastados, ele se questiona sobre o quanto de verdade que o espírito humano pode agora suportar!

Viver sob o efeito da **“pílula azul”** – uma alusão à trilogia de filmes *“Matrix”* – e o conforto da crença é algo que o “rebanho humano” faz cotidianamente neste grande palco planetário, pasto de muitas levas de alimento para os famintos de pão. Entretanto, “nem só de pão vive o homem”, teria dito Jesus, e buscar o alimento espiritual situado além do corpo é coisa que o “rebanho humano” não faz, porque já se nutre da fé que lhe é dada.

Como ninguém, Nietzsche ressalta que **muitos “ídolos” foram feitos para o ser humano, mas não para aquele que é livre, superior, senhor de si**, aquele que luta por saber que a “pílula azul”, consumida pelo “rebanho humano”, o satisfaz com o comum, mas não necessariamente com o que seria o normal à natureza humana. Nesses casos, esta última permanece abafada pela mediocridade do fácil viver, de acordo com a alimentação que se dá aos “porcos”, que se regozijam quando a recebem em plena vida na “pocilga”. O terrível, aqui, é perceber que um “porco incomodado” não vai deixar de ser “porco”, nem muito menos conseguir viver fora da “pocilga”.

A analogia com a pocilga deixa a desejar? Na verdade, é horrível! Contudo, tente convidar um ser humano a sair do “rebanho” no qual ele se satisfaz e se realiza, e que lhe dá identidade, abandonando a sua zona de conforto para se aventurar em “buscas verticais e profundas” – como Nietzsche fez. A sua natureza abafada, limitada pelo que diz respeito ao comum, não lhe permite. Ele se contenta em se apropriar do conhecimento e da informação que vem da mídia, da emoção do momento, seja a de um time de futebol ou dos seus “ídolos”, ainda que isso jamais possa ser comparado a uma pocilga. Não. Não pode! É impróprio, ainda que numa “pocilga”, o sangue que ali exista, seja sempre produzido pelos humanos que conseguem retirar das coisas ruins, as coisas boas

da sua vida. Afinal, matar porcos para comer sempre foi uma “coisa boa” para quem disso gosta, porém o que os porcos pensariam a respeito disso? Ah, mas porco não pensa! Realmente... Afinal, só os *Homo sapiens* pensam ou, pelo menos, é isso que nós, ditos *Homo sapiens sapiens*, achamos a respeito do assunto. Sim, a paleoantropologia nos considera duplamente “*sapiens*” – talvez os porcos não nos considerem assim!

Nietzsche, porém, desconfiava seriamente que o ser humano não sabia pensar porque ele estava, há muito, vitimado pelo condicionamento imposto pelos “deuses” da Antiguidade, ainda que “inexistentes”. A questão é que, para Nietzsche, os “deuses” eram simples produções dos humanos daquela época – e aqui, a verdade pouco importa, pois que não pode ser mesmo estabelecida. Segundo ele, para os homens e mulheres de então, aqueles “deuses” eram castradores e obrigavam o ser humano a viver diminuído, com sua natureza obscurecida pelo poder das regras apolíneas, esquecido da outra face da sua natureza dionisíaca.

Os humanos “filhos de Apolo” comporiam a turma da “pocilga” ou do “rebanho” organizado, como uma força passível de ser comandada, sempre sob pena de desfigurar a vida.

Sob essa perspectiva, pertencer aos seguidores de Dioniso, era aventura pura, na qual não existia zona de conforto, ou o próprio risco da vida livre era a comodidade possível ao desconforto de ser alguém diferente da maioria. O “rebanho” jamais produzia muita coisa, e era sempre levado, em última instância, pelos seus algozes, que o torturava, ou pelos humanos dionisíacos, que o encantavam com seus ensinamentos e novas elaborações elucidativas, que convidavam – ainda que causando desconforto aos preguiçosos e viciados no sustento de sempre – ao progresso da vida.

Nas suas abordagens, Nietzsche bem que poderia ter parado por aqui. Contudo, não!

Nietzsche faz de Jesus, então, o mais dionisíaco dos homens, enquanto que, paradoxo dos paradoxos, enquadrava a religião cristã como o mais anacrônico e retrógrado modo de um niilismo – explicado no capítulo 12, deste livro – estéril, que somente empobrecia, tornava menos inteligente e incapacitado em sabedoria, aquele que se submetesse aos seus “ídolos”, ou seja, aos seus dogmas e postulados.

Sim! “Ídolos”, para Nietzsche, não é somente a utilização fácil que fazemos em relação a pessoas que encantam as multidões. Ideias há – como afirmei no primeiro capítulo deste livro –, que cumprem com a mesma função e com objetivo muito mais esquisito do que o simples ego de alguém que gosta de ser, com ou sem razão, ressaltado ou reverenciado.

Para Nietzsche, Jesus foi um semeador de ideias libertárias, que “trombou” com os “ídolos” entronizados pelo Sinédrio judaico⁷, ainda que algumas críticas tenham sido por ele dirigidas ao Messias, aqui e ali, ao longo das suas obras.

No livro **“O Viajante e sua Sombra”**⁸, Nietzsche obriga Jesus a se fazer acompanhar do **“seu grande parceiro” na estranha Obra da Criação**, ou seja, o próprio “deus bíblico”, fazendo da dupla e, principalmente da relação entre eles, os sujeitos responsáveis pelo “estado de coisas do mundo”, sobre os quais algumas reflexões, com fina dose de ironia, foram-lhes dedicadas:

“Certa manhã os prisioneiros saíram para o local de trabalho; o guarda estava ausente. Alguns se dirigiram imediatamente ao trabalho como de costume, os outros permaneciam inativos e lançavam em torno deles olhares de desafio. Então um deles saiu das fileiras e disse em voz alta: “Trabalhem quanto quiserem ou não façam nada, não faz diferença nenhuma. Suas maquinações secretas foram reveladas, o guarda da prisão os surpreendeu e muito breve vai pronunciar sobre suas cabeças um julgamento terrível. Vocês o conhecem; ele é duro e rancoroso. Escutem, porém, o que vou dizer: até agora vocês me desprezaram, não sou o que pareço ser. Bem mais, sou filho do carcereiro e tenho poder junto dele. Posso salvá-los, quero salvá-los. Mas, bem entendido, vou salvar somente aqueles que acreditam que sou o filho do carcereiro. Que os outros colham os frutos da sua incredulidade.

— Pois bem! Diz, depois de um momento de silêncio, um dos antigos prisioneiros, que importância tem para ti que acreditemos em ti ou não? Se és realmente o filho e se podes fazer o que dizes, intercede em nosso favor por uma boa palavra e farás verdadeiramente uma boa obra. Mas deixa de lado esses discursos referentes à fé e à incredulidade!

— Não acredito em nada disso, interrompe um dos jovens. Ele encheu sua cabeça de ideias. Aposto que dentro de oito dias vamos estar ainda aqui, exatamente como hoje, e que o carcereiro da prisão não sabe nada disso.

— E se realmente soubesse de alguma coisa, não sabe mais nada agora, exclamou o último dos prisioneiros que acabava de descer para o pátio, pois o carcereiro acaba de morrer subitamente.

— Oba! Exclamaram vários prisioneiros ao mesmo tempo, oba! O filho, senhor, o filho! Onde está a herança? Somos agora talvez teus prisioneiros?

— Eu lhes disse, respondeu suavemente aquele que era criticado, vou

deixar em liberdade cada um daqueles que acreditarem em mim, eu o afirmo com tanta certeza como afirmo que meu pai está vivo ainda.

Os prisioneiros não riram, mas deram de ombros e deixaram tudo como estava.”

E tudo continuou como estava, e tudo continua como sempre foi!

Dois mil anos depois, a prudência deveria nos fazer questionar, como Nietzsche o fez: **onde se encontra a herança de Jesus em relação ao seu “deus de predileção”**, se este, aborrecido com o que havia sido feito, ainda decidiu promulgar o islamismo, como se o que Jesus tivesse feito não contasse com sua aprovação?

“Pai, por que me abandonaste?” – exclamou Jesus.

Por quê?

Óbvio que Nietzsche critica o modo simplório das pessoas, na sua crença em Jesus ter alguma importância por si só, quanto ao fato dele ser o “filho do carcereiro”, ou melhor, do Criador. Todavia, o que ele fez como “filho”?

Segundo a romântica teologia católica, “deus” o obrigou a ser crucificado, ainda que ele lhe tenha pedido para ser poupado, para, com seu sangue, como já ressaltado, “lavar a multidão de pecados da humanidade” que, e agora saindo dos cânones da teologia, se via obrigada a existir sem ter pedido e já nasce com o estigma do “pecado original” – que torna “indesejável e pecadora” qualquer pessoa que nasça para este mundo, ainda que tal não tenha desejado. Estranho, não?

Jesus não teve tempo de, por ele mesmo, explicar a verdade em torno da tal “vontade do Pai”, que ele teve de cumprir, em sendo crucificado por inclemência da sua parte.

Ressalte-se também a referência que Nietzsche aqui fez em relação à “morte de deus”, que mais tarde seria anunciada pelo seu “Zaratustra”, no livro lançado por ele em 1883, ***“Assim falou Zaratustra”***⁹.

De todo modo, a única explicação que surgiu como pista nada discreta dos porquês do seu sofrimento, Jesus somente o fez após perder a condição humana, quando, já no seu estado de ressuscitado, ele ofereceu um perfil desabonador do mesmo “deus” ao qual, com muito amor, se referiu enquanto homem. Por que esse desalinhamento?

Será que o “homem Jesus” desconhecia alguns painéis e, na sua boa vontade e mesmo ingenuidade, apenas percebeu a crueza do “deus bíblico” após ter enfrentado a sua impiedosa postura na cruz, e **somente lhe restou o estado de ressuscitado para explicar a verdade?**

“Jesus, o vivo” é o protagonista do chamado **“O Quinto Evangelho”**¹⁰, ou o **“Evangelho Gnóstico de Tomé”**, no qual o ressaltado de ser “o vivo” se deve exatamente ao fato dele já ter enfrentado a morte, mas continuar vivo, ou seja, ressuscitado.

Nesse livro, diferente dos chamados evangelhos sinópticos, oficialmente santificados pela teologia católica, Jesus explica que, encontrar a “verdade” não era sinônimo necessariamente de coisa agradável. Estranhamente, ele diz que:

*“Quem procura, não cesse de procurar até achar; e, **quando achar, ficará estupefato**; e, quando estupefato, ficará maravilhado – e então **terá domínio sobre o todo**”.*

O “todo” referido, seguramente é a “Criação”, a “Obra do Criador”, equivocadamente classificado como “deus”, o tal “carcereiro” de Nietzsche.

Enigmático, porém, é perceber que, segundo o “Jesus ressuscitado” do **“Evangelho de Tomé”**, a **“verdade” traz confusão, perturbação, causa espanto a quem a vislumbra ou a descobre.**

De minha parte, se este for o caso deste aflito escrevente, causou, sim, ao meu corpo animal, um infarto seguido de duas paradas cardíacas, em relação às quais o meu “eu ininterrupto” foi obrigado a voltar para a condição humana, como se “o susto e o espanto” não tivessem sido suficientes para consumir a morte.

A questão é: que “tipo de verdade” ou qual o “aspecto de uma verdade desconhecida” que, ao ser descortinada, traz consigo tanta estupefação?

Quanto à Nietzsche e o princípio das coisas, acho que ele, mesmo sem ver a face de um Ser escondido na metafísica humana, assustou-se a ponto de enlouquecer, sim, na altura dos seus últimos dias, pois, estupefato, talvez tenha efetivamente visto, na **certeza da autoafirmação e valoração da vida**, a única saída para o espírito humano superar o criminoso “carimbo de pecador”, por viver na espécie *Homo sapiens*, aspecto que não lhe foi suportável.

Na época de Nietzsche, contudo, esse livro **“O Quinto Evangelho”** era desconhecido, porém, supondo que não o fosse, qual a análise que Nietzsche faria do desassossego que o “Jesus ressuscitado” colocou sobre o legado entendido e registrado da sua parte humana?

Jamais existirá uma resposta decente para essa extrapolação do possível, mas talvez ele visse o “filho do carcereiro” sem a sua estranha insistência para se fazer acreditado como sendo “o filho do deus bíblico”, e talvez tão somente um seu enviado, que resolveu cumprir uma tarefa há muito anunciada pelos profetas, e de modo diferente do anteriormente acertado, sendo punido por isso.

“O Jesus” do **“Evangelho de Tomé”**, esse sim, era profundamente dionisíaco e mesmo hermético, porquanto semeava no mundo um novo tipo de

conhecimento chamado de “gnóstico”, mas que não prevaleceu no seu legado por ter sido este “atropelado” pelos outros “ídolos” já entronizados pelos “pais da então nascente Igreja Católica”.

A religião que surgiu sobre o seu legado, esta sim, transformou-se na maior “jaula” – bem mais ampla que uma “pocilga” – porque nela adentram cantantes e esperançosos cerca de dois bilhões de seres humanos, isso conforme medição feita no tempo em que vivemos, o que deveria deixar Nietzsche perplexo, se tal medida ele tivesse podido vislumbrar no seu tempo de vida.

O “Evangelho de Tomé” pode ser compreendido basicamente por meio dos seguintes elementos constitutivos:

- Ensinaamentos para um grupo seletivo de discípulos e apóstolos de Jesus, os que eram mais aptos a compreender o sentido profundo de certas “verdades” – *“A vós é dado compreender os mistérios do Reino de Deus, enquanto ao povo só lhe falo em parábolas”*;
- Limita-se a mencionar certas palavras de Jesus sobre os *“mistérios do Reino de Deus”*; e
- Aponta continuamente para a premissa gnóstica básica, ou seja, a necessidade de cada um se libertar da realidade sofrida e complicada do mundo, por meio da percepção, contato e integração com a “Verdade” (*gnose*) – conhecimento do “Deus Transcendente”, para além do “deus” exterior, confundido com o Criador.

Cada um se assusta e tem as suas doses de estupefação conforme as suas próprias circunstâncias.

Ao escrever o prefácio do seu ***“Crepúsculo dos Ídolos”***¹¹, em 1888, Nietzsche deixou registrado que aquele “pequeno livro” era uma **“declaração de guerra** ao império dos ídolos” – e eu ainda acrescentaria: que desgraçavam o progresso humano.

Mexer com os “ídolos”, corresponderia a “sacudir seriedades” que haviam se tornado demasiado opressivas para os humanos.

Dizia ele:

“(...) Há mais ídolos que realidades neste mundo: é meu “olho maligno” para este mundo, é também meu “ouvido maligno”... Fazer aqui perguntas com o martelo e ouvir talvez como resposta esse famoso som oco que fala de entranhas inchadas – que arrebatamento para alguém que, atrás dos ouvidos, possui outros ouvidos ainda – para mim, velho

psicólogo e caçador de ratos chega a fazer falar o que justamente desejaria ficar mudo.

Esse escrito, ele também – o título o revela – é acima de tudo um relaxamento, uma mancha de luz, um salto para o lado na ociosidade de um psicólogo. Talvez também uma guerra nova? Este pequeno livro é uma grande declaração de guerra; e quanto a surpreender o segredo dos ídolos, desta vez não são mais os deuses que estão na moda, mais ídolos eternos que são aqui tocados pelo martelo como se faria com um diapasão – não há, em última análise, ídolos mais antigos, mais persuasivos, mais inchados... Não há também mais ociosos, vazios. Isso não impede que sejam aqueles em que mais se acredita, por isso, mesmo nos casos mais nobres, não são chamados de forma alguma de ídolos.”

Nietzsche escreveu o prefácio acima em 30 de setembro de 1888, aos 44 anos. Talvez o colapso sofrido por ele, ocorrido no dia 03 de janeiro de 1889, na cidade de Turim, tenha liquidado a capacidade de orquestração de qualquer dose de racionalidade da sua parte.

Assim, alguns bilhetes que doravante ele assinaria, às vezes como sendo “Dioniso” e outras, como o “Crucificado”, atestavam que os seus próprios “ídolos e fantasmas” pareciam estar, então, se apropriando do que não lhes pertencia – ou seja, ele mesmo, naquele momento da sua vida, já em processo de desmonte. O seu esforço hercúleo e decente merecia um fim nobre, e não como se deu, com as cores da incompetência e frieza de uma Artista-Divindade que não soube planejar, conduzir e muito menos finalizar a sua Obra. Nesta Criação, todos se veem obrigados a sofrer, ainda que a isso transcendam e se dignifiquem, como Nietzsche fez enquanto teve força mental.

Na sua vida, o que abateu sobre ele é o mesmo que oprime todos os que “buscam a verdade”, ou seja, **o próprio peso da “verdade” e o choque de realidade que a mesma provoca no psiquismo humano.**

Nietzsche tomou o seu susto. Afinal, cada um se assusta quando e como pode, na sua “jornada da busca da verdade”!

3

Precisamos de Ídolos?

Eis a pergunta que me persegue desde que, pela primeira vez, li o livro *“Crepúsculo dos Ídolos”*, de Nietzsche: “Precisamos de ídolos?”.

Ao refletir sobre essa questão, invariavelmente me recordo da preocupação de Jesus em direcionar para o seu “ídolo” – Javé –, o amor da humanidade e, o pior: os próprios agentes desse amor também deveriam ser reconduzidos, como se fossem um grande “rebanho”, sendo ele o “pastor”, e o tal “Criador dos Céus e da Terra”, por ele confirmado, o “dono de todo o palco existencial e das suas criaturas”.

O que Pandora e Eva haviam realizado no passado, **convidando o ser humano a pensar por si mesmo, de modo a construir a própria noção do bem e do mal, sendo senhor do seu destino, Jesus, com as suas afirmações, aparentemente desfazia**, como se nós precisássemos dos tais “ídolos” – apontados por Nietzsche –, para nos dizer o que era “certo” e o que era “errado”.

Sete séculos de pensamento profundo dos maiores gênios da Antiguidade, vinculados à cultura helênica – assim chamada devido à influência de Heleno, filho de Pirra e, portanto, neto de Pandora –, que convidava os humanos a libertarem suas consciências da influência de “pretensos deuses” e de outras esquisitices do gênero, parecia não ter importância nenhuma para a “obrigação genética” do “homem Jesus”, que colocou a sua nova aliança com Javé, acima daquelas conquistas.

Pensei: será que o engano de Jesus não foi o de ter esquecido, por força da sua condição humana, que o tal “Ídolo”, o “deus bíblico” e toda a sua necessidade de ser idolatrado, venerado, temido, era quem precisava realmente de algum apoio existencial, sei lá, de algo que nós, os humanos, tínhamos e temos, e ele parecia não possuir?

Ah, perguntinha nietzschiana desgraçada aquela que, no âmbito da minha vida, e com os elementos estranhos que a povoam, lá me via fazendo, como se a voz do inquebrantável pensador prussiano, um dos poucos homens inteiros,

ainda que alquebrado pelos fatos, lá do seu passado, me dissesse: “se fosse eu a viver o que você vive, me perguntaria exatamente isso!”

Precisamos de “ídolos”? E de um tipo de “ídolo” aparentemente esquisito como o “deus bíblico”, das escrituras que Jesus referendou? Para quê?

Aqui, a situação se complica, pois, a resposta para os que dependem da crença para viver, seria a de que precisamos, sim, porque, caso afirmássemos o contrário, seríamos castigados e endereçados eternamente ao “inferno”. Por quem? Por ele, o “deus bíblico”, o mais “esquisito Ídolo dos ídolos” deste mundo, inventados ou reais.

Quem disse isso? Nesse caso, Jesus e também a Igreja Católica, sendo que esta se forjou em um “ídolo” ainda mais grandioso e poderoso do que o próprio “deus bíblico”, pois resolveu assumir os seus poderes, posto que, o que os “seus representantes ligarem na Terra”, será também “vinculado no Céu” – outra *fake news*, e das boas, para quem busca a dominação e o condicionamento dos psiquismos alheios!

Assim, o psiquismo humano foi aprisionado, e cada um que acreditou nisso, deu a “chave” da sua consciência à Igreja Católica, para que ela a usasse como bem entendesse. Ah, mas isso não foi no passado? Não! Ainda é assim no presente. Apenas, atualmente, a Igreja não mais se permite matar em nome de Jesus, pelo menos não publicamente como sempre fez.

E quanto à pedofilia? Bem, em lugares sujos como uma pocilga, ocorre de tudo. Entretanto, a vida não é uma pocilga, pois “seríamos seres humanos sensatos e conduzidos pelas leis religiosas que nos educam para uma vida melhor”, segundo o que muitos creem. E só por coincidência, quem acredita nisso é o pessoal apolíneo, a “turma da pílula azul”, que facilmente se deixa levar pelas coisas secundárias, pelos aspectos acessórios da vida, e neles se engaja, esquecida ou impedida de enxergar profundamente a realidade.

Normalmente, os apolíneos têm as suas emoções e/ou interesses vinculados a um dos lados da estéril dualidade que sempre surge em campanhas políticas – sob o disfarce do aparente “bem”, e do não tanto assim aparente “mal” –, tendo como jogo a disputa pelo poder, em debates ideológicos, em floreios e maneirismos filosóficos de todo tipo, agindo como figurantes, ainda que os personagens principais, os protagonistas, os tais “ídolos”, sejam totalmente destituídos de caráter, de beleza existencial e de decência.

Não é por menos que a **palavra “deus” é usada indevida e vulgarmente o tempo inteiro, pelas bocas desavisadas** que dele se utilizam como justificativa e/ou ratificação das vidas carentes de sentido mais profundo.

Assassinos agradecem a “deus” por não terem sido presos, jogadores se acham agraciados em detrimento dos demais, lutadores o louvam quando

nocauteiam o adversário e mesmo um cardeal da Igreja Católica¹ utilizou o mais inconsequente dos **“graças a deus”** quando, perante a imprensa francesa, **agradeceu a “deus” pelo fato de inúmeros casos de pedofilia**, confessados por um padre francês, **se encontrarem prescritos pelas leis daquele país**.

As vítimas, bem, essas que se virem com suas memórias torturadas, desde que a conveniência da “Santa” Igreja Católica Apostólica Romana permaneça intocável. Afinal, muitos dos católicos ficam furiosos com quem denuncia a Igreja por pedofilia e outras coisas estranhas. Sentem-se ultrajados porque acham que a sua religião está sendo agredida. É somente esse aspecto da questão que conseguem enxergar. Curioso: sob a perspectiva espiritual, quem assim age, financia e protege os prelados criminosos, e consente que mais crimes continuem sendo cometidos, além de expor e demonizar as pobres das vítimas. Estranho, não?

No já citado livro **“Para Além do Bem e do Mal”**, Nietzsche afirma, no início do capítulo um:

“A vontade pela verdade ainda nos há de arrastar para muitas aventuras, essa célebre veracidade de que todos os filósofos falaram até os dias de hoje com veneração.

Quantos problemas nos têm levantado essa vontade pela verdade! Quantos problemas insólitos, graves, duvidosos! Descreve toda uma longa história e, no entanto, não parece que começou faz pouco tempo? Que perplexidade poderá provocar o fato de acabarmos por nos tornar desconfiados, de perdermos a paciência, de nos agitarmos impacientes? O fato de nos ter levado, devido a isso, com essa esfinge, a fazer perguntas? Afinal, quem vem aqui nos interrogar? Que parte de nós mesmos tende “para a verdade”?

Realmente detivemo-nos por muito tempo perante a questão da causa dessa vontade, até que acabamos por ficar em suspenso perante uma questão ainda mais fundamental. Neste momento, é que perguntamos pelo valor dessa vontade.

Considerando que queremos a verdade: por que não havíamos de preferir a não-verdade? Talvez a incerteza? Quem sabe a ignorância?

Terá sido a questão da verdade que se nos apresentou ou, pelo contrário, fomos nós quem nos apresentamos a ela? Qual de nós é aqui Édipo? Quem é a Esfinge?”

Eis, aqui, o nosso maior problema enquanto humanos ou, se o quisermos

transferir para alguém, Jesus talvez fosse o mais indicado, dentre todos nós, porque ele não soube decifrar, a tempo de se poupar do desgaste da crucificação, o tipo de “Esfinge” (Javé) que dele esperava uma resposta. Como Jesus se negou a se comportar como um Messias violento, poderoso, que subjugassem os humanos, conforme profetizado na cultura judaica, foi por ela destruído, penalizado, enfim, crucificado inapelavelmente.

Sim, o “deus dos judeus” é um “Alguém” que precisa e quer ser decifrado, mas enquanto isso, dá ordens, engana Abraão, mandando ele matar o próprio filho, aplica ardis e impõe desígnios, e os “Édipos da vida”, trucidados pelo aparente destino, somos sempre nós, os terráqueos, e Jesus, por ser o protagonista humano da história, sofreu as consequências da estupidez da “Esfinge”.

“Decifra-me ou te devoro”², pedia a desesperada Esfinge, forçando alguém que nem deveria existir, no caso um humano, mas que, em existindo, emergiu para a vida com uma condição de compreensão superior à dos demais seres que o criaram ao léu ou no “Jogo de Dados” que Einstein disse que “deus” não poderia “jogar” – mas “jogou”. Foi deste “Jogo” que surgiu Eva, comendo a tal “maçã” e surpreendendo o nervoso “deus bíblico”, “Esfinge das esfinges”, surgidas em tempo bem anterior ao dos terráqueos racionalizados.

Nietzsche, genial nas suas “marteladas”, obrigando os “velhos e falsos ídolos” a se rejuntarem quando magistralmente questionados, ajuda-nos a encontrar painéis que nem mesmo ele pensava quando elaborou o seu projeto de mexer, de provocar, de ressignificar (transvalorar) os pesados valores dogmáticos e pessimamente investidos da falsa filosofia que tende à crença infantilizada, invés de se manter na direção da eterna busca da verdade.

A vida humana é sempre dramática, tal qual a de Édipo, porque já nascemos todos para uma destinação tida como cármica, mas que, convenhamos, se Jesus não tinha carma, para quê tanta tortura imposta a um homem singelo, profundo, genial e amoroso?

Dirão alguns que Jesus sofreu porque tinha uma missão e esta exigia a sua cota de dor, porque assim estava determinado pelo destino, uma vez que nem mesmo o tal “deus bíblico” o poupou de tomar de um “cálice” tão doloroso!

Bem, chamar aquele Ser bíblico de “Deus”, quando ele foi e era tão somente um Ente Criador, e com problemas, talvez nesse equívoco resida todo o engano humano. Contudo, enquanto a “Esfinge” não souber quem ela é, seguirá devorando os seus “escolhidos” e outros mais. Assim, haja drama, e outros “Édipos” nascerão para um destino desgraçado. Culpa de quem? Do “carma” de quem nasce? Do “pecado original”? Convenhamos!

Parece até que algo crítico para a Criação se hospeda na condição humana de

modo que essa saia “buscando a verdade”, como se estivesse “fazendo um favor” a quem não o pode realizar por si mesmo – e haja susto!

Ah, imagine o(a) leitor(a) a onda de estupefação que se dará quando os terráqueos racionais descobrirem o contexto por trás da vida humana!

Seguindo com a reprodução de algumas reflexões de Nietzsche, do livro **“Para Além do Bem e do Mal”**, vejamos o que o “martelador-mor” da crença mal direcionada e da ignorância colecionada pela humanidade nos ofertou:

“Ao que parece, trata-se de um autêntico encontro de perguntas e pontos de interrogação. – Afinal, quem diria que nos parece que o problema até agora nunca se pôs, que fomos nós quem primeiro dele se apercebeu, quem o encarnou, quem arriscou atacá-lo? Eis que disso tudo há um risco a correr e também que nenhum risco nos parece maior.

Poderia algo nascer do seu contrário? Por exemplo, a vontade do erro? Ou ainda a vontade de verdade da vontade de engano? A ação altruísta do egoísmo? Poderia acaso a contemplação pura e resplandecente do sábio nascer da cupidez? Essas origens são impossíveis. Qualquer um que admita isso é tolo ou coisa pior. As coisas de valor elevado devem ter outra origem, uma origem própria – não podem derivar deste mundo efêmero, enganador, ilusório e mesquinho, deste labirinto de erros e desejos! Ao contrário, é no íntimo do ser, no imperecível, na divindade oculta, na “coisa em si” – que se deve encontrar a sua razão de ser, e não em qualquer outra parte!

Tal processo de avaliar constitui um preconceito típico, pelo qual se reconhecem perfeitamente os metafísicos de todos os tempos. Este tipo de avaliação está no fundo de todos os seus métodos lógicos. Partindo deste seu “crer”, esforçam-se pelo seu “saber”, algo que, no fim, é solenemente batizado de “verdade”.

A crença nas oposições de valores é a fé fundamental dos metafísicos. Nem aos mais avisados dentre eles ocorreu levantar dúvidas logo no início, quando teria sido mais necessário.”

Sou dos que pensam que Jesus apressou a sua morte ao precipitar os fatos em torno do seu apóstolo Judas – o único dos doze apóstolos que não tinha a Galileia como origem e, sim, a Judeia –, quando o intimou a fazer logo o que ele sabia ser aparentemente inevitável. O Messias tinha consciência que Judas, como ex-aluno do Sinédrio, era pressionado para apresentar aos seus pares um Jesus confiável e que elogiasse os fariseus e saduceus, e não que os criticasse como

normalmente ele o fazia.

Em apressando o seu fim, Jesus impediu a si mesmo de escrever, de talvez ter questionado – como Nietzsche apontou – ou ter possibilitado isso a seus seguidores, o que terminou por transformar o seu legado em algo ainda mais estranho, pois, já ressuscitado, ainda forçou o concurso de Saulo de Tarso, que sequer o conhecera em vida, para “organizar a sua herança” e divulgá-la para o resto do mundo.

Paulo assim o fez, só que a seu modo, e atualmente, como já referido, o catolicismo é bem mais paulíneo do que propriamente o que o “homem galileu” propôs em vida, como o próprio Nietzsche comenta em seus aforismos.

Faltou reflexão crítica lá atrás, pois quando essa apareceu com a sua face gnóstica, a mesma foi aniquilada pela opção do Império Romano em adotar o cristianismo como sua religião oficial, motivo pelo qual foi transformado em catolicismo. Nesse âmbito, os que pretenderam criticar, foram também liquidados pelas “sagradas fogueiras inquisitórias”. Por isso, Nietzsche brinca de ter sido ele o primeiro a ter coragem, e até mesmo ousadia, de questionar os “ídolos” que, por cerca de dois milênios, oprimem o pensamento livre do mundo ocidental.

Além do que, quando Nietzsche se pergunta se poderia algo nascer do seu contrário, como ficam as religiões que afirmam que este mundo – no qual todas as espécies animais e mesmo algumas vegetais nascem com a determinação genética de destruírem outras vidas para delas se alimentarem, legitimando a violência como modo de ação –, é obra de um “deus” perfeito, maravilhoso, amoroso, isso e aquilo?

Se “pelo fruto se conhece a árvore”, como se pode confundir o Criador com um Deus Perfeito? Não existe lógica – tratando-se, portanto, de uma bobagem –, na afirmação de que este mundo é obra de um Deus Perfeito e Amoroso.

Os metafísicos desavisados e os crentes de todos os tempos transformaram essa tolice na “verdade sagrada”, que se transformou no “ídolo maior” que “sufoca a busca da verdade e estrangula os que a procuram”.

Que tipo de “ídolos” nós precisamos?

Jesus se encontrava preso a algum “ídolo”? Sim, e sua vida demonstra o quanto foi difícil para ele cumprir o que lhe estava destinado pela crença do profetismo judaico. Cumpriu só em parte e – como já dito –, por isso mesmo, foi crucificado!

Até quando a fragilidade humana produzirá “ídolos”?

O que entendemos atualmente como sendo as forças da direita e da esquerda mundiais, vivem disso, de produzir “ídolos” e, na periferia de seus processos em torno da luta pelo poder, surge uma ou outra ideia louvável, ainda que isso não

implique que necessariamente seja exequível.

A disputa religiosa também vive disso, e o proselitismo infantilizado apequena os crentes de modo lamentável e perigoso, enquanto a vida estaciona em torno de crenças inventadas lá atrás, **num tipo de passado que parece ter gangrenado definitivamente a possibilidade de progresso decente do planeta.**

Qualquer eleição vive disso, de produzir falsos “ídolos” e de deformar a verdade, porque a mesma sempre incomoda, a qualquer um dos lados da disputa.

Quando observo esse “mar de mediocridade” e me recordo do livro **“Assim Falou Zaratustra”**, de Nietzsche, vejo o quanto o “rebanho humano” está longe de uma maturidade ao menos razoável, para poder lidar com os “ídolos apodrecidos” que, há muito, vêm sendo carregados sobre os seus ombros.

“Entre minhas obras, o meu Zaratustra ocupa um lugar à parte. Com ele dei à humanidade o maior presente que lhe foi dado até hoje. Esse livro, com sua voz que será ouvida ainda em milênios, não é apenas o livro mais alto que existe, o livro que traz o verdadeiro ar das alturas – o fato “homem”, como um todo, se encontra numa distância monstruosa abaixo dele –, ele é também o mais profundo, que veio ao mundo da riqueza mais profunda da verdade, uma fonte inesgotável para a qual nenhum balde desce sem voltar a subir carregado de ouro e bondade. Ali não fala nenhum “profeta”, nenhum desses híbridos horríveis de enfermidade e vontade de poder, aos quais se chama de fundadores de religiões.

(...)

Aqui não fala um fanático, aqui não se “prega”, aqui não se exige fé: os ensinamentos caem de uma abundância inesgotável de luz e felicidade profunda, gota a gota, palavra por palavra – uma lentidão suave é a velocidade dessa conversa. Coisas desse tipo só logram ser alcançadas para os melhores dentre os eleitos; é um privilégio sem igual, poder ser ouvinte aqui; não é a todos que é dado ter ouvidos para Zaratustra... E, com tudo isso, Zaratustra não é um desencaminhador? Mas o que ele mesmo diz quando volta pela primeira vez para a sua solidão? Exatamente o contrário daquilo que um “sábio”, um “santo”, um “salvador do mundo” ou outro “decadente” qualquer haveria de dizer em semelhante caso... Ele não apenas fala diferente, ele também é diferente...

Eu vou sozinho, pois, meus discípulos! E também vós ireis embora

sozinhos! É assim que eu quero e deve ser.

Afastai-vos de mim e defendei-vos contra Zaratustra! E, melhor ainda: senti vergonha dele! Talvez ele vos haja enganado.

O homem do conhecimento não tem apenas de amar seus inimigos, ele também tem de poder odiar seus amigos.

A gente retribui mal a um professor, quando permanece sendo sempre apenas seu aluno. E por que vós não havereis de querer arrancar os louros da minha coroa?

(...)

Vós dizeis que acreditais em Zaratustra? Mas que importa isso a Zaratustra! Vós sois meus crentes, mas que importam crentes!

Vós ainda não havíeis vos procurado: aí encontrastes a mim. É assim que fazem todos os crentes; e por isso valem pouco todas as crenças.

Agora eu vos ordeno: perder a mim para vos encontrardes; e apenas quando todos vós tiverdes me renegado, é que haverei de querer voltar a vós...”

A crítica feita a Jesus é evidente!

9ª Constatação:

O “ide e pregai” de Jesus se torna algo infantilizado e terrivelmente equivocado perante a profundidade da voz do Zaratustra de Nietzsche.

Vender uma verdade equivocada, produzida sob os auspícios de uma fé judaica milenarmente trabalhada para manter condicionada a crença de um povo num Ser que sempre se vendeu como sendo “deus”, mas cujas atitudes, descritas nas páginas da “*Bíblia*”, mais o aproximam da psicopatia, é algo muito complicado. E o pior: a “*Bíblia*” é tida como uma “sagrada escritura” pela fé do “rebanho”, que se escandalizará se escutar notícias ao contrário.

Conforme Mauro Araújo Sousa, na introdução da versão brasileira do livro “*Para Além do Bem e do Mal*”, Nietzsche foi o filósofo que cunhou a expressão “o Evangelho morreu na cruz” e que denunciou Paulo como “fundador do cristianismo”, depondo contra esse discípulo que sequer conheceu Jesus. Em outra obra, “*O Anticristo*”³, a principal contra essa doutrina religiosa, ele faz também a acusação de que a crença metafísica, valorizando a vida no além, em detrimento da vitalidade do existir terreno, corroe a humanidade com o ressentimento, com o sentimento de culpa, e propôs à mesma o ascetismo como modo de purificação da “má-consciência”.

Foi e é assim que **hábitos e conceitos profundamente enraizados levam ao estado ridículo, travestido de sagrado, do uso que se faz do nome de Deus**, de Jesus, de Alla, de Maomé – e por aí, vai o desalinhamento humano em relação a um modo de vida sábio e virtuoso.

A se medir as atitudes mentais da humanidade na utilização dos nomes dos seus “deuses” preferidos, Jesus e o “deus judeu”, no Ocidente, influenciado pela cultura judaico-cristã, são os personagens que mais participam, segundo a fé dessas pessoas, de acobertamento criminoso, da proteção dos corruptos profissionais, da salvaguarda dos pedófilos em detrimento das suas vítimas, porque **todos eles encham a boca para agradecer a “deus” e a Jesus o fato de não serem processados, condenados e presos pelos sistemas judiciais do mundo**.

Nesse ponto da abordagem, obrigo-me a retornar ao uso da expressão “graças a deus”, o “graças a Jesus”, como expressões que, a todo momento, pelos motivos mais prosaicos e triviais, como também pelos de ordem mais grave no campo do mau uso da moral, são ditas pelas bocas de assaltantes, traficantes, políticos corruptos, criminosos profissionais de diversos matizes, além dos jogadores de futebol e de outros esportes que partem da esquisita premissa que “deus” os ajuda num dia e no outro também, em detrimento dos demais.

Nesse sentido, “deus” e Jesus parecem torcer por todos os times de futebol do mundo, ou procuram distribuir suas bênçãos de acordo com sabe-se lá o quê.

Alguns lutadores de box e de lutas diversas têm certeza que “deus” e/ou Jesus os guiam na hora de golpear o adversário, e grande deve mesmo ser a “alegria no Céu”, quando o mesmo vai a nocaute.

Na cultura cristã, tem ainda o “Espírito Santo”, com a função de escolher papas e de providenciar o que Jesus e o “deus-Pai” não logram fazer – diretamente o faz com e por intermédio da união dos três, cuja força se expressa por meio do primeiro –, o que parece tê-lo afastado do “jogo de pedidos, favores e proteção”, ainda que estas solicitações possam prejudicar outros seres humanos.

No Oriente, Maomé e Alá aparecem como os destinatários das orações, e existe ainda a “vantagem” de, na teologia do islamismo, o “Céu” de lá permite tudo o que as próprias leis muçulmanas proíbem na Terra. É impressionante, mas é assim mesmo!

Aos meus olhos, o mais degradante é quando de um grupo de, por exemplo, quinze pessoas, morrem treze num acidente, e os dois que escaparam agradecem a “deus” por terem sido salvos por ele. E quanto aos outros? Será que efetivamente acreditamos nesse tipo de “deus” que se movimentaria por

predileções e por outras esquisitices? Deixa morrer treze e salva dois! Será que um “deus decente” se prestaria a esse tipo de “jogo” mental, desgraçado e viciante? Qual o sentido disso? Viver é uma dádiva, morrer é uma punição? Será isso?

Nesses últimos dias, ao tempo em que escrevo estas páginas, o furacão Dorian devastou as Bahamas, e uma emissora de televisão entrevistou um pai de família que perdeu um filho, a nora e três netos, e que em pleno choro dizia, após se lamentar por ter perdido tudo: “graças a deus, estou vivo”. Quando será que o ser humano despertará para o tipo de asneira que está dizendo?!

“Que se ferrem os outros, desde que eu escape”, será que essa é uma maneira decente de expressar o sentimento de religiosidade em relação a “deus”, como se costuma fazer?

Não sabia se lamentava mais por aquele homem que perdera tudo e os seus afetos, mas que se felicitava por estar vivo; por mim mesmo, que estava assistindo casualmente aquele processo de destruição em curso, que sempre devasta a região do Caribe, julgando, indevidamente e, sem toga para tanto, àquele pobre homem que perdera também a dignidade ao agradecer a “deus” tamanho desatino; ou pelo “deus” em questão, na sua cota de vergonha que ele deveria sentir ao receber um “graças a deus” daquele tipo.

Isso é religião? É assim mesmo que os hábitos e conceitos enraizados no psiquismo humano têm agido, enfeando a vida e diminuindo a função de “deus” – seja ele quem for, e se realmente for desse modo – às comezinhas questões humanas.

Haja ídolos estéreis! Haja infantilismo espiritual!

O Poder Opressor das Ideias Entronizadas

Sinceramente, não sei se a evolução do *Homo sapiens* veio a existir porque alguém, nesse contexto universal, precisaria ser dotado da possibilidade psíquica de ser livre, de modo a poder identificar o que efetivamente enfeia a vida e o que a nobilita, como maneira do próprio universo chegar a uma destinação útil.

Nesse sentido, fazer mau uso da fé religiosa, pode ser algo bem mais tenebroso do que os desarranjos que o materialismo cego pode produzir em termos de danos incomensuráveis à vida.

Quem sabe se nós, os humanos, em sabendo utilizar os princípios que a nossa filosofia nos permite, associados a um senso crítico que efetivamente valorize o amor como sendo a prática da vida – e não só o seu discurso no campo da utilização do controle religioso das elites sobre os “rebanhos” –, um dia, ao olharmos para trás, não venhamos a verificar quão danoso tem sido o fardo de crenças absurdas que carregamos desse passado equivocado e que tomamos como “sagrado”.

Será que isso, nem que seja lá na frente, não poderá ser feito?

Em algum momento do futuro, se fizermos isso, perceberemos o quanto já ancoramos ou alicerçamos as nossas crenças e certezas, em incongruências absurdas.

10ª Constatação:

O notável legado filosófico do “homem Jesus” não tem relação razoável com a lógica judaica do seu aprisionamento profético, que fez com que dele fosse esperado o cumprimento do papel de um Messias poderoso e implacável, que usasse dos seus poderes sobre-humanos para massacrar os inimigos dos judeus, conforme vaticinavam as escrituras.

Poderemos, talvez perceber que esse homem, que foi destruído pelos arranjos

do “Concílio de Niceia”, que fez da **natureza humana de Jesus a maior piada teológica** já construída no âmbito dos vícios cristãos, quando foi criado o **simulacro da “Santíssima Trindade”**, já que os romanos – que então teriam que ser cristãos devido à conversão do seu imperador Constantino, que antes perseguia os seguidores do cristianismo – estavam **acostumados às tríades** das religiões pagãs, vinculadas às mitologias celta, germânica e grega, dentre outras.

Esse concílio foi a oportunidade para elevar o “homem Jesus” à condição de ser igual a Deus, ainda que ninguém no catolicismo saiba explicar direito quem ou que tipo de “deus” é esse, já que, em tese, deveria ser o “deus” citado no Antigo Testamento, pois foi ele quem enviou o tal Messias – que foi transformado em seu filho – à Terra. Entretanto, os pais do catolicismo jamais aceitaram aquele “deus dos judeus” e o transformaram num ser igual a Jesus, e ainda os igualaram a um “Espírito Santo” até então desconhecido, e jamais referido.

Talvez, quando compreendermos isso, teremos o vislumbre de que o maravilhoso legado do “homem Jesus”, que se divinizou em vida, conforme penso, permaneceu prisioneiro e refém da sua inegável origem judaica, pois que, de fato, ele era o Messias mencionado nas “escrituras sagradas” dos judeus.

O problema é que **tudo, por mais maluco ou esquisito que possa ser, mas se for objeto da fé de alguns, se transforma em “legado sagrado”**, e as gerações futuras, educadas sob a égide desses preceitos, não conseguem se libertar dos simulacros lentamente construídos e que são e serão sempre repetidos pelas gerações que se sucedem. **É uma “cadeia” da qual ninguém se livra, pois o “grilhão” que mantém o seguidor em “cativeiro” é a fé advinda da crença simplória.**

E no que toca ao cristianismo, fomos nos especializando nesse tipo de promoção de esquisitices que passaram a oprimir as pessoas por séculos afora. Isso tem que parar! O mundo não pode ficar cativo de loucuras engatilhadas em passados tão distantes, que sequer podem ser compreendidos no presente.

De tudo o que pesquisei, penso que as obras de Nietzsche são leitura necessária para compreender o quanto de equívoco o cristianismo, o catolicismo e o protestantismo acrescentaram ao legado original de Jesus.

O próprio espiritismo, cujos médiuns jamais aceitariam que Jesus estivesse falando sobre o “deus bíblico”, informaram que o Messias se referia ao “Pai Amantíssimo”. Nesta presente existência, na função de escrevente, eu mesmo enveredei por essa alternativa pedagógica, criada pelos espíritos comunicadores, que sempre atuam de acordo com o que o “*zeitgeist*” – “espírito de cada época” – venha a permitir que os médiuns disponíveis divulguem. Isso também, sem levar em consideração que os espíritos comunicadores não sabem de tudo, como

o próprio Kardec explicou.

11ª Constatação:

Todos esses “ídolos” fajutos e corrompidos foram enxertados na natureza humana para dominá-la psiquicamente, desde que a mesma se libertou de outro tipo de controle antes existente, que era de ordem genética.

E a atual cosmovisão cristã não está conseguindo sobreviver às baixas que a corrupção clerical vem produzindo nos alicerces do catolicismo, apesar do esforço de renovação do Papa Francisco.

As ideias entronizadas na fé cristã, com suas “certezas absolutas” quanto ao que os seus dogmas consideram como “pecados”, Nietzsche as considerava profundamente prejudiciais. Ele entendia que a moral cristã era uma “moral de fracos”, que subverteria a força natural que o ser humano teria que dela se utilizar para promover o seu progresso, aspecto que os “fortes” conseguem provocar e por isso se dão bem, enquanto que a resignação dos fracos, que desistiriam do progresso na vida terrena para poder esperar as “graças do Céu”, no pós-vida, de fato, fazem um mau à civilização ocidental ao impedi-la de evoluir.

Nietzsche foi o primeiro a enxergar e a dizer isso claramente. Ninguém, dentre aqueles a quem considero mestres do meu processo pessoal de despertar espiritual e filosófico, percebeu que ele o fez de modo notável.

Provavelmente, pelo menos do jeito como entendo a leitura que, no seu tempo, Nietzsche fez sobre a vida, ela se ancora no aspecto de que, como ele mesmo defende no seu já referido livro **“O Nascimento da Tragédia”**, a relação do público ao presenciar uma peça trágica é a mesma que um ser humano comum tem com o mundo a sua volta, donde se pode concluir que, tanto a realidade como a vida, somente são possíveis enquanto fenômenos estéticos. Será mesmo?

Nietzsche conviveu com o sofrimento, sendo ele mesmo um exemplo de superação física, emocional e também intelectual, tantas foram as “verdades absolutas”, como conceitos sobre “deus” e moral, que ele enfrentou com seus aforismos sempre polêmicos.

A sua ideia de *“amor-fati”* – “amor ao destino” – se tratava justamente da aceitação e da valorização da vida, da existência em si, como ela era. E Nietzsche passou por problemas de saúde e por decepções emocionais que não foram fáceis, mas **ele sempre as secundarizou** frente a sua entrega à busca intelectual.

Para ele, a dor, o sofrimento, a agonia, enfim, o que podemos considerar como sendo o lado ruim da vida, fazem parte da sua totalidade e, por isso, os seres humanos mais evoluídos deveriam aceitar isso sem desvios metafísicos e apoios de crenças estapafúrdias – as chamadas “muletas metafísicas” –, vivendo cada momento da vida do modo mais produtivo possível. Assim seria o ser humano do futuro, o “super-humano” que Nietzsche defendia e procura, ele mesmo, dar o seu testemunho nesse sentido, vivenciando as suas dificuldades com a dignidade que sempre pautou as suas atitudes.

12ª Constatação:

O poder opressor das ideias entronizadas jamais conseguiu impor a sua influência sobre Nietzsche! São poucos os seres humanos que passam pela vida com um padrão de liberdade que se aproxime do que ele demonstrou possuir.

Jesus, por sua vez, sofreu sobre si todo a influência dos valores entronizados como “sagrados”, relatados nas escrituras judaicas, e muito lhe custou se recusar a cumprir o “papel de Messias violento e poderoso”, a ele destinado pelo profetismo produzido por Javé.

Nem os seus familiares, nem os apóstolos aceitaram que ele “falhasse naquele ponto”, não usando seus poderes sobre-humanos para comandar os judeus na construção de um império terrestre, impressionando os romanos e demais inimigos acumulados ao longo da história do seu povo, de modo similar ao que Moisés fez quando humilhou os egípcios.

A herança de um “sepulcro vazio” e não a de um império no qual os seus apóstolos e familiares ocupariam os cargos mais importantes – em algumas questões, a natureza humana ainda não conseguiu avançar –, foi o terror dos primeiros dias após a crucificação, o qual somente findou quando houve o convencimento de que um “Jesus ressuscitado” estava agindo, e até com mais liberdade do que o fez quando na sua condição humana.

O “dia seguinte” do próprio cristianismo foi de estranhezas mil, se comparado à linha mestra que terminou exposta nos evangelhos canônicos, cujas páginas jamais se referiram ao que o “Jesus ressuscitado” estava, então, estranhamente falando.

Poucos observam, mas ao longo dos três primeiros séculos após a vida de Jesus, temas e questões singulares e muito diversos povoaram o psiquismo das pessoas de então, que nada tinham a ver com o enredo ortodoxo que terminou por passar à posteridade como sendo a linha de atuação da Igreja Católica, que

atualmente pode ser observada. Por que foi assim? Por essa ter sido a “linha mestra” que a Igreja Católica terminou associando ao espectro que ela escolheu dentre os muitos que existiam no cristianismo nascente, para posteriormente entronizá-lo como sendo a sua inexpugnável doutrina ortodoxa.

Naqueles primeiros três séculos da era cristã, surgiram as mais obscuras matérias da reflexão gnóstica, as primeiras noções heréticas do cristianismo, e mais discretamente, porém, não menos importante, o que hoje chamamos de “cabala judaica”, que somente se estabeleceria como tal a partir do século XIV.

Nessa época, a Igreja Católica já havia desenvolvido a estranha mania de condenar pessoas à morte, queimando-as em fogueiras inquisitórias, com torturas de todo tipo, esmagando as pessoas que não se submetiam ao seu jugo criminoso. Jan Huss, Giordano Bruno, dentre incontáveis vítimas, tiveram as suas honras e sensibilidades pessoais massacradas em “nome de Jesus” – eles se juntaram aos milhares de mártires dos primeiros séculos depois de Cristo, quando os cristãos eram entregues às feras dos circos romanos. Contudo, não eram mais os perseguidores dos cristãos que barbarizavam, e sim, a própria cristandade que torturava, queimava, enforcava e degolava os hereges, mas tudo bem organizado, judicialmente impecável, plenamente descrito e explicado nos livros da “Sagrada Igreja Católica”, pois não havia condenado que não tivesse os seus “pecados” primorosamente elencados para bem convencer a “deus” de que aqueles “filhos de Eva” deveriam mesmo sofrer a corrigenda pelo “crime” de terem nascido e se posicionado contra os abusos da Igreja.

Cada condenação estava associada a livros e mais livros de explicações teológicas do porquê daquela morte, das torturas “esperançosas” – sim, “esperançosas” porque, associada à prática das mesmas, havia sempre a esperança do “pecador” confessar os “pecados”, sendo, assim, “perdoado” pela Igreja, de modo a poder “morrer em paz” –, das penalidades impostas ao “desgraçado herege”, tudo com o fito de deixar aquele ato de “caridade cristã”, primorosamente descrito e justificado para a posteridade.

Para bem engendrar o processo criminoso, ficou estabelecido o “dogma da infalibilidade” da pessoa do papa, e aí foi que houve muita matança pelos vilarejos onde a cristandade estava estabelecida, mas tudo em “nome de Jesus”!

“Magnânima”, como só ela é, aos tempos do mandado de alguns papas ao longo do século XX, a “Santa Igreja Católica” começou a dar o seu “perdão” aos que foram por ela assassinados lá atrás, em rituais solenes, cheios de pompa, para assim “restabelecer a honra dos criminosos” do passado!

Ah! “perdãozinho criminoso”, tortuoso e sem futuro esse, que além de atestar a estupidez do ato, também testifica quão infantilizados eram e são os agentes de tamanho disparate! Tortuoso porque não se consegue entender; sem

futuro porque não serve para nada a não ser para esse tipo de *marketing* fajuto. Essa falsa magnanimidade, porém, era e continua sendo tratada com pompa pela mídia mundial, como se nisso residisse alguma importância.

Estava introduzido, na “sensatez” humana, que o criminoso (agente do Vaticano) podia perdoar a vítima (mártir) do passado, fazendo uma festa para dela tirar o ressaltado da sua majestosa magnanimidade, e todos aplaudiam e Jesus... Bem, Jesus, jamais fez coisa alguma para impedir o mau uso do seu legado. Estranho, não?

Um ou outro papa passou a pedir desculpas pelos abusos cometidos no passado, pela Igreja, agindo de modo digno, e o Papa Francisco, finalmente, deu um fim na tal “infalibilidade papal”, aspecto em que a cúria romana, até os tempos em que escrevo o presente livro, não o perdoou. Turma “boa” essa, a da cúria romana!

Se não fosse a separação entre a Igreja e o Estado, ocorrida desde a “Revolução Francesa” e o “Iluminismo”, que a ratificou e consolidou, a destinação deste escrevente já estaria há muito determinada. Não deixa de ser um avanço!

O lamentável é ver, na atualidade, o bispado neopentecostalista, além de outros segmentos da cristandade, “levando” o “desventurado” Jesus para as câmaras de vereadores, assembleias estaduais, congresso nacional e até mesmo o fazem “sentar” em certas cadeiras presidenciais, já que tudo é praticado em seu nome. Tudo o quê?

No mínimo, agem de maneira ignorante e/ou hipócrita os que assim se movimentam em “nome de Jesus”, a quem tenho, efetivamente de chamar de “desventurado”, porque é muito azar que só surja assombração e estranheza em torno do seu nome e do seu legado, e tudo isso devido às influências e ao poder opressor das ideias criminosamente entronizadas em torno da questão do seu testemunho.

No seu tempo de vida, os seus apóstolos, notadamente os zelotes, esperavam que Jesus se envolvesse com a dinâmica da política daqueles dias, mas ele decepcionou todo mundo ao dizer: “*a César o que é de César!*”

Frente ao *zeitgeist* em que ele viveu, a postura de Jesus foi, aos meus olhos, a mais sábia possível, exatamente porque ele estava se recusando a armar o mundo com revoluções que somente entronizam a violência e monstruosidades do mesmo tipo ou pior das que se desejava combater.

“Ao poder temporal o que é do poder temporal” – talvez devêssemos compreender dessa maneira o que Jesus disse, porque ele sempre soube que não lhe cabia, posto que impossível, acabar com a corrupção, a estupidez, a imbecilidade, a ganância e a hipocrisia humanas ao tempo de uma só vida.

13ª Constatação:

Se o poder temporal era inevitavelmente conquistado pelos mais fortes, que sempre eram os mais corruptos, Jesus talvez estivesse dizendo que ele estava na Terra, não para brigar, conquistar povos e reinos, mas para falar aos corações, conclamando o amor, e aos intelectos, proclamando a importância da decência de um código filosófico, única maneira desta humanidade progredir ao longo das eras.

Dois mil anos depois, nem mesmo os que se dizem seguidores de Jesus saíram do lugar em termos de credence (acreditam em qualquer coisa), vergonhosa subserviência (submetem-se, por medo e interesse), preguiça (não investigam a verdade) e ignorância (desconhecem a real história dos fatos), enfim, é a “religião da comodidade”, na qual se transfere para pretensas autoridades religiosas, um conjunto de responsabilidades que deveriam ser assumidas pela consciência individual de quem procura homenagear e perceber a vida.

Os “candidatos de Jesus”, os “deputados de Jesus”, os “senadores de Jesus”, enfim, os “políticos de Jesus e de deus” atualmente povoam os “subterrâneos do poder”, financiados pela ignorância abobalhada dos “fiéis de Jesus” – e como já disse, haja azar em torno de um só legado!

“*Não, não pode ser!*” – dirão os crentes, porque Jesus disse que “tudo o que Pedro ligasse ou desligasse na Terra, ele trataria de ligar e desligar no céu”! Bem, sem entrar no mérito da afirmação, ainda que Jesus tenha dito isso a Pedro, foi ao seu apóstolo amado que ele disse, e não à Igreja Católica, que somente surgiria quase três séculos e meio mais tarde, no panorama terrestre, quando Dâmaso, bispo de Roma, se assumiu como o primeiro papa! Estranhamente, a Igreja Católica considera Pedro como o primeiro papa.

Pior: por que será que Jesus, já ressuscitado, olhou para os que cuidavam do seu legado na época, como Pedro, principalmente, e resolveu pedir a Saulo de Tarso – que, como já dito, sequer conhecera o “homem Jesus” pessoalmente – que o ajudasse na disseminação dos seus ensinamentos? Será que o “mandato de Pedro” já foi caçado menos de dez anos decorridos após a crucificação de Jesus?

Onde a fé impera, a compreensão esclarecida costuma não aparecer, porque não há guarida que lhe dê sustentação, e fica existindo sempre uma “compreensãozinha” sobre as coisas, na exata medida em que as autoridades religiosas as necessitam para melhor manipular o “rebanho humano”.

Foi desse modo que uma história cheia de crimes, entrelaçada ao esforço heroico de muitos homens e mulheres que, em abraçando o catolicismo,

tentaram dignificá-lo de muitas maneiras – os verdadeiros santos e santas, cujos princípios e propósitos efetivamente servem de exemplo e de estímulo ao progresso espiritual –, é totalmente desconhecida, na atualidade, por aqueles que se dizem cristãos, o que torna fácil a impunidade dos que agem em “nome de deus”, cometendo os piores tipos de crimes.

Uma das questões pouco compreendida, inclusive pelos que se acham espiritualizados e doutores em teologia, é a de que as pessoas jurídicas não respondem às chamadas “leis do carma”, mas tão somente as pessoas físicas que são cobradas pelas mesmas. Como assim? – poderá alguém perguntar.

A título de exemplo, quando uma nação comete crimes contra outras – como, por exemplo, foi o caso da Inglaterra, com o seu Império Britânico, durante os últimos séculos do seu criminoso colonialismo –, o senso comum, vinculado ao entendimento espiritual, acha que essa, um dia, vai pagar esse carma negativo adquirido. Não é bem assim!

Os que pagam o carma são os agentes do escândalo, do sofrimento, ou seja, as pessoas que o promoveram. No exemplo dado, os que estavam no comando do Império Britânico e arrasaram nações e famílias com as suas ganâncias, não tornam a reencarnar no império, mas sim normalmente o fazem nas nações arrasadas por eles em vidas passadas. A Inglaterra sempre continuou “muito bem, obrigado”, e muitas das nações espoliadas por ela seguem miseráveis até hoje!

As instituições, da mesma maneira, elas não se acabam devido ao volume de seus crimes, e ainda que seus agentes se perpetuem no processo, sempre chegará o tempo do choque da realidade, seja ela no mundo espiritual ou mesmo em vidas terrestres, enquanto que a Igreja Católica “vai muito bem, obrigado”, no seu espectro terreno!

Cardeais e bispos seguem morando em supercasas e maravilhosos apartamentos, com salários de dezenas de milhares de euros por mês, encobertos pelo Banco do Vaticano – que já financiou nazistas, tráfico de drogas e outras tantas coisas escandalosas, repetidamente apontadas pela imprensa independente italiana. Vai tudo muito bem! Os prelados pedófilos continuam protegidos pela cúria romana, enquanto as vítimas dos abusos sexuais são demonizadas pelos próprios católicos, por exporem a religião que amam em destaque negativo na imprensa.

Quanto aos pobres do mundo, bem, esses continuam recebendo as preces de todo domingo, quando o papa, nos seus discursos semanais, pede que se reze por isso e por aquilo – e assim tem caminhado a Igreja Católica por quase 1700 anos, desde que se apoderou do cristianismo, para uso próprio.

As ideias têm avançado no mundo, mas não no Vaticano. A influência das

ideias entronizadas como “sagradas”, ali também tem feito um estrago sem tamanho no progresso da vida, porque até nisso a Igreja Católica se intrometeu: impôs ao mundo ocidental uma visão obscurantista, na qual todos deveriam ser analfabetos para não haver perigo de alguém “interpretar de modo errado” a chamada “*Bíblia Sagrada*”. Entre os séculos IV até o advento da prensa, no século XVI, era essa a postura dos “donos do mundo ocidental”.

Pedir desculpas sobre essa história, nem pensar!

Pedir desculpas publicamente, assumindo-se como criminosa, porque matou Giordano Bruno e porque humilhou Galileu, procurando impedir a todo custo o avanço da Ciência, nem pensar!

Pessoa jurídica não paga débitos espirituais, porém seus agentes sim!

Financiar esse tipo de processo é uma outra ordem de problema que a atual geração de humanos não tem a mais remota condição de a isso se dedicar com decência.

Na atualidade, a Igreja tem observatório, museus singulares, central de inteligência, polícia secreta, padres cientistas, astrônomos, ufólogos e suas prelações são protegidas pelo Estado do Vaticano de tal modo que não se sabe mais quem manda em quem.

A Ciência, porém, notadamente os avanços dos postulados quânticos, da genética, das neurociências e da nanotecnologia, tem desempregado muito do que se pensou ter sido “deus” que, empreendendo os seus melhores esforços, teria feito surgir o “campo de Higgs” sobre as “partículas superluminais e luminas”, de modo que essas se tornassem subluminais, ou seja, pudessem ter massa, para assim construir o mundo material no qual vivemos. Muito do que se pensou que foi “deus” que fez, pode ter sido obra de um “Cientista Extrafísico ou Sideral”, de um “Observador” e “Criador Quântico”, ou mesmo como a Ciência, materialista e pouco sábia, teimosamente afirma, que “o nada” e “o acaso” juntos, teriam criado o universo no qual vivemos.

Afinal, devo reconhecer: esse último aspecto da questão, que se refere às causas ancestrais da gênese de tudo, ofertada pelo pensamento científico, que apontam “o nada” e “o acaso” como tais, talvez devesse receber um melhor reconhecimento de minha parte, porque, realmente, apresentam possuir uma relação justa de causa e efeito com o tipo de vida que se leva por aqui.

“O nada e o acaso” são “ótimos” como resposta para os mistérios das gêneses das Singularidades, que a tudo geraram! Muitos diplomas das melhores universidades do mundo sustentam esse tipo de afirmação e de crença! Que seja!

Sem querer entrar no mérito de tão “maravilhosa descoberta” do método científico de que “o nada e o acaso” estão por trás do universo e do surgimento da vida, vejo-me pensando, de vez em quando, sobre o aspecto de que, nem

Jesus, nem Nietzsche sabiam o que, atualmente, qualquer geneticista, com um mínimo de conhecimento das outras matérias afins, pode saber: **que cada ser humano carrega, no seu genoma, o acumulado evolutivo da vida universal.**

Chega a ser enigmático e mesmo impressionante para “alguém do meu tamanho”, a maneira como Protágoras de Abdera¹ refletiu, lá atrás, sobre as questões da vida e da realidade, relacionadas com o ser humano, ao afirmar: “*o homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são*”.

Se o processo da vida for mesmo assim, implicará que cada um de nós é, potencialmente, vítima de todos os desacertos do passado, e herdeiro desgraçado e forçado da mediocridade universal, acumulada até o surgimento da nossa espécie.

O pior é que parece que é isso mesmo. Para os cientistas de vanguarda na área da evolução, esse postulado está posto e consumado! Dia virá, em que a humanidade compreenderá a “**doutrina do favor divino**”², que apresentei em livro específico – “*Favor Divino*” – e que se vincula às premissas ressaltadas.

Precisamos, doravante, cuidar para que esse processo criminoso de vitimar psiquismos inocentes e ingênuos com o peso do passado equivocado, seja definitivamente encerrado com o que já foi feito com esta humanidade, até o momento. Basta! Que o “DNA apodrecido”, nos termos em que foi “inoculado” nos terráqueos, não venha a ser repassado para as “futuras gerações humanas especiadas”³. Afinal, ao longo dos próximos milênios, deverá existir, cada vez mais, um considerável número de humanos vivendo em circunstâncias distintas e em mundos diversos, devido ao processo de especiação, que agora se inicia.

Em outras palavras, **o peso entronizado da estupidez acumulada não poderá ser repassado, pelo menos, para os humanos que viverão na Lua, em Marte, em luas de Júpiter e de Saturno, e em naves que buscam atingir quadrantes universais jamais alcançados.** Não se pode repassar esse “DNA apodrecido”, sob pena, por exemplo, de um novo “tribunal da inquisição católica” ser estabelecido e querer mandar queimar vivo – sim, as coisas da vida podem retroceder – um grupo de hereges que vive em Marte, ou um “Imã, em estado de fúria santa”, promulgar uma fátua, convocando os muçulmanos do universo afora para assassinar um herege que vive alhures.

O acúmulo das esquisitices absurdas da teologia religiosa terrestre deveria deixar de existir, mas caso ainda persista, deve ficar restrito ao planeta, dando chance para que novos grupos humanos possam evoluir sem as marcas tenebrosas dos três primeiros Logos⁴, os quais terminaram por submeter os seres humanos a todo tipo de absurdo, em nome da fé.

Se nos acostumamos com o fato inaceitável de que um “deus” ameça aqueles que não se submetem a ele, que castiga a quem lhe desobedece, que escolhe um povo, em detrimento dos demais e, depois, o abandona, substituindo-o por outro, e que “manda um pai matar um filho, para testá-lo”, e passamos também a exigir que todas as gerações tomem isso como normal, aceitável, e o pior, “sagrado”, essa atitude, por si só, já atesta a incapacidade lógica e a indecência moral para com a dignidade humana, por parte das elites religiosas que “infestaram” a vida planetária com essa esquisitice. Contudo, **foram essas forças que prevaleceram, porque calaram vozes, mataram as consciências daqueles que se levantaram contra esse estado de coisas, chamando-os de “criminosos e hereges”**, tudo isso em nome do tal “deus” e de Jesus – logo o Messias, que morreu exatamente porque foi taxado também de “criminoso e herege”. Estranho, não?

A personalidade de Javé, o “deus de Israel”, sempre foi difícil de ser aceita até mesmo pelos judeus que, somente por se julgarem “eleitos”, faziam daquele contexto, o lema das suas vidas, e o louvavam como “deus justo, amoroso e bondoso”.

Juízo mesmo, teve Nietzsche ao refletir que *“não dá para confiar num “Deus” que deseja ser louvado o tempo todo”*.

Subjugação e Escravização

Recentemente, concluí que o mal apoia a si mesmo, e de um modo muito eficaz, enquanto que o bem não o faz, nem mesmo de uma maneira modesta. O bem e as forças a ele associadas, padecem de uma certa “dose de incompetência”.

Os “agentes do bem”, desde que existam, têm que se virar, procurando fazer sobreviver a “semente do bem” no único lugar possível dele existir: no interior das pessoas que lhe derem guarida e o representem ou personifiquem.

Nesse ponto da análise, temos um problema muito sério: para os que acreditam que o bem existe de *per si*, por si mesmo, altaneiro e independente, ou seja, Deus deveria ser exatamente esse “Bem” personificado. Entretanto, por que ele não age a favor do bem, ou, se o faz, por que não se percebe isso, efetivamente? Ou será que essa conformação não existe nesse nível? Ou ainda que possa existir, o bem somente será motor de alguma coisa se estiver instalado, hospedado no coração dos seres humanos? Esse “bem” poderá existir independente da figura de Deus?

Pelas características do mal, que não exigem qualquer esforço no campo da virtude filosófica, essas facilmente se propagam como se “contaminando as terras férteis” dos corações corrompidos pelas muitas faces da boa vida ou da vida fácil. **O bem, ah o bem, quando os seus “agentes” somem da Terra, nada dele parece ficar. O mal abunda de todo jeito. Estranho, não?**

Que o mundo é um péssimo lugar para se viver, até as bandas românticas¹ dos anos 60 e 70, do século XX, já o sabiam. Ainda assim, ninguém quer deixá-lo, pois a morte foi assumida, pela inteligência humana, como uma derrota, um castigo, um mal – sei lá mais o quê poderia aqui citar para dar ênfase à questão de como, até agora, a natureza humana não conseguiu bem classificar a morte, pelo simples fato de que jamais a entendeu.

Pelo niilismo construído em torno da crença cristã, a morte deveria ser percebida de um outro modo, mas nem mesmo esse aspecto é visto coerentemente, pelo menos pela cúria romana, que acumula riqueza e salários

cardinalícios, de dar inveja a muito ministro dos países ricos.

14ª Constatação:

O niilismo é para os pobres de “deus”, pois os seus representantes deitam e rolam nas delícias da vida que, inclusive, dizem ser “obra do diabo”.

A maneira mais fácil de se subjugar alguém é convencendo-o de que ele teria nascido por um “ardil do demônio”, o que já o levaria a olhar para os seus pais com olhos de dúvida, e a pensar que é um “pecador”, um “devasso”, porque tem uma natureza biológica que obriga o seu psiquismo a pensar bastante ou “só pensar em sexo”, enfim, de que ele seria a “personificação do erro”, e portanto, precisaria da Igreja para domesticá-lo, educá-lo e salvá-lo da “danação eterna”.

Essa receita é tremendamente eficaz ou, pelo menos, tem sido!

Quando você se vê como sendo um instrumento do pecado no mundo, um agente da sua perdição e de muitos, e ainda tem que pagar parte do que você consegue ganhar como sendo um modo de agradar a “deus”, para que ele diminua o peso da ignomínia que inevitavelmente cairá sobre a sua pessoa, aí a coisa fica melhor ainda, porque a sustentabilidade do sistema está garantida pelo “permanente estado pecaminoso” dos que precisam contribuir sempre, e só se “salvam” depois da morte, o que garante a contribuição durante toda a sua vida. Isso é, financeiramente falando, **o mais maravilhoso sistema de subjugar as pessoas e escravizá-las durante toda uma vida**. Sob uma outra perspectiva, é terrivelmente perverso!

Conforme penso, lá na sua origem racional, o ser humano não pôde usar o seu potencial recém-desperto porque “deuses”, tiranos, sistema de castas e religiões jamais o permitiram.

Exceções ocorreram ao tempo do budismo original, que convidava o ser humano a ousar, vivendo conforme o seu próprio discernimento e não sob o império de qualquer tipo de “deus” ou de “deuses”, e de Platão (o mundo ideal) e seus ideais elevados – nessa questão, Nietzsche não concordaria nem um pouco comigo!

Até o século XVIII, com o domínio tanto da Igreja Católica como do Islã, dentre outras forças dominantes, o ser humano jamais pôde usar as suas faculdades profundas devido ao império da mentalidade religiosa, submissa, acanhada e temente a “deus”. A própria Filosofia havia assumido essa feição, renunciando à liberdade de questionar ousadamente sobre os porquês das coisas da vida, como também sobre as “respostas teológicas infantilizadas”, que eram tomadas como “verdades absolutas”.

Novamente, registro que o “Iluminismo” e a “Revolução Francesa”, com a separação entre a Igreja e o Estado, e o advento da sociedade comercial, romperam esse ciclo viciado.

Ainda assim, os povos continuavam subjugados e escravizados por esses sistemas dominantes, e não havia mesmo “luz no fim daquele túnel interminável” que era o estranho modo como vivíamos – e ainda vivemos – na Terra.

Nietzsche compreendeu, solitariamente, em algum momento da segunda metade do século XIX, que **a humanidade, pelo menos no seu viés ocidental, havia sido condicionada à mediocridade.**

O agente responsável por esse estado de coisas havia sido a moral cristã, a ética cristã, enfim, o cristianismo agora “morto e deformado”, apropriado pelo catolicismo.

15ª Constatação:

A busca filosófica se rendeu ao dogmatismo religioso e acadêmico. Deixou de existir! O que se buscava então, era adequar os postulados filosóficos à fé em “deus”.

Foram produzidos mais ideais, e ainda mais “ideais-ídolos”, tanto religiosos como políticos, para dominar as pessoas.

Os “ismos” controlaram o mundo, e as pessoas foram se vinculando a esse novo tipo de “enjaulamento psíquico”. Passaram a construir “jaulas” no interior dos seus cérebros, por meio das sinapses afetadas e viciadas na mesmice, e enclausuraram os seus “eus” nessas “prisões identificatórias”.

O “eu sou” passou a identificar as pessoas, frente aos diversos painéis da vida e, em todos eles, “ídolos” diversos começaram a povoar o “panteão psíquico” dos que precisam que alguém lhes diga o que fazer, como fazer, não importando muito o porquê de se fazer o que comumente se faz. E assim tem caminhado a humanidade!

Como já vimos, Nietzsche ressaltou que esses muitos “ídolos” foram feitos para controlar o ser humano, transformando-o em membro de um simples “rebanho”. Contudo, os mesmos não foram construídos pelo ser humano livre, superior, senhor de si, mas sim pelas elites que sempre pretenderam a dominação das mentes e dos corações da humanidade – mil vezes, repetirei essa minha constatação.

O fenômeno da vida havia falido e se estabelecido num nível tal de mediocridade, que parecia não existir mais progresso vertical do psiquismo

humano, mas tão somente uma movimentação horizontal em torno dos mesmos padrões, da reafirmação das mesmíssimas “verdades”, sempre em obediência às rotas pré-estabelecidas pelas forças dominantes.

Era preciso não sucumbir, não se conformar com o curso dos fatos, arquitetar um modo de se entrincheirar e oferecer uma resistência suprema contra a mediocridade disfarçada de “crença sagrada ou ideologia redentora e salvacionista”. E foi a esse projeto que Nietzsche, o repito, solitariamente, se propôs, vivendo alinhado com essa intenção. Dedicou-se o tempo todo a ele, sozinho e sem nenhum outro recurso que não o tirocínio e a sua inteligência, e entrincheirado no desconforto que ele próprio causou, resistiu o quanto pôde, frente à mediocridade reinante.

“*Quais deveriam ser os valores supremos da vida humana?*” – perguntava-se Nietzsche na altura dos seus vinte anos.

Houve um contemporâneo europeu de Nietzsche – cujo trabalho ele não chegou a conhecer –, que afirmou, na “*Revista Espírita*” de fevereiro de 1867, que “*o livre pensamento eleva a dignidade do homem, dele fazendo um ser ativo, em vez de uma máquina de crer*”.

A luta que Alan Kardec², autor das palavras acima, vinha travando na vizinha França – num tempo em que Nietzsche sequer havia começado a sua produção intelectual –, em nome dos mesmos ideais nietzschianos de liberdade, de ressignificação dos fatos e dos valores da vida, da necessidade do surgimento de um novo ser humano responsável pelo seu próprio destino, dentre outros aspectos, se tivesse sido conhecida por Nietzsche, talvez o tivesse poupado de alguns atropelos, porque tanto quanto ele, Kardec não gostava da submissão humana às religiões e da sua escravidão aos ídolos e dogmas, enfim, aos “ismos” que aprisionam todos os desavisados e bem-intencionados seres humanos.

O legado de Kardec também foi mal desdobrado pelas circunstâncias do seu tempo, e o vício em torno da fé que ex-católicos e ex-protestantes, então se dizendo espíritas, inevitavelmente trouxeram para a prática da doutrina.

Em “***Considerações Extemporâneas***”³, Nietzsche afirmou:

“... estamos sofrendo as consequências das doutrinas pregadas ultimamente por todos os lados, segundo as quais o Estado é o mais alto fim do homem, e, assim, não há mais elevado fim do que servi-lo. Considero tal fato não um retrocesso ao paganismo, mas um retrocesso à estupidez”.

Os “ismos” dominaram o mundo, e os movimentos que poderiam ter se

contraposto àquela situação, vinculados às artes musicais e de outras categorias, começaram a ser também distorcidos pela aventura humana, que procurava dar significado à existência.

Nesse ponto da abordagem, preciso mostrar uma visão pessoal sobre o que penso que a humanidade faz cotidianamente, para não enxergar o lado cruel da existência. Fugir da realidade, enquanto a vida passa, pode ser a saída para muitos e, quando isso é feito se ancorando no combustível das drogas, aí complicações surgem, pois tudo fica muito pior ainda.

“*Amused to death*” é a música-título de um dos trabalhos (letra e música) de Roger Waters após a sua saída da banda “*Pink Floyd*”, cuja letra ressalta que a presente geração de humanos se “diverte até a morte”, e encontra diversos modos para se divertir em meio às desgraças e desafios da vida, como se esses se resolvessem por si mesmos.

De fato, a humanidade parece achar que “deus”, Jesus, Maomé e outros cuidarão de tudo, ainda que, da nossa parte, a contrapartida correspondente na organização do mundo parece nunca ter existido ou, caso tenha sido um dia vislumbrada, jamais foi praticada no cotidiano planetário. Realmente, de jeito fácil, emprestamos a nossa energia aos diversos modos de explosão emocional no campo da diversão, como se a vida se resumisse àquele momento.

Por entre diversões carnavalescas e outras mais, enquanto o mundo acompanhava as deliciosas sagas de Frodo (herói da trilogia cinematográfica “*O Senhor dos Anéis*”, baseada nos livros de Tolkien⁴) e de Harry Potter (personagem principal dos filmes baseados nas obras de J. K. Rowling⁵), algo tão ou mais aparentemente absurdo para a “lógica das pessoas trouxas” estava realmente acontecendo, sem que a mídia e a curiosidade mundial pudessem perceber.

Painéis das esquecidas mitologias, tidos como meros conteúdos inventados por exímios “artistas psíquicos” que formataram os mais fabulosos símbolos para adornar o entendimento sobre a vida, estavam e continuam emergindo aqui e acolá, e nada disso é percebido, até porque qualquer coisa nesse sentido é tratada como irreal.

O problema é que o vínculo desse “simplório aspecto mitológico” nas nossas vidas é bem mais profundo, dramático e mesmo cruel do que a desavisada condição mental do dito pensamento racional moderno pode vislumbrar.

As mitologias compõem a versão mais antiga dos primeiros registros no campo do conhecimento, formulados pela condição humana na sua lenta e penosa aventura de interação com a realidade.

As religiões que atualmente conhecemos, surgiram depois e a partir de

algumas das mitologias mais importantes do passado. Na verdade, basearam-se nas mesmas e em seus desdobramentos. Contudo, apesar disso, como espécie de progênie ingrata, as elites religiosas fulminaram com as mitologias, taxando-as de inverídicas, anacrônicas, irreais, fruto do “xamanismo da consciência alterada”, prenhe de “deuses” ultrapassados, afeitos a um henoteísmo – o culto a um único “deus”, sem negar a existência de outros – criminoso para com os humanos.

A ideia de um “deus” único, justo e bondoso para com os que lhe eram submissos, substituiu e mesmo teve o condão de destruir, pela força do fanatismo, muitos dos traços da herança mais antiga, exatamente a primeira registrada na consciência cultural da humanidade.

Após quase dois milênios de obscurantismo intelectual imposto pela Igreja Católica ao conhecimento ocidental, eis que o “Cartesianismo”, seguido do “Iluminismo”, fulminaram de vez os vestígios de qualquer valor nas tradições mitológicas.

Isso nos fez chegar, no tempo em que vivemos, a um senso condicionado a taxar como ficção mitológica tudo o que for referente a essa Antiguidade mais que tardia.

Existe, porém, um dito popular que afirma que “a realidade sempre nos atinge”, seja ela qual for, e ainda que a desclassifiquemos como possível de ser “daquele jeito”, ela teima por se apresentar, trazendo consigo “loucuras irreais” que não poderiam ser verdadeiras, mas ali estão elas. O que resta a cada um, é se perguntar: vou fazer o quê? O que posso fazer frente a isso?

Foi exatamente o que se deu comigo, enquanto o mundo se encantava com as histórias de Harry Potter, e a saga épica da luta entre o bem e mal, das obras de Tolkien.

Vivi o mais solitário dos desesperos e, tão desgraçadamente passei aqueles dias, que taxei os anos, ao longo dos quais os eventos se davam, como sendo os mais pavorosos possíveis, pois que todo um acumulado “podre” caiu sobre meus ombros, sem que eu soubesse o que fazer com aquela experiência dilacerante. Na verdade, até agora, não sei muito bem como proceder. O que faço é tão somente a tentativa possível às minhas condições e às circunstâncias que me envolvem. A própria produção deste livro se enquadra nessa questão!

O “decifra-me ou te devoro” era o que mais se fazia presente no meu psiquismo, como se alguém tentasse dele se apoderar o tempo todo, o que terminou por me obrigar a escrever boa parte dos livros que intentei produzir.

Tão poderosa, porém, como todas essas forças do passado mitológico, religioso, moderno e artístico, é a que também existe na leitura das obras de Nietzsche.

De tudo o que percebi sobre a sua influência no leitor, foi no último e mais recente livro sobre Nietzsche que li, enquanto escrevia algumas destas páginas, que encontrei a mais enfática afirmação desse envolvimento, do qual resolvi reproduzir a reflexão escrita pelo seu editor e que consta na orelha do livro **“Nietzsche – Biografia de uma Tragédia”**, de Rudiger Safranski⁶:

“Friedrich Nietzsche é dos poucos autores capazes de, só pela força das palavras, influenciar de tal maneira a vida das pessoas, mesmo as mais comuns, que depois da leitura nenhuma delas consegue ser mais a mesma. Contam-se aos milhares os casos de pessoas simples que se embebedaram nas ideias de Nietzsche e, mesmo sem entendê-las direito, literalmente enlouqueceram.

De onde vem essa força descomunal, capaz de influenciar o pensamento, a política e a vida do mundo e dos indivíduos? Quem foi, na verdade, este espantoso e original filósofo nascido na Prússia, em 15 de outubro de 1844, que explodiu o pensamento, viveu uma vida trágica e terminou seus dias totalmente louco, numa camisa de força, até que seu cérebro se apagou, e ele morreu apático, no dia 25 de agosto de 1900?

(...)

Nietzsche, filósofo e escritor dotado de uma linguagem magnificamente burilada, queria, como afirmou certa vez, tornar-se o autor de sua própria vida, através de seu pensamento. Escolheu papéis e máscaras como espírito livre, psicólogo, moralista, profeta e louco, mas seu pensamento é existencial, porque se trata da conformação da sua própria vida. Seu pensamento é experimental, porque nele se põe à prova todo o conhecimento e tradição moral. E é exemplar em suas respostas ao niilismo.

Nietzsche dizia de si mesmo que era pura dinamite. Estava certo. Seu modo de pensar foi um laboratório do modernismo, onde se lidava com materiais altamente perigosos. Um século depois de sua morte, pode-se comprovar o que Nietzsche provocou com sua filosofia da Vontade do Poder – tanto no bem quanto no mal.”

Eis um dos aspectos do que Nietzsche fez, e jamais, antes dele, alguém o tinha feito: pôs à prova os valores e a tradição deles decorrente, que regem a caminhada do “rebanho humano” rumo a lugar nenhum, se esse não se modificar!

No princípio senti um choque, mas depois, passei a me sentir extasiado, ao

perceber em Nietzsche um agente, uma espécie de amigo de Jesus, pondo em dúvida – e não necessariamente corrigindo – um pouco do que, no legado do Messias, foi equivocadamente distorcido e entronizado como “verdade eterna”.

Assim, enquanto o “rebanho humano” se divertia no circuito “pão e circo”, eu me sentia posto em prova junto a mais desoladora das circunstâncias, que era a de lidar com seres não humanos, sendo covardemente enganado a cada artil empregado, sempre na tentativa de conquistar a minha submissão, para ter-me cativo, nem que fosse pelo cansaço e desespero.

A vida desandou de tal maneira que não foram poucas as vezes em que me preparei para a transição que jamais chegava, apesar de todo o “ensaio”.

Em certa passagem bíblica, Javé, em estado de fúria, procurava Moisés para puni-lo, segundo alguns, e matá-lo, conforme o que textualmente é afirmado nas páginas do Êxodo 4-24: *“E aconteceu no caminho, numa estalagem, que o Senhor encontrou a Moisés, e o quis matar”*.

Claro que as coisas melhoram quando o tremendamente horroroso passa a ser horrível, depois se torna somente muito ruim, e quando o muito ruim fica apenas ruim, e a sensação de que o menos pior passou, ainda que a sua vida esteja totalmente esfaqueada pelo atropelamento dos fatos, vindo sabe-se lá de onde.

Quem promoveu tudo aquilo? Afinal, nem Jesus, nem Deus estavam cuidando de coisa alguma para que “Alguém” tão desclassificado no campo do bem e da virtude, se apresentasse e, ainda mais, se arvorasse como sendo o “deus principal” de todas as mitologias e religiões do passado esquecido.

A Espiritualidade também se fechou no seu “esconderijo”, o que não a dignifica frente os seus próprios pares e os humanos, enquanto a solidão de se ver vendido a seres extraterrenos e a outros extrafísicos, que pareciam querer buscar algo da minha intimidade, além da minha submissão aos seus desígnios, o que era patente.

Sentia-me envergonhado pela nulidade nas quais os meus irmãos terráqueos haviam sido condicionados a acreditar, pois aqueles mesmos Seres, feitos “deuses” perante a ingênua crença religiosa das gerações humanas mais modernas, pareciam ser os financiadores – e de fato foram – do que estava acontecendo com “um homem do meu tamanho”.

Até a atualidade, carrego comigo a vergonha que esses Seres deveriam ter, caso tivessem estatura para poder sentir algo nesse sentido, mas é exatamente esse o custo que eu tenho para não me deixar subjugar e ser escravizado por eles.

Foi muito curioso e, no final, enigmático – além de patético –, não receber ajuda de nenhum tipo para enfrentar aqueles Seres, e hoje, poder construir a mais inquietante constatação, de que o fenômeno que entendemos como sendo a vida,

precisa ser bastante trabalhado para que esta possa ser vivida com alguma dignidade.

Sob essa perspectiva, quando me recordo dos cinco “*kleshas*” – ou seja, os cinco “venenos” ou “obstáculos”, apontados pela sabedoria védica, que impedem o progresso e a emancipação dos seres humanos –, dói-me a sensibilidade ao perceber o quanto eles ainda permanecem nos escravizando.

Esses obstáculos são:

- a **ignorância**: incapacidade de distinguir o “verdadeiro” do “falso”;
- o **egoísmo**: identificação com o “eu”, o ego emergente da condição humana;
- o **apego**: esse é o pior tipo de escravidão, pois nos transforma em consciências apegadas a conceitos, verdades, opiniões, pessoas, situações e desejos diversos;
- a **aversão**: rejeição do contraditório, ou seja, as outras expressões da vida que ferem a relação dos nossos apegos psíquicos; e
- o **medo da morte**: esse é o mais primal dos “*kleshas*”, pois é fruto do desconhecimento que temos sobre o significado do fim da vida em um corpo transitório.

Sempre me pergunto se, efetivamente, **o ser humano poderá um dia distinguir o “verdadeiro” do “falso”**, até mesmo porque, conceituar esses dois pontos de vista, já é a parte essencial do problema. Não sabemos utilizar corretamente, ou melhor, epistemologicamente – ou seja, aplicando a teoria do conhecimento, que analisa as relações entre o ser racional e a realidade percebida por ele –, os conceitos de “verdade” e de “falsidade”.

Não sei o quanto desses obstáculos existia em Nietzsche, ainda que ele seja o meu herói no que diz respeito à tentativa de romper os ditames da ignorância entronizada como sendo a “crença sagrada” dos humanos nos já referidos “ídolos” esquisitos e absurdamente medíocres. Infelizmente, esse aspecto não posso elogiar em Jesus, por força do seu “enjaulamento” em torno da missão que lhe foi encomendada pelos desígnios do pior “Ídolo” que conheço, que é a figura perturbadora e implacável de Javé e das suas indissociáveis psicopatias, transformadas em “vontades sagradas de deus”, pela ignorância humana.

Ambos, Jesus e Nietzsche, deixaram de lado as suas conveniências para realizar o que cada um, na sua ótica, considerava como sendo a “razão da existência”. Contudo, Jesus estava apegado às escrituras judaicas até o limite em que não mais pôde ratificá-las, enquanto Nietzsche produzia os seus próprios

conceitos, sempre no campo da busca por uma nova condição de significado para os valores da cultura existencial humana.

Óbvio que aqui brinco de relacionar o que não pode nem deve ser jamais comparado, até porque simplório e anacrônico seria não considerar os quase mil e novecentos anos que separam a atuação de um e de outro no palco da existência, além de serem bem distintos os aspectos culturais de cada época.

Muito menos cabe a “um ser do meu inexpugnável tamanho”, julgar a quem quer que seja, em especial, a dois dos meus heróis aos quais devo, como já o afirmei, a base dos meus pensamentos e reflexões sobre a vida.

Ouso produzir estes escritos tão somente para situar particularidades da vida de ambos que, conforme penso, jamais viriam a ser destacadas pelo academicismo e, pelo visto, por ninguém mais neste nosso momento planetário, mas que precisam ser estudadas sob um novo prisma, devido aos eventos que estão prestes a acontecer.

6

Equívoco ou Cegueira

Nestes dias estranhos do princípio do século XXI, quando a pós-verdade foi estabelecida como norma midiática, em detrimento da regra ética de tentar veiculá-la, tenho me feito várias perguntas.

A submissão do ser humano ao “deus bíblico” não podia ser nos moldes da escritura, uma vez que nem mesmo o Messias se subordinou desse modo. Assim, o que será que Jesus não viu? Ou melhor, o que ele não pôde enxergar na época em que viveu?

O que a Ciência ainda não conseguiu entender no princípio do processo que gerou a vida?

De que maneira a própria Ciência se percebe como sendo o método da tentativa de bem definir o modo como a vida acontece e o seu significado, ainda que os cientistas afirmem que somente cabe a eles definirem o “como” e não o “porquê” das coisas?

Será que a Ciência está realmente explicando como os fenômenos se passam?

Por que os mesmos ocorrem, é campo dos filósofos e não dos cientistas, mas se a Ciência não se associar à busca dessa verdade e tentar desenvolver um método para compreender o porquê deles, será que um dia teremos um entendimento adulto sobre nós mesmos?

Será que a Filosofia não foi infantilizada pela fé em “deus”?

Desconfio que o equívoco, até hoje cometido pela confusão entre os conceitos de um Criador com problemas e o de um “deus amoroso e perfeito”, constante em todas as exegeses e teologias da cultura planetária, levou todo mundo à loucura, e ficamos reféns de uma compreensão que jamais veio. Continuamos todos ignorantes, equivocados e cegos quanto à verdade, ainda que muitos achem que sempre a possuíram. Nesse aspecto, talvez resida o traço mais esquisito da cretinice humana.

Conforme penso, **Nietzsche meio que se especializou em perceber o lado**

trágico da existência a partir da sua observação do senso artístico da tragédia dos gregos, ainda que estas tenham sido elegantemente engendradas pela arte daquele povo, enquanto a dos humanos não parecia possuir qualquer *glamour* ou sofisticação. Pena que o marco tecnológico do seu tempo não o tenha provocado a ponto dele investigar, do modo como somente o seu gênio podia fazer, a influência da tecnologia na vida humana.

Perceber o lado obscuro da vida não é tarefa fácil, e mais profunda ainda ela se torna porque o desconhecido tem muitos painéis, e o mais complexo deles é o que a Ciência poderá fazer do ser humano.

Edward Wilson¹, talvez o mais proeminente biólogo estadunidense, tem afirmado que o ser humano pode, finalmente, dispensar a evolução biológica que o produziu e o trouxe até esse estágio, pois, a partir de agora, graças às técnicas de manipulação genética, ele conseguirá ser o que desejar ou puder produzir transformações nele.

Em outras palavras, a Ciência poderá fazer do ser humano um ente algo diferente do tipo que atualmente conhecemos. Contudo, como a Ciência se corrige? Como ela poderá ser instrumento fiel da decifração da realidade, da promoção de transformações, caso o objetivo dos processos, aquilo ou a razão que os move, estiver situado além do que poderíamos chamar de “interesse científico”?

Nietzsche, em **“O Nascimento da Tragédia”**, reflete sobre o aspecto de que o problema da Ciência não pode ser reconhecido no campo científico e, assim, a questão permanece em aberto porque não se consegue resolver facilmente em que área da vida isso poderá acontecer. Da mesma maneira, o problema da religião não pode ser reconhecido no campo religioso.

Penso saber que, realmente, os problemas da Ciência (de não conseguir explicar a realidade e os seus diversos contextos), da religião (enfear a vida, invés de embelezá-la, além de transformar os humanos em viciados em crenças absurdas e em pedintes), e da Filosofia (não tem conseguido explicar o porquê da vida e seus aspectos) não podem ser resolvidos nos campos científicos, religiosos e filosóficos, respectivamente, pois somente na consciência humana essas questões podem ser eficazmente tratadas. Aqui, porém, a consciência humana tem que ser esclarecida e emancipada, e não obscurecida pela “infecção” até hoje acumulada em torno da crença nos “ídolos podres” da humanidade.

Outra questão é a de que os problemas do Criador e da sua Criação poderiam, sim, ter sido identificados por Jesus, mas parece que ele somente os percebeu próximo ao tempo da sua morte, o que talvez o tenha impedido de se expressar a respeito, pois somente o fez no estado de ressuscitado.

De fato, é bastante difícil, ou mesmo impossível, colocar toda a água do mar num simples copo, e o que a Ciência tem procurado fazer com o estudo da consciência é ainda pior do que isso, pois pretende reduzi-la ao tamanho do que ela pensa ser a função do cérebro biológico.

Mais grave ainda é querer que pessoas esclarecidas se submetam a crenças religiosas descabidas, por força do vício de se usar o nome de “deus” de modo irresponsável e fútil, a cada frase que se diz, o que leva autoridades religiosas, como o já referido cardeal Barbarin, a dizer “*graças a deus*” porque diversos crimes de pedofilia se tornaram prescritos pelo fato de terem sido denunciados à justiça somente na idade adulta das vítimas, que quando crianças foram abusadas por um padre francês!

Sancta simplicitas!

16ª Constatação:

Qualquer religião que escravize, está equivocada, e as gerações esclarecidas dos futuros seres humanos não terão a menor paciência com essas questões impostas pela infantilidade do psiquismo viciado em crença.

Inicialmente, a causa dos problemas pode ser o equívoco, mas a permanência em torno dos mesmos é pura cegueira, e tem certa dose de estupidez!

Se, no princípio, houve problemas na Criação e com o Criador, nem a Ciência, nem a religião, nem a Filosofia jamais observaram esse “mau começo”, pois sempre estiveram cegas em relação a essa questão, e talvez caiba à criatura humana emancipada, a percepção da mesma, a sua decifração e mesmo a sua corrigenda.

Afinal, “*se criar é ultrapassar-se, a criatura deve prevalecer sobre o Criador*”. Assim falou Zaratustra, o anunciador do “**além-do-humano**”, de Nietzsche.

O ser terráqueo vem ultrapassando, pouco a pouco, os limites impostos pelo acumulado das “doenças” e das misérias universais, atualizado no seu DNA, prenunciando, sim, que há um porvir no qual a natureza humana estabelecerá o foco da sua consciência em patamares nos quais a Ciência, a religião e a Filosofia não têm a mais remota noção de que efetivamente existem! Entretanto, na atualidade, o que elas conseguem perceber, e que tenha servido de alicerce na arquitetura da visão de realidade da cultura humana?

Haja cegueira!

Um Ser Humano Submisso, mas nem tanto

Gostemos ou não, Jesus pretendeu, sim, “arrebancar” a humanidade para um tipo de convergência com Javé, na qual **a obediência e o amor** eram os temperos principais da sua receita missionária. Pelo menos, **foi essa a sua primeira intenção!**

De modo aparentemente estranho, fruto do já referido processo de “enjaulamento” a que o seu psiquismo estava submetido desde o seu nascimento, ele confirmou Javé como sendo o “Criador dos Céus e da Terra” – e assim o fez até o fim da sua vida –, mas resolveu desobedecê-lo, pois não se utilizou dos seus superpoderes para subjugar ninguém. Contudo, que ele trabalhou no sentido de “arrebancar” a humanidade para Javé, esse aspecto é inegável, seja no “ide e pregai” – que deixou como mensagem aos apóstolos –, ou mesmo já ressuscitado, quando convocou Saulo de Tarso ao serviço de levar a sua mensagem a todos os povos da Terra.

Naquela altura dos fatos, ao observar nele mesmo o resultado da inflexibilidade de Javé na questão de não poupá-lo da crucificação, talvez tenha existido um pouco de estratégia da parte de Jesus para **separar, de vez, a sua prática messiânica da tática operada por Javé**, quando orientou os apóstolos que o “**ide e pregai**” deveria significar a “**nova aliança**” de Jesus com toda a humanidade – e não apenas com os judeus!

Na verdade, Jesus se recusou a cumprir os termos da “velha aliança” de Javé, firmada com os ancestrais do povo judeu.

No que se refere à obediência e ao amor em relação à figura de “deus”, fosse ele quem fosse, o cristianismo, nas suas vertentes católica e protestante, cumpriu fielmente esse papel, apesar do conteúdo do que foi pregado ter mais a ver com os conceitos criados por Paulo, como o da “salvação” e o da “justificação pela fé”, do que, propriamente, por Jesus – que, por sinal, jamais se referiu a nenhum desses dois temas.

Na atualidade, temos uma parte da humanidade “arrebanhada” à moda cristã, totalmente distanciada da intenção real de Jesus, e **outra à moda islâmica**, dentre outros “rebanhos” ligados aos “ismos” diversos que tolhem o progresso humano, conforme penso.

Pergunto, então: como se comporta o membro típico do “rebanho humano” da atualidade, se observado sob a ótica nietzschiana? Seguramente a resposta seria: simplório, sem ousadia, sem criatividade, pedinte, medroso e covardemente submisso.

No seu já citado **“O Viajante e sua Sombra”**, Nietzsche apontou o seguinte sobre o aspecto “salvador e médico” de Jesus:

“O fundador do cristianismo, como conhecedor da alma humana, não estava, como é evidente, ao abrigo dos mais graves defeitos e dos maiores preconceitos e, como médico da alma, estava apegado à crença profana de uma medicina universal. Em seu método se assemelha às vezes a esse dentista que quer curar todas as dores arrancando os dentes; é o caso, por exemplo, quando luta contra a sensualidade com o conselho: “Se teu olho te escandaliza, arranca-o.” – Mas há, contudo, uma diferença: o dentista pelo menos atinge seu objetivo, suprimir a dor de seu paciente, embora o faça de uma maneira tão grosseira que se torna ridículo; ao passo que o cristão que obedece a semelhantes conselhos e que acredita ter matado a sensualidade, se engana, pois ela sobrevive de uma forma misteriosa e vampiresca e o atormenta sob disfarces repugnantes.”

O “homem dionisíaco” – que deveria se mover por meio da sua “vontade de potência”, na gestão da própria vida –, frontalmente se choca com o que sobraria da sensibilidade de um ser humano que viesse a seguir esse tipo de conselho atribuído a Jesus, aspecto de um puritanismo que remonta bem mais aos ensinamentos essênios do que aos de um homem que se deixava acompanhar por publicanos, gentios e mulheres não muito bem-vistas, naquele tempo, pela independência que demonstravam possuir.

Qual o tipo de ser humano que Jesus, na sua primeira etapa de pregação, parece ter querido definir? O ser humano submisso aos desígnios e imposições comportamentais de Javé, mas não tanto, já que a implacabilidade do “deus dos judeus”, o “olho por olho” (a “Lei do Talião”), estavam agora sendo substituídos pelo perdão e pelo amor ao próximo, inclusive aos adversários e aos inimigos – essa parece ser a resposta possível.

Javé queria enaltecer os fortes, mas Jesus optou por dar enfoque nos mais fracos, nos seres humanos mais frágeis, ainda que essa opção, ao contrário do que muitos padres da esquerda católica passaram a afirmar no século XX – envolvidos pelos movimentos de esquerda, notadamente os movimentos eclesiais de base –, jamais tenha sido de ordem política, mas tão somente no campo da moral. Jesus estava certo ou errado, ao contextualizar a questão daquela maneira, deixando “a César o que era de César” cuidar?

Não podemos olhar para aqueles dias com os olhos do presente e supor que os problemas da pobreza de então, eram vistos com o padrão de inconformismo que o fazem, na atualidade, aqueles que criticam o modo de acumulação da riqueza excessiva nas mãos de poucos – entre os quais me incluo, ainda que não pense que a solução é a apontada, vulgarmente, pela esquerda idiotizada, que domina o panorama político-social do meu tempo.

É “fajutice filosófica”, e mesmo anacronismo, atribuir a Jesus, posturas no campo do comunismo conceituado nos padrões formulados nos séculos XIX e XX.

Há dois mil anos, os panoramas da vida não eram vistos como os vemos na atualidade e, efetivamente, Jesus jamais pensou em “lutar pelos pobres” nos moldes em que os “teologistas da libertação” se utilizaram de sua figura, para justificar as suas teses.

Não há honestidade de princípios nessa questão, mas pode haver de propósitos, com os quais, obviamente concordo, e penso que a “opção pelos mais pobres” deve ser regra a ser seguida sempre que se for discutir o modo como se vive na Terra. Todavia, nunca coube e não penso que cabe ou caberá às religiões resolverem isso, porque educação não é assunto religioso, mas sim das políticas públicas de países sérios.

Assim, **que tipo de ser humano** deveria ser o ideal para elevar o padrão da vida terrestre, de modo a que esta seja algo digno de se vivenciar e mesmo de se observar?

Rudiger Safranski, em seu livro **“Nietzsche – Biografia de uma Tragédia”**, diz que:

“Para Nietzsche, consiste na postura perfeitamente segura de si, imperiosa, desse filósofo que, contrariando o espírito do seu tempo, pronuncia como juiz da vida sua sentença e condenação, e com sua filosofia da negação aparece ao mesmo tempo como reformador da vida. Schopenhauer realizou pois algo que mais tarde Nietzsche chamará de transvaloração de valores. Contra quais valores reinantes ele fez sua

objeção? Nietzsche descreve o próprio presente, quando retrata um mundo que Schopenhauer queria condenar e superar. Este mundo, diz Nietzsche, está povoado de gente que pensa em si própria com uma precipitação e exclusividade como nunca antes seres humanos pensaram em si próprios; constroem e plantam para o seu dia, e a perseguição da felicidade nunca será maior do que quando ela tem de ser apanhada rapidamente entre hoje e amanhã; porque depois de amanhã talvez tenha acabado todo o tempo de caçar.

(...)

Nietzsche pondera três imagens dessas, que podem lembrar o ser humano em suas melhores possibilidades: o homem de Rousseau, o homem de Goethe e, finalmente, o homem de Schopenhauer. Rousseau aposta na reconciliação com a natureza e na naturalização da civilização. O homem de Goethe é contemplativo e em sábia resignação e estilo nobre, está em paz com as circunstâncias da vida. Finalmente, o homem de Schopenhauer descobriu que todas as ordenações do ser humano são de modo a que o traço trágico e sem sentido da vida não seja sentido. A vida comum é distração. Embora possa precipitá-lo em desespero, o homem schopenhaueriano quer erguer o véu de Maya, assume o sofrimento revolucionário da veracidade, e isso lhe serve para matar a sua vontade própria e preparar aquela total mudança e conversão da sua natureza, que é o verdadeiro sentido da vida. Nietzsche chama isso uma vida heroica. Ainda não conhecia aquela confessional de Schopenhauer a Goethe, na qual o filósofo se manifestava exatamente naquele sentido “heroico”. A passagem da carta diz: “A coragem de não guardar nenhuma pergunta no coração é que faz o filósofo. Este precisa se parecer ao Édipo de Sófocles, que, procurando explicação sobre seu próprio horrível destino, continua investigando sem descansar, ainda que já adivinhe que das respostas virá para ele o mais pavoroso”. Com efeito, Schopenhauer se sentia tão heroico como Nietzsche o considerou ao escrever seu tratado de 1874, chamando-o de gênio.”

Um dos aspectos que efetivamente considero heroísmo em figuras como as de Jesus, Schopenhauer e Nietzsche, dentre outros, é o desafio à destinação normal da vida, fazendo dela não o que sobre a mesma podia até ser esperado, mas sim, o que o senso crítico pessoal do indivíduo resolveu fazer, por escolha consciente.

Uma “pessoa do meu tamanho”, somente pode considerar como sendo

covardia o não querer conviver com o que me vi envolvido, ainda que avisado claramente de que aquela era uma decisão do tal Javé, e que não poderia haver, de minha parte, qualquer escolha: tinha que “obedecer ou obedecer”! Minha vida, então, virou um pavor só, com a angustiante obrigação de ter o conhecimento de que era algo real o que ninguém do meu tempo parecia saber: aquele Ser existia, era esquisito e psicopata, e não aceitava negativas como resposta. Dei-lhe todos os “não” que pude colecionar e sofri as consequências por isso. Falido, esgotado, e agredido até o último rincão do meu psiquismo, resolvi, então, não guardar qualquer pergunta de ordem filosófica no coração, após o susto e a estupefação de “trombar” com um Ser situado além da camuflagem desta “Matrix”.

A cada pergunta que fazia a mim mesmo sobre o teor dos fatos e o tipo de consciência que caracterizava aquele Ser, respostas horríveis e arrepiantes surgiam no meu psiquismo. Não me corrompi e insisti com as minhas constatações, única coisa decente que podia ofertar a mim, naquelas circunstâncias.

Realmente, precipitei todos os desesperos possíveis!

Tal qual um Édipo da caatinga nordestina brasileira, tragicamente perdido, procurando paisagem e panoramas que me facilitassem a tentativa de construir mentalmente um contexto compreensível, no qual aqueles “fantasmas” inoportunos, vinculados ao “deus de Israel”, pudessem ter lugar, hesitei o quanto pude em aceitar o que me anunciavam.

Penso que, feito um Édipo desavisado de última hora, fugi, o quanto pude, e sei o quanto e como, realmente, tentei escapar do destino trombeteado por aqueles seres de aparência angelical – e apenas a aparência. No tempo em que escrevo estas páginas, porém, parece-me que a rota pela qual me desviei daquele destino então apontado, levou-me, na verdade, a encontrar mais e mais vezes aquele Ser, só que, pelo menos, não da maneira por eles vaticinada, mas da que estou construindo, enquanto finalizo os meus dias.

Mais que o “homem de Schopenhauer” ou mesmo o “super-homem de Nietzsche”, penso que surgirá, ainda, um modelo de ser humano esclarecido, equilibrado e, acima de tudo, emancipado – que estabelecerá o único modo de se viver dignamente – em relação aos “grilhões” genéticos e psíquicos que “enjaulam”, na mais estrondosa falência da fé religiosa, o precioso “eu” advindo da natureza humana. Justamente por não mais conseguir guardar as tais perguntas no coração é que, em observando o mundo de religiosidade em que a Terra foi transformada, tenho me perguntado se é possível a vida ser digna, ancorada como se encontra nesse tipo de fé que infantiliza?

O tipo de **ser humano submisso, que a fé infantilizada urdiu ao longo do**

tempo, produziu o “homem crente” absolutamente inferior a qualquer outra categoria de modelo humano, seja o de Rousseau, o de Goethe, o de Schopenhauer ou ainda o Nietzsche. Todavia, quais seriam efetivamente os modelos do “humano de Nietzsche” e do “humano de Jesus?”

Lembro ao(a) leitor(a) que, no mesmo conto, dito mitológico, sobre o azarado Édipo, existia também uma “esfinge” que era douda em fazer perguntas, e uma, em particular, ela sempre repetia, sem saber que a resposta certa para sua indagação a levaria à loucura e à autodestruição.

O que ninguém sabe, é da “fofoca” que rolava entre os membros da estirpe das “esfinges” – sim, existia esse contexto, ainda desconhecido, e que não ficou muito claro nem mesmo nas páginas da mitologia –, sobre uma delas e um “sátiro”, que conversavam a respeito do porquê deles dois serem do jeito que eram. Eis o assunto da conversa:

“— Já emergiu para a vida a espécie que haverá de nos superar e nos descartar a todos no concerto da existência – teria dito o “sátiro”. — E ela, tanto em ti quanto em mim, é somente uma das partes do que somos.

— Não entendi – disse a esfinge.

— É... – retrucou o sátiro. — Eu sei que não poderás mesmo compreender.

— Como saberei que estirpe será essa? – indagou ela.

— Pergunta a quem encontrares: “Que animal tem quatro pernas no princípio, depois duas e em seguida três?” – disse ele. — Essa será uma das suas características.

— Por que tu mesmo não me respondes? – questionou a “esfinge”.

— Também não sei, ainda que ache que alguns da minha estirpe possam saber, só que não me disseram – elucidou o “sátiro”. — Entretanto, da tua, acho que ninguém sabe. Pergunta, pois, a quem encontrares.

— Devo perguntar a qualquer estirpe? – perguntou, finalmente, a “esfinge”.

— Já perguntei a entes de muitas estirpes, porém nenhum deles soube me responder – falou ele. — Entretanto, acho que a espécie dos humanos terrestres deve ser a única capaz de decifrar esse enigma.”

Teria sido devido a essa conversa, que a “esfinge” se pôs a perguntar, mundo afora, esse enigma proposto pelo “sátiro”, e, com o tempo, foi ficando nervosa, ameaçando devorar quem não lhe respondesse àquela pergunta que havia se

transformado em uma obsessão para ela, até que encontrou Édipo.

No mito, a resposta de Édipo elevou o ser humano à condição da resolução do enigma, mas, por trás, o susto da “esfinge” foi perceber, em uma de suas próprias partes, a componente humana, e que, portanto, seriam os humanos que se elevariam frente aos “deuses”, como a estirpe mais importante, sendo as demais até então engendradas, absolutamente “descartáveis”, o que foi demais para o seu orgulho, e ela se autodestruíu.

O ser humano, seja ele o de Santo Agostinho, o de Rousseau, o de Goethe, o de Schopenhauer, o de Nietzsche ou mesmo o de Jesus, qualquer um desses modelos parece trazer a “chave mestra” – apontada pelo hermetismo – da possível resolução de todos os enigmas da existência, ainda que nem Nietzsche, nem Jesus demonstraram conhecer essa face no rosto dos terráqueos.

Esfinges e sátiros conversando, realmente não tinha como dar em boa coisa, na medida em que, no jogo enigmático do contexto mitológico, tudo sobra para o pobre do ser humano, esteja ele certo ou errado.

O modelo de ser humano “submisso, mas nem tanto”, que Jesus nos legou, tendo tomado a si mesmo como exemplo dessa hesitante postura de submissão a Javé, é tema que deveria ser estudado em profundidade. Contudo, isso jamais foi feito!

O aspecto mais emblemático dessa questão foi o de que Jesus confirmou Javé como sendo o “*Abba*” – **aquele com o qual já convivera anteriormente, só que noutro contexto existencial** –, o “Criador dos Céus e da Terra”, e o “deus dos judeus”, que o anunciara por meio dos profetas hebreus/judeus, cujos vaticínios se tornaram páginas das escrituras judaicas. Apesar de todas essas confirmações, conforme já expliquei, ele o desobedeceu quando se recusou a utilizar os seus superpoderes para dominar os humanos do seu tempo, construindo um império judaico no planeta.

Seria esse mesmo modelo de ser humano que Jesus gostaria que todos os terráqueos assumissem ou seria o do “humano esclarecido (possuidor da *gnose*), equilibrado e profundo”? Penso que ele escolheria este último! Seguramente, não no nível extremado que o gnosticismo assumiu, associando a figura de Javé com a do “diabo”, e semeando, desse modo, a intolerância, o ódio e o rancor em um mundo já prenhe desses venenos psíquicos.

Desconfio que, se Jesus fosse atualizar ou mesmo dar a sua resposta agora, sobre o modelo de ser humano que ele gostaria que estivesse existindo na Terra, acho que a loucura que se fez presente no psiquismo da “esfinge”, seria uma implosão elegante frente ao que os cristãos perceberiam surgir, no campo do impensável, em suas mentes.

Quanto ao seu modelo humano, talvez Nietzsche vibrasse de felicidade por

constatar que o aspecto dionisíaco da vida, inteligentemente ancorado no apolíneo, mas sobre este sobreposto, é o que financia o progresso do bem, do belo, da vida e de todos os seus agentes.

Revolucionário Enlouquecido, mas nem tanto

Dentre os muitos traços psíquicos que fui teimosamente colecionando, sobre os personagens históricos que me chamam a atenção por algum motivo, existe um que sensibiliza, positiva ou negativamente – em alguns casos, mesmo enigmaticamente –, que é o que a pessoa fala sobre si mesma e/ou, principalmente, sobre o que ela julga que está fazendo. Desde a juventude que junto essas impressões – e o repito, não as minhas – sobre esses personagens, mas as que eles mesmo definiram como sendo as suas, vamos dizer, marcas pessoais.

Quando me vi envolvido pela necessidade de escrever sobre Jesus e Nietzsche, que são personagens, a princípio, absolutamente distintos em termos de época, lugar, cultura e visão de realidade, demorei bastante para levar a sério aquela solicitação da Espiritualidade, pelas muitas e irreconciliáveis questões em torno dos dois legados que eles deixaram.

Há muito tempo, só por diversão intelectual, fui elencando os já referidos traços psíquicos de um e de outro, os quais julguei relevantes para a minha descabida e invulgar análise que, reconheço, sob a ótica do senso comum, jamais deveria ser feita ou mesmo ter sido produzida, como terminei por realizar neste livro.

Como já visto, Jesus se autoafirmou como sendo “*o caminho, a verdade e a vida*”, “*que ninguém iria ao pai se não por ele*”, aspecto afirmativo aretalógico, que não combina nem um pouco com o psiquismo por ele apresentado até àquele momento da sua vida.

Nietzsche, por sua vez, deixou registrado que:

“Absolutamente não é preciso, nem ao menos desejado, tomar partido em meu favor: ao contrário, uma dose de curiosidade, como diante de uma excrescência estranha, com uma resistência irônica, me pareceria

uma postura incomparavelmente mais inteligente.”

No meu caso, sobre o que modesta e tragicamente procuro produzir no campo do esclarecimento, o que tenho divulgado jamais deverá ser tido como conclusivo em relação a qualquer dos temas abordados. “Meu tamanho” e a magnitude das questões não permitem outra postura que não seja esta: a de um agente humano envolvido com estes primeiros tempos da “Revelação Cósmica”.

Obviamente, estou plenamente alinhado à postura de Nietzsche, mas, no que toca à de Jesus, os livros que produzo se posicionam no sentido exatamente contrário ao de levar alguém para ser dominado por Javé.

Tecnicamente falando, parece que Jesus tentou criar um “rebanho” em torno dos seus testemunhos e orientações, enquanto Nietzsche, cerca de mil e novecentos anos depois, **clamou pelo fim desse “rebanho” frágil e viciado nas aquisições fáceis de uma religiosidade que impediu o progresso humano.**

Estudei muitos mestres formidáveis, como o meu Mestre Jesus, e neles está o foco de todos os ensinamentos os quais colhi e coleciono com a ternura, o zelo e o respeito que posso produzir em torno dos seus postulados eternos, e que nada têm a ver com o Ente colérico e impiedoso, tido como o “deus” do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e do bramismo/hinduísmo, pois que esses focos religiosos representam alguns dos mais atrasados “rebanhos” dos que povoam este mundo.

Pesquisei muitos revolucionários, como o meu Mestre Jesus – sim, para mim, ele também foi um revolucionário, só que num sentido jamais compreendido –, e de todos eles, o que mais me move a consciência é Nietzsche, pela inteireza do seu conteúdo e do seu testemunho, do que lhe foi possível produzir num corpo fragilizado.

Entretanto, o rastro de todas as minhas coleções no campo intelectual, moral, filosófico e mesmo emocional, segue sempre na direção de Jesus e de Sidarta Gautama, pois, lá atrás, nas épocas e locais em que eles viveram, o espírito que me anima também por ali se situou, em aprendizado e em trabalhos redentores.

Na Terra, não se pode perceber facilmente, porém nos ambientes espirituais esclarecidos, os “arrebanhados” desse ou daquele “ismo”, estão sendo vistos, milênios depois, **como o principal problema a ser solucionado, devido ao estacionamento que apresentam no campo da fé viciada em favores divinos, bençãos, milagres, curas e vínculos de exclusividade para com “deus”.** Para esse tipo humano, não pode existir outra vida senão a que contemple essa descrição de um “deus”, exista ele ou não nesses moldes, escravizado à estupidez terráquea – mas não para o “humano de Nietzsche”, ainda por surgir!

Como filósofo, Nietzsche sempre lançou desafios, retirou “tesouros profundos” das trivialidades, fez estilo, elaborou poesia, destruiu o aspecto pseudossagrado das obviedades religiosas de mau gosto, mas jamais quis seguidores. Ele sempre defendeu que cada um seguisse o seu caminho, construísse a sua própria senda. Nunca pretendeu ideologizar ninguém, nem muito menos a massificação das pessoas – essas questões jamais fizeram parte dos seus sonhos.

17ª Constatação:

Acho que Nietzsche carimbou de vez, na face dos “arrebanhados” e dos de mente doentia no que diz respeito a estarem obcecados por alguém ou por algo, o “sinal da simploriedade”, senão o “sinal da pequenez”.

Torna-se, portanto, necessário que cada ser humano “conduza a si mesmo” e se dirija a um “porto seguro filosófico”, sempre inacabado e crescente.

Pelo que tenho deduzido dos acontecimentos, o ser humano mais se parece com uma solitária barreira ante a “mediocridade cósmica” – “doença” original da primeira forma de vida a se constituir na Criação, ou seja, a do próprio Criador “caído” –, pois surgiu com uma “vontade de potência nietzscheana” para sobreviver a qualquer custo e, principalmente, cumprir com uma função específica.

Somente agora, com o esclarecimento que nos é possível começar a vislumbrar nesta “Era do Conhecimento”, passamos a compreender que a função do ser humano terrestre é a de:

- decifrar a realidade, ao produzir informação refinada;
- perceber as suas “feridas”, ou seja, os problemas do Criador e de sua Criação;
- memorizar os padrões do avanço no campo da decifração, remanejando os arquivos de interesse, sempre que necessário; e
- repassar, biológica e mentalmente, as melhores e mais atualizadas informações para toda a rede viva universal, por meio do entrelaçamento quântico (ou seja, incluindo o “jogo dos elétrons”) e de outros modos mais recentes, gerados pelo progresso tecnológico-mental dos seres.

Segundo Nietzsche, *“existem alturas da alma, de onde mesmo a tragédia deixa de ser trágica e o que serve de alimento ou de bálsamo para o tipo superior de humano deve ser quase veneno para um tipo bem diverso e menor”*.

Conforme penso, Nietzsche deu início a um movimento de consciência cuja repercussão somente poderá ser entendida sob a égide da ressonância entre as unidades mórficas¹ e o campo mórfico vinculado à espécie humana.

18ª Constatação:

Nietzsche deu início a um campo de resistência à mediocridade que, com o passar das décadas, começou a produzir as suas marcações vibratórias, e somente agora, estas tomam vulto como unidades mórficas (os arquétipos do inconsciente coletivo de Jung), cuja ressonância, muito em breve, haverá de convidar os humanos esclarecidos e mesmo os “arrebanhados”, para uma ressignificação do valor da vida e dos seus agentes, frente às necessidades do universo.

Só um revolucionário enlouquecido pela sua causa, viveria e escreveria da maneira como Nietzsche o fez, penso eu! Ninguém jamais disse ou afirmou o que ele ressaltou inúmeras vezes, como sendo as preocupações triviais do seu cotidiano.

Sempre houve algo no modo como Nietzsche produziu os seus livros, e que particularmente me inquietou: o seu jeito afetado de refletir e de escrever.

No livro **“Ecce Homo”**, espécie de último suspiro de Nietzsche antes da queda no “abismo” que a saúde precária do seu corpo precipitou o “eu” mais livre e ousado, que se permitiu mostrar a sua face ao mundo, ele se pergunta: *“por que sou tão sábio?”*; *“por que sou tão inteligente?”* – ao que ele mesmo, obviamente, responde!

Diz Nietzsche, nessa autobiografia intitulada **“Ecce Homo”**, em resposta à primeira pergunta:

“A ventura da minha existência, sua unicidade talvez, repousa em sua fatalidade: eu estou para expressá-lo em forma de enigma, morto na condição de meu pai, ao passo em que na condição da mãe ainda vivo e envelheço.

(...)

Eu tenho um faro mais apurado do que jamais teve homem algum para os sinais de princípio e de ocaso, eu sou o “mestre por excellence” nesse assunto – eu conheço ambos, eu sou ambos...

(...)

A clareza e a serenidade totais, até mesmo a exuberância do espírito que a obra mencionada (Nota do autor Jan Val Ellam: Nietzsche se refere

a uma outra obra sua, produzida no ano 1879, chamada posteriormente de “Aurora”) *reflete, pode ser entendida em mim não apenas devido à fraqueza psicológica mais profunda, mas inclusive por um excesso de sensação de dor. Em meio a martírios, que trouxeram consigo uma enxaqueca ininterrupta de três dias, mais vômitos de muco dos mais penosos... eu possuí uma clareza dialética “par excellence” e examinei a fundo e friamente coisas que não sou alpinista, não sou refinado, não sou frio o suficiente para pensar quando me encontro em situações mais saudáveis.*

(...)

*Será que preciso dizer, depois de tudo isso, que sou experimentado em questões de *décadence*? (...) A partir da ótica do doente ver conceitos e valores mais saudáveis, e pelo lado inverso, da abundância e da autoconfiança da vida abastada, olhar para baixo em direção ao trabalho clandestino do instinto da *décadence* – esse foi o meu exercício mais longo, a minha verdadeira experiência; se me tornei mestre em alguma coisa, então foi nisso. Agora o tenho às mãos, agora tenho a mão para inverter perspectivas: primeiro motivo pelo qual talvez chegue a ser possível para mim uma “transvaloração de todos os valores”.*

(...)

Eu mesmo me tomei pela mão, eu mesmo voltei a me tornar são (...). Eu fiz de minha vontade para a saúde, para a vida, a minha filosofia.”

Nietzsche foi único a tratar o apodrecimento celular do seu corpo com essas cores, referindo-se à velhice corporal como algo apartado da atitude mental do ser. Contudo, nele, ao fim da sua vida, uma interferiria na outra.

19ª Constatação:

Talvez um dia, a decadência do corpo humano venha a ser claramente compreendida pelo que ela é: uma “falha no projeto” da Criação, que traz consigo o apodrecimento imposto pela entropia, associada a outros aspectos da “incompetência”, pretensamente divina.

Por sobre todo esse contexto, Nietzsche teve também que lutar e superar o fator hereditariedade da fragilidade corporal, como ele mesmo ressaltou.

Em resposta à segunda questão, ele deixou registrado:

“Por que eu sei algo mais? Por que, acima de tudo, eu sou tão

inteligente? Jamais me pus a pensar a respeito de perguntas que não são perguntas. (...) Guardar na honra aquilo que acaba dando errado, tanto mais pelo fato de ter dado errado – isso está bem mais perto de fazer parte da minha moral... “Deus”, “imortalidade da alma”, “salvação”, “além” são conceitos para os quais nunca dediquei atenção, nem mesmo tempo, inclusive quando era criança – talvez eu jamais tenha sido criança o suficiente para tanto... Estou longe de conhecer o ateísmo na condição de resultado, menos ainda como acontecimento: em mim ele é compreensível na qualidade de instinto. Eu sou curioso por demais, questionável por demais, animado por demais para poder aceitar uma resposta esbofeteada. Deus é uma resposta esbofeteada e grosseira, uma indelicadeza contra nós, os pensadores – no fundo apenas uma proibição esbofeteada e grosseira contra nós: vós não deveis pensar!”

Por fim, Nietzsche se pergunta: “por que eu escrevo livros tão bons?”
Diz ele:

“Uma coisa sou eu, outra são meus escritos... Aqui, antes de chegar a falar deles mesmos, quero tocar a questão da compreensão ou da não-compreensão desses escritos. Eu o faço de maneira tão relaxada quanto me parece ser conveniente: pois o tempo para esta questão ainda não chegou. O tempo não chegou nem mesmo para mim; algumas pessoas nascem postumamente... Um dia serão necessárias instituições, nas quais será ensinado e vivido como eu compreendo o ensino e a vida; quem sabe não serão instituídas, também, algumas disciplinas para a interpretação do Zarathustra. Mas seria uma contradição total a mim mesmo esperar ouvidos e mãos para as minhas verdades já hoje em dia: o fato de hoje não me ouvirem, o fato de não saberem o que fazer de mim não é apenas compreensível, ele inclusive me parece ser a coisa mais correta. Eu não quero ser confundido – e disso faz parte o fato de eu não confundir a mim mesmo. (...) Quando certa vez, o doutor Heinrich von Stein se queixou honestamente por não ter entendido uma palavra sequer do meu Zarathustra, eu lhe disse que isso estava em ordem: ter entendido seis frases desse livro – isso quer dizer vivenciá-las – o elevaria a um nível mais alto da escala mortal, mais do que homens modernos jamais poderiam alcançar. Como é que eu poderia – com esse sentimento de distância – tão-só desejar ser lido pelos “modernos” que eu conheço!

(...)

Meus escritos dão trabalho – isso não deverá ser uma objeção a eles, espero?... Para se compreender a linguagem mais concisa jamais falada por um filósofo – e além disso a mais pobre em clichês, a mais viva, a mais artística – é preciso seguir o procedimento oposto ao que normalmente pede a literatura filosófica. Esta tem de ser condensada, caso contrário se estraga o estômago – eu tenho de ser diluído, liquefeito, aguado: caso contrário se estraga o estômago... O ato de silenciar é tão instintivo em mim quanto nos senhores filósofos é instintivo o ato de fofocar. Eu sou breve: meus leitores, eles mesmos, devem se fazer extensos, se tornar volumosos a fim de trazer à tona e juntar tudo aquilo que foi pensado por mim, e pensado até o fundo. Há, por outro lado, pressupostos para se “compreender” o que ali vai escrito, pressupostos à altura dos quais poucos e raros se encontram: é preciso saber colocar um problema em seu justo lugar, isto é, em relação com os problemas a ele atinentes – e para isso é preciso ter ao alcance da mão a topografia dos recantos e áreas complicadas de ciências inteiras, e sobretudo da própria filosofia... Por último, eu falo apenas do vivido, não meramente do “pensado”; a antítese pensar/viver não existe em mim. Minha “teoria” cresce a partir da minha práxis!... Escutemos o que Zaratustra dá a entender a respeito disso, o mesmo Zaratustra que foi probo o bastante para proferir a sentença “bons homens jamais dizem a verdade”:

— A ousadia forçada, a longa desconfiança, o não cruel, o cortar no vivo – quão raras são as vezes em que tudo isso se reúne! Mas é de uma semente dessas que a verdade é criada. Tudo o que para os bons é chamado de mau tem de se reunir a fim de que a verdade possa nascer.”

Não me pretendo escritor, jamais a isso estimei, e me vejo tão somente como um forçado e esforçado “escrevente do absurdo”, produto de circunstâncias de um passado, sem expectativas ou mesmo qualquer tipo de ambição no tempo presente em que escrevo estas linhas. Contudo, sei que o que tenho produzido terá postumamente o seu tempo. Quanto ao mais, tudo é pura indiferença, afinal, a ignorância traz consigo a sua cota de benção!

Jesus dizia do perigo de um ser humano dar testemunho de si mesmo, ainda que suas expressões aretalógicas o contradigam.

Nietzsche, absolutamente despreocupado quanto a esse aspecto, deu todos os testemunhos sobre ele mesmo, afirmando-se como diferente dos demais membros da sua espécie, o que faz dele o revolucionário mais estranho que este

mundo já viu.

Eis onde Nietzsche situou a si mesmo, e penso – e estimo – que, um dia, assim ele seja percebido. Fez por onde merecer e, na ausência de tribunais e de autoridades, ele mesmo se elevou, não aos “Céus”, mas à altura de uma consciência livre, e não sei exatamente quantas, dessa alta categoria, já passaram por este mundo, se é que um dia mais alguém assim, por aqui passou!

É uma revolução e tanto, de um homem só, contra tudo e todos, inclusive, “deus” e os seus autoaclamados representantes.

O Ser Humano Emancipado

Circe é uma personagem da mitologia grega, descrita como sendo uma feiticeira, filha de Hélios e da ninfa Persis, em alguns contos, e de Hélios e Hécate, em outros, que se tornou famosa devido ao episódio em que reteve Ulisses – quando ele tentava retornar da guerra de Tróia, na ilha de Ea – durante cerca de um ano, oportunidade em que transformou os seus companheiros em porcos.

Para Nietzsche, Circe representa a moral praticada pela humanidade, no sentido de que “aprisiona” muitos dentre os humanos e transforma outros em “porcos”.

Somente Nietzsche para conceber analogias tão profundas e criativas!

No caso do cristianismo, ainda que Jesus fosse um ser humano forte, a moral cristã produziu – e continua produzindo – incontáveis gerações de humanos viciados no conforto simplório da crença. Devido a essa moral fraca, tais humanos desistem de realizar projetos em vida, esperando “ganhos no Céu”. Nietzsche combateu duramente essa “moral dos fracos” exatamente porque ela subverte os valores dos fortes devido a uma mera questão de ressentimento aos mesmos, o que fez estacionar a evolução do ser humano ocidental.

Ser condicionado a enxergar ideais inalcançáveis na existência terrestre, para somente vislumbrá-los na vida eterna, foi a melhor maneira de desvalorizar a vida que aqui se leva. Assim, sem analisá-la de modo criterioso, muitos a transformaram, equivocadamente, numa “dádiva de deus” e, outros, num “presente do diabo”, quando tudo indica que é tão somente “produto de um incompreensível acidente”, conforme há muito tempo é afirmado pelas mitologias. Curioso, não?

No seu livro **“A Gaia Ciência”**¹, Nietzsche afirma que a ruptura com a moral cristã é o único modo de haver alguma expectativa para a evolução humana:

“Nós, filósofos e espíritos livres, ante a notícia de que o velho Deus morreu (Nota do autor Jan Val Ellam: Nietzsche aqui se refere à morte do

valor do conceito ancestral do “deus judaico, bíblico e corânico”, sempre tido como sagrado pelas religiões judaica, católica, protestante e islâmica), *nos sentimos como que iluminados por uma nova aurora; (...) enfim o horizonte nos parece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda ousadia de quem busca conhecimento.*”

Disse mais Nietzsche:

“Deus está morto, mas tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada.”

Realmente, as “sombras” do “mito da caverna de Platão” permanecerão pujantes enquanto a ignorância estiver povoando o psiquismo humano.

Nietzsche combatia o idealismo da metafísica platônica e o cristianismo – por ele considerado uma espécie de platonismo para o povo – que, segundo ele, transformaram este mundo em algo ilusório e inferior, em nome da “verdade” de um mundo ideal.

Ele expressou profundas críticas ao tipo de Filosofia que emergiu de Sócrates e de Platão, ainda que, na reflexão acima, ele tenha recorrido à alegoria de Platão. Nessa metáfora – constante do diálogo socrático “*A República*”, de Platão –, Sócrates ensina ao jovem Glauco o que é e como se adquire o verdadeiro conhecimento, estabelecendo uma analogia interessantíssima entre “conhecer” e “ver”.

Na alegoria, Platão descreve uma caverna separada do mundo externo por um muro, e cuja entrada permitia a passagem da luz exterior, proveniente de uma imensa fogueira. O mundo da caverna envolvia sombras, prisão, escuridão e ignorância. Tudo o que se relacionava com seu exterior era associado à luz, simbolizando à sabedoria.

Nesse local, vivia um grupo de pessoas acorrentadas desde o seu nascimento, sem nunca terem visto o mundo exterior, nem a luz do Sol, e sem poderem mover a cabeça para a entrada, forçadas a olharem apenas a parede do fundo.

Aquele espaço era iluminado por uma pequena réstia de luz, fazendo com que as coisas que se passavam no mundo exterior fossem projetadas como sombras, na parede do fundo da caverna.

Os prisioneiros acreditavam que essas sombras representavam o movimento da vida e que os artefatos projetados eram os seres vivos que se moviam e

falavam.

Em certa ocasião, um de seus habitantes se livrou das amarras e saiu da caverna, procurando se acostumar com a luz, após o que pôde ver a beleza e a vastidão do mundo, com suas cores e formas. Ele lastimou a sorte de seus companheiros aprisionados na caverna e tomou a difícil decisão de regressar ao subterrâneo, para convencê-los a se libertarem.

Nenhum dos acorrentados acreditou nele, o que fez com que fosse transformado em objeto de zombaria do grupo.

Sócrates explicou a Glauco que a “caverna” é o mundo perceptível, onde vivemos; as “sombras” são as coisas as quais damos importância e que, muitas vezes, julgamos como verdadeiras; as “amarras” ou “grilhões” são os nossos tabus e preconceitos; o “instrumento” que quebra os “grilhões”, é a reflexão; e o **“prisioneiro” que escapa, é o filósofo.**

No diálogo socrático, o filósofo também diz a Glauco que conhecer a si mesmo é um ato de iluminação e de libertação, que passa sempre pela educação do indivíduo. A educação nos ensina a enxergar e a bem perceber o que vê.

Este é o ser humano emancipado, livre, aquele que pensa, o que não mais se encontra condicionado pelas “sombras da caverna”, pelo mito da crença em um “deus estranho e treloucado”, a quem todos devem temer sob pena de serem castigados. É escravidão pura!

Segundo Nietzsche, parece que nada se modifica, ainda que tudo aparentemente se transforme. E para quê, se tudo parece sempre voltar?

Essa percepção de Nietzsche sobre o aspecto de que as coisas retornam eternamente, requer que se tenha como premissa o aspecto de que, a quantidade de forças em ação sobre a vida humana é finita, enquanto o “movimento da vida”, é infinito, o que faz com que o binômio “criação e destruição” ocorra de modo incessante.

Daqui surge outra noção de Nietzsche: a de que é necessário um novo tipo de ser humano, ou seja, o “super-homem” ou “o além-homem” – *Übermensch*, em alemão, descrito no livro **“Assim Falou Zaratustra”** –, capacitado a viver com suas limitações e superações.

Nietzsche acreditava que, para se chegar à condição de “super-homem”, era necessário ter “amor pelo destino”, o constante amor e aceitação de sua própria condição. Em outras palavras, seria preciso ter a profunda aceitação dos fatos, o amor à sua situação, o amor a si próprio e ao mundo como ele é, e não como gostaríamos que ele fosse, ou seja, a aceitação da vida como ela realmente se manifesta.

O “super-homem” não negava o mundo em fugas metafísicas, simplesmente reconhecia a lei natural e não tentava se apegar a uma ilusão.

Assim, a “afirmação da vida” sempre foi o grande objetivo de Nietzsche. Em **“Assim falou Zaratustra”**, o personagem principal proclama: *“Eis o segredo que a vida nos confiou: “vê”, disse ela, “eu sou o que se deve superar a si mesmo indefinidamente”*. Esse era o seu modelo para o novo ser humano.

De acordo com Nietzsche, a já referida “transvaloração” seria também uma espécie de depuração ou, em outras instâncias, de resgate de princípios éticos e morais verdadeiros – e não os impostos pelos “ídolos”, que estupidificaram a humanidade.

Como pensador, ele estudou profundamente o surgimento dos valores e, em particular, os princípios morais. Ele constatou que os mesmos não existiram desde sempre, mas foram criados a partir de avaliações. Assim, avaliações diversas geram valores diferentes. Defendeu, inclusive, que as suas próprias avaliações necessitavam de uma reavaliação. Ele foi único nessa aferição, do modo que a fez e a abordou.

Voltando ao mito da “caverna de Platão”, o cristianismo, para o filósofo, **era uma religião de escravos, em que a pobreza, a humildade e a covardia eram santificadas**. Ele julgava que, com a evolução dessa religião, a sociedade entrou em declínio. Desse modo, sua grande esperança, para evitar a completa decadência da cultura ocidental, era a chegada do “super-homem”, um “novo messias” a quem caberia a tarefa de enquadrar e orientar o povo, transmutando seus valores.

Nietzsche se dizia um psicólogo da cultura – e era mesmo. Ele soube, como ninguém, diagnosticar a maior de todas as doenças, “o homem doente de si mesmo”, consequência dos valores niilistas, que engendraram nossa civilização ocidental, que nega a vida e busca sempre substituí-la por um mundo idealizado e demasiadamente humano.

A única mudança capaz de desfazer esse estado de coisas é uma ressignificação de valores, a já ressaltada “transvaloração”.

Esse “novo humano”, e Nietzsche não tinha como sabê-lo – conforme apontam as evidências algo obscuras da gênese das mitologias celta e nórdica, como também as de ordem espiritual, no campo da revelação, com as quais o espírito que me anima se encontra vinculado –, foi sonhado lá atrás, ao tempo da primeira tribo de *Homo sapiens*, há muito racionalizada. Ou seja, esses primeiros humanos racionais, os **milesianos**, que viviam no **país basco** e, posteriormente, subiram para a Irlanda, travaram contato com **seres hiperbóreos**, não humanos, os quais introduziram, na então nascente cultura humana, o que hoje chamamos de **“druidismo ancestral”** – o que poderíamos ou mesmo deveríamos também chamar de **“xamanismo ancestral”**, ainda que de um outro viés do que atualmente se entende como tal.

Desse encontro, surgiu o agora desconhecido “**Colégio Druida**”, que buscava exatamente fomentar as bases educativas para que surgisse um ser humano profundo, crítico, equilibrado, amoroso, tolerante e, acima de tudo, honesto com seus princípios e propósitos, e liberto do controle dos “deuses”. Somente assim, ele poderia despertar e desenvolver os seus potenciais que eram e são tão caros para a resolução dos problemas pendentes da Criação.

Pitágoras², milênios mais tarde, iniciado nos temas preciosos daqueles dias, sabia que a espécie humana não era somente mais uma a surgir no palco da vida universal. Por isso afirmava, costumeiramente, que “*cabe aos humanos, cuja raça é divina, discernir o erro e perceber a verdade*”.

De modo estranho, Pitágoras parecia saber de algo sobre os humanos, e que nenhum outro, além dele, tinha a mais remota noção. Parece que o “espírito do seu tempo” (*zeitgeist*) não permitia que se fosse mais além com aquela questão, o que fez com que ele iniciasse poucos humanos naquele tipo de reflexão sobre a visão de realidade e da função do ser humano no concerto da vida.

A época em que se vive, ou seja, o *zeitgeist* de cada momento cósmico, é o fator mais determinante sobre o que um ser racional poderá fazer em torno do uso do seu conhecimento.

Se Jesus e Nietzsche soubessem, nas épocas em que viveram, o que os paleontólogos já sabem na atualidade, seguramente outra seria a visão sobre o princípio das coisas, sobre o conceito de “deus” e/ou de Criador que pudessem ter.

Observe só o(a) leitor(a) atento(a)!

A paleontóloga e geóloga Rachel Wood³, da Universidade de Edimburgo, estudando o limite geológico de 541 milhões de anos, situado entre os períodos Pré-Cambriano e Cambriano, no qual se percebe que as rochas abaixo dessa linha divisória contêm esparsos resquícios fósseis, e um pouco mais acima começam a aparecer criaturas fósseis, tais como os trilobitas – sendo exatamente essa abundância de fósseis pluricelulares chamada de “explosão de vida complexa ocorrida no Cambriano”.

Os cientistas prudentes costumam se referir a esse panorama fóssil como um dos mais significativos eventos em toda a evolução da vida, ainda que muito mal compreendido. Por quê?

Abaixo da tal linha do tempo geológico, somente existem fósseis de seres unicelulares que, por cerca de 3 bilhões de anos, dominaram o ambiente planetário. Repentinamente, surge vida complexa, pluricelular – a referida “explosão cambriana” – nos mares do planeta, e ainda que não se encontre um fóssil de transição que explique como os seres unicelulares evoluíram para a

complexíssima condição de pluricelulares, outros cientistas destroem qualquer possibilidade de que estes possam ter vindo de fora do planeta, e preferem até afirmar que “a transição já está explicada”, ainda que nada possa ser provado. Contudo, eles querem assim, e pronto!

Infelizmente, a Ciência tem também os seus dogmas, ainda que os cientistas critiquem os de ordem religiosa!

Reproduzo abaixo uma interessante reflexão da já citada paleontóloga Rachel Wood sobre, conforme penso, o mais intrigante dos aspectos que envolvem o surgimento da vida pluricelular no nosso planeta:

“Avance o tempo para cerca de 550 milhões de anos atrás, e os mais antigos fósseis que preservam esqueletos externos e internos aparecem subitamente em rochas calcárias (que consistem principalmente em carbonato de cálcio). Esses fósseis já são bastante diversos em tamanho e forma, e aparecem em lugares tão distantes quanto a Sibéria, o Brasil e a Namíbia. A presença de esqueletos em tantos grupos animais não aparentados ao redor do mundo é testemunha da atuação de uma grande força evolutiva impulsionadora em uma escala global. Não sabemos ao certo o que era essa força. Mas temos uma ideia. Formar um esqueleto consome energia. Portanto, para que um animal venha a empreender tal esforço, o benefício precisa necessariamente compensar o custo.

Há várias razões para produzir um esqueleto, mas de longe a mais comum é a necessidade de proteção contra predadores. Embora não haja evidências fósseis de predadores desse período de tempo, faz sentido supor que o aparecimento de esqueletos poderia refletir a primeira ocorrência amplamente difundida de animais que comiam outros animais.”

Deveria ser ao menos considerado estranho, que toda uma movimentação coletiva de organismos tenha ocorrido no sentido de produzir mutações nos genomas das suas espécies, para a construção de esqueletos cuja justificativa real foi muito bem delineada e ressaltada pela cientista, que era a questão da proteção contra predadores. Qual o problema? **Não havia predador no planeta naquela altura dos fatos, pois caso contrário, haveria de também existir fósseis do mesmo.**

Qual a pergunta que a Ciência não faz, quando deveria fazer todas as possíveis sobre essa questão?

Como se pode, pelo método científico, afirmar que a delicada e complexa

transição de seres unicelulares para pluricelulares tenha se dado à medida que os esqueletos já eram providenciados pela “lógica evolutiva” devido à questão dos predadores, quando não há evidência da existência destes nessa época, na Terra? Existiriam em que lugar? Onde estão as evidências? Somente teriam surgido depois, na natureza terrestre? Isso tem sentido científico?

Ah, a natureza terrestre, estranha e enigmática como ela é, primeiro teria edificado presas com esqueletos, para fugirem e se protegerem de predadores que ainda surgiriam. Seria essa a resposta, ou será que predadores ancestrais já existiam em outros lugares do universo e que, mais tarde, seriam trazidos para a Terra, ainda que, conforme apontam os fósseis, as presas foram trazidas antes? E quem trouxe? Por quê? Que “deus”, ou Criador, ou ainda Engenheiro Sideral “psicopata e perverso” teria engendrado tamanho “jogo de malvadezas”?

Se Jesus e Nietzsche, o repito, tivessem sabido disso, que ideia eles poderiam ter sobre a possível resposta a esse fato incontestável?

Os livros que procuro produzir abordam exatamente essas estranhezas, cujas cores se encontravam ocultas e agora estão sendo resgatadas para diminuir o choque de realidade que o infantilismo humano terá dentro em breve. Afinal, **o Criador “caído” se reconstruiu como predador, lá atrás, no tempo imemorial da sua Criação**, e é por isso que nós, os humanos ditos racionais, também nos alimentamos de cadáveres com todas as doses de requinte e de *glamour*, e passamos a tomar como normal o que era tão somente comum, apesar de absurdo, porque assim determina o código genético deste Ser, que foi repassado e se encontra presente nos corpos das suas criaturas-ferramentas.

A Ciência tem lá os seus problemas, mas sem ela estaremos falidos em termos de possibilidade de futuro.

Desculpem-me Einstein, Dostoiévski e outros geniais pensadores que sempre partiram da premissa de que um mundo sem “deus” está deterministicamente desgraçado. Pode até ser! Todavia, penso que tal é possível! Entendo mesmo que o mundo, com a atual condição de conceituação que fazemos de “deus”, este sim, não vai a lugar algum, como não foi até agora. Não foi “deus” que trouxe a compilação do esforço humano até aqui. Se o foi, ele fez isso estranhamente, pois nos usa como “atores e atrizes mambembes” de uma “desgraçada diversão, como uma novela cósmica para deleite de psicopatas”.

Nossa história não tem nada de decente!

Fomos nós, os ditos seres humanos, os “degredados filhos de Eva” que, apesar de alguns dos nossos pares – como, por exemplo, Hitler, Mao Tse Tung, Stalin e outros psicopatas disfarçados de estadistas –, conseguimos, heroicamente, trazer a “chama do fenômeno da vida racional e emotiva” até este ponto.

Repito: penso que poderá sim, existir uma futura humanidade sem a crença em entidades absurdas que, de Deus nada demonstram ter. Entretanto, sem o avanço promovido pela Ciência e pela Filosofia, entendo que não tem mesmo como existir futuro! **Sem falsos conceitos de “deus” e sem estarmos submetidos à escravidão de crenças anacrônicas, óbvio que podemos viver – e penso que muito bem! Sem as investigações e os avanços científicos e sem os princípios e propósitos filosóficos, é que não tem como!**

Foi por isso que nos seus já referidos livros *“A Gaia Ciência”* e *“Assim falou Zaratustra”* – nos quais se tocou, pela primeira vez, no circuito da cultura humana, sobre a “morte de deus” –, Nietzsche convidou o ser humano a abandonar a metafísica barata, que havia transformado este Ser em um “Alguém-ídolo”, inclassificável pelas racionalidade e sensibilidade humanas. Fez mais: convocou cada “filho da Terra” a se tornar o seu próprio “deus”, por meio da elaboração pessoal de um código de conduta individualizado, de acordo com os valores, princípios e propósitos da sua moral. Desse modo, cada ser humano poderia aproveitar e levar a vida em sua plenitude!

Muitos, porém, pela limitação da crença em “deus”, sentem arrepios ao vislumbrar um mundo sem que essa crença exista, como se nela residisse o “passaporte da segurança”, o “selo da garantia” de que jamais nos autodestruiríamos. Será?

Ainda que um dia este mundo viesse a ser destruído por bombas nucleares, de nêutrons, ou sei lá pelo quê, quem apertaria o “botão da destruição” seria sempre um ser humano “amalucado” por alguma “religião” especializada em matar!

20ª Constatação:

Em nenhuma hipótese, seres racionalizados e detentores de um mínimo de sabedoria deveriam considerar como religião um sistema de crenças que, sob qualquer justificativa, mate ou mande matar um ser humano.

Somente seres filosoficamente abobalhados e/ou psiquicamente afetados, por suporem ter recebido ou estarem recebendo ordem de “deus” para tanto, a tal se permitem fazer. Grande “deus” é esse: por que ele mesmo não mata?

“Religião” que mata não é, nem nunca foi religião!

Quando Nietzsche colocou à prova os juízos de valores inerentes aos conceitos de “bem” e de “mal”, colecionados pelos humanos, talvez ele estivesse querendo chamar a atenção crítica das pessoas para o mais estranho dos vínculos: o que existia entre o absurdo conceito de “deus”, construído pela

humanidade, e o “mal”! Estou extrapolando em ressaltar essa possibilidade? Bem, se ele não o intentou então fazer, agora o fiz eu, um “simples arremedo de buscador”, porém livre!

Religião, necessariamente, tem que ser compassiva, pacífica, suave, esclarecedora, estimuladora e harmônica para com a beleza da vida e os seus “agentes”!

Se “deus” existe – e penso que ele existe, mas só que de um modo absolutamente diferente de todos os conceitos veiculados até o momento sobre ele na condicionada cultura humana –, ele deve rezar bastante, óbvio que em intenção dele mesmo, para que se pare de fazer o mau uso do seu nome. Será que isso tem sentido? Será que tudo o que se tem a fazer é rezar? Ou será que não seria tão óbvio assim, e ele estaria a rezar, não para ele, mas para que os “agentes da vida” se deixassem envolver por suas vibrações e parassem com as esquisitices no campo da violência e também no uso criminoso que se faz do seu nome?

Em ele sendo “deus”, talvez seja mesmo ridículo supor que estaria a rezar, seja para quem fosse, porque ele deveria, mesmo, é agir para que a existência fosse vivenciada de uma maneira mais digna. Agir como? Interferindo no livre-arbítrio dos seres ou obrigando todo mundo a ser maravilhoso e perfeito, como parece que era “num princípio atemporal”, e que os humanos desconhecem?

Neste ponto, o processo de análise e o possível entendimento sobre a questão se complicam, pois nestes cerca de 17 milhões e 520 mil dias, desde que o gene responsável pela racionalidade – o FOXP2 – apareceu no genoma humano, por volta de 48 mil anos atrás, nenhum historiador mitológico ou religioso jamais descreveu esse “deus” agindo. Há registros somente da atuação, em seu nome, de entidades que escolhiam um determinado povo, que era então obrigado a criar uma dada religião para louvá-lo, além de mandar que os “escolhidos do momento” matassem outros povos. De maneira estranha, tempos depois, esse mesmo Ser, como que se arrependendo da “escolha” que já havia feito, optava agora por outro povo, descartando os anteriormente “escolhidos”, e transformava em assassinos os últimos eleitos, pois a eles caberia a obrigação de matarem os “inimigos do momento”. Às vezes, quem eram esses “inimigos do momento”? Os “escolhidos” anteriormente! **Este Ser é “deus”? Para judeus, católicos, protestantes, bramânicos/hinduístas e islâmicos, dentre outros, sim, este é o “deus” a quem veneram!**

Se for, não resta muita coisa a fazer, a não ser rezar mesmo, só que não sei muito bem para quem! Se não for, o problema continua, como de fato ocorre nas nossas vidas, quando o psiquismo humano se encontra povoado pelas “sombras” mais esquisitas que nele couber, porque se o “deus” desta humanidade já é

“assombroso”, imaginemos como não o serão aqueles que se encontram abaixo dele, na sua “hierarquia divina”, e que também se pretendem “deuses”!

Nietzsche, pelo menos, achou isso estranho. Jesus, a princípio não, porque essa era a tônica psíquica dos seus contemporâneos, e ele, cuja mentalidade se encontrava “enjaulada” desde o nascimento, na crença deste Ser como “deus-Criador universal” até praticamente o fim da sua vida, contribuiu com o mal-entendido sobre os conceitos estranhos que colecionamos sobre “deus”.

Considerando que Deus exista – e existe –, acho que ele deve ser o primeiro a desejar que as condições desta Criação se modifiquem e, notadamente as da Terra, onde o seu prestígio parece ser nenhum, pois “Entidades estranhas” sequestraram esse epíteto em benefício pessoal, e se esforçaram bastante para que, jamais, os terráqueos – e elas próprias – pudessem descortinar quão equivocados sempre estiveram no mau uso que fizeram desse conceito.

O ser humano, “infectado” pela crença fácil e pelo vício de receber graças e dádivas, dificilmente entenderá o que neste livro procurei refletir.

Aqueles, porém, já livres dessas “infecções” provocadas pela atuação dos já referidos “Logos Criadores”, ou em vias de emancipação, compreenderão a importância do “super-humano de Nietzsche”, exatamente um alguém livre desses “grilhões” que somente apequenam os que vivem na Terra.

Afinal, Conflito ou Parceria Filosófica?

Após analisar todos os traços psíquicos que pude coletar de Jesus e de Nietzsche, esses dois protagonistas da “novela da vida”, o ponto que mais os une ou que melhor os identifica em questão de semelhança, a princípio, pode parecer difícil de ser percebido e mesmo valorizado: nenhum dos dois jamais se permitiu descaracterizar a si mesmos em relação ao que, certa ou erradamente, pensaram que estavam fazendo.

Essa constatação me foi bastante difícil de compreender nos meus primeiros movimentos de consciência.

Jesus, em momento algum, retirou dos seus ombros o “mandato de Messias” que foi imposto à sua condição humana, ainda que ele jamais o tenha entendido, a não ser quando se viu livre, espiritualmente falando. Mesmo assim, ele demorou bastante para ter uma visão global sobre as, por enquanto, “incompreensíveis apostas entre Vishnu e Brahma”, que obrigaram a que uma extensão do código-fonte de vida do primeiro (proveniente de Sophia, avatar extraterrestre de Vishnu) viesse a ser inseminada numa humana (Maria), de modo a ser gerado mais um *avatar* ou semideus (com genética parte humana e parte extraterrena). O “homem Jesus” que disso resultou, sofreu as consequências por não ter cumprido os termos da aposta, e foi humilhado, torturado e penou horrores ao ver seus afetos humanos, inocentes como eram, envolvidos e se afligindo por motivos que desconheciam.

Nietzsche também jamais se descaracterizou, por mais deplorável que ele se achasse em vários momentos, na sua busca de construir em si um novo tipo de ser humano, diferente de todos os que ele pôde observar, inclusive ele mesmo na sua primeira “versão decadente”, que teve que superar.

Sim, Nietzsche, mesmo sem ser psicólogo, falava de uma segunda versão do seu modo de ser, em moldes tão singulares que o seu modelo jamais foi entendido a contento por quem quer que seja: psicólogos, psiquiatras, filósofos, historiadores e biógrafos.

21ª Constatação:

Para Nietzsche, a vida serviria pelo menos para o ser humano gerar artisticamente uma nova e mais avançada versão de si mesmo.

Esse tipo de percepção sobre a vida se choca frontalmente com o niilismo advindo do cristianismo.

No que se refere à valorização da vida, disse Nietzsche no seu livro **“Crepúsculo dos Ídolos”**.

“Apenas nos mistérios de Dionísio, por meio da psicologia do estado dionisíaco, se expressa o fato fundamental do instinto helênico – sua “vontade de vida”.

A psicologia do orgiástico como um sentimento superabundante de vida e de força, no qual até a dor guarda um efeito estimulante, forneceu-me a chave para o conceito do sentimento trágico...

Dizer “sim” à vida, mesmo em seus momentos mais estranhos e dolorosos, a vontade da vida rejubilando-se em sua inesgotável vitalidade, mesmo quando testemunha o sacrifício de seus maiores heróis – isto é o que eu chamo de dionisíaco, isso é o que compreendi ser a ligação para a psicologia do poeta trágico. Não para se livrar do medo e da compaixão... mas para celebrar a eterna alegria do devir, acima de todo temor e da compaixão – a trágica alegria que inclui até a alegria na destruição.”

Assim, o grande objetivo de Nietzsche sempre foi o de encontrar uma nova fundamentação, a afirmação da vida, e não negar a ética, como muitos do seu tempo pensavam.

O que mantinha a vida fluindo em torno dos seus eternos e sempre renovados ciclos, na visão de Nietzsche, era uma das mais perturbadoras faces da “vontade de potência”, ou seja, um “impulso vital obscuro” que fazia tudo bem ou mal funcionar, uma espécie de força criadora e destruidora, sempre com vistas a um eterno devir. Contudo, para ele, **esse “eterno devir” não implica numa finalidade mística ou de qualquer ordem, mas tão somente num contínuo desafio ofertado pela vida.**

Para Nietzsche, há forças finitas e diversas disponíveis na natureza humana, e que a envolvem. Como a vida é um incessante movimento que obriga a que essas forças sejam expressas por meio do psiquismo, isso faz com que suas perspectivas sejam múltiplas e infinitas. É nesse ponto que ele lamenta a

mutilação que a moral religiosa provocou ao transformar o ser humano num “pecador”, que deveria ser corrigido e controlado pela Igreja.

Assim, torna-se compreensível que as pessoas somente percebam os efeitos que cada “vontade de potência particularizada” chegue a produzir, pois que, segundo Nietzsche deixa a entender, tudo o que existe são esses processos, que tomamos por pessoas, e que constituem e se desconstituem, que nascem e morrem. Além disso, nada mais há que crie inteligentemente os eventos da vida.

Eis mais uma percepção única de Nietzsche: cada ser humano faz de si e da vida o que o mesmo puder fazer. No caso, os que não conseguem dar conta da sua cota, os covardes e fracos, transferem a tarefa para outros agentes performáticos da vida, normalmente os manipuladores especializados no trato de pessoas desavisadas.

Sobre esse aspecto, e repetindo o que foi exposto no quinto capítulo, Nietzsche ousou colocar à prova a tradição dos valores cristãos, exatamente aqueles que regem a caminhada do “rebanho humano” ocidental rumo a lugar nenhum – caso não deixem a condição de “arrebanhados”, não se modificando para se tornarem os “agentes da vida” que o universo necessita!

O ato de transferir responsabilidades que lhe são próprias para “deus”, Jesus, Buda ou Maomé, faz com que o ser humano se esqueça de que ele é o “agente das transformações” no processo que nos acostumamos a chamar de “vida”.

No princípio, fiquei meio que pasmo, mas depois passei a me sentir extasiado ao perceber em Nietzsche um agente, uma espécie de “amigo da intenção de Jesus”, quando colocou em dúvida, sem se preocupar em corrigir, um pouco do que foi equivocadamente distorcido do legado do Messias, ainda que entronizado como “verdade eterna”.

Foi quando – além do aspecto de que os dois jamais se descaracterizaram –, pude constatar que, entre Jesus e Nietzsche, parecia existir a mais estranha das parcerias, por mim percebida nas entrelinhas dos fatos, ainda que a mesma possa parecer curiosa por força do corajoso antagonismo que o filósofo assumiu frente aos equívocos dos “donos do legado” do Messias.

Voltaire já havia praticado esse antagonismo lá atrás, mas não havia posto em dúvida os valores da tradição cristã, apesar de ter combatido duramente o clericalismo e a intolerância. Entretanto, foram poucos os que ousaram encarar a Igreja, com proposições críticas contundentes e inabaláveis, como esses dois Filósofos – com “F” maiúsculo – fizeram.

Quando ressalto uma possível parceria entre Jesus e Nietzsche, ao que me refiro?

A “igreja que decide, que mata e que santifica prosélitos”, em termos de história judaica, corresponderia ao Sinédrio que, na verdade, para os judeus, era

muito mais que somente um “lugar religioso” pois, como o caso do Vaticano, era também o “palácio de governo”, onde se decidia tudo na teocracia que sempre caracterizou o judaísmo.

Jesus confrontou aberta e destemidamente o poder do Sinédrio, do mesmo modo que Nietzsche o fez em relação à Igreja Católica e demais credos paralelos.

No tempo em que Jesus viveu, a sociedade judaica era composta por judeus de diferentes segmentos e seitas, advindos do perene estado de desagregação imposto ao povo hebreu pelos impérios que foram se sucedendo ao longo da História do Oriente Médio e da Eurásia.

Para que se possa compreender, com algum grau de profundidade, o significado da postura de Jesus, faz-se necessário conhecer as principais seitas e segmentos dos judeus naquela época.

Judeu de “sangue puro” somente eram tidos os oriundos da Judeia, cuja capital era Jerusalém, considerado o “lar sagrado” do “povo eleito” – em detrimento das tribos árabes que ali já viviam bem antes de Javé resolver “dar aquela terra” para o seu, então, “povo escolhido” –, onde foi construído o Templo de Salomão, dentre outros aspectos históricos. Associado a esse templo estava o Grande Sinédrio, que congregava as principais autoridades judaicas, órgão que, ao tempo de Jesus, era dominado por Anás e Caifás, que manipulavam os **fariseus** e os **saduceus**, em cujas funções de doutores da lei, de escribas e algumas outras, comandavam a vida daquele povo, então dominado pelo Império Romano.

Havia os **samaritanos**, oriundos da região da Samaria – um antigo reino local – que preservaram o culto antigo e um templo próprio, no monte Gerizim, sendo considerados hereges pelos compatriotas hebreus. Eles acreditavam ser descendentes das dez tribos perdidas de Israel, e que surgiram como reino separado, produto do cisma político-religioso ocorrido em 931 a.C., quando Roboão, filho de Salomão, herdou o reinado e as 12 tribos se dividiram nos reinos de Israel e de Judá. Afirmavam que sempre formaram uma seita separada, desde a saída do cativeiro da Babilônia, e só aceitavam, dentre as escrituras judaicas, os cinco livros da “*Torah*” – que correspondem, atualmente, aos primeiros cinco livros do “*Antigo Testamento*”.

Ao norte da Samaria, existia a **região da Galileia, onde residiam os descendentes dos gauleses – antigos habitantes da Gália francesa, que por sua vez foram remanescentes dos celtas**. Conforme apontam os fatos históricos, foi exatamente entre as dez tribos perdidas do norte da Judeia, que os gauleses, enquanto fugiam dos constantes conflitos com o Império Romano, terminaram por se agrupar, fundando ali uma comunidade chamada de **Galileia**

(**Pequena Gália**), instituindo núcleos rurais e de pescadores, tornando-se, assim, os **galileus**, fornecedores de produtos às classes abastadas. A família de **Maria, mãe de Jesus, era desse ramo de descendência** e foi nesse contexto sócio-político-econômico que ele nasceu.

Os **essênios** – que existiram entre os anos 150 a.C. e 70 d.C., tornaram-se mais bem conhecidos por meio dos pergaminhos denominados “Preceito da Comunidade”, “Preceito de Damasco”, “Preceito da Guerra” e “Preceito do Messianismo”, descobertos em cavernas de Wadi Qumran, junto ao Mar Morto, no ano de 1947 –, pregavam o batismo, o jejum, o celibato, e conclamavam seus seguidores a repartir os bens materiais. Tinham o dom da cura e conheciam propriedades medicinais de centenas de plantas orientais.

A história dos essênios começou, portanto, em uma época bem anterior à de Jesus, em que os **Hassidim**, que eram mais uma outra seita dos judeus, protestavam contra a impiedade que, então, era cometida, e foram duramente perseguidos, além de obrigados a abandonarem as aldeias e se refugiarem no deserto, em Qumran – região localizada entre a cidade de Jerusalém e o Mar Morto. Foram eles os antepassados dos essênios.

Os essênios defendiam a tese de que somente aos justos as graças divinas seriam dadas, como se esperassem o “Céu” somente para eles. Formavam uma seita judaica radical, que se considerava **a única herdeira da religião de Moisés. Como as outras seitas, os essênios se achavam os únicos filhos de Israel, os legítimos herdeiros das tradições autênticas de Moisés**, e rejeitavam a aristocracia sacerdotal do Templo de Jerusalém e do Sinédrio, tanto que seus sacerdotes se intitulavam “filhos de Zadoque” (ou Sadoc), o sumo sacerdote do rei Davi, de quem se achavam descendentes diretos.

Dentre os judeus de sangue nobre, estavam os **saduceus**, que eram conservadores – do ponto de vista político –, costumavam ser pacifistas e representavam a classe social dominante, rica, mentalmente evoluída e razoavelmente ajustada ao desenvolvimento helênico. Diziam-se também descendentes do sacerdote de Davi, Zadoque, rejeitavam a ressurreição e a vida futura, os anjos e o culto com ritual muito rigoroso. O conceito de “deus”, que vigorava entre eles, era mais filosófico ou metafísico. Enfim, como sacerdotes, dominavam o Templo de Jerusalém e formavam uma elite de caráter social-político no Sinédrio.

Já os **fariseus** eram nacionalistas e reformistas moderados, e se opunham ao espírito heleno-romano dos saduceus, buscando manter a identidade do judaísmo na fidelidade à lei e aos profetas. Por isso eram rígidos observadores das prescrições legais – por exemplo, o jejum e a observação do sábado como dia “sagrado”. No Sinédrio, eram normalmente encarregados das funções de

escribas e de rabinos (doutores da lei), com suas influências se estendendo às sinagogas, espalhadas mundo afora, devido à primeira diáspora até então ocorrida ao tempo do cativeiro da Babilônia. Um de seus expoentes foi **Saulo de Tarso**, mais tarde convertido ao cristianismo, como já referido.

Entre os segmentos mais radicais, no sentido político, existiam ainda os **zelotes** e os **sicários**. Os **zelotes** foram se constituindo a partir dos fariseus e eram ativistas, subversivos e guerrilheiros, que não obedeciam a um comando central. Eram fortemente ligados à ideia da crença e da força messiânica, aspecto que muito entristeceu vários seguidores, familiares e amigos de Jesus, por pertencerem a esse grupo, e que esperavam dele a postura de um “Messias Todo Poderoso”.

Os **sicários** – homens do punhal, em grego –, porém, compunham uma facção ainda mais extremista, e terminaram dando os primeiros passos para uma luta aberta contra os romanos, no ano 66 da era cristã, o que provocou, quatro anos mais tarde, mais uma diáspora do povo judeu quando da invasão de Jerusalém pelo general romano Tito.

Havia ainda os **nazaritos** ou **nazários**, que observavam uma moral tão rígida quanto a dos essênios. O nome de “Jesus Nazareno”, que aparece às vezes, refere-se exatamente a essa seita a qual José, o pai de Jesus, pertencia.

Tempos depois da morte de Jesus, surgiria ainda o segmento dos **cristãos** que, no princípio, era uma seita considerada similar à dos essênios, constituída pela população urbana, ou seja, a dos **nazarenos**, que, mais tarde, em Antioquia, passaram a ser denominados cristãos.

Na época de Jesus, portanto, o Grande Sinédrio era composto por 71 membros e mais o Sumo Sacerdote, normalmente um saduceu, que eram obrigados a observar os termos do antigo compêndio de leis, como a que, por exemplo, se pode observar no “*Deuteronômio*” (13, 7-11):

“Somos instados a apedrejar nossos familiares que tenham se afastado de Javé.”

Diante de leis como essa, nas vezes em que lhe foi possível, Jesus procurou chamar a atenção dos seus contemporâneos para o fato de que os problemas da vida poderiam ser resolvidos de outro modo.

Quando era acusado de blasfemo ou descumpridor das leis de Javé, Jesus dizia:

“Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas. Não vim para os abolir, mas sim para levá-los à perfeição. Pois, em verdade vos digo, passará o céu e a terra, antes que desapareça um “jota”, um traço da lei... Digo-vos, porém, se vossa justiça não for maior que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus” (Mt 5, 17-20).

“Ou dizeis que a árvore é boa e seu fruto, bom, ou dizeis que é má e seu fruto, mau; porque é pelo fruto que se conhece a árvore. Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas? Porque a boca fala do que lhe transborda do coração” (Mt 12, 33-34).

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Vós fechais aos homens o reino dos céus: vós mesmos não entraís nem deixais que entrem os que querem entrar” (Mt 23, 13).

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Sois semelhantes aos sepulcros caiados: por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos, de cadáveres e de toda espécie de podridão. Assim também vós, por fora pareceis justos aos olhos dos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidades” (Mt 23, 27-28).

Jesus confrontou abertamente as autoridades constituídas do seu tempo, mas sem usar as suas supercapacidades mentais para conquistar o que fosse. Nem muito menos, delas se aproveitou para se livrar de ter que sofrer as consequências pela ousadia inusitada.

Deixou-se conduzir para a cruz feito um cordeiro, sem opor qualquer resistência, quando, pelo que julgo estar informado, uma simples atitude mental da parte dele e toda aquela triste história teria se dado de outra maneira.

Referindo-se ao cristianismo, Nietzsche afirmou que o único cristão do qual ele tinha notícia, havia morrido na cruz. Surge, aqui, outra parceria de atitudes incontestes, que é de que **ele enxergava em Jesus um ser único, como também ele se considerava, sendo ambos de caráter dionisíaco, estranhos ao “rebanho” e, por isso, normalmente, não sendo jamais aceitos de bom grado.**

Jesus conseguiu desagradar a todos os segmentos do povo judaico, aspecto que Nietzsche também se resignava a aceitar como sendo o seu aparente fracasso, ou seja, de não se ver reconhecido no seu tempo, também contrariando a todos. Entretanto, como já visto, Nietzsche transformou o seu anonimato e desprestígio literário em vitória, pelo fato dele não se mediocritar na mesma cota que parametrizava os alemães e demais europeus do século XIX.

O que pouco se percebe é que tanto Jesus quanto Nietzsche se atreveram a propor novos valores e atitudes ousadas, em confronto com os vícios mentais antigos de judeus e de alemães, respectivamente.

Neste ponto da abordagem, porém, preciso ressaltar um outro aspecto: enquanto Jesus defendia a submissão dos judeus às escrituras e ao modo de vida prescrito por Javé, Nietzsche introduzia na cultura ocidental que o ser humano tinha que ter poder sobre a própria vida, o que é uma afronta aos preceitos judaicos e demais culturas impositivas.

O horizonte psíquico de Jesus era o de não propor nada de novo em termos de vida liberta, pois pressupôs sempre a atitude compassiva, até o limite da possibilidade de obedecer Javé no que fosse suportável e possível à sensibilidade humana, e mesmo o de se sujeitar ou não a Javé. Assim, ele propôs a submissão amorosa – talvez tenha sido esse o aspecto incomum do seu legado – e não a de velha subjugação medíocre a Javé, que vinha sendo posta em prática desde o início da “velha aliança”, firmada com os patriarcas hebreus, ainda que no final dos seus dias, o Messias tenha optado por não se subordinar, preferindo sofrer as consequências pela sua desobediência.

Por outro lado, Nietzsche, em idade ainda juvenil, escreve nove esboços autobiográficos que, conforme registra Rudiger Safranski na sua já citada obra *“Nietzsche – Biografia de uma Tragédia”*, quase sempre resultam em um “romance de formação” – *“Bildungsroman”*, em alemão, obra que detalha o desenvolvimento de um personagem ao longo do tempo – segundo o modelo: *“Como me tornei o que sou”*. Mais tarde, ele vai alternar do gênero épico para outro, antes dramático, e ligar o escrever sobre a própria existência com a postura da proclamação, porque, entretanto, sua vida lhe parece um modelo. No começo, ele escreve sobre sua vida, depois com o corpo e a vida, e finalmente por causa dela.

Ele não era simplesmente uma continuação do adolescente, do jovem que havia sido, mas sim, **o homem que o seu “eu” decidiu produzir**.

Continua Safranski:

“Pelo menos Friedrich Nietzsche se sente suficientemente dividido para uma relação altamente sutil consigo mesmo, que, como anuncia mais tarde, ele aproveitará para a autoformação. “Mas nós queremos ser os autores de nossa própria vida”. A evolução de Nietzsche mostrará que o autor de sua vida quer exigir direitos de autoria de sua obra. Os traços característicos de sua natureza devem ser obra sua, ele quer agradecer a si próprio o quem é e o que fez de si. Quer formular da seguinte maneira o seu imperativo de autoformação: “Deves tornar-te senhor de ti mesmo, senhor também de tuas virtudes. Antes elas eram teus senhores; mas devem ser apenas teus instrumentos junto com outros instrumentos. Deves adquirir poder sobre o teu pró e o teu contra, a aprender a desatá-los e a ligá-los de novo, segundo teu objetivo mais alto. Deverias aprender a compreender o perspectivismo em cada apreciação”. Nietzsche não aceitará a inocência do devir, nem o amor fati, amor ao próprio destino, torna o homem autor de sua vida.

(...)

Assim Nietzsche se torna um atleta da vigilância e da presença de espírito. Todos os movimentos, aspirações, ações são puxados para dentro da luz claríssima da atenção. Seu pensamento torna-se a mais tensa autopercepção. Ele querará assistir também ao seu próprio pensar, e nele descobre um universo de fundas camadas de segundas intenções, motivos, autoilusões e truques de toda sorte.

Desde cedo Nietzsche se torna mestre em descobrir seus próprios truques. Em 1867, em seus tempos de serviço militar, ele anota: “É um a boa capacidade poder encarar seu estado com olhar de artista e mesmo nas dores e sofrimentos que nos atingem, em desconfortos e essas coisas, ter aquele olhar da Górgona que petrifica instantaneamente tudo em uma obra de arte: aquele olhar vindo do reino onde não existe dor.”

Assim que se viu como “gente”, Nietzsche teorizou e praticou em si mesmo o exercício de ter poderes sobre a própria vida, no âmbito da cota pessoal que a tanto se pode permitir um ser humano.

Não procurou se livrar da carga pesada que os problemas do mundo impõem sobre os ombros de cada pessoa, muito ao contrário, ele sempre pareceu desejar intensamente ter essa percepção, vivenciar o “peso” para dele poder aprender a se libertar e superá-lo, fazendo disso a arquitetura de si mesmo, de um humano que conseguiu elevar o seu modo de existir ao padrão pretendido.

Jesus, por outro lado, parece ter vivido sem ter desconfiado do “estado das coisas” ao seu redor, talvez achando tudo muito normal, até que o seu limite psíquico foi atingido.

Nietzsche, não! Muito cedo, ele desconfiou que algo não ia bem com a maneira como a vida e o seu principal agente eram medidos. No prefácio do livro **“Genealogia da Moral”**¹, ele se perguntava sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor “bom” e “mau”.

Em 1861, ele resolveu submeter o “deus” que pretensamente guiava os humanos, a uma análise minuciosa.

Sobre isso, o seu biógrafo Safranski aponta o seguinte:

“Nietzsche escreve que a razão do poder que partilha os acontecimentos é imperscrutável. Há por demais maldade e injustiça no mundo, e também os acasos têm um papel grande, por vezes péssimo. Não existirá na base do Todo, um poder cego ou talvez até maligno? Não pode ser, pois a origem e a essência do mundo não podem estar abaixo do espírito

humano que procura sentido e significado e está aberto para o bem. (...) Que realidade sobra depois de removidos os fantasmas religiosos?”

Essa indagação de Nietzsche é excepcional e pouco conhecida porque, devido ao condicionamento psíquico da nossa espécie, ninguém valoriza o questionamento sobre o “deus do princípio das coisas”, quando estas podem ser tão somente produto de uma mente criativa, e não de Deus, como também todos temem se perguntar sobre como a perfeição de Deus gerou espaço para uma Criação reconhecida não como uma dádiva, mas sim, nos moldes em que Nietzsche o fez.

Jesus sempre pareceu demonstrar inocência sobre esse aspecto da realidade. Ele enxergou perfeição onde somente existia uma coleção de problemas, os quais, por sinal, continuam pendentes de resolução.

22ª Constatação:

Jesus ter prometido que voltaria, não na sua condição humana, mas com sua “face celestial”, para julgar os vivos e os mortos, parece não resolver a causa de coisa alguma, já que não foram os humanos que geraram a existência nos moldes problemáticos e violentos, como atestados pela natureza que percebemos a partir da Terra.

Conforme Nietzsche constatou, parece que existe **“um impulso vital obscuro”** por trás de cada ser vivo que procura levar a sua existência tentando sobreviver a qualquer custo, sem maior preocupação com elegância moral!

Para os animais irracionais, até que vai! Para os pretensamente racionalizados, viver de qualquer jeito e fazer as coisas de qualquer maneira, não fica muito bem, que o digam os efeitos cármicos que cada consciência espiritual precisa administrar.

Haja estranheza!

A Fé de Jesus e a Razão de Nietzsche

A fé, efetivamente, “move montanhas”, mas a “vontade de potência” também, e penso que mais verdade metafórica existe na última assertiva do que na primeira.

Esses dois instrumentos de progresso ou de como se levar a vida, podem estar vinculados a propósitos nobres ou não, esclarecidos ou obscurecidos pela ganância irrefreável de egos “adoecidos” pelas eternas lutas em torno do poder e do prestígio, mas não na “busca pela verdade”.

Jesus não veio procurar nem foi atrás da verdade, pois nasceu “enjaulado”, submetido à crença ancestralmente definida para o seu povo, desde o código genético extraterrestre que foi inseminado em Maria, já trazia consigo essa “verdade”, que exigia que ele fosse o exemplo do Messias que os judeus esperavam, para ser aceito por eles como tal. O Messias teria que ser violento, usando a sua força para subjugar os mais fracos, e Jesus não era nada disso, ainda que tivesse superpoderes.

Infelizmente, ele se viu obrigado a medir o mundo, não pela sua razão, mas pela fé do seu povo, expressa nas escrituras, julgadas por ele como “sagradas”. Mediu-se, e percebeu, no fim da sua vida, que não caberia jamais naquela “medida de imperador” que o “deus das escrituras judaicas” esperava do seu Messias.

Nietzsche, no tempo em que viveu, passou longe de poder perceber o problema profundo e esquecido em torno das nossas origens. Obviamente, ele enxergou o que, em sua época, era possível perceber com a sua visão condicionada sobre as mitologias, e delas retirou, magistralmente, as noções paradigmáticas que tão bem utilizou nas suas abordagens.

Por meio da sua fé, Jesus exaltou as origens, e sobre esse aspecto Nietzsche refletiu que: *“exaltar as origens é o impulso extrametafísico que se esclarece na concepção da história e leva a pensar de modo absoluto que, no início de todas coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial”*. Será?

Nietzsche sempre resistiu à obviedade filosófica dos que procuraram

descobrir ideais de pureza no início das coisas, e que talvez somente existam na mente dos que a buscam.

Esse foi um dos “ídolos” sobre o qual Nietzsche fez “descer o seu martelo”, ou seja, decretou o tempo do “crepúsculo dos ídolos”. Ele sempre usou a expressão “ídolos” para substituir os ideais simplórios que tanto combateu em vida, notadamente os da ética cristã, estabelecidos tão somente para causar ou justificar a regra da dominação entre senhores (os fortes) e escravos (os do “rebanho”, facilmente manipuláveis pela “formosura” da crença e pelo terror ao “inferno” prometido aos “pecadores”).

Para Michel Foucault¹, o “Nietzsche genealogista” recusa a pesquisa da busca da origem, compreendida como “Ursprung” – significa “Origem” em alemão, e qualquer semelhança com o que existia antes da Singularidade que deu origem ao “*Big Bang*”, não é mera coincidência –, porque esta se baseia na metafísica e procura recolher nela a essência exata das coisas, a mais pura possível, a identidade em si, a **forma imóvel e anterior a tudo que é externo e sucessivo**, exatamente o que Nietzsche, em uma de suas muitas frentes de confronto filosófico, combateu no mundo arquetípico de Platão.

Foucault também afirma que para o “Nietzsche genealogista”, o que se encontra no começo histórico das coisas **não é a identidade ainda preservada da origem, tal como pretendia a metafísica**, mas, senão a discórdia entre as coisas, a diferença, o disparate, enfim, o acaso, o devir. Por isso, como observa Foucault, “Nietzsche genealogista” prefere ouvir a História, a acreditar na metafísica.

O que me resta do sentido de humanidade especulatória, às vezes me permite imaginar que se Nietzsche tivesse descoberto, por trás do princípio das coisas, a “Figura decapitada” – sim, decapitada – de um incompreensível Corpo Mental que perdeu a sua Mente ou, dizendo de outra maneira, que ficou sem a posse do “Programa Mental-Espiritual” que o definia enquanto Consciência particularizada que se fragmentou em elétrons e antielétrons (a tal energia *Rajas* da mitologia hindu), e que precisa que suas criaturas-ferramentas “financiem a sua ressurreição”.

Voltando a Foucault, ele concluiu que Nietzsche coloca a questão da origem de maneira adversa daquela da grande tradição metafísica.

Para Nietzsche, os metafísicos têm necessidades de encontrar uma alma na identidade longínqua da **origem**, enquanto o genealogista, com a sua busca, *“descobre que foram os maus cálculos que deram nascimento ao que existe e tem valor para nós, descobre que na raiz daquilo que nós conhecemos e daquilo que nós somos não existe nem a verdade nem o ser, mas uma exterioridade acidental”*.

Assim, tentando reencontrar as **raízes identitárias** da nossa humanidade, talvez as gerações futuras venham a descobrir que **uma “exterioridade acidental e incidental” substitui tudo o que de decente e de puro a ingenuidade humana sonhou em descobrir no princípio de todas coisas.**

Muitos filósofos e religiosos insistem numa verdade bela e pré-existente no ponto zero da história desta Criação, no seio da qual a humanidade emergiu.

Entretanto, não será bem isso o que a “verdade oculta” por trás de um universo impiedoso, parece ter escondido no seu “ventre metafísico”.

Jesus disse que, antes da Criação do mundo, ele já era, ou seja, ele já existia. Não duvido! A questão é que não era o “homem Jesus” que existia, mas sim uma outra componente do seu “Eu” – que Nietzsche, assim como a Filosofia e a Ciência, mal imaginava poder existir.

Neste ponto da nossa busca, nem a fé de Jesus, nem muito menos a razão de Nietzsche, parecem ter alguma serventia, pois ambas se mostram cegas e inapropriadas para perceberem o mais além, sem qualquer romantismo ou preconceito.

Jesus e Nietzsche precisariam se atualizar com as últimas percepções decorrentes da “Revelação Cósmica”, as quais, por vias tortuosas, confirmam os seus legados, que se encontram separados por uma longa faixa de tempo.

Caso Jesus nascesse novamente na Terra, deveria ler Nietzsche antes de observar qualquer cenário por aqui. Contudo, não existe previsão nesse sentido, mas sim, a promessa de sua vinda na forma celeste (cósmica), conhecida como “Hockmah”, em hebraico, e “Sophia”, em grego, e aí é que ele deveria ler Nietzsche, para bem compreender o perspectivismo que o seu “enjaulamento” – como o avatar Jesus –, não lhe permitiu empreender naquela época.

Se a condição humana de Jesus tivesse acesso aos diversos níveis de reflexão de Nietzsche sobre a vida humana, o seu significado e o misterioso contexto que a gerou e a sustenta, talvez ele pudesse, mais profundamente, compreender como a ingenuidade do seu psiquismo o fez esperar de uma “Árvore Infectada” (a Divindade conhecida como Prabrajna ou Prajapati), um tipo de “Fruto” (uma Criação Perfeita) que a mesma jamais poderia produzir.

Reflete Nietzsche, no seu livro **“O Nascimento da Tragédia”**:

“Aqui é preciso declarar que essa harmonia contemplada tão nostalgicamente pelos homens modernos, sim, essa unidade do ser humano com a natureza, para a qual Schiller cunhou o termo artístico naif (ingênuo), não é de modo algum um estado tão simples, resultante de si mesmo, por assim dizer inevitável, que tenhamos de encontrar à

porta de cada cultura, qual um paraíso da humanidade: nisso só podia crer uma época que procurava pensar o Emílio de Rousseau também como artista e julgava haver achado em Homero semelhante Emílio artista, educado no coração da natureza.

(...)

Tão certamente quanto das metades da vida, a desperta e a sonhadora, a primeira se nos afigura incomparavelmente mais preferível, mais importante, mais digna de ser vivida, sim, a única vivida, do mesmo modo, por mais que pareça um paradoxo, eu gostaria de sustentar, em relação àquele fundo misterioso de nosso ser, do qual nós somos a aparência, precisamente a valoração oposta no tocante ao sonho. Com efeito, quanto mais percebo na natureza aqueles onipotentes impulsos artísticos e neles um poderoso anelo pela aparência (Schein), **pela redenção através da aparência, tanto mais me sinto impelido à suposição metafísica de que o verdadeiramente-existente (Wahrhaft-Seiende) e Uno-primordial, enquanto o eterno-padecente e pleno de contradição necessita para a sua constante redenção, também da visão extasiante, da aparência prazerosa – aparência esta que nós, inteiramente envolvidos nela e dela consistentes, somos obrigados a sentir como o verdadeiramente-não-existente (Nichtseiende), isto é, como um ininterrupto vir-a-ser no tempo, espaço e causalidade, em outros termos, como realidade empírica** (Grifo do autor Jan Val Ellam). Se, portanto, nos abstrairmos por um instante da nossa própria “realidade”, se concebermos a nossa existência empírica, do mesmo modo que a do mundo em geral, como uma representação do Uno-primordial gerada em cada momento, neste caso o sonho deve agora valer para nós como a aparência da aparência; por conseguinte, como uma satisfação mais elevada do apetite primevo pela aparência.”

Óbvio que Nietzsche jamais imaginou qualquer proximidade de semelhança ou mesmo de referência com o aspecto que agora ressaltarei. Contudo, para quem pensa saber que um Ser como Javé existe – como era o caso de Jesus e, infelizmente, o meu –, a parte do texto acima, em negrito, inevitavelmente, quando vista pela mente de quem sabe do problema desta Criação Universal, vai ser levado a entendê-la como Nietzsche, que mesmo sem querer tratar de aspectos transcendentais da vida, o fez com maestria. Ele **apenas situou esse contexto no âmbito da criação artística**, porque no seu método genealógico, esses dois aspectos, o da contribuição humana e o da natureza estariam bancando

o constante processo de redenção “Daquele que padece”, por se “parecer com a sua Contraparte” – entenda quem puder, pois aqui estou me referindo à tese mais antiga da cultura humana, ainda que não seja por esta valorizada, que é a do Criador que, em “caindo” na própria Criação, dela se tornou “refém”.

Explicando melhor e novamente recorrendo a Michel Foucault, que em seu ensaio “*Nietzsche, a Genealogia e a História*”, pretende esclarecer o que vem a ser o método genealógico de Nietzsche. Como referido anteriormente, para ele, o “Nietzsche genealogista” recusa qualquer tipo de pesquisa da busca da origem ancorada na metafísica, e tem como pretensão recolher a essência exata das coisas, a mais pura possível, **a identidade em si, a forma imóvel e anterior a tudo que é externo e sucessivo**.

Quem quer que lide mentalmente com a questão da existência de um Criador para o universo que conhecemos, em lendo esse texto acima, perceberia que o seu autor, mesmo sem ter a premissa engatilhada de qualquer consolação metafísica, terminou por relacionar os problemas observados no nosso olhar empírico e as suas relações de causa e efeito com “Algo” ou com “Algum Contexto” situado além das fronteiras desta nossa vida.

Muitas outras relações, algumas mais sutis e outras nem tanto, poderiam ser produzidas a partir da análise desse texto, o que aqui não farei, pois não pretendo estabelecer qualquer vínculo entre a obra de Nietzsche e o fato de existir alguém tão estranho como o “deus bíblico”, ao qual a vida de Jesus sempre esteve subordinada devido a “grilhões” terríveis.

Nietzsche, por sua vez, apesar de um simples ser humano, gozou de tanta liberdade, que o lado irônico dos caminhos torturantes do destino – as tais vias tortuosas – o pôs, no fim da vida, não numa cruz, mas numa camisa de força que o obrigou a fazer cessar a sua “vontade de potência”.

Se observado sob um determinado ângulo, eis para onde a fé de um e a razão do outro terminaram levando os seus protagonistas: o primeiro, para a cruz, e o segundo, para uma camisa de força.

Quando analisados, porém, sob outra perspectiva, por razões e circunstâncias diversas, parecia mesmo não existir outra destinação possível, nos tempos em que viveram, à ousadia de agirem diferente do predeterminado, do predisposto em seus programas existenciais.

Jesus, que passou todo o seu tempo elevando o “deus dos judeus”, defendendo que fosse o Criador a gerir o destino dos seus “filhos e filhas humanos”, resolveu que não poderia agir de modo a cumprir o que aquele Ser esperava dele. Assumiu, portanto, o poder sobre a sua própria vida, nos moldes em que Nietzsche sempre o fez.

O que Jesus realizou, ele não o fez por fé, mas apesar da fé que ele tinha

depositado em Javé, porque seus circuitos genéticos já haviam nascido com aquela determinação, e se libertar dela, não foi fácil para ele. Não se pode ainda perceber, mas Jesus usou da sua razão emocional para ter fé, sim, só que nos seres humanos, em personalidades como as de Nietzsche, que concluíram ser necessário deter em si mesmo o fluxo de algo que parece estar em curso, mas que precisa ser redimensionado a cada momento da existência. Como disse Zaratustra, o personagem histórico do qual Nietzsche se apropriou para poder servir de porta-voz das suas mensagens: *“a vida é aquilo que tem de se reinventar a cada momento e não ficar estacionada sob os desígnios de quem quer que seja!”*

A estranha tese de que o ser humano tinha que ter poder sobre a vida, que Nietzsche foi o primeiro a declarar, Jesus a aplicou uns bons 1850 anos antes, só que não foi percebido por ninguém.

Descobrir porque Jesus rompeu com o que estava longamente destinado a ele como ponto culminante de uma etapa determinada pelo “deus” do seu povo, e que foi profetizada e escriturada pelas autoridades judaicas de todos os tempos, é a grande falha da teologia, que jamais encarou essa questão de frente ou mesmo de qualquer ângulo inteligente. Acho mesmo que os teólogos, filósofos e historiadores jamais a perceberam. Nietzsche inclusive!

O Choque entre a Fé e a Razão de Jesus, que Nietzsche não Viu

O “homem Jesus” foi essencialmente alguém que nasceu subjugado por um “plano de fora” – tido como divino, ainda que mais parecido com o “samba do crioulo doido”, enfim, um projeto que se justifica por “escrever certo, mas por linhas tortas” –, elaborado além das fronteiras terrenas e, por isso, ele cresceu e formou a sua personalidade vivenciando a fé extremada dos judeus. Estes, zelavam e velavam suas escrituras como “sagradas”, pois acreditavam que elas vinham exata e diretamente do “deus de Israel” – assim, sempre defenderam os rabinos. Contudo, chocou-se de frente com os judeus do seu tempo, pelo uso que fez da sua razão, que não o permitiu cumprir os desígnios de um “Messias dominador”, imposto à sua pessoa pelo teor profético produzido por Javé.

Jesus viveu toda a sua vida, praticamente, movido pela fé ingênua de que aquele “deus” das escrituras, a quem chamava de “Pai”, desistiria do impiedoso cumprimento da missão sanguinária de criar um exército, expulsar os romanos da Palestina, e depois dominar o mundo.

Somente no final dos seus dias, é que ele percebeu o inevitável: ou agia pela fé condicionada à submissão completa aos desígnios daquele Ser, tido pelos judeus como o “deus-Criador dos Céus e da Terra”, ou a sua razão filosófica o encaminharia para a crucificação injustificada.

O tal Ser havia advertido, pelo mesmo veio profético, dos perigos a que o seu Messias estava submetido caso se desviasse do acordo anteriormente firmado no âmbito de uma desconhecida Tríade – a “*Trimurti*”, da mitologia hindu, composta por Brahma/Javé, Vishnu (que produziu o *avatar* Jesus) e Shiva –, para os judeus. Estes obedeciam a um dos três “deuses” que compunham a Tríade referida por todas as mitologias ancestrais, mas não aos três.

Visto de modo simplório, a razão do “homem Jesus” o incriminou perante a lógica de um Ser destituído de qualquer noção de *karuna* – a capacidade de entender determinado ponto de vista, ao se colocar no lugar do outro.

Para quem coleciona a verdade ingênua de que Deus é perfeito e que esse Ser

era ou é o Deus Perfeito, estas reflexões não servirão para muita coisa, e aqui registro o meu esforço zero em explicar nestas páginas, o que já expus sobre o “deus de Jesus” em outros livros¹ sobre o drama da existência no seio de uma Criação problemática.

A razão do “homem Jesus” impediu o seu aprisionamento total no papel que lhe foi destinado por Javé, por meio do código-fonte definidor de vida – do qual, após inseminado numa humana, emergiria a personalidade do seu Messias – do seu “diretor-executivo”, presente neste universo, conhecido como “Sophia”.

Por causa da sua razão filosófica, que somente surgiu com a evolução da idade, na base do seu testemunho público, Jesus se viu confrontado pela fé:

- da sua família, que esperava que ele fosse o tal Messias, não perdendo seu tempo cuidando de doentes e desvalidos da sorte;
- dos seus apóstolos, que esperavam a mesma coisa, inclusive discutindo os cargos que ocupariam no império que o Messias estruturaria;
- do seu povo, que, afinal, não viu um herói naquele homem crucificado, mas sim, um derrotado, e por isso esperam ainda pela vinda do Messias prometido por Javé; e
- do próprio Javé, que pelo descumprimento de seu desígnio, taxou-o de traidor no âmbito das desconhecidas “intrigas *trimurtianas*” (conflitos e troca de ardis entre os membros da *Trimurti*).

Existe, aqui, um aspecto sobre o qual também não se vê abordagem de qualquer tipo sobre o mesmo: **a afronta à moral judaica que Jesus se obrigou a fazer para poder descumprir o “aspecto sagrado” das profecias.**

Esse painel não foi nem sequer observado nos evangelhos, sejam os canônicos ou os classificados como apócrifos.

No livro “*Além do Bem e do Mal*”, Nietzsche critica a Filosofia Ocidental em toda sua amplitude, sob a acusação de ter sido fundamentada na moral cristã, o que além de deformar a prática filosófica em si, enfraqueceu todo o Ocidente. Essa moral cristã, contudo, era e é totalmente diferente da do judaísmo, como também da do helenismo.

A moral helênica sempre evoluiu com a Filosofia Grega, que a engrandecia, a elevava sempre. Esse, porém, não foi o caso da moral judaica, absolutamente desprovida de qualquer âncora filosófica, como também não foi o da moral cristã, que passou a construir uma filosofia para consumo interno, mas que terminou por se confundir com a própria teologia católica.

A “infecção da Filosofia” pela moral cristã pode ser mais facilmente

percebida se observarmos os principais conceitos filosóficos de algum modo vinculados ao cristianismo e, em especial, ao catolicismo, tais quais o niilismo, a patrística, a escolástica, o tomismo, e o gnosticismo.

O **niilismo** pode ser entendido como a descrença completa. É uma doutrina que defende o progresso da sociedade após a destruição de tudo o que socialmente existe, pois essa vida não valeria mesmo nada. Em sua face mais radical, o niilista é um ser humano que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio como artigo de fé. O ascetismo, por sua vez, seria o resultado de um niilismo absoluto, já que envolve a renúncia e a mortificação dos desejos e das vontades inerentes à condição humana.

Como afirmou Bruno Ribeiro²:

“Para Nietzsche, o ideal ascético seria um ideal cristão, da negação em nome de um Deus, que vai em busca de salvação e de redenção, ainda que isso seja uma forma de dominação de si mesmo. De acordo com ele, toda idealidade da história humana sempre foi ascética, e construída a partir de valores morais ocidentais – e cristãos. Dessa forma, o homem foi ensinado pelos sacerdotes a negar suas paixões como forma de exercitar a fé e a devoção a um Salvador. Por outro lado, Nietzsche vai compreender, posteriormente, que seria necessário largar tais ideais e agir em função da vontade de potência, transformando-os em superação.”

Nietzsche, com discretíssimo sarcasmo, taxa os cristãos de niilistas, no sentido de que foram condicionados a se resignarem ao destino e se comportarem “bovinamente” na vida na Terra, como maneira de conquistar os “prêmios do Paraíso”. É como se existisse um niilismo dos fortes e corajosos e outro dos fracos e covardes.

A **patrística** é o estudo da doutrina papal e da história literária dessa ideologia. Baseada nas “*Epístolas de São Paulo*” e o “*Evangelho de São João*”, teve como objetivos principais consolidar o papel da Igreja e propagar os ideais do cristianismo. Essa filosofia medieval advogou a favor da Igreja e propagou diversos conceitos cristãos, como o “pecado original”, a criação do mundo por Deus, ressurreição e “juízo final”.

A **escolástica** consiste na Filosofia fundamentada em Aristóteles e São Tomás de Aquino, seguida oficialmente pela Igreja. Baseou-se na retomada de muitos princípios filosóficos gregos. A grande preocupação era aliar a razão e a Ciência aos ideais da Igreja Católica. Nesse contexto, surgiu a teologia, que foi

uma ciência que buscava explicar racionalmente a existência de Deus, da alma, do “Céu” e “inferno”, e as relações entre o homem, a razão e a fé.

O **tomismo** é um sistema filosófico e teológico decorrente da obra de Tomás de Aquino, que viveu ao longo do século XIII. Caracterizou-se, sobretudo, pela tentativa de conciliar o aristotelismo com o cristianismo, procurando, assim, integrar o pensamento aristotélico e neoplatônico aos textos da “*Bíblia*”, gerando uma “filosofia do ser”, inspirada na fé.

O **gnosticismo** se apresenta como um sistema teológico e filosófico cujos partidários dizem ter conhecimento sublime da natureza e dos atributos divinos. É um ecletismo filosófico-religioso, surgido nos primeiros séculos da nossa era e diversificado em numerosas seitas. Visava a conciliação de todas as religiões e a explicação do sentido mais profundo por meio da *gnose* – que significa sabedoria, conhecimento esotérico e perfeito da divindade, e que se transmite por tradição e mediante ritos de iniciação. Outro aspecto é o de apontar o “deus bíblico” Javé como sendo um Ser-Criador extremamente complicado e mesmo considerado como criminoso.

Nada desses compêndios tem a ver com a verdadeira busca filosófica, nem mesmo o da presunção gnóstica, que esquece de observar um princípio bem simples, porém profundo, de James Clifford³: “*é errado sempre, em qualquer lugar, e para qualquer um, acreditar em algo com evidências insuficientes*”. Ele afirma que o respeito à razão, praticado pelos pensadores considerados “racionalistas puros”, levou a uma máxima irracional.

Conforme penso, os gnósticos pecam pela insuficiência intelectual e pelo exagero de crença que terminaram por construir, pensando conhecer a verdade. Perceber parte do problema não significa que o mesmo esteja equacionado, nem muito menos em rota de solução.

Se bem analisarmos, todos esses segmentos estão literalmente afetados por alguma dose do **fideísmo**. O que é fideísmo?

Sobre a tradição fideísta, que é o *modus operandi* do pensador religioso puro, na introdução do instigante livro “*A Monstruosidade de Cristo*” – dos autores Slavoj Žižek e John Milbank –, Creston Davis⁴ analisa que ela:

“tem como axioma central a convicção de que o pensamento religioso, como também o discurso dele decorrente, é autorreferente, intertextual e autônomo, e por isso sectário. Denys Turner explica corretamente essa teologia como “um conjunto autônomo e exclusivo de regras que governam o discurso dos objetos religiosos, e tal discurso só faz sentido nesse jogo de linguagem e para esse jogo de linguagem. Ele não faz

sentido nos termos de qualquer outra forma de discurso ou jogo de linguagem”. Como o fideísmo só faz sentido dentro de si mesmo, não é possível compreendê-lo fazendo referência às realidades históricas, e por isso, “do ponto de vista religioso, as evidências não estão nem aqui nem em outro lugar”. Em suma, o fideísmo se torna a evacuação sistemática da história material e assume duas formas: o barthiano (teologia pós-liberal, escolas de Yale e Duke) e certa variante do bulmannismo. Nos dois casos, o colapso do religioso dentro de uma economia linguística delimitada e autorreferente, visto de forma suprema no abandono por parte de Barth de um conhecimento natural de Deus, é uma concessão à verdade e à política do Esclarecimento.

(...)

Para o racionalista, o mundo mecânico é desprovido de surpresa, mistério e espanto; o mundo apenas é, em toda sua banal previsibilidade. Já para o fideísta, o mundo é mediado tão somente por uma estrutura garantida linguisticamente, na qual tudo se explica antes de ser dito (em outras palavras, garante-se a economia do significado mesmo antes de se usarem palavras). Para o fideísta, o que é explicado é um gueto desmaterializado que não pode justificar as condições materiais dentro das quais sua própria existência faz sentido.”

Depreende-se, portanto, a aparente autenticidade, ou mesmo a aparente respeitabilidade dos temas considerados “sagrados” para o “rebanho simplório de humanos”, cuja face fideísta claramente se percebe pelo uso do viés de confirmação que reafirma sempre as mesmíssimas ideias. Assim, essa “garantia de sacralidade” é obtida pela estrutura linguística dessa prática infundável, **que nem mesmo precisa verificar se algo do que se pensa, do que se acredita e do que se diz é, de fato, verdadeiro.**

Esse aspecto fideísta também se faz presente na Falsafa, que é a uma transliteração pura e simples da palavra grega “*Philosophia*”. Na verdade, Falsafa é a Filosofia Árabe e Islâmica, na qual residem os mesmos pressupostos no campo da “certeza inabalável” do que se crê, que se observa na Filosofia Ocidental.

Apenas para situar historicamente os fatos, a **filosofia escrita em árabe** começou a se desenvolver a partir do século VIII, depois das traduções das obras gregas para a língua árabe. A Filosofia Árabe passou a ser conhecida na Europa a partir do século XII e alavancou o pensamento de boa parte da escolástica e influenciou Tomás de Aquino e Roger Bacon, dentre outros.

Em ambas as Filosofias, a promessa da salvação, seja a cristã ou a de ordem islâmica, as certezas dadas pela garantia do eterno discurso que se impõe sempre pela repetição e sacralização do que é reafirmado, encontra guarida no modo como os preceitos filosóficos vinculados à crença foram formulados.

É como se a fé, ao longo desses dos últimos 2500 anos, tivesse se disfarçado em Filosofia, ou desta tivesse se servido para se apresentar como real, verdadeira e sagrada, o que, convenhamos, apequena a Filosofia na sua prática e mesmo na arquitetura dos seus postulados teóricos.

Sobre a associação da “promessa cristã da salvação” com a “promessa da salvação filosófica”, Luc Ferry⁵ nos diz o seguinte:

*“A vitória do cristianismo sobre a filosofia é evidente ao longo de toda Idade Média: a filosofia será reduzida ao que chamamos de “escolástica”, ou seja, ela praticamente deixará de ter o direito de se interessar pela questão da vida boa e da salvação, que se tornara monopólio absoluto da religião. A filosofia será reduzida a uma vulgar análise de conceitos, mas não será mais, como no tempo das **grandes escolas gregas, um exercício concreto de aprendizagem da vida. Será preciso esperar o século 17 para que a filosofia retome aos poucos, principalmente graças a Espinoza, o projeto grego de definir a sabedoria e a vida bem-aventurada.**”*

O fideísmo, porém, parece ter encontrado guarida própria na “Era do Conhecimento”, que estamos vivendo, seja pelo império da internet ou mesmo pelos canais televisivos que comercializam a fé em condições absurdas, que fariam Kafka⁶ e Camus⁷ sentirem calafrios, já que a crença simplória e o minimalismo religioso voltaram a imperar mundo afora.

Efetivamente, os preceitos filosóficos de um Espinoza⁸, de um Schopenhauer e de um Nietzsche sobre a prudência atitudinal da racionalidade, frente às coisas da vida, parecem valer muito pouco ou mesmo nada para os fideístas de todas as épocas.

Em pleno século XXI, a humanidade parece ter voltado ao medievo, em termos de postura psíquica religiosa! Será que precisamos de um “novo Renascimento”? Será que já não estamos mesmo vivendo um “novo Renascimento”, nesta era que muitos chamam de pós-moderna, ainda que também não se saiba muito bem o que isso significa?

O que seria a pós-modernidade? Será que a melhor definição para ela teria a ver com a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX,

com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo por meio de esquemas totalizantes?

A pergunta não é simples de ser respondida, mas no que se refere ao aspecto sociológico, talvez a melhor das lentes a ser aplicada à questão terá sempre que possuir as cores do colapso de muitos sistemas tidos como verdadeiros, mas que ruíram meio que “naturalmente”, como desdobramento dos choques de realidade que sempre chegam, ainda que no âmbito religioso-teológico, o fideísmo continue a fazer das suas.

Novamente, tomo emprestado de Creston Davis uma importante reflexão sobre o tema:

“Se o teológico foi marginalizado na era da modernidade secular, agora ele voltou com toda força. A teologia está reconfigurando a própria composição da humanidade em geral, e disciplinas como filosofia, ciência política, literatura, história, psicanálise e, em particular, teoria crítica sentem o impacto desse retorno. Há diversas maneiras de explicar essa transformação surpreendente, mas uma delas se destaca: o colapso do comunismo no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e a subsequente expansão mundial do capitalismo sob a bandeira do Império Global Americano. Os efeitos dessa transformação foram tão extensos e profundos que algumas pessoas a celebraram como a vitória não só de uma ordem econômica ou de uma ideologia, mas da própria vida. Dizem-nos que a vida, a história e a humanidade atingiram seu fim.

No entanto, assim como disseram que a humanidade atingira o ápice de seu desenvolvimento, um sentimento surgiu na consciência coletiva de filósofos, críticos, poetas e teólogos. Algo estava sendo perdido, esquecido. A profundidade excessiva da humanidade era inundada pelo demônio do consumo material irrefletido, e as esperanças e verdades misteriosas do homem e da história estavam sendo vendidas para os mercados: a nova lógica dessa ordem mundial era a lógica ostensiva e obtusa do nouveau riche.

Em resposta ao advento desse niilismo capitalista, o pensamento – o ato de pensar – foi obrigado a encontrar um novo caminho adiante, uma nova fonte de esperança. Ele teve de apelar a uma tradição que poderia resistir à hegemonia do capitalismo e seu pressuposto – a vontade do poder individual. Os pensadores da resistência à depredação capitalista não podiam mais recorrer apenas à tradição marxista-humanista, ainda mais enquanto a história do marxismo realmente existente se desdobrava

diante da força destruidora do capitalismo. Esse caminho foi a abertura para o teológico. A porta para a teologia foi aberta justamente porque o capitalismo é, em última instância, uma estrutura fechada em si mesma. A teologia, portanto, proporciona uma maneira de transcender o capital com base na racionalidade, não no Si (o “Em-si” hegeliano).

Entretanto, essa nova forma de pensar não poderia simplesmente envolver e teológico e repudiar a tradição mais antiga da resistência. Não só porque o teólogo é ambíguo, e por isso não é universalmente oposto ao advento do niilismo capitalista (como Marx notou com pertinência), mas também porque a tradição marxista, inclusive na derrota histórica, não foi vencida sem deixar um resto. Ou seja: mesmo na sua morte, ela retém uma verdade que excede o materialismo niilista e burocrático ou o imanentismo sem resto que foi derrotado com a Queda do Muro de Berlim em 1989. E essa verdade é o fato de que a humanidade é material; desse modo, o mundo material não pode ser amortizado em prol de um tipo de retirada para a transcendência etérea. Por essa razão, os relatos sobre a prosperidade humana e a resistência ao niilismo capitalista têm de ser totalmente materiais. Desse modo, no fim, esse novo pensamento tem de ser uma crítica à tradição marxista-comunista sem ser depreciativa.

Essa é a problemática que dá origem a uma nova lógica que nutre um mundo para além do humanismo secular-imanentista e sua inevitável conclusão: a indiferença capitalista. Quando digo humanismo secular, refiro-me ao que obedece à injunção kantiana de se conceberem as possibilidades da experiência humana sem referência nenhuma à transcendência. A ideia básica aqui é reconectar a transcendência a um materialismo militante ou restabelecê-la.”

Estamos longe de conseguir esse restabelecimento da transcendência, pois esta se encontra “infectada” de tantas maneiras que não construímos ainda uma lógica razoável para unir as suas dimensões com as da imanência e as da materialidade.

Por enquanto voltamos a ser os admiradores da aparentemente cômoda indiferença capitalista para com o acúmulo da pobreza e da miséria mundiais, deixando que o fideísmo continue a orar, todo santo dia, toda semana, a cada dia, para que “deus” resolva os problemas que ele – nem ninguém – jamais resolveu. Ou seja, é como se, efetivamente, o repito, tivéssemos voltado ao tempo da Idade Média, em que a resignação e a ignorância de muitos mantinham os

privilégios de poucos, no perigoso equilíbrio de que as situações são como são porque é assim que “deus” dispôs ou quer que seja.

Novamente pergunto: precisamos de um novo período de Renascimento? O que seria esse Renascimento?

Carregamos um “**fardo pesado de lixo**” **conceitual teológico**, do qual precisamos nos livrar, ainda que isso já tenha começado lá atrás, no Renascimento, quando os europeus retomaram os valores clássicos, e a razão cartesiana conseguiu se sobrepôr à maluquice teológica. O erro, conforme penso, foi achar que, efetivamente, já tínhamos nos libertado disso. Não nos livramos! Só em parte, na componente em que a Ciência emergiu desse processo. O restante, porém, continuou “infectado”. Explico melhor, a seguir.

A passagem da **Idade Média** para a **Modernidade**, como toda transição, foi duramente caracterizada por uma profunda crise de consciência.

O período histórico conhecido como **Renascimento**, foi marcado pelo embate entre a antiga tradição medieval e os novos hábitos que estavam emergindo, porém ainda não se achavam consolidados. O indivíduo renascentista se encontrava, portanto, profundamente dividido. “Verdades”, que durante milênios, foram vistas como inquestionáveis, evaporaram-se em poucos anos. Essa crise existencial, que num primeiro momento provocou o retorno do **ceticismo** antigo, foi vertida, em seguida, em uma profunda confiança nas virtudes humanas.

Ora, se todas as “certezas” estavam se mostrando ilusórias, havia duas reações possíveis frente aos novos desafios:

- refugiar-se no ceticismo, colocando em dúvida a capacidade cognitiva de produzir um conhecimento objetivo da realidade; ou
- olhar para tais mutações de um modo mais positivo, ou seja, o homem estaria finalmente se libertando das amarras de um falso paradigma intelectual, tendo a chance de construir algo novo.

A obra do filósofo francês **René Descartes**⁹ é o maior exemplo dessa virada. O “cogito cartesiano” começa com o exercício filosófico de colocar em dúvida todas as “verdades” que ordenavam a realidade, até chegar a uma certeza básica: “penso, logo existo”. Ou seja, mesmo que o sujeito estivesse iludido por uma realidade construída por um “anjo maligno”, ainda lhe restaria uma certeza: a de que ele raciocinava.

Partindo desse preceito, Descartes buscou desenvolver bases mais sólidas para o conhecimento objetivo do mundo. Dessa virada intelectual, com efeito, é

que nasce a chamada “**Revolução Científica**”, que, como lembrou o historiador israelense **Yuval Noah Harari**¹⁰, não foi uma “revolução do conhecimento”, mas, acima de tudo, uma “revolução da ignorância”.

O **método científico** é resultado dessa crise das “certezas” dessa “revolução da ignorância”. Se a natureza é regida por uma lógica causal, caberia ao cientista decifrá-la por meio de uma metodologia específica, capaz de afastar os aspectos subjetivos, e assim extrair leis regulares, “verdades universais”.

O problema é que, mais uma vez, as “certezas humanas” estão se mostrando ilusórias, o que nos remete aos mesmos obstáculos do passado, só que agora mais complexos devido ao progresso tecnológico e à mercancia espetacular da fé, que faz o crente se sentir no seu “*woodstock*”¹¹ particular – analogia feita ao festival americano de música.

O progresso psíquico, desde que realmente exista – sou dos que pensam que sim –, o de ordem moral e o espiritual, não estão conseguindo acompanhar a desvairada velocidade da tecnologia desses tempos de **computação ubíqua**¹² (no qual nos submergimos sem ainda termos a devida consciência do seu significado).

Foi-se o sentido da privacidade! Intimidade pessoal – excetuados aqui os níveis transcendentais, que observam as “cobaias humanas” levando as suas vidas – é coisa do passado, pois agora, a “ditadura dos *chips*” entra em vigor, e nada pode existir sem que os mesmos detectem e repassem a informação para as centrais de acompanhamento “democraticamente estabelecidas” pela indiferença capitalista – que continua a produzir “ídolos para consumo”, e cada vez mais elaborados.

Discussões sérias sobre esses aspectos do progresso, nem pensar, talvez nem mesmo precise, já que a comunidade internacional estabeleceu como regra, o “poder do dinheiro”, que decide tudo, inclusive “o enredo, o roteiro e o ritmo da vida”.

Talvez, de fato, falte-nos alguma dose de transcendência sadia, sábia, espiritualizada e honesta, de maneira que dela e nela possamos retirar princípios e propósitos filosóficos elevados, para depois nos folgarmos enquanto administramos os fatos da vida.

Jesus e Nietzsche jamais puderam cuidar dessa parte, ocupados que estavam, tratando de outros painéis, aparentemente mais urgentes, da existência.

Todo ser humano tem que ler Nietzsche, pelo menos os que, além de viverem esta época, desejam se libertar do jugo desses “ídolos”, produzidos em série pela estupidez santificada do fideísmo.

Não conheço melhor **significado** para o **conceito** do estado da estupidez

psíquica – faço questão do aparente pleonasma – do que o da confiança irresistível, ou o de uma expressão em inglês “*unbridled enthusiasm*”, que uma vez assisti na série “*Seinfeld*”¹³, ou seja, a do entusiasmo desenfreado que os meus irmãos e irmãs fideísta emprestam ao sentimento de que Deus está no comando, de que no final ele resolverá tudo. **O detalhe perturbador é o de que ele nunca resolveu coisa alguma até aqui!**

Conforme entendo, Nietzsche apontou que, o que terminou sendo construído em torno da intenção de Jesus, legou aos homens um consolo que os tornou infantis, uma espécie de “arte de consolação metafísica” que retira da vida as suas possibilidades concretas de progresso e de evolução, fazendo estacionar os crentes e romantizados fiéis, num “rebanho de pedintes” pela graça metafísica de um “Céu pós-vida”, pois que esta não merecia mesmo ser vivida.

Em seu livro “*Nascimento da Tragédia*”, Nietzsche nos alerta sobre as **falsas artes da consolação metafísica**, que terminaram transformando o ser humano num “pecador”, num sofredor, num inimigo do destino:

“Aqui se anuncia, quiçá pela primeira vez, um pessimismo “além do bem e do mal”, aqui recebe palavra e fórmula aquela “perversidade do modo de pensar” contra a qual Schopenhauer não se cansa de arremessar de antemão as suas mais furiosas maldições e relâmpagos – uma filosofia que ousa colocar, rebaixar a própria moral do mundo da aparência... (...) Talvez onde se possa melhor sentir esse pendor antimoral seja no precavido e hostil silêncio com que no livro inteiro se trata o cristianismo – o cristianismo como a mais extravagante figuração do tema moral que a humanidade chegou até agora a escutar. Na verdade, não existe contraposição maior à exegese e justificação puramente estética do mundo, tal como é ensinada neste livro, do que a doutrina cristã, a qual é e quer ser somente moral, e com seus padrões absolutos, já com sua veracidade de Deus, por exemplo, desterra a arte, toda arte ao reino da mentira – isto é, nega-a, reprova-a, condena-a. Por trás de semelhante modo de pensar e valorar, o qual tem de ser adverso à arte, enquanto ela for de alguma maneira autêntica, sentia eu também desde sempre a hostilidade à vida, a rancorosa, a vingativa aversão contra a própria vida: pois toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro. O cristianismo foi desde o início, essencial e basicamente, asco e fastio da vida na vida, que apenas se disfarçava, apenas se ocultava, apenas se enfeitava sob a crença em “outra” ou “melhor” vida. O ódio ao

“mundo”, a maldição dos afetos, o medo à beleza e à sensualidade, um lado-de-lá inventado para difamar melhor o lado-de cá, no fundo um anseio pelo nada, pelo fim, pelo repouso, para chegar ao “sabá dos sabás” – tudo isso, não menos do que a vontade incondicional do cristianismo de deixar valer somente valores morais, se me afigurou sempre como a mais perigosa e sinistra de todas as formas possíveis de uma “vontade de declínio”, pelo menos um sinal da mais profunda doença, cansaço, desânimo, exaustão, empobrecimento da vida – pois perante a moral (especialmente a cristã, quer dizer, incondicional), a vida tem que carecer de razão de maneira constante e inevitável, porque é algo essencialmente amoral – a vida, oprimida sob o peso do desdém e do eterno não, tem que ser sentida afinal como indigna de ser desejada, como não válida em si. A moral mesma – como? A moral não seria uma “vontade de negação da vida”, um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de decadência, apequenamento, difamação, um começo do fim? E, em consequência, o perigo dos perigos?... Contra a moral, portanto, voltou-se então, com este livro problemático, o meu instinto, como um instinto em prol da vida, e inventou para si, fundamentalmente, uma contradoutrina e uma contra-valorização da vida, puramente artística, anticristã. Como denominá-la? Na qualidade de filólogo e homem das palavras eu a batizei, não sem alguma liberdade – pois quem conheceria o verdadeiro nome do Anticristo? – com o nome de um deus grego: eu a chamei dionisíaca.”

Foi assim que Nietzsche formulou a sua doutrina dionisíaca como maneira de homenagear à vida e aos seus diversos agentes que, libertos do fideísmo, seguem adiante com algum grau de ousadia e sofrendo as consequências pelo exercício da mesma.

Talvez por essas indefinições da época em que Nietzsche viveu, sua filosofia parecia e parece ser complexa e contraditória, sendo considerada atualmente pós-moderna para muitos.

Em certo sentido, e sendo sincero – posso estar equivocado –, penso que as únicas coisas pós-modernas, no sentido de que não se enquadram em nada, sejam a obra de Nietzsche e as páginas da nascente “Revelação Cósmica”.

Continuando, porém, com a abordagem de Nietzsche sobre o mau uso que a humanidade faz das suas artes de consolação metafísicas como modo de interação com a transcendência:

“O que pensava, afinal, Schopenhauer sobre a tragédia? “O que dá a todo o trágico o empuxo peculiar para a elevação”? — diz ele em O mundo como vontade e representação — “é o surgir do conhecimento de que o mundo, a vida não podem proporcionar verdadeira satisfação e portanto não são dignos de nosso apego: nisso consiste o espírito trágico — ele conduz à resignação”, quão diversamente falava Dionísio comigo, quão longe de mim se achava justamente então todo esse resignacionismo! — Mas há algo muito pior no livro, que agora lamento ainda mais do que ter obscurecido e estragado com fórmulas schopenhaurianas alguns pressentimentos dionisíacos: a saber, que estraguei de modo absoluto o grandioso problema grego, tal como ele me havia parecido, pela ingerência das coisas mais modernas.

(...)

Imaginemos uma geração vindoura, com esse destemor de olhar, com esse heroico pendor para o descomunal, imaginemos o passo arrojado desses matadores de dragões, a orgulhosa temeridade com que dão as costas a todas as doutrinas da fraqueza pregadas pelo otimismo, a fim de viver resolutamente na completude e plenitude: não seria necessário que o homem trágico dessa cultura, em sua autoeducação para o sério e para o horror, devesse desejar uma nova arte, a arte do consolo metafísico? (...) Não seria necessário?... Não, três vezes não, ó jovens românticos. Não seria necessário! Mas é muito provável que isso finde assim, que vós assim findeis, “consolados”, como está escrito, apesar de toda a educação para o sério e o horror, “metafisicamente consolados”, em suma, como findam os românticos cristãmente... Não! Vós deveríeis aprender primeiro a arte do consolo deste lado de cá – vós deveríeis aprender a rir, meus jovens amigos, se todavia quereis continuar sendo completamente pessimistas; talvez, em consequência disso, como ridentes mandeis um dia ao diabo toda a “consoladora” metafísica – e a metafísica em primeiro lugar! Ou para dizê-lo com a linguagem daquele trasgo dionisíaco que se chama Zaratustra:

— Levantai vossos corações, ó meus irmãos, alto, mais alto! E não esqueceis tampouco as pernas! Levantai também as vossas pernas, vós, bons dançarinos, e melhor ainda: erguei-vos também sobre a cabeça!

Esta coroa do ridente, esta coroa grinalda-de-rosas: eu mesmo coloquei esta coroa sobre a minha cabeça, eu mesmo declarei santo o meu riso. Não encontrei nenhum outro, bastante forte para isso, hoje.
(...)

Esta coroa do ridente, esta coroa grinalda-de-rosas: a vós meus

irmãos, eu vos atiro esta coroa! O riso eu declarei santo: vós, homens superiores, aprendei – a rir!”

Nietzsche não sabia e, provavelmente, na atualidade, ninguém mais o saiba na Terra: **o sorriso é adorno raro na dramática vida universal**. Só muito recentemente surgiu, e o mito de Pandora sequer o pôde retratar com as cores da sua gênese, na época da sua formulação.

O que diriam os próprios seres humanos se um dia vierem a descobrir que, de todas as espécies do universo, somente os humanos sorriem?

Essa, porém, não deveria ser a grande pergunta já que o mais enigmático questionamento que se pode emprestar à vida é: **por que os humanos podem sorrir e as demais estirpes universais não o logram fazer?**

Pena que “Zaratustra esteja adormecido”, pois que a época ainda parece pertencer aos metafisicamente consolados e estes, como muito bem Nietzsche registrou no seu livro *“Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-moral”*¹⁴, precisam responder, um dia, à acusação nietzschiana de que a humanidade aprendeu e se habituou a **“mentir em rebanho”**.

Que Tipo de Ser Humano a Vida Universal Necessita?

Não sei muito bem “por quem os sinos dobram”, mas, seguramente, eu não os faria homenagear o **doentio prazer que percebo na postura do predador ao submeter a sua vítima indefesa**.

Sentia-me mal quando me percebia “predador”, nesta ou naquela situação da vida. Atualmente, sinto-me pior ainda em relação aos aspetos da questão que em mim deixei permanecer, como maneira de continuar a viver “arrebanhado” com as pessoas que amo e com as quais me vejo obrigado a conviver, por força das circunstâncias.

Entender porque as coisas da natureza animal e vegetal – sim, existe “predador vegetal” – chegaram a essa formatação, é algo que a própria Biologia ainda terá que agregar aos seus compêndios. Há muitos outros parâmetros, além dos postulados até agora colecionados pelas leis da chamada “evolução das espécies”.

Como os incomodados precisam ser ousados além da conta, obrigo-me a me atrever a abordar o tema – a construção linguística não é das melhores, mas aqui primo pela honestidade –, mesmo sem o alicerce da formação académica na área. A tal me permito fazer porque um convite nada formal e, portanto, não ortodoxo, foi-me endereçado pelos “desencaminhados” da vida espiritual, que lidaram com Ciência e deixaram prevalecer seu orgulho e interesse pessoal em detrimento da “busca da verdade”, para que eu pudesse, livre que sou de amarras e de brilho académico, fazer o que eles não fizeram em vida: “encarar” alguns aspectos que o método científico não consegue, não quer ou não pode distinguir nos painéis da vida, por mais que os mesmos estejam à vista.

Cego por cego, vai melhor quem estiver despreocupado em enquadrar o que for descortinando ao que julga saber!

Ainda assim, procurarei me utilizar do máximo de informações científicas nesta abordagem que julgo crucial para a reflexão sobre a função do ser humano neste concerto existencial, sendo bastante generoso para com o desconcerto em

que particularmente vivo, e penso que a humanidade vivencia também, nas tragédias do seu penoso cotidiano.

A tradição filosófica sempre buscou uma verdade *a priori*, ou seja, uma “verdade em si” ou formalmente verdadeira. Tanto Espinoza, no século XVII, quanto Nietzsche, no século XIX, contudo, tentaram mostrar que uma verdade formal não existe. Talvez não seja bem assim: o aspecto formal das causas primeiras é que, provavelmente, nada tem de agradável, nem muito menos de decente. Por isso, um olhar acadêmico não ousa fazer um “zoom” até o limite em que ele saia da sua zona de conforto conceitual para o extremo desconforto, em que se vê obrigado a jogar fora tudo o que julgava ter aprendido e o que o fazia “doutor” no assunto. Talvez seja, efetivamente, perturbador, como o próprio Jesus pontificou, já ressuscitado, segundo o “*Evangelho de Tomé*”.

Os desbravadores da Física Quântica que o digam! Contudo, viram um estranho “Observador” na cena da Criação – mas não perceberam que o tal “Observador” estava com “problemas”!

Enquanto estive na condição humana, Jesus acreditava, sim, na existência de uma verdade *a priori* e, nesse sentido, o conteúdo da sua crença que, de fato existia *a priori*, estava, contudo, equivocado, pois não existia um “*Abba*”, ou seja, um “pai querido, amoroso”. Jesus assim teria se referido a Javé na quinta-feira à noite, no dia anterior à sua crucificação, quando em pleno desespero perante o iminente martírio, pediu ao seu “*Abba*” – expressão aramaica – para ser liberado “daquele tipo de cálice”.

A certeza da sua ingenuidade, do seu equívoco para com aquele modelo de crença infundada – que ele cultuava no seu coração, ainda que conhecesse sobejamente a descrição daquele Ser cruel e impiedoso nas páginas das próprias escrituras judaicas –, ele somente a teve ao sentir as dores da crucificação no próprio corpo. Ainda assim, agigantou-se para pedir ao tal “*Abba*” que perdoasse os humanos, por estarem sendo instrumentos daquela história, cujo contexto não era terreno – **os humanos eram recentes e nada tinham a ver com uma confusão que já existia antes do universo ser criado** –, para somente no final da sua dor, compreender que quem não sabia mesmo o que estava fazendo, não eram somente os romanos, que o crucificaram, nem ele, que se enganara com a “figura do pai”, mas, principalmente Javé, que até este momento não atinou para a coleção de crimes por ele cometidos sob a justificativa da necessidade de fazer cumprir seus desígnios, jamais tendo tirocínio decente para avaliar todas as barbaridades que cometeu! **Enfim, ninguém sabia mesmo o que estava fazendo, e desconfio que no presente, o tamanho do problema permanece o mesmo!**

Sei da dureza das palavras que aqui me obrigo a utilizar para deixar esses

registros para a posteridade. Alguém tem que fazê-lo, com o objetivo de que, um dia, quando o verdadeiro contexto por trás da vida de Jesus vier a ser revelado, o choque de realidade possa vir a ser bem menor.

Diversos médiuns – eu, inclusive – vinculados à “Revelação Espiritual”, de algum modo, ao longo do século XX, reafirmaram a notícia de que Jesus se referia ao Deus Amantíssimo quando usava a expressão aramaica “*Abba*”. De minha parte, adotei essa premissa como sendo a mais provável, mas sempre com uma dúvida sobre o porquê dos espíritos comunicadores expressarem aquela “certeza”, a qual descartava toda a descrição bíblica do Antigo Testamento sobre aquele Ser estranho, como se todas aquelas narrativas estivessem erradas ou como se esse aspecto não fosse importante, já que diziam respeito ao contexto da “velha aliança” de Javé com os judeus – assim, o que importaria, doravante, seria a “nova aliança” que Jesus havia feito com os humanos!

Aceitei essa tese, naquela ocasião, até mesmo porque, pessoalmente, já considerava o “deus bíblico”, um alguém absolutamente improvável de existir com aqueles painéis psíquicos, embarcando, assim, na vala comum dos teólogos desatentos que relevavam as descrições sobre o estranhíssimo Javé bíblico à condição de exageros do passado. Entretanto, eu costumava também observar o perfil daquele Ser em uma ou outra mitologia, apesar do nome diferente, e ficava desconfiado de que poderia existir algo de muito estranho e enigmático no fato de Alá ter afirmado para os árabes que ele era o mesmo “deus” de Abraão, de Jacó, de Jesus, o que definitivamente abria a possibilidade dele ser também o “deus” Brahma, do hinduísmo/brahmanismo. Sobre esta questão do “deus” Brahma, preferi, na época, jamais fechar conclusão, apesar de desconfiar seriamente de que algo de muito errado parecia existir em todo aquele enredo. Não imaginava o quanto!

Muitos dos meus irmãos e irmãs humanas, atualmente, defendem a tese de que, o que julgamos como transcendente será sempre uma espécie de ópio para os psiquismos viciados em crenças e na obtenção de vantagens divinas a custo módico e cômodo.

Voltando, aqui, a me referir que a humanidade, como um todo, encontra-se longe de reestabelecer a transcendência como algo que não agrida a inteligência das pessoas que procuram pensar, e partindo da ideia básica de Creston Davis, que seria a de reconectar a transcendência a um materialismo militante ou simplesmente restabelecê-la, tomo agora, emprestado de Daniel Bell¹, o que ele resume muito bem – sobre esse tipo de movimento que se afasta de qualquer visão de mundo imanente-humanista, fechada em si mesma, e se aproxima de uma política material propriamente transcendente, porém, revolucionária –, quando escreve:

“Durante um tempo, era moda em alguns círculos revolucionários sugerir que a libertação só seria encontrada além dos confins da transcendência. Se a humanidade tivesse de superar as angústias do momento presente, então uma política genuinamente revolucionária tinha de se esquivar, na verdade escapar, das constrações da transcendência. Agora (...) a rejeição à transcendência tem sido reconsiderada. Por mais que o discurso totalizador possa equivaler ao anátema e à prática celebrados, reconhece-se que a libertação depende de uma ontologia prévia que mapeia as trajetórias do poder constitutivo da vida. E durante algum tempo, também era comum adotar um ateísmo militante; insistir que a libertação, se tivesse de ser verdadeiramente libertadora, rejeite os apelos à transcendência (e à sua subordinada, a teologia) em consonância com o preconceito geral de que a transcendência não era nada mais que espécie de ópio.”

Comparando aqueles que se utilizam de algum tipo de consolação, ou expectativa metafísica, com os chamados, vamos dizer, “ativistas materialistas”, que observam com certa dose de desprezo a atitude transcendente de qualquer crença – um “deus” que se preocupe com os humanos ou coisa do gênero –, ancorada na sua verdade *a priori*, diria que, historicamente, a constatação que se pode fazer é que os primeiros têm trazido para a Terra “problemas” vinculados a questões que inundam a vida planetária com seus efeitos, cabendo aos segundos à tentativa de resolvê-los, o que não vem funcionando muito bem.

23ª Constatação:

As religiões criam problemas com seus postulados e cabe à Política, à Economia, à Sociologia, enfim, à Ciência e à Filosofia resolverem os mesmos.

Será essa uma leitura estranha dos fatos? Para muitos, provavelmente, sim, porque a visão do senso comum é a de que **as religiões apareceram na Terra justamente para resolverem os problemas gerados pela vida humana.**

A observação dos fatos requer sabedoria; a leitura dos eventos que ocorrem a cada momento do fenômeno da vida se expressando, necessita de lentes bem diferentes das que os humanos têm aprendido nas escolas normalmente financiadas pelo fideísmo.

Precisamos romper com o ciclo interminável que se vive na Terra, e que se

ancora na crença de que houve um **“pecado original”** lá atrás, e que foram os humanos a cometê-lo!

A coisa é tão bem organizada que existe até um “juízo final”, criminosamente imposto sobre os ombros desta humanidade, que poderá “cair dos Céus” a qualquer momento, o que, convenhamos, é algo profundamente decadente, existir sob a égide de uma estupidez como essa.

Não estou dizendo que essa notícia mitológica e histórica não exista: existe sim! Javé a formulou como jeito de voltar a dominar a humanidade, e Enoch, na sua ingenuidade e obedecendo aos ditames do seu tempo, a divulgou! Contudo, **ela é falsa, pois não pode ser real, uma vez que não existe “juiz” que tenha estatura moral e/ou espiritual para julgar quem quer que seja**, muito menos os **humanos**, que parecem ser **a única parte inocente nessa história**.

Jesus – ou alguém que tenha deturpado ligeiramente as suas palavras – disse: *“sendo assim, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso pai que está nos céus.”* (Mt 5, 48).

E aqui retomo a questão sobre quem Jesus estava falando quando se utilizava da expressão aramaica *“Abba”*, se era um Ser-Criador ou o Deus Incognoscível.

Ao longo dos muitos apontamentos e reflexões que fui obrigado a colecionar nesta vida sobre o amado Mestre Jesus – a quem profundamente amo e respeito pelo seu legado filosófico, rico em beleza e em profundidade amorosa, do qual me sirvo como posso –, com a evolução dos fatos ao meu redor, comecei a pensar sobre um cenário um pouco mais complexo em relação ao assunto: o de que ele tanto se referiu, em algumas circunstâncias ao “deus bíblico”, a quem se referia como *“Abba”* (“Pai”), como também, em outras, a um Deus Amantíssimo, o Incognoscível. Enfim, um “Alguém” bem diferente do Javé bíblico, a quem Jesus confirmou como sendo o “Criador dos Céus e da Terra”, o que não o transformava necessariamente no Pai Amantíssimo. Contudo, essa confusão há muito se estabeleceu, e estamos longe de construir um discernimento para dela nos libertarmos, enquanto seres racionais.

Ao tempo em que produzo estas páginas, outra opção não me resta a não ser a de assumir a possibilidade de Jesus ter se referido basicamente, o tempo todo da sua vida, ao Ser chamado Javé, o que implica profundas reflexões sobre o aspecto de, se estiver correta essa alternativa, por que os espíritos comunicadores insistiram com a versão de que Jesus falava a respeito de um “deus” amantíssimo e perfeito em todos os seus atributos, **ainda que esse “deus” o tenha obrigado a “beber do cálice” da crucificação, do opróbrio e da ignomínia** – tema que não poderei desenvolver neste livro.

Assim afirmo, por um fato bem simples: um “deus” perfeito em todos os seus atributos não poderia mesmo ter criado uma natureza tão cheia de defeitos,

na qual os ímpetus genéticos criminosos imperam. Nem mesmo a espécie humana, dita racional, disso conseguiu se livrar, pois que somos racionalmente mais criminosos que todos os nossos irmãos ditos irracionais, que matam, mas sem a consciência do que fazem.

24ª Constatação:

“Deus” nenhum, minimamente evoluído, produziria um mundo assim, mas é exatamente neste “palco de horrores”, se observado por esse e outros ângulos, que nós vivemos e fomos condicionados a enxergar, neste drama e vexame, uma dádiva de um “deus” perfeito!

Paradoxalmente, os humanos são tão especiais, ainda que com posturas horríveis, que conseguem – entre os quais me incluo, apesar da “pequenez” que me marca a condição humana – ver beleza e encantamento na arte da vida.

Jesus teria, então, se enganado? Sim, já é hora disso ser percebido!

Ele nasceu com sua programação genética destinada a uma missão que a sua condição humana realizou em parte, mas se recusou a cumprir a que se ancorava na aplicação da violência para o controle dos terráqueos.

Compreender esse significado, até agora oculto, da vida de Jesus, é essencial para que se possa **medir a diferença entre a religião que surgiu a partir do seu legado e a sua real intenção** em todo o processo.

São dois mil anos de engano e de ignorância em torno do que houve com Jesus. Complicando ainda mais, o equívoco, a teologia que disso surgiu sempre foi cega em relação ao essencial, porém pródiga em formular justificativas estapafúrdias para os aspectos acessórios, como a de que **Jesus teria sido crucificado porque “deus” assim o exigiu, levado pelo profundo amor que sentia pelos humanos, porque somente o sangue de Jesus poderia lavar a “multidão de pecados” da humanidade, inclusive o tal classificado como “original”. Convenhamos!**

Não foi somente, porém, sobre os passos da vida de Jesus, o que ele fez ou deixou de fazer, que um enigmático engano persistiu desde o tempo da sua vida, pois que o seu legado também foi absolutamente distorcido, e ninguém notou isso com a precisão, a profundidade e a coragem com que Nietzsche o fez.

No seu último livro **“Ecce Homo”**, escrito quando tinha 44 anos, antes de entrar em estado de delírio profundo, ele diz:

“Fui compreendido? Eu não disse uma palavra que já não houvesse dito há cinco anos pela boca de Zarathustra. A descoberta da moral cristã é

um acontecimento que não tem igual, uma verdadeira catástrofe. Quem esclarece algo acerca dela é uma “force majeure”, um destino – ele quebra a história da humanidade em dois pedaços. Vive-se antes dele, vive-se depois dele... O raio da verdade atingiu justamente aquilo que até hoje ocupava o lugar mais alto: quem compreender o que foi aniquilado, tenha o cuidado de observar se ainda sobrou algo em suas mãos. Tudo o que era chamado de “verdade” até hoje foi reconhecido como a mais nociva, perversa e subterrânea forma de mentira; o pretexto sagrado de “melhorar” a humanidade foi reconhecido como ardil para sugar a própria vida, torná-la anêmica. Moral na condição de vampirismo...

Quem descobre a moral, descobriu junto o não-valor de todos os valores nos quais se acreditou e ainda se acredita; ele não vê mais nada de venerável nos tipos mais venerados, e inclusive naqueles que foram proclamados santos; vê neles a espécie mais fatal de aborto, fatal porque fascinavam... A noção “Deus”, inventada como noção-antítese à vida – tudo nocivo, venenoso, caluniador, toda a hostilidade mortal contra a vida enfeixada em uma unidade horrível. O conceito “além”, inventado como mundo verdadeiro para arrancar o valor ao único mundo existente – a fim de não deixar à nossa realidade terrena nenhum objetivo, nenhuma razão, nenhuma tarefa! A noção de “alma”, “espírito”, e por fim até a de “alma imortal”, inventada para desprezar o corpo, torná-lo enfermo – “santo” –, para tratar com uma frivolidade terrível todas as coisas que na vida merecem seriedade, as questões da alimentação, moradia, dieta espiritual, tratamento a doentes, limpeza, clima! Ao invés da saúde, a “salvação da alma” – quer dizer, uma “folie circulaire” entre convulsões de penitência e histeria de redenção! A noção “pecado”, inventada junto com o instrumento de tortura correspondente, o conceito de “livre-arbítrio”, a fim de confundir os instintos, a fim de fazer da desconfiança frente aos instintos uma segunda natureza! Na noção do “ausente-de-si”, do “negador-de-si-mesmo”, a verdadeira marca da “decadence”, a sedução do nocivo, a incapacidade de encontrar-o-próprio-proveito, a autodestruição convertida em signo de valor absoluto, em “obrigação”, em “santidade”, em “divindade” no ser humano! Por fim – e isso é o mais terrível – na noção do homem bom a defesa de tudo aquilo que é fraco, doentio, malogrado, que sofre-de-si-mesmo, de tudo o que deve ir ao chão – crucificada a lei da seleção, transformada em ideal a oposição ao orgulhoso e bem-sucedido, àquele que diz sim, que está seguro, que dá garantia ao futuro – e que a partir

de agora se chamará de o mau... E tudo isso foi acreditado como moral!
– Ecrasez l’infâme!”

Ao final de sua contundente reflexão sobre a moral e a verdade cristãs, Nietzsche repete a expressão “*Ecrasez l’infâme!*” – ou seja, “*Esmague-se a infame!*” –, que Voltaire costumava bradar no seu confronto com a Igreja Católica do seu tempo.

Imagino o que Voltaire e Nietzsche não diriam se eles pudessem acompanhar os escândalos e a mercancia financeiros, e os tenebrosos e incontáveis casos de pedofilia, criminosamente protegidos pelo zelo canônico de leis atribuídas a “deus”, mas que encobrem os canalhas e doentes travestidos de autoridades religiosas. Que falta fazem esses dois!

Aqui, sequer entro no mérito do pensamento de Nietzsche sobre conceitos como os da “alma”, “espírito”, “eternidade”, “livre-arbítrio”, dentre outros, porque, se por um lado, não concordo com a análise superficial que ele fez sobre esses temas, por outro, aprovo completamente o uso que fez deles, apontando-os como sendo os elementos criminosamente utilizados pelas elites religiosas de todos os tempos, para estupidificar o ser humano.

25ª Constatação:

São cerca de 2600 anos de budismo distorcido, de 3900 anos de hebraísmo e de judaísmo, de 1400 anos de islamismo, de 4000 anos de vedismo/hinduísmo – apenas citando algumas das religiões –, que terminaram enfeando a vida, o mundo e as pessoas, e sei que o vício é tão portentoso, que as atuais gerações sequer aceitam imaginar a vida sem esses preceitos ancestrais.

Somente gerações futuras mais esclarecidas para, das duas, uma: tornarem decente algum modo de se praticar religião na Terra ou delas se libertarem definitivamente.

Nietzsche, porém, disse-nos ainda mais sobre essa questão, notadamente quando se refere ao papel dos sacerdotes:

“Fui compreendido? O que me separa, o que me coloca à parte de todo o resto da humanidade é haver descoberto a moral cristã. Por isso tive a necessidade de fazer uso de uma palavra que mantivesse o sentido de um desafio a cada homem. Não ter aberto os olhos mais cedo nesse ponto me parece ter sido a grande impureza que a humanidade carrega na

consciência, como automistificação tornada instinto, como vontade radical de não enxergar nenhum acontecimento, nenhuma causalidade, nenhuma realidade, como falsificação (...) que se chega ao crime. A cegueira ante o cristianismo é o crime “par excellence” - o crime contra a vida... Os milênios, os povos, os primeiros e os últimos, os filósofos e as mulheres velhas – descontados cinco ou seis momentos da história, eu como o sétimo – são todos dignos uns dos outros nesse ponto. O cristão foi, até agora, o “ser moral”, uma curiosidade ímpar – e, como “ser moral”, mais absurdo, falso, vaidoso, leviano, mais prejudicial a si mesmo do que o maior dentre os desprezadores da humanidade jamais ousaria sonhar... A moral cristã – a forma mais maligna da vontade de mentira, a verdadeira Circe da humanidade: aquilo que a deteriorou. Não é o erro na condição de erro que me assusta à visão disso tudo, não é a falta de “boa vontade”, de disciplina, de decência, de bravura nas coisas do espírito, que se revela em sua vitória – é a falta de natureza, é o fato terrível, é a situação completamente terrível de que a própria antinatureza recebeu as supremas honras como moral, e, na condição de lei, de imperativo categórico, permaneceu suspensa sobre a humanidade!... Enganar-se a tal ponto, não na condição de ser individual, não na condição de povo, mas sim na condição de humanidade!... Que se tenha ensinado o desprezo pelos primeiríssimos instintos da vida, que se tenha inventado uma “alma”, um “espírito” para arruinar o corpo; que se ensine a ver algo impuro no pressuposto da vida, a sexualidade; que se busque o princípio ruim naquilo que é mais básico e necessário ao florescer, o estrito amor-a-si-mesmo (tão só a palavra já é difamante!); que, pelo contrário se veja nos signos típicos do declínio e da contradição de instinto, no que é “desinteressado”, na perda do centro de gravidade, na “despersonalização” e no “amor ao próximo” (vício pelo próximo!) o valor mais elevado, que digo? – o valor em si!... Como?! Será que a humanidade inteira está em “décadence”? Será que ela sempre esteve? Certo é que lhe ensinaram sempre os valores de “décadence” como sendo os valores supremos. A moral da renúncia-a-si-mesmo é a moral do declínio “par excellence”, o fato “eu vou ao chão” traduzido no imperativo: “Todos vós deveis ir ao chão!” – e não apenas no imperativo!... Essa única moral que foi ensinada até hoje, a moral da renúncia-a-si-mesmo trai uma vontade de fim, nega a vida em seus fundamentos. – Aqui ficaria aberta a possibilidade de que não é a humanidade que está em degenerescência, mas apenas aquela espécie parasitária de homem, a do sacerdote, que

através da moral elevou-se fraudulentamente à definidora dos valores, que na moral cristã divisou o seu meio de alcançar o poder... E esta é, de fato, minha percepção: os professores, os guias da humanidade, teólogos todos eles também “décadents”: daí a moral... Definição da moral: Moral – a idiossincrasia dos “décadents”, com o desígnio oculto de vingar-se da vida – e com êxito.”

Nietzsche elegeu, portanto, a moral cristã como sendo a força que se contrapôs à existência, **vingando-se da vida exatamente pela prática niilista de não vivê-la**. Penso que essa simples percepção traz consigo bem mais do que ele próprio se propôs a eleger como sendo importante e digno de ser mencionado em suas reflexões.

É como se algo que vive descobrisse que a vida era feia, mas em sendo obrigado a viver, recusava-se, portanto, a existir, porque esta era amoral, abaixo de toda a aceitação e, assim, somente a “vida eterna” daria algum valor ao fato de se ter vivido na Terra. Estranho, não?

Da forçada parceria histórica entre o judaísmo e a religião que dele derivou e se ocidentalizou por meio do cristianismo, na sua face católica, terminou surgindo o mais incoerente dos enredos, só que, estranhamente, foi elevado à categoria de “sagrado”. Haja estranheza!

A nossa ignorância em torno dos elementos que compuseram a visão judaico-cristã é muito grande, e aqui me refiro a dos cristãos em geral, notadamente a dos católicos e dos protestantes, que pensam conhecer a “*Bíblia*”, mas nada sabem da sua urdidura enquanto versão latina de um processo histórico antiquíssimo. Bem maior é a ignorância que colecionamos em relação às notícias mitológicas ainda anteriores às que foram organizadas na mesopotâmia, pelos povos sumérios, acadianos, caldeus, babilônicos, persas e, mais tarde, pelos greco-romanos e que, só mais recentemente, foram apropriadas como sendo “mitos do judaísmo”.

Uma dessas notícias mitológicas fala de uma “falta ou pecado original” ainda mais recuado que o da “Eva judaica”, e que teria modificado o curso da história entre “deuses” e humanos.

Se o mito do “pecado original” da versão judaico-cristã apontava para um impasse, definidor de limite no modo da relação entre o “deus dos judeus” (Javé) e os humanos Adão e Eva, esse outro, bem mais antigo e de origem grega, definitivamente teria, sim, apartado os humanos do domínio dos “deuses”, graças a atitude de um deles.

Sobre esse aspecto ancestral da humanidade, Nietzsche nos diz no livro

“Nascimento da Tragédia”:

“À glória da passividade contraponho agora a glória da atividade, que o Prometeu de Ésquilo ilumina. Aquilo que o pensador Ésquilo tinha aqui a nos dizer, aquilo que ele como poeta apenas nos deixou pressentir através de sua imagem alegórica, é o que o jovem Goethe soube nos desvendar nas arrojadas palavras de seu Prometeu:

*Aqui sentado, formo homens
À minha imagem,
Uma estirpe que seja igual a mim,
Para sofrer, para chorar,
Para gozar, para alegrar-se
E para não te respeitar,
Como eu!*

O homem, alçando-se ao titânico, conquista por si a sua cultura e obriga os deuses a se aliarem a ele, porque, em sua autônoma sabedoria, ele tem na mão a existência e os limites desta. O mais maravilhoso, porém, nesse poema sobre Prometeu, que por seu pensamento básico constitui o próprio hino da impiedade, é o profundo pendor esquiliano para a justiça: o incomensurável sofrimento do “indivíduo” audaz, de um lado, e, de outro, a indigência divina, sim, o pressentimento de um crepúsculo dos deuses, o poder que compele os dois mundos do sofrimento à reconciliação, à unificação metafísica – tudo isso lembra, com máxima força, o ponto central e a proposição principal da consideração esquiliana do mundo, aquela que vê a Moira tornando, como eterna justiça, sobre deuses e homens. Dada a espantosa audácia com que Ésquilo coloca o mundo olímpico nos pratos da balança da justiça, devemos ter sempre presente que o heleno profundo dispunha, em seus Mistérios, de um substrato inamovivelmente firme de pensar metafísico e que podia descarregar nos Olímpicos todos os seus acesos céticos.”

Nietzsche descarregou todos o seu ceticismo sobre as ideias e ideais do cristianismo falsificado pelo catolicismo, como também destruiu todos os “ídolos adoentados” da fé primária do “rebanho humano” que se deixa conduzir como animais pouco dotados de razão. E a pequena cota que alguns poucos possuem, parece ser muito mal utilizada por esses.

A humanidade ainda não sabe, mas em termos ancestrais, atualmente tratados

como mitológicos, Prometeu começou a ter esse tipo de postura, ou seja, de comportamento rebelde em relação a Zeus e aos “deuses primordiais” depois da **revolução que Pandora promoveu** – uma espécie de “segundo tempo” de uma longa peleja, no seio da qual teve lugar a gênese dos seres humanos –, e que procurei descrever no livro **“O Sorriso de Pandora”**.

Tempo virá em que todos saberemos que somos um resultado inesperado desse longo e desconhecido processo, no qual, em certo ponto da história, deslacamos a “trava genética” que nos impedia de ter a liberdade de raciocinar, e que, desde então, fomos condicionados a fazer mau uso do pouco pensar que ainda dispomos, além de acusados e prontamente condenados, como tendo sido os causadores do tal “destrave dos grilhões genéticos”.

Ainda sob essa perspectiva, por sinal, muito mais antiga – o repito –, do que a que foi utilizada na cultura judaico-cristã, o “pecado original” que foi jogado nos ombros da humanidade, seria, sim, de Prometeu e não dos humanos. Contudo, qual seria a função da Igreja Católica caso o ser humano não padecesse da desgraça do “pecado original”? Nenhuma, e todos seus sacerdotes estariam desempregados! Curioso, não?

Destruam-se as histórias antigas, transformando o que era fato em mitologia, e depois marque-se, na frente da humanidade, toda a sorte de desgraças para que ela se veja obrigada a administrá-las pelo simples fato de ter nascido para a vida: sim, este é o “pecado original”. Sob a perspectiva dos doutores da teologia, depois de Eva ter parido por força da influência do “diabo-serpente”, todos os humanos – segundo essa piada que foi transformada em assunto “sagrado” e dogmático –, herdaram o tal “pecado original” pelo fato de terem nascido. Simples, assim!

Sobre o “pecado original”, Nietzsche nos disse o seguinte:

“A lenda de Prometeu é possessão original do conjunto da comunidade dos povos ários e documento de sua aptidão para o trágico profundo, sim, talvez não fosse até inverossímil que esse mito, de um modo inerente, tivesse para o ser ariano a mesma significação característica que o mito do pecado original tem para o semítico, e que entre os dois mitos exista um grau de parentesco como entre irmão e irmã. O pressuposto desse mito prometeico é o valor incalculável que o homem ingênuo atribuiu ao fogo como verdadeiro plágio de toda cultura nascente: mas que o homem reine irrestritamente sobre o fogo e que o receba não como uma dádiva do céu, como raio incendiário ou como ardente queimor do Sol, isto é algo que àqueles contemplativos homens

primevos parecia um sacrilégio, um roubo perpetrado contra a natureza divina. E assim o primeiro problema filosófico estabelece imediatamente uma penosa e insolúvel contradição entre homem e deus, e a coloca como um bloco rochoso à porta de cada cultura. O melhor e o mais excelso do que é dado à humanidade participar, ela o consegue graças a um sacrilégio, e precisa agora aceitar de novo as suas consequências, isto é, todo o caudal de sofrimentos e pesares com que os ofendidos Celestes afligem o nobre gênero humano que aspira ao ascenso: é um áspero pensamento que, através da dignidade que confere ao sacrilégio, contrasta estranhamente com o mito semítico do pecado original, em que a curiosidade, a ilusão mentirosa, a seduzibilidade, a cobiça, em suma, uma série de afecções particularmente femininas são vistas como a origem do mal. O que a representação ariana distingue é a ideia sublime do pecado ativo como a virtude genuinamente prometeica: com o que é encontrado ao mesmo tempo o substrato ético da tragédia pessimista, como a justificação do mal humano e, na verdade, tanto da culpa humana quanto do sofrimento por ela causado.”

A desventura na essência das coisas e de si mesmo, e a contradição primordial de todas as coisas e de si mesmo, parecem ter feito da destinação humana uma sempre insuperável tendência de ser manipulada por certas estirpes de “deuses”, cometendo, assim, incontáveis ordens de sacrilégios para outras classes desses e, por isso, inevitavelmente, o ser humano sofre!

Isso é uma vida que pode ser considerada como uma dádiva de um “deus” perfeito e amoroso? Ou é uma destinação perversa, imposta aos humanos por seres covardemente situados na retaguarda da existência, mas que, durante muito tempo, tiveram em suas mãos o poder de “jogar com dados genéticos” pela Criação afora?

Continua Nietzsche:

“Assim, os ários entendem o sacrilégio como homens e os semitas entendem o pecado como mulher, do mesmo modo que o sacrilégio original é perpetrado pelo homem e o pecado original pela mulher.”

O ser humano teve tanto a sua inocência como a sua infância existencial ultrajadas pela obrigação de assumir, como verdade, um assombroso conjunto de esquisitices que, desde então, transformaram a sua propalada racionalidade, fazendo da sua capacidade de pensar um processo no mínimo estranho.

Toma-se como “verdade” o que nem sequer é conhecido; acredita-se em qualquer lorota, desde que conveniente ao credo, o que transforma a lógica humana, que sabe que é pelo ato de pensar que se produz a consciência do “eu”, esse sujeito que é obrigado a assumir o “predicado” do ato de viver numa verdadeira “ópera bufa” – no sentido de somente produzir baboseiras –, ainda que travestidas de intelectualismo barato, como é o caso dos postulados teológicos.

Tanto Jesus quanto Nietzsche, cada um por motivos diversos, tomaram o mundo sobre os ombros como tipos de “Atlas”, parecendo que estavam dando chance ao tempo para que os demais seres aprendessem a tomar cada um o seu fardo.

A questão que deveria se impor para a reflexão – o que já expressei no livro “*Favor Divino*”, e por isso não abordarei aqui – é a do motivo pelo qual o ser humano necessita, de fato, assumir parte do fardo existencial!

O mito de Prometeu, irmão de Atlas, ainda se encontra misteriosamente ligado ao de Pandora, e ambos têm a ver com a enigmática emergência da humanidade em pleno “oceano de tubarões” que terminaram se apaixonando por suas “presas”.

Esses “tubarões”, os predadores que possuem face semelhante ao do Criador “caído”, incompetentes para assumir as consequências do problema que geraram, transferiram para as suas “presas” esse “drama”, e estas tiveram que desenvolver essa habilidade meio que à força, o que **fez destas criaturas exatamente as que o universo precisa para ter a sua enigmática equação existencial solucionada.**

Até agora, somente os humanos, a última espécie a emergir para a vida na Criação, **detém em si essa trágica habilidade de discernir o erro, de perceber a verdade dos fatos**, como afirmado por Pitágoras, anteriormente referido. E isso, caso saiba fazer uso da sua racionalidade, sem acionar as esquisitices inoculadas no psiquismo dos ancestrais humanos, e que prevalecem até as suas gerações atuais.

O fator mais emblemático dessas esquisitices é a pregação religiosa, ou seja, o proselitismo religioso, tão criticado por Mahatma Gandhi² como sendo um dos principais males praticado pela humanidade, na sua ignorância.

A pregação religiosa “infectou” a Terra de problemas, ainda que pretendesse fazer o contrário. E o processo tem continuado até estes tempos, só que agora, finalmente, está em vias de enfraquecimento, por força:

- da Era do Conhecimento;

- do final do isolamento planetário e da percepção da vida extraterrestre e extrafísica;
- do processo da sucessão das gerações, que fará com que as próximas a se fazerem presentes na Terra não padeçam do problema dos fideístas; e
- dos problemas ambientais, que demonstrarão a frieza da natureza para com a vida humana, como também a inutilidade da crença nos tipos de “deus” comuns à infantilidade terráquea.

O ser humano medíocre pode não saber quem ele é, mas eis algo que diferenciava Jesus e Nietzsche do resto da humanidade: eles sabiam quem eram, cada um a seu modo.

Jesus tinha consciência de que era um “Diretor Executivo em missão”, “um Verbo Divino em ação”, com mandato profético demarcado no seu DNA humano, e isso ele sempre soube desde a sua adolescência, por força dos poderes sobre-humanos que possuía. Apenas se recusou a cumprir essa atribuição nos moldes estabelecidos pelo profetismo judaico, e o fez a seu modo, enfrentando conscientemente as consequências.

Quanto a Nietzsche, como registra Rudiger Safranski:

“Nietzsche sabia que era Nietzsche. Ele se sentia um exemplo. Para ele, valia a pena ser ele mesmo. Também acreditava que valeria a pena para nós participarmos dele. Realizava seu trabalho em si consciente de estar fazendo isso para toda humanidade. Na fase posterior essa orgulhosa consciência de si mesmo irrompe, descingida: “Conheço o meu destino, um dia se ligará ao meu nome a lembrança de algo inaudito, uma crise como não houve outra nesta terra, a mais profunda colisão de consciência, uma decisão conjurada contra tudo o que até então fora acreditado e sagrado. (...)”

Ele quer sentir-se como alguém que carrega nos ombros, como representante de Atlas, os problemas do mundo – ou melhor, do-ser-no-mundo – e além disso ainda quer realizar a obra de arte de brincar e dançar sob essa pesada carga.”

Todos os viventes carregam desgraçadamente, marcado na cota do DNA pessoal, o “pesado fardo” da “doença” do Criador “caído”, e não há nada mais mórbido que isso. Esse problema “infecta” a todos nós, pois vem com o corpo, ao nascer! Na vida, já entramos “contaminados”, e precisamos controlar os efeitos dessa “doença” no “desditoso” do nosso psiquismo, que já se percebe

existindo em plena dificuldade de criar uma personalidade.

Jesus e Nietzsche não sabiam disso, mas este último enfrentou, de modo genial e penoso, as continuadas relutâncias do seu “eu” complicado, o que o levou a desenvolver a arte mental de se reconstruir conforme os seus próprios termos.

Essa atitude mental formidável e única, deveria ser apreendida por todo e qualquer humano, para bem construir a sua personalidade. Às vezes, temos que matar em nós aquele “eu” que surgiu, para fazer emergir um “novo”, este sim, arquitetado pelo nosso querer, e não pela carga hereditária recebida – que deveria ser entendida somente como a base de um “novo eu”.

Esse “novo eu” é a face do “eu não doente”, possível de existir nesta Obra, na qual todos os “eus” já nascem “infectados” pela herança “doentia” original!

Nesta Criação, ao que parece, não existem outras espécies capazes de produzir “eus não bichados”, e por isso a desgraça e a angústia povoam todos os quadrantes universais, como referido no **“Shiva samhita”**³.

Nas circunstâncias em que vivemos, o que significa um “eu infectado”?

Para responder de modo bem objetivo, reproduzo, a seguir, alguns poucos parágrafos do livro **“A Divina Colmeia – A Trimurti Desencantada”**, sobre como vivem os “eus cegos” e doentamente subordinados às esquisitices, entronizadas como verdades:

“Ignorância Cultivada e Crescente

No dia 18 de novembro de 1965, a Igreja Católica anunciou na sua Constituição Dogmática, que as verdades supremas da sua crença eram:

“A Bíblia tem Deus como autor.

A Bíblia é sagrada em todas as suas partes.

A Bíblia foi inspirada, em todas as suas partes, pelo Espírito Santo.”

O papa Paulo VI, em 30 de junho de 1968, publicou as normas da “verdade evangélica” da Revelação Maior do Catolicismo, afirmando que:

“A Igreja Católica é a única igreja verdadeira.

Somente a Igreja Católica propaga a verdade infalível.

Somente a Igreja Católica é a herdeira legítima da promessa divina.

Somente a Igreja Católica está de posse do Espírito de Cristo.

Somente a Igreja Católica está de posse da verdade plena e toda.”

O aspecto formidável aqui é o de que esses postulados foram produzidos em pleno século XX, após uma longuíssima carreira de crimes praticadas contra o avanço do tirocínio humano ao longo de mais

de 1500 anos de postura imperial.

Mesmo com a inescrupulosa “santa inquisição”, o fato da Igreja Católica ter mantido gerações e mais gerações de seres humanos analfabetos – com a justificativa de que era para ninguém interpretar erradamente as sagradas escrituras –, o assassinato de gênios como um Giordano Bruno, a humilhação de outros como Galileu Galilei, estando sempre errada, ainda assim, ela escreveu e tornou dogma de crença esses absurdos acima, reproduzidos num tempo no qual a razão, a decência e a espiritualidade esclarecida pareciam ser a busca dos movimentos sociais e políticos. E todo esse despropósito foi considerado normal, como sempre o foi, pelo senso crítico religioso de seus seguidores!

A “igreja colmeia” tem funcionado há um longo tempo, vendendo a ideia de que “Deus” é uma “Abelha-rainha” amorosa, diferente das abelhas literais, porque ele age como um servidor, um disponibilizador de bençãos e de dádivas, sendo a principal delas a própria vida dos seres da sua Criação.

A “igreja colmeia” também afirma que “Deus” se consubstanciou como homem em Jesus, que veio para servir e dar a sua vida em sacrifício, porque o “Deus amoroso”, acima referido, exigiu que ele derramasse o seu sangue, quando o obrigou a beber o “cálice da fúria divina” em relação aos “pecadores” da Terra, que só daquele jeito seriam perdoados os “sabem-se lá quais pecados” de Eva e de Adão, praticados lá atrás, na história da humanidade.

“Beleza” de teologia essa, que explica e justifica, por meio da exegese bíblica, esse tipo de entendimento a ser adotado pelas “abelhas-operárias da colmeia”.

E assim são as religiões: operadoras do novo “sistema colmeia” – o velho modelo adaptado a seres que se racionalizaram e que “precisam” ser novamente condicionados – sobre a desavisada sensibilidade humana, para que as pessoas sejam o que as “abelhas-rainhas” definirem (o papa, o cardeal, o bispo, o padre e o pastor, entre outros) por meio das regras da “colmeia”.

Estranhamente, a teologia judaica e as “abelhas-rainhas” da época crucificaram Jesus exatamente porque ele não estava sendo uma “abelha-operária” – vamos dizer – muito aplicada, uma vez que agia diferente do resto do “rebanho-colmeia”. Qual o seu erro? O de não querer usar os seus superpoderes para obrigar os humanos a retornarem para o controle de Javé, preferindo fazê-lo por meio do “convencimento

amoroso” – se é que isso existe.

Contar quantas pessoas geniais e humildes a sagrada e imaculada Igreja Católica já matou nesses seus 1600 anos de história, é coisa que só os “cartórios da Espiritualidade” dão conta.

Juntando tudo isso às dezenas de milhares de casos de pedofilia somente ao tempo desta nossa geração de humanos, seria de se perguntar como as “abelhas-operárias” do “sistema colmeia” do catolicismo ainda permitem chamar de “santa”, de “sagrada” e de “imaculada” uma igreja que nem mesmo a figura do papa escapa dos seus furtivos crimes, como foi o caso de João Paulo I, que, curiosamente, apareceu morto apenas 33 dias depois de ter assumido o papado.”

Fechar os olhos para esses fatos e/ou desconhecer-los é uma maneira “perfeita” de se viver, tornando-se a cada dia um “eu arrebanhado” feliz e em êxtase pelas “dádivas de deus”, conquistadas pela fé, com a intermediação das igrejas terrenas, que vendem esses “produtos”.

A mediocrização da vida, sustentada por “eus infectados”, infelizmente, tem sido uma constante desde que esse tipo de existência movida pelo código-fonte “doentio” do Criador a gerou. Estamos descobrindo esses painéis desagradáveis sobre a geração da vida nesta Criação cerca de uns 13 bilhões de anos depois que eles começaram.

Para muitos, “viver” é o que costumamos observar como sendo a vida que todos levam, ainda que cheia de mazelas e angústias, mas com seus momentos felizes e prazerosos. Para outros, viver é uma arte e poucos têm conhecimento dela e conseguem praticá-la bem.

Curiosamente, vivemos um tempo de involução política e religiosa, devido ao modo corrompido com que os agentes dos dois processos fazem absoluta questão de colocar em prática, junto com qualquer atitude da geopolítica da corporação a que se encontram vinculados, seja pela fé ou pelo interesse inconfessável.

Como observado no capítulo anterior, a humanidade parece ter caminhado para trás, pois mesmo já tendo transcorrido o período histórico a que chamamos de “Renascimento”, é como se estivéssemos novamente imersos em trevas, necessitados de um “novo Renascimento”.

Afinal, a “pílula azul”, com a sua cota de aparentes encantos e obrigações cotidianas, ofertada ao “rebanho”, o satisfaz a tal ponto que isso acabou se transformando no “aspecto comum” da vida. Entretanto, esse padrão medíocre não corresponde, necessariamente, ao que poderia ou mesmo deveria ser o

“normal”, aquele que estaria à altura da natureza humana, e que a poderia efetivamente dignificar a vida – e não a tornar cada vez mais vulgar como, infelizmente, o fez.

Repetindo: nesses casos, o psiquismo humano permanece abafado pela mediocridade do “fácil viver”, do mesmo modo como se dá a alimentação aos porcos, que se regozijam quando a recebem em plena vida na pocilga. O terrível, aqui, é perceber que um “porco incomodado” não vai deixar de ser porco, nem muito menos vai conseguir viver fora da pocilga. Um humano, porém, poderia ou deveria se incomodar, e sair do “rebanho”. Contudo, estranhamente, a “pocilga humana” permanece pujante, no sentido de que o “rebanho humano” continua em “festa”, e dele, poucos ousam se ausentar.

Nietzsche sofria ao perceber que a vulgarização da vida era o padrão comum da espécie dita racional, a qual ele pertencia! Ele foi, portanto, o libertador do pensamento ocidental dessas falsas ideias e valores desgraçadamente construídos sobre o legado de Jesus.

No *“Crepúsculo dos Ídolos”*, ele propôs o fim da “mediocrização da humanidade”, da servidão voluntária a mentiras e a falsidades. Contudo, não eram somente os “ídolos religiosos” que imbecilizavam os humanos, pois também os de ordem “política-doutrinária” estavam cumprindo com o mesmo programa de vulgarização da inteligência humana.

Sobre Jesus, existe um aspecto do início da sua tarefa, notadamente verificado ao longo dos dois primeiros anos, que quase não é observado pelos estudiosos do seu legado.

26ª Constatação:

Precisamos compreender que Jesus passou quase todo o tempo do seu ministério público falando acerca das 613 prescrições da Torah, a “bíblia judaica”, que continha mais de um milhar de orientações de Javé, pois caberia ao seu Messias eleger dentre todas, quais seriam as 613 a serem observadas.

Por ser aquela a função mais presente nas preocupações cotidianas do povo judeu a ser cumprida pelo Messias esperado, ele esmeradamente tratou de atender às dúvidas dos seus contemporâneos em torno do tema, que era, então, o mais discutido nas sinagogas.

Jesus sempre se dedicou a isso, e somente nos últimos meses da sua vida, após o encontro com seus anjos no momento da sua “Transfiguração”, é que ele começou a universalizar o seu discurso e avisou que morreria, e depois

ressuscitaria.

27ª Constatação:

Jesus, num primeiro momento, transformou o “sujeito da vida humana” em um simples cumpridor de preceitos manualizados, preocupado que estava em fazer cumprir as escrituras judaicas. Nietzsche, bem mais tarde, rasgou o manual e convidou os humanos a se tornarem protagonistas das suas próprias vidas!

Se por um lado, faltou a Jesus nos seus primeiros dias, a percepção do quão inquietante era o aspecto de que ele estava tentando submeter os judeus e, depois, os demais seres humanos ao jugo de Javé, por outro, faltaria a Nietzsche, tempos depois, a compreensão de que as angústias humanas eram também envolvidas pelo mesmo tipo de problema que fazia de todo ser humano um refém da herança genética do Criador.

Conforme penso, nesse processo, faltou a Nietzsche a percepção de um todo problemático mais complexo!

Infelizmente, a “turma do rebanho”, ao ler os textos nietzschianos, ou se incomodam pela boa causa do desconforto que a sua leitura produz ou o demonizam, como costumam fazer os cristãos mais exaltados. Em contrapartida, ele é endeusado pelos ateus.

Os terráqueos sempre viveram movidos por padrões de dualismo barato, e este livro é uma tentativa de fugir a esse tipo de abordagem.

A meu modo, esforcei-me por produzir um conjunto de “sementes” em torno de reflexões que não podem mais esperar pela falta de visão de uma Filosofia que pouco se movimenta, além das conveniências dos departamentos acadêmicos, acostumados ao testamento de Adão, produzido pelo cristianismo catolicizado, que legou à posteridade o pior tipo de enredo para vida humana: filhos do “demônio que enfeitiçou a mãe Eva” – o que nos tornou a todos “filhos do pecado e do infortúnio”.

É curioso perceber que esta humanidade, tida como “bandida, pecadora e fruto do já referido pacto demoníaco” – e assim classificada exatamente devido à influência das escrituras às quais Jesus se encontrava vinculado –, talvez, não seja nada disso, podendo mesmo ser vista como heroica, sobrevivente a muitos crimes contra ela cometidos por esses seres estranhos e tratados como “deuses”, daí a visão do homem do futuro, o “super-homem” vislumbrado por Nietzsche.

Jesus errou? – mais uma vez me pergunto.

Não pense o(a) leitor(a) que este livro seja uma ode ao legado nietzschiano,

associada a um lamento em torno do legado de Jesus que, sob a ótica de Nietzsche, foi violentamente distorcido pelo surgimento de uma igreja romana, o que apequenou o ser humano de tal modo que parece tê-lo incapacitado de seguir adiante, a não ser com a “proteção” das religiões que o dizem representar.

O que lamento e, neste ponto, crítico o *modus operandi* do espírito que animou a personalidade terrena de Jesus, é o aspecto de que estes dois mil anos de omissão da sua parte, parecem ter selado o infeliz destino do Ocidente, que se viu atrelado ao progresso possível à visão católica.

Efetivamente, esses milênios de silêncio são constrangedores, principalmente quando a nossa atenção se volta para o perene sofrimento humano, que jamais cessa e parece se potencializar sempre, com as dádivas dos que se propuseram a cuidar desta humanidade exatamente noutro sentido. Estranho, não?

Certos problemas, por não terem sido resolvidos, terminam se transformando em foco de mais e mais problemas. E assim, nessa estranhíssima progressão geométrica produzida pela omissão ou pela incompetência de quem os criou e/ou de quem os possa resolver, tem caminhado a humanidade, produzindo um tipo de ser humano e um modo de existir miseráveis, que não homenageiam a decência existencial. Por que esses inquietantes padrões de baixa qualidade – ou da ausência desta –, que são percebidos tanto nos seus agentes quanto na vida que levam?

Por que somos considerados “filhos do pecado” pela Igreja Católica, que jamais conheceu Jesus diretamente? Por que fomos destinados à “danação eterna”? Quem tem autoridade para agir desse modo, enfeando a vida e transformando os seus atores em escravos de todo tipo de pregação religiosa esquisita, infantilizada e estéril? Será mesmo que tinha de ser assim? Será que tem de ser assim?

Lamentável!

Encanto e Susto

Aconteceu sem que eu esperasse, e penso que, à exceção do espírito de Jesus, ninguém mais poderia mesmo arquitetar algo como o que presenciei.

Em termos de calendário terreno, corria o final do mês de março de 2019, ao tempo em que me encontrava na cidade de Edimburgo – Edinburgh, a terra de Odin –, na Escócia.

Em certa madrugada, o espírito que me anima a atual personalidade, conduziu-me a um determinado ambiente espiritual, no qual me defrontei com uma das mais nobres almas que conheço, a quem saudei como sendo Julia Domina, pois foi esse o seu nome numa das encarnações que o seu espírito teve no seio do Império Romano ocidental.

Para minha surpresa, ela me informou que estávamos “agendados” com um espírito a quem a mesma tratava como sendo “Proteus”, uma espécie de “filho espiritual”, alguém que havia vivido ao mesmo tempo que ela no Império Romano, nos dias do governo do imperador Septimo Severus, de quem Julia havia sido esposa.

Quando do feitio do livro ***“Homoafetividade: as Faces do Rosto Invisível”*** – o segundo da série, ainda por editar –, colhendo os depoimentos dos espíritos cujas histórias comporiam algumas das suas passagens, Julia Domina, então, apareceu como um desses personagens que me ajudariam a produzir aquelas obras. Somente mais tarde, pude perceber que, na verdade, ela estava mesmo coordenando um número surpreendente de entidades espirituais envolvidas com aquela empreitada em torno da ressignificação do sentido dos conceitos tanto no campo da “identidade de gênero” como também no da própria homoafetividade – temas, infelizmente, tão pobremente compreendidos pelo baixíssimo nível de esclarecimento atualmente disponível no psiquismo humano.

Quando da sua participação, ela narrou os seus dias como imperatriz romana, preocupada, então, em deixar para a posteridade, um legado cultural no qual pudesse estar registrado a contribuição intelectual de alguns dos expoentes

daquela época e das anteriores, até porque muito havia sido perdido e os seus esforços também eram no sentido de resgatar e preservar o que fosse possível.

Foi na sua narrativa que surgiu a figura de Proteus que, até então, para os meus registros, era alguém desconhecido.

Na oportunidade em questão, estávamos sendo levados por um “grupo de segurança espiritual” – pois parecia que nos encontrávamos em um nível existencial ainda não livre de perturbações de certas hordas espirituais trevosas e complicadas –, para nos encontrarmos com o “Mestre Proteus”, assim por ela carinhosamente denominado.

Estranhei, mas, somente ao adentrarmos o “ambiente hospitalar” existente naquele complexo de construções – que me pareciam um tipo de fortaleza inexpugnável –, destinadas à prestação de serviços de apoio e de acolhimento para espíritos ainda presos aos grilhões do ódio e de problemas mal resolvidos advindos da Segunda Grande Guerra Mundial. Além destes, ali também se encontravam casos especiais de consciências não vinculadas com a Segunda Guerra, mas que por outras injunções, foram para ali trazidas como maneira de serem ajudadas, até que pudessem se recompor do desgaste das últimas vidas. Aquele parecia ser o caso do espírito de Proteus, que ali se encontrava desde os primeiros anos do século XX, o que o fazia um habitante daquele lugar bem antes da chegada dos personagens espiritualmente danificados pela Segunda Guerra.

Eram muitos! Não os pude contar num primeiro momento. Posteriormente, fui informado que, naquela região espiritual se encontravam em tratamento cerca de um milhão, trezentas e poucas mil individualidades literalmente “acamadas”. Também existia uma outra região que atendia o mesmo mister, com um outro tanto de necessitados, mas em ambiente espiritual situado próximo ao Japão. Aquela na qual nos encontrávamos, ainda que “sob os céus da Escócia”, estava relacionada com as regiões espirituais vinculadas ao restante da Grã-Bretanha, da Alemanha e da França, mais especificamente.

Proteus, ele mesmo ainda demonstrando possuir algumas dificuldades no campo da saúde espiritual, saudou-me afavelmente, enquanto o seu perispírito se modificou à minha frente, moldando-se como Nietzsche, por volta dos quarenta e poucos anos da sua mais recente personificação humana.

Fiquei surpreso, pois não conhecia aquela relação de identidade do seu espírito como Proteus, ao mesmo tempo que dele escutei:

— Simplesmente, agora sei, muito tempo depois das últimas e desconexas recordações da vida, vi-me aqui, como se hospitalizado, após a minha morte, se é que devo me expressar com esses termos. Fui acolhido e tratado com um respeito que não mereço, o que logo me ajudou a me refazer das dores do antigo

corpo e do desgosto que a muito custo superei. Desde então, tenho me esforçado para me tornar uma espécie de doente-enfermeiro, de modo a fazer o mesmo com os que aqui aportam. Sinto-me, assim, em ação, e tento ser útil junto aos desesperados que começaram a chegar nos tempos malucos e criminosos de Hitler. E tenho buscado cumprir com essa tarefa até hoje, pois que as malditas guerras jamais acabam, e é trabalho por tudo o que é lado.

Julia Domina nos convidou, então, a seguirmos um pouco mais num determinado sentido longitudinal, no qual parecia existir um jardim que se estendia como se verticalizasse ao infinito, o que me levou a comentar que aquilo parecia ser uma “escada florida do mais alto” – cujo final da mesma não podíamos vislumbrar – para aquele lugar.

Um pouco mais e nos reunimos em um “lugar alternativo”, no âmbito do jardim, mas que não se podia perceber antes, e que se tornou “real” somente quando um dos nossos acompanhantes acionou uma vibração sonora, advinda de um pequeno aparelho que portava em uma de suas mãos.

O contexto mudara completamente, e Julia Domina explicou, acho que tanto para mim como também para o espírito de Nietzsche, que somente se acessava aquele lugar especial a partir do hospital no qual ele trabalhava, enquanto se recuperava de problemas acumulados, ao mesmo tempo em que procurava ser útil a quem podia, dos que ali estavam congregados.

Aquele lugar parecia se valer da vibração dos espíritos ali envolvidos, tanto dos que atuavam no apoio aos doentes como destes próprios, e aquela combinação de energia parecia ser trabalhada por outros níveis da inteligência espiritual, que o fazia somente existir para momentos especiais vinculados à intercessão entre algumas ou diversas categorias existenciais.

É como se aquele lugar proporcionasse ou produzisse um tipo de interconexão com múltiplos padrões vibratórios, **o que permitia que espíritos de elevado potencial pudessem socializar, temporariamente, com outros mais modestos no campo da energia pessoal.**

Sentamo-nos os três enquanto, aos poucos, mais de vinte entidades ali presentes se afastavam, espalhando-se estrategicamente como se ampliando – com o que julguei ser a força mental das suas consciências – os limites daquele lugar inacessível para a maioria dos espíritos encarnados e mesmo desencarnados.

Nietzsche olhou para mim e me perguntou, com certa dose de ironia:

— Onde você estava? Desde que a vida me matou a razão e depois o corpo na última vez que perambulei pelo mundo terreno, que perdi o senso sobre as coisas e demorei a retomar o curso de mim mesmo por aqui, nesse lugar estranho e maravilhoso. Explicando melhor: acho esse local estranho porque minha visão

materialista das coisas jamais me permitiu conceber qualquer possibilidade de existir essa continuidade, se é que é assim que devo me expressar sobre esse tipo de vida espiritual que, pelo que deduzi, existia mesmo antes de nascer e me fazer Nietzsche; maravilhoso, porque aqui me sinto autêntico, internado em algo parecido com um retiro para espíritos aloprados, como parece ser o meu caso, e isso não me pesa, pelo contrário, faz-me muito feliz porque não tenho que fingir, nem preciso mesmo fazer isso, porque, por aqui, parece que ninguém consegue, por muito tempo, se esquivar do que efetivamente é. Quando daqui, nos anos 90 do século passado, vi você escrevendo, ainda quando não lhe passava na cabeça publicar livro algum, tomei um susto ao recordar que, antes da minha enfermidade, recebi um livro em francês, que estava na minha fila de leitura, acho mesmo que era o próximo a ser lido por mim antes da camisa de força me abraçar. Pensando bem, foi o melhor abraço que recebi naquela vida, porque dele resultou o final, ou melhor, o que pensei ser o final, mas aqui estou eu continuando a existir. Não o pude ler naquela oportunidade. Todavia, aqui, devo dizer que seus livros me fizeram novamente sonhar todos os sonhos, e cheguei mesmo a devorar todos eles, muitas vezes, nesses últimos tempos, o que me fez ainda não ler o **“Livro dos Espíritos”**, que continua na minha fila de leitura. Não li porque agora sou, eu mesmo, um espírito, e tenho mais o que fazer, depois de ter resgatado meus dias de rebelde à moda dos Mion¹, nas descrições que você produziu, as quais muito agradeço: sem elas esse passado não me seria possível ser retomado. Não me deixam sair daqui, e sempre me disseram que você me visitaria, por isso lhe perguntei por onde andava.

— Fugindo do Demiurgo! – disse eu, ainda que surpreso com o tipo de resposta que de mim saiu, pois não era aquela a minha pretensão, e a própria Julia Domina me olhou com certa dose de surpresa e um sorriso discreto. — Assim me refiro, porque, imagino que com você posso facilmente usar esse conceito platônico que sei pertencer ao conhecimento da sua última vida, para poder lhe responder honestamente. Fugi como pude desse Ser e de sua Assessoria, mas foi exatamente por eles e por causa deles que comecei a escrever os tais livros que desafortunadamente tenho produzido.

— Fomos os dois, então, a se sentirem assim, mas a nossa madrinha, aqui presente, nos solicita a que não enveredemos pelos comentários cáusticos que, se bem comuns e magistralmente aplicáveis quando na Terra, aqui não são bem-vindos, porque **fazem tremer as paredes das construções espirituais** ou, pelo menos, assim penso, e cá estou sendo novamente amargo... – comentou Nietzsche. — Entretanto, não tenho como ser diferente, e por isso estou nesta instituição espiritual de acolhimento, o que muito agradeço, porque não sei mesmo onde poderia estar. Ah! Li o seu livro **“O Céu dos Poetas”**... Existe

mesmo, por aqui, um lugar daquele ou foi de sua lavra criativa que aquele cenário com o seu instigante contexto emergiu?

Olhei na direção de Julia Domina, que agora sorria abertamente, enquanto escutava o palavrear do espírito de Nietzsche, que ainda se expressava semelhante ao modo da sua última vida. Ao mesmo tempo, ela parecia aguardar por alguma coisa que a fazia desejar ver encerrada aquela troca de palavras a qual parecia, efetivamente, não estar prevista para aquele momento.

Enquanto pensava em responder a Nietzsche, ele mesmo continuou:

— Lembrei-me que um dos irmãos espirituais, dos que me suportam nesta casa de repouso, um dos orientadores mais esclarecidos que temos por aqui, já me respondeu isso afirmativamente, porque ele também acompanha a sua produção literária. Existe, portanto! Todavia, serei sincero: prefiro aqui, sabe por quê? Porque neste lugar não há pretensas autoridades, e os que aqui têm o respeito dos demais, é porque naturalmente o merecem. Pena que Jesus jamais visitou este lugar, como já o fez no tal “Céu dos poetas”.

Retruquei, então:

— Entretanto, você é poeta, e dos mais portentosos, profundos de sentido e...

— Não, não! – disse Nietzsche, sem me deixar concluir. — Sei o quanto você estima os livros que produzi, e isso muito me felicita, ainda mais vindo de alguém como você, mas sou ainda um desastre como poeta, porque dei mau-trato ao amor, ao meu e ao dos outros, e poeta que se preza não faz isso, muito pelo contrário, disso faz bom uso. Penso que os que estão neste mesmo nível em que me encontro, dele fizeram também mau uso... Acho mesmo, e serei novamente sincero, ainda que fira os alicerces luminosos deste lugar, que os espíritos têm problemas, todos eles, e aqui não me refiro à somatória das personalidades que os mesmos colecionam em suas aventuras terrestres e alhures, pois, agora, penso mesmo que existem muitos níveis do “além” para cada referência possível de tempo e de lugar. Refiro-me, sim, ao espírito de qualquer ser, seja ele problemático, como é o meu caso, ou mesmo elevado, como é o caso da nossa madrinha, que me escuta com certa dose de enfado, e, aqui já concluo, que parecem possuir uma “doença original”, ou uma “feiura ancestral”, contra a qual temos de lutar, e isso parece que cansou a todos. Talvez precise mesmo ler o *“Livro dos Espíritos”* e outros que melhor podem explicar o sentido das coisas, até a um pobre espírito, agora sem corpo carnal e, para meu alívio, sem dores, como as que passei sentindo por toda a minha última vida.

Julia Domina deu um basta àquela comunicação, usando da sua doçura e encanto pessoal para que Nietzsche e eu não nos sentíssemos constrangidos pela conversa improvisada.

— Vamos receber uma visita que deverá nos proporcionar uma alegria

incomensurável, ainda que o objetivo seja o de tratarmos velhos assuntos só que, no âmbito de uma nova e necessária abordagem, pertinente a estes tempos em que um novo “Logos” começa a atuar no seio do processo de desenvolvimento desta Criação – disse Julia Domina que, apesar do equilíbrio majestoso da sua figura naturalmente expressado, mal conseguia disfarçar uma certa dose de ansiedade.

Percebi que além dos lugares nos quais estávamos sentados, havia dois outros mais. Penso que, naquele mesmo momento, Nietzsche me observava como se estivesse tendo a mesma dúvida sobre o significado daquele evento.

— Sob a perspectiva espiritual, não acho que o que aqui deverá ter lugar será por mérito de um de nós três, como também não vejo como os possíveis deméritos que possamos colecionar podem atrapalhar quando personalidades espirituais celestiais e superiores decidem tomar o nosso concurso para algum mister – explicou Julia Domina.

— E sobre isso mesmo é que fui informada, além de que vocês dois precisariam receber as explicações e as orientações de como proceder em relação a certos assuntos do passado, frente ao que já está sendo produzido no âmbito do agora inevitável processo da “Revelação Cósmica”, que a sua condição humana está a promover na cultura terrena e universal – disse Julia Domina, olhando na minha direção. — Assim me expresso porque, da Terra, essas “sementes” e postulados serão exportados para os demais quadrantes cósmicos, além dos naturais desdobramentos da instantaneidade do processo em curso, em cada conversa, em cada palestra, em cada momento de produzir escrita sobre a inadiável temática que a todos importa.

— Vocês dois precisam destas explicações e orientações para melhor compor o que já está acontecendo, e o que ainda virá a ter lugar por ocasião do seu mergulho novamente no mundo carnal, ó meu Mestre Proteus, quando voltará a emprestar o seu sempre continuado, inigualável, honesto e prestimoso concurso aos dias do porvir universal – disse Julia Domina, por entre sorrisos, como se pedindo licença ao espírito de Nietzsche para continuar a tratá-lo daquele modo.

Nietzsche me observou silenciosamente, enquanto uma lágrima escorregava por entre os seus dedos, que procuravam dela dar conta, pois aquilo pareceu incomodá-lo por algum motivo que, aos meus olhos, continuava insondável.

Não conhecia aquele lado da sua personalidade, e apenas permaneci em silêncio enquanto voltava a minha atenção para o ambiente que começava a expressar características as quais antes não havia sido me dado observar.

Julia Domina o olhou com a ternura que uma grande alma empresta frente a olhares algo inquietos e em permanente movimentação, como os meus e os do companheiro daquele encontro inusitado, pois havíamos imaginado que o

mesmo seria somente entre os que ali se encontravam até o momento.

Na sequência, ela disse:

— Meu amigo e mestre Proteus, a sua contundência foi, é e continuará a ser instrumento precioso para a evolução de todos os que se encontram existindo nesta Criação. Claro que traz consigo as suas inquietações e doses de angústia, gera os seus antagonismos, porém como poderia mesmo ser diferente nesta situação na qual nos encontramos? Os próprios espíritos superiores se servem, às vezes, de personalidades que são obrigadas a transitar por estradas jamais palmilhadas, nas quais as novas percepções somente surgem para aqueles que ousaram sair dos caminhos que todos trilham. Nesse contexto, o seu espírito e mais os de uns três ou quatro, dentro dos bilhões que por este universo ainda estão obrigados a passar, porque ainda precisam finalizar as suas cotas de sacrifício em nome do bem maior que todos buscamos, são os únicos a “martelar” o aparente lado normal das zonas de conforto, de repouso e de refúgio, mas que têm estacionado, infelizmente, à família terráquea e outras mais desta Criação. Vocês dois deram início a um processo cuja amplitude não se pode ter ideia nestes tempos nos quais nos encontramos, sejam os tempos da Terra, ou os de ordem espiritual, que fluem como se sequer existisse algum tipo de tempo, ou mesmo o que cronologicamente delimita o início de uma Criação Cósmica e o seu ocaso, quando tal acontece. Só o futuro universal comportará o que está sendo feito!

— Junto com vocês, mais uma dezena de outros trabalhadores já estão também dando seus passos no sentido da ampliação do leque de percepção em torno da “Revelação Cósmica”, para que depois, mais lá na frente, possa você retornar ao mundo dos encarnados para gerar um outro “freio de arrumação” no âmbito dos valores humanos colecionados, como me acabou de emprestar essa expressão que agora utilizo, o meu irmão aqui presente – disse Julia Domina, sorrindo na minha direção.

Há muito tempo que o espírito de Julia Domina não encarnava e mal pude conter a curiosidade de como ela se mantém atualizada em relação às expressões comuns mais populares, utilizadas nas muitas culturas terrenas.

A conversa continuou por mais um tempo, em torno, agora, do desserviço que prestam as mesmas almas permanentemente envolvidas com o exercício do poder temporal à frente das nações, ao se manterem corrompidas nas suas renovadas lutas de consegui-lo a qualquer custo, o que sempre fizeram.

Como era doloroso se encontrar com espíritos cuja consciência se mostrava desgraçadamente afetada pelo mau uso do poder temporal, trazendo em si mesmos as marcas da corrupção de todos os tipos, na sua face deformada pelo predadorismo implacável.

E ali estava o espírito de Julia Domina que, por repetidas vezes nasceu para o exercício do poder temporal à época dos impérios do passado, tendo sido rainha acadiana, princesa hitita e egípcia, rainha e comandante grega, imperatriz romana e mãe de imperador, dentre outras experiências no segmento político, sem apresentar nenhuma marca ou cicatriz do mau uso do poder terreno.

Observando ainda o fio condutor e o compêndio de outras vidas do espírito de Julia Domina, as existências simples e afastadas de qualquer contato com o poder temporal, como é o caso da maioria dos mortais, também assim a beleza que irradiava daqueles painéis, naquelas circunstâncias, obedecia ao padrão do conjunto vibratório de retidão de caráter e de outros valores que, atualmente, na Terra, mais são vistos em filmes do que no cotidiano planetário.

Perguntei-lhe por que se afastara do tipo de planejamento encarnatório que envolvia o poder temporal, e dela escutei a seguinte explicação:

— A família espiritual a qual me encontro mais diretamente ligada nesses últimos onze mil anos, muito tentou realizar, mas pouco conseguiu fazer atuando nesse mister. Percebi, porém, que os tempos modernos exigiriam uma massificação do processo democrático em torno das eleições. Contudo, o agora chamado “*marketing* político”, mais deforma do que informa, tornando-se um instrumento de convencer as consciências, o que termina por corromper o processo que deveria ser enaltecido e tornado transparente. No atual estágio do progresso humano, não existe mesmo outra maneira de realizar as tentativas no campo da política. Frente a esse contexto, os meus afetos mais próximos optaram por ter uma sequência de vidas afastados da possibilidade do envolvimento com a política planetária, como maneira de observar e de se educar para empreitadas futuras, o que me levou a permanecer atuando nos ambientes espirituais e em outras questões, vamos dizer, paralelas à realidade que se conhece a partir da lógica terrestre. O vírus da corrupção permeia os corações humanos e, assim, na aplicação da vida diária, as suas mentes costumam se perder no mau uso da prática do ilícito, desde as comezinhas questões da vida aos grandes lances do “jogo” das finanças e dos bens materiais. Perdeu-se a noção de limite há muito tempo! Dos detalhes aos mais variados ganhos e conquistas vergonhosas, a percepção do que deveria ser tido como inaceitável, exagerado e inescrupuloso, deixou de existir como freio psíquico em muitas personalidades encarnadas. A tragédia moral se estabeleceu! Somente a perene renovação das gerações humanas possibilitará o progresso também nesse campo. Continuemos a perseverar em torno do que é possível, ainda que estejamos bem distantes do razoável.

Ao “escutar” as palavras de Julia Domina, enveredei a pensar que ali estava alguém que havia passado por incontáveis intrigas palacianas, querelas

aristocráticas de todos os tipos, conflitos diversos e decisões sobre contendas e guerras, mas que se manteve íntegra, o que me levava a concluir ser a experiência daquela personalidade espiritual um caso único.

Por mais um pouco, continuamos a trocar ideias, até que grupos distintos de entidades de diversas condições vibratórias, começaram a se fazer presentes a certa distância de onde nos encontrávamos, pois a notícia da visita de Maria e alguns outros espíritos que a acompanhavam, já havia sido repassada aos núcleos habilitados aos temas que deveriam vir a ser tratados.

Nossos espíritos se “levantaram” meio que intuitivamente, como se algo estivesse para acontecer no lugar em que nos encontrávamos.

Por entre a movimentação daquelas equipes, eis que, dentre elas, surge um pequeno grupo de entidades expressando-se à moda feminina, sendo todas elas portadoras de um padrão de juventude que me surpreendeu.

O espírito que me anima havia estado com a mãe de Jesus, ao tempo da sua crucificação, na antiga condição de soldado romano que comandara aquele fatídico acontecimento, e a recordação que me ficara registrada na memória espiritual esforçava-se por se adequar àquele semblante, cujo olhar, agora dirigido para Julia Domina, fez com que a mesma se ajoelhasse à moda humana, perante o espírito de Maria.

O espírito de Nietzsche ficou do meu lado e ambos, sem saber muito bem como proceder – já que não éramos dados àquelas manifestações –, continuamos ali, feito dois atores intrometidos num roteiro de uma peça cujo enredo parecia não ter lugar para os nossos psiquismos.

Tudo ficou mais complexo e enlevado quando, repentinamente, sem maiores sinalizações, o espírito de Jesus ali surgiu de modo surpreendente, apresentando-se, também ele, num padrão de jovialidade encantador.

Fomos, todos os ali presentes, como se convidados por uma força maior análoga a da gravidade, a acompanhar o gesto de Julia Domina, o que fez com que Jesus e Maria nos contivessem antes mesmo de sairmos da intenção para a prática.

Nos entreolhamos como se verificando no outro, sinais do misto de inquietação e de encantamento que cada um sentia, enquanto fomos levados a novamente nos sentar, agora acompanhados daqueles dois personagens cujas faces por ambos ostentadas se assemelhavam, como se, propositadamente, a relação mãe e filho fosse o que de mais importante pudesse existir para aqueles dois seres que mais pareciam irmãos, o que enlevava aos demais.

Para a minha surpresa, e penso para a de todos ali presentes, inclusive de Jesus, Maria disse a ele:

— Meu filho, veja como me tratam... Não sabem eles que, se o meu espírito

tivesse vivenciado todas as experiências que o de Julia Domina passou com louvor, muito provavelmente eu não teria me saído tão bem, lidando com as revoltas e inquietudes do mundo. Eu e você temos conhecimento de como fui infeliz nas minhas expectativas de mãe judia de um Messias que, conforme eu esperava, deveria ser um rei, e não um rabi, como sabiamente você optou por ser. Generosamente, sou tratada desta maneira, mas na frente dos que aqui se encontram, que se expuseram a situações tão ou mais críticas que a que vivi, não posso me silenciar sem deixar registrada esta minha certeza: a de que todos nós somos chamados a ofertar a nossa quota de contribuição e de sacrifício frente ao que se encontra em curso de existência, e que, agora o sabemos, com superlativa dificuldade.

— Graças ao concurso de pessoas como vocês, o “aspecto oculto”, a que meu filho se referiu, está finalmente sendo revelado, refletido, enfim, prudentemente conhecido – disse Maria, dirigindo-se a Nietzsche, a Julia e ao que restava do meu “eu” naquelas circunstâncias.

Após as palavras de Maria, permanecemos todos em silêncio por vários momentos, o que forçou Jesus a se expressar:

— Não vim aqui dizer muitas coisas, nem muito menos para insistir sobre reafirmações do passado, algumas efetivamente feitas por mim, outras nem tanto, mas que foram apresentadas como sendo meu legado, e que assim permaneça, porque não mais se pode modificar o curso do que se tornou alimento espiritual para muitos e por tanto tempo. A vida não se produz, ela é produzida pelos agentes da mesma, pelos sujeitos e atores, e estamos todos submetidos aos riscos do “Favor Amoroso” – nesse momento, Jesus voltou a sua face na minha direção –, que o seu atual concurso humano singelamente descreveu em livro apropriado, o que muito agradecemos, eu e todos os que estão envolvidos com essa tarefa de buscar alternativas de construção do futuro universal perante todo o desgaste já acumulado, e sobre o qual nada mais se pode fazer. Já está feito! Aproveitando este atual livro dedicado a mim e a Nietzsche, pelo menos, de minha parte, rogo que você não modifique nenhuma das expressões críticas referidas a minha pessoa, ou mesmo os comentários despreziosos a respeito do legado surgido, pois, em não o podendo fazer por mim mesmo, necessito do concurso de outros, para que o façam. Algumas pessoas, como você, estão me ajudando a superar o atual estágio de imaturidade espiritual que ainda caracteriza o modo como os corações humanos foram condicionados a interagir com o que julgam divino. Eu mesmo, na minha condição humana, assim procedi! Muito agradeço o seu concurso. Nada modifique! Não que concorde com todos os elementos e o mérito que a eles você dá, mas sei serem necessários neste momento pelo qual passa a atual cultura

planetária terráquea.

— Que Nietzsche se expresse a respeito, se assim achar que deve! – concluiu Jesus sorrindo na direção dele.

Voltamos os nossos olhos para Nietzsche, mas ele fez um sinal com as mãos, como se impedido de se expressar naquele momento, ao mesmo tempo que, novamente, voltava a verter lágrimas que somente o seu próprio espírito poderia bem classificar o seu teor.

Ainda estávamos tentando fazer daquele momento um evento simples, apesar das presenças augustas de Jesus e de Maria, quando percebemos que os dois se entreolharam ao mesmo tempo em que o Mestre se levantou, fazendo-nos um sinal para aguardarmos, enquanto volitou em certa direção daquele mesmo ambiente, no qual, mais adiante, um pequeno grupo composto de prelados católicos já se fazia presente há algum tempo, trazendo o espírito do papa Bento XVI no meio deles. Este, ao ver se dirigindo a ele a figura de Jesus, atirou-se aos seus pés, enquanto clamava, em voz baixa, algo que não me foi dado compreender.

Logo em seguida, um outro grupo em torno do espírito do Papa Francisco também adentrou aquele ambiente, se congregando com o que ali já estava, e ficaram ambos em conversa com Jesus, o que fez Maria também se dirigir na direção deles.

Eu, Nietzsche e Julia voltamos a ficar em silêncio, observando aquela reunião que, aos meus olhos, parecia tão improvisada quanto o nosso próprio encontro, impressão esta que se confirmaria mais tarde.

Permanecemos em silêncio por um bom tempo, até que Julia Domina nos explicou algo que desconhecíamos:

— Pelo que compreendi, quando Ana, a mãe de Maria, procurou-me no sentido de comunicar que Jesus gostaria de se encontrar com você, ó Nietzsche, o que faria com que ele necessariamente se deslocasse a este lugar onde você se encontra, logo outras demandas foram também surgindo no sentido de aproveitar a rara presença dele em ambientes espirituais ainda problemáticos e situados tão próximos à esfera dos encarnados. Talvez, essa nossa reunião seja adiada em função deste encontro entre os Papas e Jesus, cuja necessidade parece ser mais premente.

Ali permanecemos expectantes por mais um tempo difícil de ser mensurado, enquanto a uma certa distância mais e mais eventos se desdobravam em torno da presença de Jesus junto aos demais seres que chegavam, e que agora já extrapolavam as linhas do catolicismo.

Provavelmente, como nós três não demonstrássemos maior apreço pelo *modus operandi* da Igreja Católica, fosse na Terra ou mesmo nos ambientes

espirituais adjacentes à vida terena, ficamos ali a uma distância prudente dos fatos que não nos diziam respeito – ainda que, inevitavelmente, percebêssemos a preocupação de todos.

Situações improvisadas se substituíam em torno da presença de Jesus e de Maria naquele ambiente, o que nos causava certa dose de surpresa sempre crescente.

Nietzsche perguntou, então, a Julia Domina:

— Esse tipo de situação ocorre normalmente por aqui?

— Não que eu saiba – respondeu ela. — Jamais havia tido notícia da vinda do nosso Mestre Espiritual a um nível tão modesto da espiritualidade. Acho que, sob essas circunstâncias, esta é a primeira vez que um evento deste tipo está tendo lugar nestas paragens espirituais.

Algum tempo depois, Maria retornou ao convívio com o nosso grupo e com ela veio a certeza de que algo repentino e importante estava em curso, e que poderíamos aproveitar aqueles momentos para atualizarmos nossos assuntos, independente de pertencerem ao conteúdo deste livro.

Em dado momento, Nietzsche olhou para mim e falou:

— Redescobri, recentemente, que nós fomos forjados pelas “marteladas” da destinação biodemo, antes de sermos humanos, talvez por isso “marteleamos”, de nossa parte, as “barras da jaula” da credence e do mau uso do psiquismo, até hoje em curso junto com a evolução das consciências. Li seus livros “*Terra Atlantis*”... Revigorou o meu espírito e reavivou memórias desativadas pelo meu desgaste temperamental. Deu sentido ao meu tirocínio espiritual, antes perdido em lacunas de memórias, sem direção e também vazio de reflexões. Entretanto, assim, não sei existir, e por isso faço o registro do meu agradecimento.

— Lá na “carne”, pensamos saber muitas coisas... – disse Nietzsche, como se estivesse falando consigo mesmo. — Jamais imaginei que por trás da mitologia poderiam existir tantas faces escondidas da verdade, como que perdidas.

— Quando o “grupo Val da epistemologia” progrediu, alguns de vocês, da família Mion, se agregaram aos trabalhos daqueles dias – afirmei de minha parte. — Tivemos ótima convivência para os padrões de então. Depois, nos desgarramos todos, forçados pelos fatos, mas aqui estamos, como sobreviventes a tudo isso, e agora começando a compreender o que se passou e os seus desdobramentos.

— Já que estamos nos referindo a esse aspecto da vida, diante do que está acontecendo com a sua condição humana, como o seu ego terreno tem se sentido? – perguntou Nietzsche, surpreendendo não só a mim, mas também e acho que, principalmente, às nossas acompanhantes.

Com “precisão cirúrgica”, ou deveria dizer, com “precisão quântica”, o único

arquivo memorial de alta complexidade e associado a um nível de superlativa dificuldade no campo da gestão psíquica se abriu, e me percebi exposto – nos ambientes espirituais, não pode existir segredo, nada permanece escondido, pois é da natureza espiritual expor, de modo transparente, as vibrações mentais de uma consciência particularizada – perante àqueles espíritos, o que me causou grau de visível desconforto.

Nietzsche, vendo o que provocara no meu contexto pessoal, perturbou-se também, por um momento, e mais para tranquilizá-lo do que propriamente por vontade de expressar o meu íntimo, disse-lhe:

— Não se preocupe, meu irmão, efetivamente não eleve o seu grau de preocupação pelo questionamento a mim dirigido, afinal, como aventou o nosso Mestre Maior, “nada existe de encoberto que não venha a ser descoberto, nem oculto, que não venha a ser sabido”, e se aqui estamos deve existir uma razão que nos leva a abordar esse tema.

Busquei o “ar espiritual” – o *prana* típico daquele ambiente – que pude concentrar em mim mesmo e, vagorosamente, me expressei, porque ali, realmente, a nossa comunicação se dava pelo uso de palavras de um idioma que todos os presentes pareciam dominar, ainda que, conscientemente, o meu “eu” humano hesitasse no entendimento de como aquilo me parecia tão normal:

— Não tem sido tarefa simples, ó Nietzsche, gerir os meus sentimentos ou discernir quanto ao que definitivamente me marca a sensibilidade humana, talvez por receio de dizer a mim mesmo o que efetivamente tenho sentido. Desde que tomei o susto de conhecer Javé e de sofrer a sua invasão na minha cota de vida terrestre, efetivamente me perturbei, e o conjunto das suas atitudes e de seus acompanhantes para comigo, **levaram-me a sentir vergonha de existir**. Sim, quando estou sozinho, percebo-me tentado a registrar que **sinto, sim, uma vergonha imensa e intensa por existir neste contexto**. Pior ainda, avalio-me ao me recordar da postura que os mestres e avatares da Índia ensinaram e testemunharam no campo da alegria-êxtase (*ananda*), dos sentimentos de júbilo, festejando a vida e homenageando ao “deus” da sua crença, quando penso que ainda existe desgraçadamente muito sofrimento nesta Criação para que me permita fazer isso ou assumir postura mental semelhante, e exultar por qualquer motivo. Isso me incomoda, porém sempre volto a repousar o psiquismo na cota do bem e do amor que habitam no meu íntimo, apesar das minhas mazelas, e volto a me pacificar, como normalmente me sinto.

— Entretanto, aqui, falo de paz, de uma paz que eu mesmo produzo, de uma paz que não sei se é egoísta ou se minimamente necessária para se suportar viver no interior da “blindagem infectada”, mas, felicidade, não me permito sentir – continuei a explicar. — Possivelmente, isso seja uma espécie de estigma

espiritual, não sei, porém é assim que me sinto. Contudo, não tenho como negar a mim mesmo que tenho evitado pensar sobre o rumo do “drama universal” e o quão estacionados estamos todos em relação ao que poderia, eventualmente, estar sendo feito, e simplesmente nada se faz devido à influência dos hábitos espirituais arraigados mesmo em espíritos bem mais elevados. Começo, inevitavelmente, a pensar que existem problemas nos escaninhos da vida espiritual, que ainda não foram devidamente percebidos pelos próprios espíritos que aqui vivem, aspecto ao qual você também se referiu, chamando-o de “doença ancestral”. Isso me perturba profundamente, e procuro reter tais questões na minha cota humana, para não repassá-las para a consciência mais profunda deste espírito que anima a minha presente personalidade na Terra. Em outras palavras, acho-me, como ser humano, mais decente do que como espírito! Nós humanos, certos ou errados, podemos dizer “não” e criar uma alternativa; aqui na espiritualidade isso não se verifica, não surte efeitos, em nada resulta.

Olhei para Julia Domina que, de sua parte, me observava com sobriedade.

— Será isso possível? – questionou Nietzsche.

— Sinceramente, não sei, mas, ultimamente, pelo que tenho passado, começo a desconfiar que os nossos espíritos precisam romper com algum padrão que os “enjaula” nesta indiferença prática quanto ao sofrimento em curso em todas as rotas ascensionais disponíveis – respondi, com alguma hesitação devido ao teor do assunto. — Acho que não é do modo corriqueiro e simplório que, quando estamos por aqui, livres dos corpos carnaís, costumamos dizer uns para os outros. Na Terra, está presente o comportamento mental da fé, que faz com que os humanos acreditem que “deus” está no comando e tudo vai ser resolvido, mais cedo ou mais tarde. Já nos níveis espirituais, existe também uma impressão desse tipo, ainda mais pura e jamais posta em dúvida, o que começo a julgar problemático, enquanto alguns dos espíritos orientadores deste lado costumam afirmar que essa certeza é produto da presença do “Sagrado” que habita cada consciência particular.

Julia Domina e Maria permaneceram em silêncio, e nós voltamos a observar Jesus dirigir “algumas palavras” aos que se congregaram ao redor do seu espírito.

Um pouco mais e o Mestre concluiu a sua participação junto ao grande grupo que o rodeava, e retomou o convívio conosco. Conversou-se algo sobre as preocupações em torno dos problemas da cúria romana e de outros assuntos, após o que, Maria se expressou sobre o último tema por mim referido:

— Como modificar o rumo do progresso, refém deste estacionamento universal? É difícil, tanto é que, até o momento, o cenário permanece! Lembro-me de que, quando criança, nos tempos da Galileia, minha mãe me falava que,

ao Norte de onde nos encontrávamos, existiam povos que acreditavam num “deus” que dava marteladas nas coisas más.

— Eram as marteladas de Thor... – completou Maria, sorrindo. — Recentemente, a cultura humana contou com as “marteladas” de Nietzsche! A família Shan, de expressão biodemo e foco de origem da minha consciência intelectual, nunca soube “martelar”. De todas as famílias de biodemos que vieram parar na Terra devido aos problemas que envolviam Sophia, a minha era a única a não saber proceder desse modo.

— Por isso, devo ainda dizer: como são importantes as revelações que lhe foram encomendadas... – disse Maria, dirigindo-se a mim, para a minha total surpresa e, como pude notar, também para os demais presentes. — Parece ter chegado o momento das suas “marteladas”! Ainda bem que você as reproduziu, pois tem facilitado a nossa compreensão espiritual sobre aqueles tempos passados, nos quais este estacionamento já existia.

Sem maior intervalo, e continuando a olhar na minha direção, Maria falou o que nos deixou todos ainda mais perplexos:

— Devo ainda confessar a vocês que eu também me senti desalentada ao extremo, quando vi o meu filho na cruz... Meu coração de mãe me dizia que somente “algo de muito errado” para produzir tamanho sofrimento.

Jesus fez um movimento com a mão, algo muito humano, na direção da sua mãe, como se pedindo para que ela não prosseguisse, mas ela o fez e, agora, olhando para ele:

— Para além da dor de mãe, e mais ainda por ter sido mãe biológica de um filho especial, único, com o mais belo senso de humanidade já visto em alguém, associado a posturas situadas além da condição comum de todos nós, na hora não sabia se o meu choque profundo era com os meus conterrâneos, com o “deus” em quem eu acreditava como judia, ou se com o fato de que sabia que, com os seus poderes, se você estava passando por tudo aquilo, é porque havia alguma concordância de sua parte, pois eu sabia que você poderia se libertar facilmente daquele contexto.

— Você, talvez não se recorde, mas foi exatamente isso o que eu disse ao centurião romano, quando, tempos depois, procurou-me para se desculpar – relatou Maria, olhando na minha direção. — Disse-lhe, então: “Se meu filho quisesse, vocês não o poderiam crucificar, mas se ele se resignou àquilo, é porque deveria existir alguma razão que escapava ao modo humano de enxergar os fatos”. Essa certeza me levava ao absurdo vislumbre de que parecia existir um problema entre o “deus” inclemente de Israel e o meu filho, e isso se consubstanciou ainda mais quando eu soube, mais tarde, que Jesus havia pedido a ele para “livrá-lo daquele cálice”, na noite anterior ao mais triste dos meus

dias. Você, meu filho, assim, o revelou aos seus apóstolos, antes de ser preso pelos guardas do Sinédrio. Senti-me, sim, também, como se um sentimento enorme de vergonha dominasse o meu ser, e somente a sua ascensão aos céus, provando que a sua sensibilidade realmente era superior a tudo aquilo, foi o que me pacificou em torno do meu sofrimento e dos demais.

— Entretanto quanto ao seu penar meu filho, sempre me senti mal por ter presenciado o que você se obrigou a passar – continuou Maria, dirigindo-se a mim. — Até agora, procuro afastar da minha mente aqueles dias, de modo a poder compreender os esforços do presente e o futuro que precisamos ainda construir para todos os que sofrem. Também não me sinto feliz, jamais o consegui, mas repetindo as suas palavras, construo a paz que posso, tendo como base a paz que o meu filho nos legou com seu exemplo e testemunho nobres.

Jesus olhava para Maria com expressão amorosa difícil de ser retratada por meio de palavras.

— Meu filho, é hora de conversarmos mais abertamente sobre as questões que tanto afligem principalmente aos viventes racionalizados, e ninguém sabe o porquê do seu silêncio, mas talvez eu saiba! – exclamou Maria, olhando para Jesus. — Como não funcionou um grau de compreensão sobre as suas reais intenções naqueles dias, entre nós, os que o rodeávamos mais de perto, após a crucificação você procurou Saulo para compor melhor o seu legado. Entretanto, desde que, mais tarde, ao perceber que Saulo, já com o seu nome cristão de Paulo, universalizou as suas bem-intencionadas e honestas visões pessoais sobre o que pôde vislumbrar a seu respeito, mas não necessariamente as suas palavras e os seus objetivos, o seu espírito ficou refém do que os demais, com toda boa intenção, construíram sobre o “homem Jesus”. Já livre do mandato messiânico associado àquele corpo humano, cuja essência foi inseminada em mim, na minha juventude, passou a ser do seu conhecimento, construído à moda humana, a questão sobre o “drama” do Criador e de todos nós. Assim, o “Jesus ressuscitado” procurou, por meio de Maria Madalena, explicar tudo o que depreendeu após deixar o corpo carnal.

— Surgiram, então, três visões sobre a sua pessoa, ou seja, a dos apóstolos, a de Paulo e a de Madalena, tendo sido esta última, basicamente destruída pela prevalência da visão de Paulo, mais tarde assumida pelo catolicismo – continuou esclarecendo Maria. — Foi retirada assim, da sua vontade, a gestão sobre a herança do que você produziu junto com os seus apóstolos. Por que você não tem expressado suas angústias espirituais pelo modo como os eventos em torno do seu legado se desenvolveram na Terra até o momento? Eu sei que a sua consciência se sente responsável, e que já lhe superou o limite da sensibilidade, o grau de sacrifício pelo que outros que o amam como eu e todos os que lhe

rodearam a existência, sofreram por causa da sua tarefa, dentre muitos. O nosso sofrimento o perturbou além da conta, isso eu sei. Portanto, você tem evitado conversar abertamente sobre esses assuntos, pois seria como se estivesse nos pedindo mais sacrifícios pelo fato de você, pessoalmente, não poder produzir o redimensionamento do seu legado. Isso, ao que parece, não pode ser mais mesmo possível de ser feito, pois muitos se apoderaram dos seus termos. Contudo, como eu disse no princípio, penso que é chegada a hora de você se abrir, pelo menos com os que aqui, agora se encontram... Tudo ainda está por ser construído, não é mesmo? As ondas geradas por este encontro podem criar boas influências e processos diversos, que deverão contribuir com o esforço solitário de alguns poucos que estão trabalhando na vanguarda dos eventos.

Jesus voltou a sua atenção para mim enquanto disse, por entre sorrisos e expressões de profunda sobriedade:

— Neste livro que você está acabando de produzir, exatamente o que lhe solicitei para não modificar nada devido a este encontro que agora ocorre, você se referiu às “certezas” que eu tinha na minha condição humana. Analisou-as e bem as classificou como produto da determinação genética, implacavelmente plasmada desde a gênese da cessão da essência (código genético) que foi cedida pela minha expressão cósmica (Sophia), para ser fecundada na minha mãe terrena (Maria), que, desde então, é e será sempre a minha “mãe espiritual”. Desde criança, como bem você percebeu, já não existiam duas opções disponíveis sobre a construção da minha personalidade terrestre, mas somente uma: a de me perceber como o Messias enviado pelo “deus” do meu povo e Criador Universal. Desse aspecto, jamais pude me libertar, e somente consegui não cumprir os termos violentos de dominação da “velha aliança” sobre os humanos, preferindo tentar construir uma nova maneira de unir o gênero humano a Javé, por meio do exemplo da espécie terráquea, a partir do povo judeu, no seio do qual nasci. Foi a opção que me restou, a qual, infelizmente, jamais funcionou e, agora, as circunstâncias há muito superaram esse cenário. As “certezas” que então eu tinha, me chocavam a sensibilidade humana, porém insisti, enquanto pude, na esperança concreta de que Javé pudesse se sensibilizar, ainda naqueles dias, e criarmos um “novo pacto” de progresso coletivo, como o que, só agora, no confronto com você, ele houve por bem aceitar os termos da “Revelação Cósmica”, em curso de execução.

— Ao ressuscitar e devolver a Sophia a essência genética “emprestada” para poder gerar a minha condição humana, houve um impedimento, no campo da sua recepção, do que lhe repassei e, na verdade, esse problema ainda persevera explicou Jesus. — Esse inconveniente impediu o meu espírito de agir livremente, porque estou associado e dependente do modo de ser da condição do

meu “eu cósmico” Sophia. Sendo sincero, não tenho como lhe agradecer, e aos demais seres envolvidos com a chamada “Rebelião dos Anjos de Sophia”, pelos esclarecimentos disso resultantes, como também pelo resgate de informações tão preciosas para todos nós, as quais, em futuro breve, construirão uma nova base de entendimento sobre o passado, e uma nova agenda sobre o futuro, que somente agora se torna possível devido a estas revelações.

Jesus parou por alguns instantes, e voltou a se expressar sobre a questão que, aparentemente, o incomodava:

— Compreendam, em especial você, minha querida mãe, que somente me referi, quando ressuscitado, ao susto, à estupefação, à perturbação que esperava e espera por todos aqueles que “buscam a verdade”. E por que nessa condição e não quando na da minha vida humana? Porque, como humano, somente percebi, nos últimos dias daquela existência, o problema da minha boa crença num Ser complicado e ferido. O susto, tomei-o ainda na minha condição humana, com o anúncio dos meus anjos de que eu deveria assumir a posição de Messias, conforme escriturado, ou deveria me preparar para ser penalizado, oportunidade em que me transfigurei, para poder tranquilizá-los, **porque eles estavam inclinados a descumprir os desígnios de Javé, retirando-me da Terra**, isso agora posso revelar! E foi somente preso à cruz que senti a estupefação perante a frieza daquele a quem precisamos amar, e sobre o qual, o meu lado humano demorou a perceber o problema. Na cruz, não me era mais possível me expressar! Por isso, mesmo me sendo profundamente desagradável, logo que pude, como ressuscitado, enderecei as orientações e as informações que me foram possíveis de produzir na ocasião. Assim, a minha condição de ressuscitado somente expressou a questão da estupefação para os que “buscam a verdade” porque, enquanto homem, tomei também um susto ao perceber que àquele a quem as escrituras e eu próprio, então, atribuímos posturas elevadas e justas, padecia de problemas há muito ocultos para o conhecimento humano. Entretanto, como já afirmado, o choque de realidade sempre chega, pois nada há oculto que não venha a ser descoberto, e isso se dá pelos desdobramentos dos próprios fatos da existência.

— Como você tem defendido, não podemos ficar aqui fogosos e em êxtase, se existem sofrimentos inenarráveis ocorrendo neste exato “agora”! – disse Jesus, voltando-se na minha direção. — Nos últimos tempos, lá na Terra, foram poucos os que não se prenderam a “certezas”, e fiquei mesmo surpreso com a prudente distância psíquica que você manteve da obra (a “Revelação Cósmica”) que estava sendo produzida, dizendo não saber se estava efetivamente correto o que, por você, se encontrava sendo divulgado. Jamais havia observado postura parecida! Serviu-me também de lição no campo da conduta psíquica! Digo-lhe

mais: sei que o seu espírito sempre me cobrou, ainda que em silêncio, que eu tivesse renascido entre os humanos, pelo menos mais de uma vez, ao longo destes últimos dois mil anos, para produzir a ressignificação do que foi feito do meu legado. Isso não é desculpa, mas, como acabei de me referir, **não pude me fazer humano novamente por causa do problema vibratório pendente entre este meu espírito e o modo como Sophia foi engendrado lá atrás.** Devido ao que você chamou de “fatiamento da consciência dos seres ancestrais”, o meu espírito, ainda que dê o suporte à vida biológica do corpo de Sophia, **não tem influência psíquica sobre ele, na intensidade em que qualquer espírito pode naturalmente exercer sobre o seu ego humano.** Como você bem o constatou em vida passada, ao afirmar que os humanos não deveriam esperar dos espíritos mais do que se pode esperar de um amigo lá na Terra, exatamente porque a condição espiritual é frágil, em termos de vibração, frente ao primitivismo energético de um corpo animal, efetivamente o meu espírito pode bem menos influenciar Sophia do que o espírito de qualquer ser humano pode interferir nas suas personalidades humanas, o repito. Por isso tenho permanecido aparentemente omissos, mas como nada posso pessoalmente fazer na condição espiritual até que o cérebro de Sophia se eleve em vibração, assim ajo para não solicitar, como a minha mãe se referiu, mais e mais sacrifícios de outros, seja em que sentido for.

— Sei que o problema permanece crescente, mas somente quando se der a ida de Sophia até a Terra, de modo a que todos percebam, é que começará um novo tempo em termos de futuro, livre dos temperos equivocados, emocionais e informativos, do passado – continuou Jesus. — Quando solicitei as providências para me encontrar com vocês dois, para tornar a nossa reunião possível neste nível espiritual onde meu valoroso e singular irmão se encontra, foi exatamente porque você, ó Nietzsche, foi o primeiro a perceber o equívoco em torno do meu legado, o que abriu as portas para a compreensão de sentidos bem mais amplos em torno do que tentei fazer. Já você, Rogério, foi o primeiro a perceber os problemas em torno do Criador “caído”, das circunstâncias que o rodeavam e da minha condição de “enjaulado ao messianato”, como tem apontado nas suas palestras e livros.

— Por falar nisso, efetivamente, está na hora, e isso lhe peço, apesar do ônus que sei pesar sobre os seus ombros a cada novo livro ou tema antes oculto, que você resgata para a posteridade: você precisa concluir os demais livros sobre a minha condição e as circunstâncias que sempre me cercaram, pois, infelizmente, para você, no momento, dentre os humanos, não há outro que o possa fazer – disse Jesus, e por alguns instantes, permaneceu me olhando como se esperando alguma resposta de minha parte.

— Estou com dificuldades, e estas têm se consubstanciado de diversas maneiras – argumentei. — Sinceramente, não sei se conseguirei ir mais além do que já fui. Contudo, frente ao que foi exposto, preciso comentar algo: o seu espírito não comanda o psiquismo de Sophia, isso já percebi. Na verdade, os egos terrenos, quando vibram com intensidade, prevalecem sobre a mente espiritual. Sei que os espíritos, normalmente, não conseguem dominar os seus egos transitórios. Imagino que seja isso que se dá entre você, como Jesus, e Sophia. É realmente isso? Mais ainda: o espírito que me anima, neste momento se apresenta, ou seja, veste-se como sua personalidade transitória, como atualmente sou na Terra e, no caso de vocês, os seus se apresentam como foram suas últimas personalidades terrenas. O seu espírito, contudo, parece não costumar se investir jamais da face de Sophia... Por quê?

— Sou obrigado a agir da mesma maneira que o seu espírito procura fazer, como agora, aqui, submetido a sua atual condição terrena – explicou-me Jesus. — Às vezes, se consegue, outras não! Como você já sabe, o Reino do Criador tem problemas, e quem nele reside, ainda que temporariamente, adoece. Adoecemos todos, inevitavelmente, quando assumimos os corpos possíveis de nele viverem, e estes normalmente perdem a noção dos outros níveis de realidades que os envolvem. Comigo o mesmo também se deu, e você é um dos poucos a ter certeza disso! Devido à influência da “infecção” existente no código químico presente nos corpos humanos, o psiquismo do “homem Jesus” também teve que se confrontar com essa limitação inerente ao corpo humano. Só tardiamente, naquela vida consegui superá-la. Sophia, cujo corpo também contém a sua cota do problema, padece do mesmo obstáculo, só que em nível mais complexo e dificultoso ainda que o caso da condição humana. Sophia sabe que possui um espírito, mas, devido ao tipo de cérebro que ostenta, ele não tem mecanismo psicológico disponível para bem poder fazer essa leitura, de modo a se deixar levar por mim ou mesmo me incomodar com suas limitações. Compreenda, ó meu irmão, você que já superou os limites do tempo e da camuflagem inerente a esta Obra, o homem que fui como Jesus, foi edificado a partir do código químico de Sophia, que não era, como não é, humano. Contudo, apesar de encomendado para um destino messiânico, ancorado na violência e na tomada do poder, o homem que me tornei optou por outra destinação, o que me levou a me desalinhar das ordens genéticas existentes no código químico que me gerou. Ao morrer o meu corpo terreno, o meu espírito eterno optou por assumir o personagem humano que fui, e também por assumir-se, doravante, como tal.

— Como já o sabeis, isso ocorre desse jeito porque os *Adhy*, originalmente, bem antes da existência desta Criação, éramos já habilitados a gerir mais de uma experiência ou personagem transitória, em circunstâncias e razões diversas, o

que tem a ver com o “fatiamento de consciência”, ao qual você costuma se referir e conforme já conversado por nós, em outra oportunidade – continuou Jesus. — O seu espírito o gerou, mas nele você estará sempre contido, pois o seu “eu”, enquanto existir um corpo transitório, será sempre e somente uma parte da consciência total em ação, do que foi anteriormente colecionado pelo seu espírito. Do mesmo modo, estou também contido no meu espírito, ainda que este contenha também uma parte dele, que existe simultaneamente como Sophia. Sophia está em mim, mas eu ainda não estou nele plenamente, porque a sua condição não teve como apropriar a personalidade que forjei como Jesus, enfrentando as circunstâncias com as que me defrontei. Eu compreendo Sophia, mas ele não me pôde ainda me entender, assim como os espíritos depreendem seus egos mortais, mas estes não têm como perceber plenamente a sua real personalidade espiritual e seu nível de consciência mais profundo. Seu espírito se assume como quer, do mesmo jeito que o meu e o de todos que aqui estão. Por isso, estas nossas personalidades são aquelas as quais os nossos espíritos, nesse instante, optam por assumir ou preferem delas se investir, como sendo a face das suas consciências.

— A “Revelação Espiritual”, feita por Kardec, tem a sua egrégora própria, comum ao tempo em que foi edificada, e nela estavam as “sementes” das situações que ele insistiu por dizer que ainda viriam, como de fato, muito mais ainda está e estará por vir antes que todos os termos desta Criação estejam consumados – falou Jesus, se dirigindo a mim. — Quanto à “Revelação Cósmica”, que agora está sendo feita, ainda que ancorada na primeira, ela assumiu egrégora própria, e essa terminará por aglutinar os termos da anterior. Assim também são nossos espíritos em relação às suas vidas já havidas e às que ainda estão acontecendo. **Do mesmo modo que o progresso dos nossos espíritos não pode ficar refém das conquistas associadas aos problemas do passado, a evolução dos fatos e dos eventos da vida cósmica não podem permanecer presos a preferências religiosas estacionadas.** Digo-o para facilitar a sua difícil tarefa de semear reflexão onde a mesma não é bem-vinda, uma vez que as poses das verdades religiosas, vinculadas ao orgulho, teimam por impedir que o novo patamar de uma compreensão maior, sempre vertical, possa vir a ter lugar, pois sempre assim agiram e agem os “donos da verdade” das épocas. Para tanto, apesar da boa vontade que os move, usam indevidamente os nossos nomes como justificativa para suas ações. Agradeço muitíssimo a você, meu irmão, pelos contributos inestimáveis à causa comum que todos abraçamos.

Após uma certa pausa, Jesus se voltou na direção do meu irmão ali presente:

— Também agradeço imensamente a você, ó Nietzsche, pois do seu labor

muito retirei para compor as estruturas mentais que preciso vincular ao meu modo de pensar, para poder ir mais além com a minha consciência. Agora me retirarei, pois outros desejam saudar a você, ó Nietzsche, pelo seu ineditismo solitário, pela sua ousadia filosófica e amorosa de se colocar em risco total em nome da beleza da existência e da sua dignidade. Acredite, muito aprendi e aprendo com o seu testemunho e com os seus livros.

Ficamos, eu e Nietzsche, meio que sem jeito pela repentina maneira como o Mestre e Maria já estavam como que se despedindo dos que ali estavam presentes, causando-nos impacto semelhante ao das suas chegadas.

Acompanhado de Maria, o Mestre Jesus “abraçou vibratoriamente” a cada um dos presentes com o olhar, para logo se desconstituir perante a nossa percepção, deixando-nos a sua fragrância e a leve, porém profunda inquietação que a sua saída sempre provoca nos que tiveram o privilégio de compartilhar da sua presença por breves momentos que tivessem sido.

Para “alguém do meu tamanho” é como se a vida se apequenasse a cada vez que tal acontecia, nas poucas vezes em que esse privilégio se deu ao longo desses últimos trinta anos. Contudo, “navegar é preciso”!

E ali permanecemos os três, conversando por mais um tempo, a respeito das “certezas” colecionadas pela condição humana, que imprudentemente leva os seus personagens a se sentirem possuidores de “verdades” sobre assuntos que sequer conhecemos.

Estávamos comentando sobre os sacrifícios de muitos nas fogueiras inquisitórias, e Nietzsche comentou:

— Quando estive por lá (na Terra), disse algumas vezes e, em dado momento cheguei mesmo a escrever, que jamais eu iria para a fogueira por uma opinião minha devido a um motivo bem simples: não tinha, como aqui também não tenho certeza sobre muitas coisas. Entretanto, eu iria pelo direito de poder mudar de opinião sempre que achasse necessário, e ainda penso deste modo. Mesmo assim, aqui não me sinto tão livre quanto me sentia na Terra, para passear com a minha consciência por onde eu queira, e tenho tido, portanto, muita dificuldade para modificar tanto o ritmo quanto o conteúdo de algumas opiniões que colecionei. Acho isso estranho! Parece que por aqui, como você bem o disse, não temos a liberdade mental que costumamos ter como humanos. Isso procede?

Fiquei sem entender o que Nietzsche desejou dizer sobre “ritmo e conteúdo de opinião”, mas fomos ajudados pela abordagem de Julia Domina sobre o tema que ela ofertou logo a seguir, dirigindo-se principalmente a mim:

— A minha consciência espiritual sempre procurou, com a profundidade que me é possível, entender, organizar e fazer bom uso das ideias alheias, como modo de evolução pessoal. Há um bom tempo me encontro por aqui e,

inevitavelmente, pude e posso perceber esse aspecto ressaltado por vocês. Realmente, como você tem também apontado notadamente nas palestras vinculadas à “Revelação Cósmica”, existe, sim, um tipo de “infecção ancestral” nas nossas vestimentas espirituais, mas jamais nos foi dado ter certeza disso ou mesmo abordar por aqui esse tema de maneira mais apropriada. Devido ao volume de informações e de constatações que a sua experiência terrena colecionou sobre esse problema espiritual, é que será então possível de ser instituído, oficialmente, esse tema nos cânones dos muitos Níveis Laboratoriais e Operativos da Espiritualidade, como sendo a questão mais importante a ser doravante contemplada pelos nossos estudos. Entretanto, acho que tal somente será possível após a morte do seu corpo, quando o seu espírito estiver plenamente livre das preocupações que agora tem com o ego humano que o mesmo administra. Sei que isso desagradará a muitos por aqui, cujas concepções ainda se encontram cheias da boa crença e das cômodas “certezas”, as quais, se por um lado, podem muito bem nobilitar o psiquismo de muitos, por outro, infelizmente, muitas vezes servem como fator de infantilização, difícil de ser superado.

Continuamos a trocar impressões sobre a vida espiritual, observando o quanto de engano existia na mente de espíritos que achavam que “tudo estava pronto”, em termos de realidade espiritual, quando nitidamente notei que Julia Domina começava a ser solicitada para receber alguns grupos de espíritos que se aproximavam, cumprindo, assim, a sua função de “madrinha daquele encontro”.

Ela olhou para Nietzsche e disse:

— Bem. Estão chegando alguns grupos que vieram saudá-lo, ó Nietzsche, como se comemorando o final deste ciclo de refazimento pelo qual você está passando. Se o próprio Mestre Jesus veio aqui, praticamente para lhe dizer o quanto ele tem aprendido com o seu testemunho e suas reflexões ricamente registradas em livros, o que dizer desses que aqui se apresentam para abraçá-lo.

Nietzsche, nitidamente inseguro, começou a olhar para os que estavam adentrando o ambiente. E vendo ali alguns filósofos que ele criticara em vida, às vezes de modo contundente, e outras, de leve, disse hesitante:

— Eu não quero receber ninguém... Não consegui nem mesmo me expressar diante de Jesus, portanto não serei capaz de me fazer claro, nesse estado debilitado em que ainda me encontro, frente a esses que aqui chegam. Só de me encontrar com você dois, já tem um significado excepcional para minha sensibilidade, não acho que conseguirei suportar, sem dar vexames, encontrar pela primeira vez...

— Reencontrar, meu filho, reencontrar... — argumentou Julia Domina, corrigindo Nietzsche. — Pouco do que aqui se passa é encontro, tudo é

reencontro de consciências que têm trabalhado e sobrevivido como podem. Não há um só que não tenha errado e, pelo menos, esses que aqui estão, acertaram muito também, porque se expuseram e prevaleceram contra a ignorância de cada tempo e lugar. E esqueça essa questão de que você ainda está debilitado! O trabalho chama e, mais ainda, a necessidade de muitos requer o contributo de terceiros, o que é lamentável, mas infelizmente, real. Você tem luz própria e a fez brilhar sobre a humanidade. O trabalho o espera. Supere-se!

— Desculpem o amargo das minhas recordações das quais às vezes fujo, e em outros momentos, procuro delas me lembrar para construir o meu combustível existencial – disse Nietzsche. — Vocês não sabem o que é morrer aprisionado numa camisa de força! Ao mesmo tempo, devo dizer que outro tipo de morte teria sido vergonhoso para mim, caso eu tivesse deixado a Terra cantando hinos para quem quer que fosse. Ainda bem que morri feito um louco, para poder renascer aqui com um mínimo de respeito por mim mesmo, já que louco mesmo eu considero o mundo terreno e o modo medíocre de como por lá se vive. Nestes últimos tempos, estudando as revelações que você vem produzindo por lá, tenho entendido melhor a “infecção ancestral” do Criador “caído”, o que explica e mesmo justifica o espanto que senti ao interagir com o mundo nas circunstâncias do tempo em que vivi. Basta! Não vou aqui parecer um velho choroso ou mesmo rebelde, quando nenhum desses dois comportamentos serve para algo, no momento. Vamos aos reencontros!

Olhei para Nietzsche, enquanto ele e Julia Domina, com os olhos, me convidavam a acompanhá-los, mas resolvi me deslocar em sentido contrário, para deixá-los à vontade com aquela grande celebração.

Eu era o único reencarnado presente, e não achei razoável permanecer entre um grupo de desencarnados que ali estavam para abraçar Nietzsche, homenageando-o com suas presenças.

Exponentes da luta pela evolução do pensamento humano, levada a efeito nestes últimos três mil anos, começaram a se fazer presentes, enquanto festejavam o novo marco filosófico proposto por Nietzsche, apesar das muitas e maravilhosas discórdias que continuavam a existir entre eles.

Comecei a me dirigir de volta aos procedimentos de preparação para o acordar do corpo animal, que descansava em um hotel, nas primeiras horas daquela manhã ainda nevoenta da cidade de Edimburgo, na Escócia, enquanto pensava nas principais críticas de Nietzsche ao legado de Jesus.

Segundo ele, Jesus pregou o niilismo com as suas bem-aventuranças, mas penso que não era aquele o sentido ou a intensão de suas palavras.

De minha parte, pensava se o “homem Jesus” simplesmente não foi, aos poucos, detectando que a vida terrena era insuportavelmente “podre”,

insuperavelmente incapaz de se sobrepor ao código-fonte definidor de vida “apodrecido” do Criador, hospedado na natureza psíquica e corporal dos humanos?

Essa coisa de não ser possível se viver feliz na Terra e somente encontrar a tal felicidade no “Céu”, será que não foi um arranjo mental configurado pelo então Jesus, frente ao susto que ele levou, quando se viu “enjaulado” numa missão violenta, sem poder optar por não a realizar, a não ser sofrendo as terríveis consequências decorrentes da reação de Javé?

Espanta-me perceber como toda a formação educacional que as gerações passadas repassaram para seus filhos, **sempre normalizou o absurdo, o inaceitável**. Isso é verdadeiramente impressionante, mas jamais o percebemos porque os nossos psiquismos funcionam de um **modo condicionado a exatamente não captar nada de estranho em tamanha “imoralidade existencial”**.

28ª Constatação:

Ao longo dos milênios, todos os humanos têm formado as suas personalidades, prisioneiros de ideias obsoletas, infantilizadas, simplórias e equivocadas. Obviamente, os adultos que disso resultam, possuem mentalidades absolutamente desfocadas da “busca pela verdade”, porque a “jaula” que as aprisionam representa justamente a “verdade” que pensam já possuir.

E assim tem sido, e o processo continua até os tempos atuais, quando esta “Era do Conhecimento” inicia o processo de libertação das mentalidades dos adolescentes do automatismo da educação religiosa familiar retrógrada, mesmo que, até no meio virtual, o proselitismo “infectado” pela estupidez tenha inevitavelmente também penetrado.

Além dos padrões estéreis das crenças religiosas, temos também os de ordem política, na medida em que os **liberais democratas** endeusam o mercado que promove a exclusão social e a concentração de riqueza nas mãos de poucos, os **sociais democratas** defendem o governo como agente regulador do capitalismo de mercado, pois não conseguem encontrar outro sistema econômico que funcione, e **os esquerdistas e direitistas profissionais** pretendem transformar o governo em uma “religião” cheia de “ismos” personalizados no “demagogo do momento”, no “salvador da pátria do momento”, preferencialmente sob a égide de uma falsa justificativa para um sistema ditatorial que represente o povo ou as elites.

O “álbum de figurinhas” da História da Humanidade, com seus eventos ortodoxos e revolucionários e os seus protagonistas, é ou deveria ser considerado uma vergonha só! O terrível é perceber, por trás das faces dos tais protagonistas, um mesmíssimo grupo de espíritos corrompidos, que sempre que renascem, saem feitos loucos atrás do exercício do poder temporal.

Nas obras de Tolkien, existem os “Nazguls”, que eram espíritos de reis terrenos que haviam perdido a honra a tal ponto que tinham implodido os seus corpos espirituais, tornando-se, assim, meros espectros de energia maligna.

Os presidentes de nações do meu tempo – e notadamente os do meu país – se parecem com os “Nazguls”, de tanto que a corrupção moral os deformou e descaracterizou as suas condições espirituais, fazendo deles, seres cuja natureza humana parece aposentada, e no seu lugar, a condição serpentina e predadora passou a residir permanentemente, como se assumindo definitivamente as suas faces pessoais.

É uma vergonha perceber como líderes se utilizam vergenhosamente do nome de Jesus para construir “famílias e núcleos de poder”, a partir exatamente dos dois focos situados no continente americano, os quais, séculos atrás, quando das suas respectivas colonizações, foram sonhados como a nova etapa do renascimento do legado de Jesus, já que a primeira etapa europeia fracassara de modo lamentável. Nem mesmo os Templários conseguiram dar jeito naquele processo deformado!

Ah, quão nefasta foi e é a influência dos Estados Unidos da América e do Brasil, de cujos tentáculos espalhados por todo o mundo, transformam a vida humana num simplório “toma-lá-dá-cá” com as figuras de “deus” e de Jesus, que envergonharia o próprio “diabo”, caso ele existisse.

A Ciência, a Filosofia e a religião têm falhado flagrantemente em explicar aos humanos, como um “deus” maravilhoso gera um produto tão defeituoso quanto a existência que levamos, na qual a violência é legitimada pela vontade de sobreviver, e todos os “jogadores da vida” acham isso normal! Não é! Na verdade, é um grande vexame, como vexaminoso é também apodrecer lentamente, sofrendo doenças neurovegetativas e ainda tendo que escutar dos apressados explicadores das desgraças alheias que aquilo é coisa do carma pessoal. Não é! É do “defeito de fabricação e da não finalização” que o Cientista ou Entidade Criadora fez valer sobre a Obra dele, emanada sob a égide da sua incompetência.

Na época de Jesus, era praticamente impossível assumir tais aspectos como verdadeiros, ainda que, logo depois da sua morte, as mensagens que ele, no estado de ressuscitado, legou para a posteridade, revelem que o tal Criador não era mesmo habilitado para tamanha “aventura criativa”. “Ele tinha problemas” –

afirmou o “Jesus ressuscitado”, no que atualmente é tido como os evangelhos gnósticos encontrados em Nag Hammadi, em 1945, no Egito.

Bem mais que isso, fez o seu apóstolo-evangelista João, que, cerca de sessenta anos após a crucificação de Jesus, produziu seu evangelho, iniciando-o com uma das afirmações mais enigmáticas de toda a tradição bíblica, mas que também ninguém jamais cuidou de estudar com seriedade, muito menos os esforçados e bem-intencionados teólogos do catolicismo e do protestantismo.

João afirmou, e se o fez foi porque, em algum momento da sua vida, ele escutou a informação vinda de Jesus, de que lá “no início dos tempos universais – ou mesmo anterior ao ato da criação – se não fosse a intervenção ou participação do Verbo, o Criador chamado de “deus”, nada teria criado”.

Estranho, não?

Só para recordar, disse João no início do seu evangelho, logo no seu primeiro versículo:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto a Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.”

Pensem o que quisermos, mas, se após uma afirmação dessa categoria, em sã consciência, ancorado em princípios e propósitos nobres e livres, alguém discordar que não houve algo de muito estranho e de esquisito lá no “princípio das coisas” – talvez uma espécie de desentendimento entre dois Seres Criadores –, e que uma das fontes que isso informa foi a própria pessoa de Jesus, por meio do seu apóstolo-evangelista, bem, nada mais tenho a dizer sobre essa questão.

Apenas me ponho a imaginar se algum jovem, na atualidade planetária, fosse ler seu primeiro livro e que Jesus pudesse dizer a ele **qual a melhor opção para se iniciar na “busca da verdade”**, desconfio que **o Mestre orientaria a leitura dos livros de Nietzsche**, como maneira de questionar livremente todas as *fake news* que obscureceram a visão de mundo dos humanos.

Desconfio, sinceramente desconfio, que Jesus concorda:

- com as propostas de Nietzsche no campo da “transvaloração”;
- na derrocada dos “ídolos”, ainda mais pernósticos do que muitos que ele corajosamente enfrentou no seu tempo; e
- com o fato de que o ser humano precisa praticar descontinuidades nietzschianas, dionisíacas, como ele mesmo fez ao se recusar a assumir o papel de um Messias violento, conforme encomendado pelos valorosos

profetas hebreus, que serviram de voz a Javé e seus desígnios infelizes.

Nietzsche sempre “bateu duro” no cristianismo, mas sempre elevou o “homem Jesus” à conta do único cristão decente, assim observado por ele, um ser humano que fez da sua paz um instrumento revolucionário para o progresso da humanidade.

Desconfio, sinceramente desconfio, se Jesus tivesse que escolher entre a turma da mesmice religiosa, da consolação metafísica e Nietzsche, para conversar, não tenho dúvidas, de que opção ele faria.

Na verdade, ele a fez!

Posfácio

Alguém pode se perguntar: você está querendo dizer que Jesus, no seu estado espiritual, está lendo Nietzsche? Não! Estou afirmando que ele já leu!

Segundo o que deparei – ao constatar os dois mil anos de mal-entendidos, do mau uso do seu legado, dos equívocos e hesitações que a sua condição humana teve que administrar, do “fator Javé” na sua vida, que “enjaulou” o seu espírito numa programação existencial muito específica e cruel –, Jesus procurou o único compêndio questionador e mesmo desconstrutivo do “castelo de infantilidades e de dogmas absurdos”, no qual o seu legado terminou sendo transformado.

Dos crimes estratégicos que se promove contra a evolução do psiquismo humano, pagar “pedágio”, para penetrar nesse “castelo” e receber bençãos, é um dos mais graves, porque cretiniza tanto os que cobram quanto os que pagam, ou seja, todo mundo que depende da fé em Jesus e na sua herança.

Não serão os simplórios que alcançarão as “graças eternas”, segundo ele próprio, mas os “pobres de espírito”, ou seja, os que são simples e que buscam produzir o bem em tudo o que fazem. Contudo, as igrejas de todas as categorias cristãs têm apequenado o ser humano, e Jesus, em espírito, obviamente percebeu isso.

A obra de Nietzsche lhe parece ser o que de melhor se pode obter no vasto compêndio da produção intelectual humana, na sua parte livre, ainda que pertencente a um tempo em que a obrigatoriedade de se partir da inescapável premissa da existência de um “deus”, fosse ele o que fosse. Jesus mesmo, foi um dos protagonistas da manutenção desse *status*, e o seu espírito, agora, buscava e apoiava Nietzsche como tendo sido aquele que se pôs em risco, o que exerceu a ousadia de afirmar que o conceito de “deus”, ridículo e infantilizado como o presente em todas as crenças, notadamente na do cristianismo católico e protestante, “estava morto”. Aquele modelo conceitual não poderia ir muito além quando na Terra se encontrasse existindo uma geração mais esclarecida.

Atualmente, pode parecer escandaloso assumir como verdade a inadiável constatação que as religiões – todas elas sem exceção –, até agora surgidas na vida planetária, apequenaram o ser humano sob a desculpa de matar o ego dos homens e mulheres da Terra, porque este havia sido “urdido pelo diabo, que se mostrou sob a forma de uma serpente e enganou a Eva”.

Todas elas se transformaram em “festivais de patetices”, com seus algoritmos mentais simplórios, sempre ancorados num “toma lá dá cá” que fez dos humanos uma estirpe de seres viciados na fé fácil e irresponsável, em milagres multimídia, apalermando uma multidão de bem.

Dói-me ter que ressaltar esses aspectos porque, a quase totalidade das pessoas a quem particularmente muito amo e sou profundamente grato pela guarida amorosa que me ofertaram nesta vida, pertence a esse contexto, ainda que afastados dos seus aspectos mais grotescos e ridículos.

Por desagradável e incômodo que possa parecer aos religiosos, o tempo em que esse aspecto da verdade pode ser compreendido pelo psiquismo humano, finalmente é chegado. Contudo, não é para esta atual geração de humanos mais maduros e idosos, que ainda caminham no planeta, que ela entrará em vigor, mas sim, para as que estão chegando.

Alguém poderá perguntar: mas não será perigoso liberar o ego humano para que ele perca o temor a um “deus” que castiga? Será que assim a vida não sairá do rumo pretendido por “deus” e seus desígnios?

Bem, convenhamos que já saiu há muito tempo, se é que os tais desígnios de “deus” apontavam em algum sentido lógico e dignificante para a condição humana!

Pelo que pude e posso constatar, o *script* dos desígnios de Javé sempre apontou num só sentido: mediocridade e submissão!

Quem lhe era submisso, como os judeus, escreveram salmos maravilhosos, enaltecendo como Javé era bondoso para aquela geração de hebreus (ancestrais dos judeus), e como os católicos e protestantes adoram recitar os tais cantos, esquecidos, porém, que os mesmos homenageavam o tal “deus” porque ele havia destroçado os povos considerados inimigos. Grande conceito de “deus”, esse que temos cultivado ao longo de quatro milênios, sob a perspectiva da crença judaico-cristã.

Ainda assim, pela força do vício de se crer em um “deus”, claro que é perigoso convidar a humanidade para se desfazer de uma crença tão desviada de uma lógica decente, para, assim, poder construir um outro modo de honrar a Deus, que seja mais nobre e honesto do que o atual.

De toda maneira, em futuro breve, os egos que viverão como membros da espécie humana, diferente dos atuais, serão tendentes ao equilíbrio e à

necessidade da sobrevivência da espécie humana como um todo, e não desta ou daquela nação.

Os problemas ambientais e certos sustos cósmicos providenciarão o que, pela sabedoria, jamais veio a existir na educação dos terráqueos.

Se pudesse ter existido um historiador permanente, que dia após dia, desde que o ser humano se racionalizou, tomasse apontamento sobre o que de bom e de ruim aconteceu com a humanidade, fatalmente seria percebido que nesses últimos 18 milhões e 250 mil dias terrestres, desde que surgimos por aqui – o que corresponde aos últimos 50 mil anos –, jamais Deus ajudou em coisa alguma à espécie *Homo sapiens*. Muito pelo contrário: ela sempre esteve entregue à sanha psicótica de seres que a manipulavam e se passavam por “deuses”, para melhor consumarem seus resultados.

Atualmente, isso pode ser observado, ainda que seja desagradável, e constatado, mesmo que “politicamente incorreto”. Contudo, é exatamente o que está acontecendo com o advento das primeiras páginas da “Revelação Cósmica”: haja “incorreção”!

Obviamente, como aconteceu com todas as revelações anteriores, as prováveis coisas novas, nos seus primeiros momentos, não agradam a ninguém, e não poderia mesmo ser diferente. Entretanto, a “Revelação Cósmica” é uma questão de choque de realidade e não meramente uma suposição.

Afinal, precisamos começar do zero, para podermos construir um método honesto e decente que possa interagir com as forças que consideramos superiores. Elas existem! Deus existe! Contudo, o “manual operacional” de como lidar com esses painéis da existência que, com toda boa vontade, o ser humano construiu até o momento, para muito pouco servem, pois está “infectado” por interesses outros, bem distintos dos que o Bem, a Beleza e a Verdade ofertam.

Reitero o que Roger Waters expressou na música ***“Hello, I Love You”***:

“The kids will have to separate their future from our past!”

Sim! As crianças, ou seja, os adultos de amanhã, terão que aprender a separar o futuro deles do nosso passado equivocado e criminoso, sob pena da vida humana não poder continuar a existir.

E parece que somos preciosos por demais para o Cosmos!

Quem viver, verá!

Jan Val Ellam

Notas

1. A Criação de Ídolos para a Humanidade

1 “*Bíblia Sagrada*”

Todas as citações bíblicas constantes neste livro, foram reproduzidas com base da Edição Claretiana de 1982, São Paulo.

2 Viés de Confirmação

Os psicólogos cognitivos buscam, nos mecanismos intrínsecos da mente humana, desvelados pela psicologia cognitiva, as explicações para a capacidade que temos de sustentar certas ideias mesmo em situações nas quais elas são claramente contrariadas pela realidade.

Em outras palavras, somente escutam aquilo que reafirma as suas crenças.

Crença seria, portanto, a reafirmação de um “pacote de ignorância”, sempre confirmado como atitude religiosa.

Os milenaristas, por exemplo, que acreditam no fim do mundo, somente lidam com as notícias que alimentam essa percepção, por mais que a vida e a Terra continuem existindo, apesar de algumas profecias.

2. A Cultura Judaica e a Cultura Grega

1 Terras maravilhosas Ilhas Afortunadas e Paraíso Perdido, temas magistralmente abordados no livro “*Lugares Mágicos de Portugal*”, de Paulo Pereira, Círculo de Leitores, Rio do Mouro, Portugal, 2009.

2 “*A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*” (1874)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**

3 “*O Nascimento da Tragédia*” (1872)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

4 Mauro Araújo de Sousa

Filósofo e escritor contemporâneo. Fez a introdução da tradução brasileira do livro ***“Para Além do Bem e do Mal”***, de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

5 “Para Além do Bem e do Mal” (1886)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**. Tradução de Alex Marins, Editora Martin Claret, São Paulo, 2008.

6 “Ecce Homo” (1888)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

7 Sinédrio judaico

O Sinédrio era uma assembleia religiosa judaica do tempo de Jesus, que era chefiada por um sumo-sacerdote. Os membros do Sinédrio governavam e julgavam o povo judeu de acordo com a Lei de Moisés e as tradições judaicas. Jesus foi julgado pelo Sinédrio, antes de ser crucificado. Era composto por 71 líderes importantes na sociedade, que julgavam os casos de acordo com as leis judaicas.

8 “O Viajante e sua Sombra” (1879)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

9 “Assim Falou Zaratustra” (1883)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

10 “O Quinto Evangelho” ou o “Evangelho Gnóstico de Tomé”

11 “Crepúsculo dos Ídolos” (1888)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

3. Precisamos de Ídolos?

1 Cardeal Barbarin e o filme “Graças a Deus”

Filme de Françoise Ozon, que relata a história de alguns adultos que resolvem contar os abusos sexuais sofridos na infância, praticados pelo mesmo prelado católico, o padre Preynat, que jamais negou os fatos, mas continuava “pastoreando crianças” com o consentimento de Barbarin, um preposto cardinalício do Vaticano, que nunca fez nada para afastá-lo.

2 “Decifra-me ou te devoro”

A quem interessar possa, encontra-se disponível no Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos – IEEA, uma palestra realizada no ano de 2019, cujo título é ***“O Enigma da Esfinge – Descortinando a Personalidade de Javé”***, que aprofunda e oferta painéis particulares sobre o assunto em questão.

3 “O Anticristo” (escrito em 1888 e publicado em 1895)
Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

4. O Poder Opressor das Ideias Entronizadas

1 Protágoras de Abdera (490 a.C. a 415 a.C.)

Pensador sofista da Grécia pré-socrática, que se apoiava na obra de Heráclito de Éfeso. O seu relativismo residia no aspecto singular de que, se o homem é a medida de todas as coisas, então coisa alguma pode ser medida para os homens, ou seja, as regras, as leis, a cultura, tudo deve ser definido pelo conjunto de pessoas, e aquilo que vale em determinado lugar, não deve valer necessariamente em outro.

Esse axioma também implica que as coisas são conhecidas de uma maneira bem particular e muito pessoal para cada indivíduo, aspecto que viria a ser confrontado pelo projeto de Sócrates, de se chegar ao conceito absoluto de cada coisa.

O pensamento nietzschiano passa necessariamente pelo de Protágoras.

2 “Doutrina do Favor Divino”

Doutrina que defende que cada consciência espiritual individualizada e mergulhada no âmbito da Criação universal, se encontra realizando um “Favor Divino” ao Criador de um projeto que não deu certo, mas que terminou vindo a existir.

Encontra-se apresentada no livro **“Favor Divino”**, do mesmo autor.

3 Futuras Gerações Humanas Especiadas

Esse tema foi abordado no capítulo 18, do livro **“A Epopeia dos Agentes da Vida Universal”**, do mesmo autor.

4 Os Três Primeiros “Logos” e o vício da fé

Abaixo, segue o resumo da atuação dos “Logos Criadores”, conforme abordado no livro **“O Quarto Logos”**, do mesmo autor.

O **“Primeiro Logos”** (personificado por Brahma ou Javé, dentre os muitos nomes e epítetos que esse Ser, reconstruído a partir da “sobra apodrecida” da sua “queda”, colecionou ao longo da história universal) foi o responsável pela sementeira do grânulo básico da vida, do módulo codificado, o qual podemos chamar de “DNA do Criador” – o “código-fonte definidor de vida” –, em analogia com o que atualmente conhecemos nos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, que passou a ser o “tijolo de edificação” de qualquer corpo vivo no âmbito da sua Obra.

O **“Segundo Logos”** (personificado por Shiva) ordenou e diversificou as possibilidades de vida organizada e mais complexa, gerando outros modelos de “tijolos básicos” a partir do “original”.

Com a “transição de fase” entre a sua primeira forma, assumida após o seu “mergulho” como anjo-clone do Criador, para a nova condição de demo, quando passou a ser chamado de Shiva, esse Ser gerou de si mesmo toda uma nova família de seres composta por incontáveis gêneros e espécies do que, aqui, estou classificando como “demos” ou “demônios” – que são descritos nas páginas das diversas mitologias.

O **“Terceiro Logos”** (personificado por Vishnu) jogou no sentido de modificar para melhor as possibilidades de agregação das informações codificadas no DNA, no processo mais conhecido pela lógica humana como sendo o da **evolução**. Contudo, esse Logos não atingiu, do modo esperado, o que um dia pretendeu construir. O fruto principal da sua atuação terminou sendo a fé que atualmente se percebe nas religiões vinculadas ao tipo de “deus” teísta como o do brahmanismo, do hinduísmo de uma maneira geral, do judaísmo, do cristianismo nas suas vertentes católica, ortodoxa-grega, anglicana, protestante e espírita, como também do islamismo.

Esse aspecto tornou necessário a atuação de um novo Logos, o **“Quarto Logos”**, que diferente dos três primeiros, não é um **“Logos Criador”**, mas uma espécie de autoridade ratificadora e retificadora do que foi possível construir até esta etapa da evolução universal.

“Autoridade” aqui não deve ser entendido como uma força atuante que vai se estabelecer e fazer valer a sua marca por meio de qualquer tipo de imposição. Absolutamente! O papel do **“Quarto Logos”** – e de seus agentes – somente será percebido com o passar das novas etapas do tempo cósmico, que a tudo e a todos transforma.

Dito de outro modo, o “Primeiro Logos” gerou a vida, o “Segundo Logos” a ordenou e diversificou, e o “Terceiro Logos” promoveu a evolução do que já existia, mas associada à fé, à motivação psíquica que resultasse em alguma possibilidade de “crescimento”, no sentido de gerar mais complexidade. O “Quarto Logos” tem como um dos seus objetivos, o de propiciar a compreensão esclarecida em grau suficiente para que padrões de uma consciência sábia e virtuosa possam ser, doravante, edificadas no psiquismo dos seres, a partir da liberdade desses em assim desejarem, e poderem fazê-lo.

5. Subjugação e Escravização

1 Banda “The Marmelade”

Música: “*Reflections of My Life*”

“*The world is a bad place, a bad place, a terrible place to live, but I don’t wanna die.*” (“O mundo é um lugar ruim, um lugar ruim, um lugar terrível para se viver, mas eu não quero morrer.”)

2 Allan Kardec

Pseudônimo do professor e pesquisador francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), codificador da “Revelação Espiritual”, cujo pentateuco é formado pelos “O Livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Médiuns”, “O Céu e o Inferno” e “A Gênese”, que compõem a base da doutrina espírita.

3 Considerações Extemporâneas” (1883)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

4 J. R. R. Tolkien (1892 – 1973)

Nascido na atual África do Sul, mas passou a viver na Inglaterra desde seus três anos. Foi professor universitário, filólogo britânico, e autor de livros. Entre suas obras, destacam-se “O Hobbit” (publicada em 1937), a trilogia “O Senhor dos Anéis” (escrita entre 1937 e 1949) e “O Silmarilion” (1977, publicação póstuma, uma coletânea de obras de mito-poesias).

5 J. K. Rowling (1955)

Escritora, roteirista e produtora cinematográfica britânica. Autora da série de livros sobre a saga de Harry Potter, constituída por sete romances de fantasia.

6 Rudiger Safranski

Autor do livro “*Nietzsche – Biografia de uma Tragédia*”, com tradução de Lya Luft, Editora Geração, 2019, São Paulo. Editor: Luiz Fernando Emediato.

6. Equívoco ou Cegueira

1 Edward Wilson (1929)

Entomologista, biólogo, cientista dos mais notáveis e escritor estadunidense contemporâneo. Na área da biologia, tem como ressaltar os seus trabalhos com ecologia, evolução e sociobiologia. Particularmente, ele é especialista em formigas e no uso de feromônios para a comunicação entre as mesmas.

8. Revolucionário Enlouquecido, mas nem tanto

1 Unidades mórficas e os arquétipos do inconsciente coletivo de Jung

Sobre “campos antigos” (unidades mórficas antigas) e as novas sementes (novas unidades mórficas): Em 1982, a revista britânica “*New Scientist*” criou um concurso para que se apresentassem ideias que testassem a ressonância mórfica. A ideia vencedora foi a de um psicólogo, Richard Gentle, com um experimento envolvendo canções de ninar turcas. Na sua proposta vencedora, ele solicitava que um grupo de pessoas que falavam inglês, memorizasse duas poesias breves em turco, sendo a primeira uma tradicional canção de ninar, conhecida por milhões de turcos ao longo de anos, e a segunda, uma nova, que foi feita por meio do rearranjo das palavras da primeira canção. Os participantes não saberiam qual era qual. Depois de períodos iguais dedicados à memorização de cada uma das poesias, eles seriam testados para se descobrir de qual se lembravam melhor. Se a ressonância mórfica estivesse atuante, a poesia tradicional seria mais fácil de memorizar do que a nova. Este é um exemplo de teste de “campo antigo”, pelo qual o aprendizado de alguma coisa com um campo mórfico estabelecido há muito tempo, é comparado com o aprendizado de uma coisa nova. Rupert Sheldrake – extraído do livro “*Nova Ciência da Vida*”.

Por mim mesmo, faço a associação de unidades mórficas como sendo o mesmo evento mental denominado por Carl Jung como sendo os arquétipos formadores do inconsciente coletivo da espécie.

Carl Jung escreveu:

“Além de nossa consciência imediata, que é de natureza inteiramente pessoal e que consideramos a única psique empírica (mesmo se lhe acrescentarmos o inconsciente pessoal como apêndice), existe um segundo sistema psíquico de natureza coletiva, universal e impessoal, idêntico em todos os indivíduos. Esse consiste em formas preexistentes, os arquétipos, que só secundariamente podem se tornar conscientes, conferindo uma forma definida a certos conteúdos psíquicos.”

Novamente, segundo Rupert Sheldrake, no livro “*Uma Nova Ciência da Vida*”, Jung procurou ancorar a sua tese – a herança do inconsciente coletivo – nos corpos biológicos a partir da premissa de que as formas arquetípicas estivessem “presentes no plasma germinal”.

A quem interessar possa, sobre esse assunto, as seguintes palestras estão disponíveis nos Institutos de Estudos vinculados aos livros que compõem os primeiros passos da “Revelação Cósmica”:

“A Egrégora Humana e o Inconsciente Coletivo de Jung” e “Os Arquétipos Junguianos e a Mente do Criador”.

9. O Ser Humano Emancipado

1 “A Gaia Ciência” (1882)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

2 Pitágoras (572-492 a.C.)

“*Versos de Ouro*”, de Pitágoras, a partir do texto de Hierocles de Alexandria, com base na versão em língua inglesa, feita por N. Rowe, em 1707, e adotada atualmente pela maior parte dos estudiosos da tradição pitagórica:

“Honra em primeiro lugar os deuses imortais, como manda a lei. A seguir, reverencia o juramento que fizeste.

Depois os heróis ilustres, cheios de bondade e luz.

Homenageia, então, os espíritos terrestres e manifesta por eles o devido respeito.

Honra em seguida a teus pais, e a todos os membros da tua família.

Entre os outros, escolhe como amigo o mais sábio e virtuoso.

Aproveita seus discursos suaves, e aprende com os atos dele, que são úteis e virtuosos. Mas não afasta teu amigo por um pequeno erro.

Porque o poder é limitado pela necessidade.

Leva bem a sério o seguinte: Deves enfrentar e vencer as paixões. Primeiro a gula, depois a preguiça, a luxúria, e a raiva.

Não faz junto com outros, nem sozinho, o que te dá vergonha. E, sobretudo, respeita a ti mesmo.

Pratica a justiça com teus atos e com tuas palavras. E estabelece o hábito de nunca agir impensadamente. Mas lembra sempre um fato, o de que a morte virá a todos. E que as coisas boas do mundo são incertas, e assim como podem ser conquistadas, podem ser perdidas.

Suporta com paciência e sem murmúrio a tua parte, seja qual for, dos sofrimentos que o destino determinado pelos “deuses” lança sobre os seres humanos.

Mas esforça-te por aliviar a tua dor no que for possível. E lembra que o destino não manda muitas desgraças aos bons.

O que as pessoas pensam e dizem varia muito; agora é algo bom, em seguida é algo mau.

Portanto, não aceite cegamente o que ouves, nem o rejeite de modo precipitado. Mas se forem ditas falsidades, retrocede suavemente e arma-te de paciência.

Cumpre fielmente, em todas as ocasiões, o que te digo agora.

Não deixa que ninguém, com palavras ou atos, Te leve a fazer ou dizer o que não é melhor para ti.

Pensa e delibera antes de agir, para que não cometas ações tolas. Porque é próprio de um homem miserável agir e falar impensadamente.

Mas faz aquilo que não te trará aflições mais tarde, e que não te causará arrependimento. Não faz nada que sejas incapaz de entender.

Porém, aprende o que for necessário saber; deste modo, tua vida será feliz.

Não esquece de modo algum a saúde do corpo. Mas dá a ele alimento com moderação, o exercício necessário e também repouso à tua mente. O que quero dizer com a palavra moderação é que os extremos devem ser evitados.

Acostuma-te a uma vida decente e pura, sem luxúria.

Evita todas as coisas que causarão inveja. E não comete exageros. Vive como alguém que sabe o que é honrado e decente.

Não age movido pela cobiça ou avareza. É excelente usar a justa medida em todas estas coisas.

Faze apenas as coisas que não podem te ferir, e decide antes de fazê-las.

Ao deitares, nunca deixe que o sono se aproxime dos teus olhos cansados, enquanto não revisares com a tua consciência mais elevada todas as tuas ações do dia.

Pergunta: "Em que errei? Em que agi corretamente? Que dever deixei de cumprir?" Recrimina-te pelos teus erros, alegra-te pelos acertos.

Pratica integralmente todas estas recomendações. Medita bem nelas. Tu debes amá-las de todo o coração. São elas que te colocarão no caminho da Virtude Divina.

Eu o juro por aquele que transmitiu às nossas almas o Quaternário Sagrado. Aquela fonte da natureza cuja evolução é eterna.

Nunca começa uma tarefa antes de pedir a bênção e a ajuda dos Deuses.

Quando fizeres de tudo isso um hábito, conhecerás a natureza dos deuses imortais e dos homens, verás até que ponto vai a diversidade entre os seres, e aquilo que os contém, e os mantém em unidade.

Verás então, de acordo com a Justiça, que a substância do Universo é a mesma em todas as coisas.

Deste modo não desejarás o que não debes desejar, e nada neste mundo será desconhecido de ti.

Perceberás também que os homens lançam sobre si mesmos suas próprias desgraças, voluntariamente e por sua livre-escolha.

Como são infelizes! Não vêm, nem compreendem que o bem deles está ao seu lado.

Poucos sabem como se libertar dos seus sofrimentos.

Este é o peso do destino que cega a humanidade.

Os seres humanos andam em círculos, para lá e para cá, com sofrimentos intermináveis, porque são acompanhados por uma companheira sombria, a desunião fatal entre eles, que os lança para cima e para baixo sem que percebam.

Trata, discretamente, de nunca despertar desarmonia, mas foge dela!

Oh Deus nosso Pai, livra a todos eles de sofrimentos tão grandes. Mostrando a cada um o Espírito que é seu guia.

Porém, tu não deves ter medo, porque os homens pertencem a uma raça divina. E a natureza sagrada tudo revelará e mostrará a eles.

Se ela comunicar a ti os teus segredos, colocarás em prática com facilidade todas as coisas que te recomendo.

E ao curar a tua alma, a libertarás de todos estes males e sofrimentos.

Mas evita as comidas pouco recomendáveis para a purificação e a libertação da alma. Avalia bem todas as coisas, buscando sempre guiar-te pela compreensão divina que tudo deveria orientar.

Assim, quando abandonares teu corpo físico e te elevares no éter. Serás imortal e divino, terás a plenitude e não mais morrerás.”

Outra versão importante dos “Versos de Ouro”, produzida por Fabre d’Olivet, adaptada para a linguagem atual por Maria Aparecida Frigeri:

“(…) Mas, não: aos homens cabe o erro discernir e saber a verdade. A eles, raça divina, a natureza os serve. E tu que a penetraste, homem sábio e ditoso: A Paz Seja Contigo!”

3 Rachel A. Wood

Paleontóloga e geóloga da Universidade de Edimburgo, Reino Unido, em artigo para a revista “Scientific American”, Brasil, agosto de 2019.

10. Afinal, Conflito ou Parceria Filosófica?

1 “Genealogia da Moral” (1887)

Livro de **Friedrich Wilhelm Nietzsche**.

11. A Fé de Jesus e a Razão de Nietzsche

1 Michel Foucault (1926-1984)

Pensador francês, em seu ensaio “*Nietzsche, a Genealogia e a História*”, analisa o método genealógico de Nietzsche.

12. O Choque entre a Fé e a Razão de Jesus, que Nietzsche não Viu

1 Livros sobre Javé, do mesmo autor

O Drama Cósmico de Javé, “*O Drama Espiritual de Javé*” e “*O Drama Terreno de Javé*”.

2 Bruno Ribeiro

Revista “*Ler e Saber*”, edição especial 2019, no artigo “*Entre Vazios e Propósitos*”.

3 James Clifford

Antropólogo e escritor estadunidense contemporâneo.

4 Creston Davis

Escritor, professor e fundador do “Global Center for Advanced Studies”, e autor da introdução do instigante livro “*A Monstruosidade de Cristo*”, dos autores Slavoj Žižek e John Milbank.

5 Luc Ferry

Filósofo francês contemporâneo.

6 Franz Kafka (1883 – 1924)

Nascido em Praga, na atual República Tcheca. Considerado um dos escritores mais influentes do século XX. Autor de “*A Metamorfose*” (1915), “*O Processo*” (escrito em 1920 e publicado em 1925) e “*O Castelo*” (1922), dentre outros livros.

7 Albert Camus (1913 – 1960)

Nascido na Argélia. Escritor, filósofo, dramaturgo e jornalista. Autor de “*O Estrangeiro*” (1942), “*A Peste*” (1947), “*O Mito de Sísifo*” (1942) e “*A Queda*” (1956), dentre outros livros.

8 Baruch Spinoza (1632 – 1677)

Filósofo racionalista, nascido em Amsterdã, na Holanda. Autor de “*Ética*” (1677), “*Tractatus Politicus*” (1670), e “*Tractatus de Intellectus Emendatione*” (1677), dentre outros livros.

9 René Descartes (1596 – 1650)

Filósofo francês e inventor da geometria analítica.

10 Yuval Noah Harari

Professor e escritor israelense contemporâneo.

11 “Woodstock Music & Art Fair”

Festival americano de música, ocorrido em 1969, que reuniu uma enorme quantidade de pessoas ligadas aos ideais do movimento “hippie” e ao “rock’n roll”.

12 Computação ubíqua ou computação pervasiva

Termo usado para descrever a onipresença da informática no cotidiano das pessoas.

O atual custo do *chip*, permite que o mesmo domine todos os espaços da vida, como a roupa que exibimos e demais objetos, e inclusive o corpo humano.

Tem como objetivo tornar a interação entre o ser humano e o sistema computacional invisível, ou seja, integrar a informática com as ações e comportamentos naturais das pessoas. “Invisível”, mas não no sentido de que não se possa ver, mas, sim de uma maneira que as pessoas nem percebam que estão dando comandos a um computador, como se tivessem conversando com alguém. Além disso, os computadores teriam sistemas inteligentes, que estariam conectados ou procurando conexão o tempo todo, tornando-se, assim, onipresentes.

13 “Seinfeld”

Série televisiva, sobre quatro amigos que lidam com o absurdo da vida. Exibida originalmente nos Estados Unidos pela rede NBC, por nove temporadas, entre 5 de julho de 1989 e 14 de maio de 1998.

14 “Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extra-moral” (1873)

Livro de Friedrich Wilhelm Nietzsche.

13. Que Tipo de Ser Humano a Vida Universal Necessita?

1 Daniel Bell (1919-2011)

Sociólogo e escritor estadunidense.

2 Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948)

Advogado indiano, líder do movimento de independência da Índia, então colônia britânica, e pregador da não violência como modo de alcançar a vitória em qualquer tipo de causa. Estudou o hinduísmo e o jainismo. Recebeu o título de “Mahatma”, que em sânscrito, significa “grande alma”.

3 “Shiva Samhita”

14. Encanto e Susto

1 Mion

O espírito de Nietzsche aqui se refere às informações constantes nos livros da trilogia “*Terra Atlantis*” – “*O Sinal de Land’s End*”, “*A Frota Norte*” e a “*A Era Sapiens*” – sobre os tempos da “Rebelião de Lúcifer”, produzida por algumas famílias de seres biodemos, capelinas, dentre as quais se encontra a família Mion.

Sobre o Autor



Com 39 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na [Rádio Atlântica](#): Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

www.janvalellam.org
contato@janvalellam.org



* * *

LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica
- Caminhos Espirituais
- Carma e Compromisso
- Nos Céus da Grécia
- Recado Cósmico
- Nos Bastidores da Luz I, II e III
- O Sorriso do Mestre
- Muito Além do Horizonte
- Jesus e o Enigma da Transfiguração
- Fator Extraterrestre
- A Sétima Trombeta do Apocalipse
- O Testamento de Jesus
- Jesus e o Druida da Montanha
- O Drama Cósmico de Javé
- O Drama Espiritual de Javé
- O Drama Terreno de Javé
- Crônicas de um Novo Tempo
- Cartas a Javé
- Favor Divino
- O Guardião do Éden
- O Sorriso de Pandora
- O Big Data do Criador
- Homoafetividade - O Segredo do Éden
- Memórias de Javé
- Terra Atlantis - O Sinal de Land's End
- Terra Atlantis - A Frota Norte

- Terra Atlantis - A Era Sapiens
- Inquisição Trimurtiana
- Inquisição Filosófica
- O Dharma e as Castas Hindus
- O Quarto Logos
- A Rebelião dos Elétrons
- A Divina Colmeia
- A Epoia dos Agentes da Vida Universal

Outras obras como Rogério de Almeida Freitas

- Inquisição Poética
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens : da Guerra ao Esporte
- Autor do Manifesto da Cidadania Planetária (Projeto Orbum).
- Autor do Manifesto Onda Vírus (IEPP)



Entrevista com Jan Val Ellam

Dentre sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central de seu trabalho?

A necessitada, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão de realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras. Afinal, somos racionais: seres que antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar, estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumamo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionamos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

Os estudos desenvolvidos em seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas se perdem nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente penso não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registrei em um dos livros que até o momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

Diante da nova realidade que suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kierkegaard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma se equivocar de duas maneiras: uma, acreditando no

que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos painéis importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspectos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto. As elites religiosas não têm interesse em que seus fieis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fieis como prisioneiros dos seus circuitos.

Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros até hoje lançados encontra-se o “Manifesto Orbium da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no fato da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amor, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso! Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados por que podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do toma lá dá cá, viciaram todos os seus fieis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai se perpetuar?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse

estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspecto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente lançado, aborda de modo inusitado essa questão.

Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenarmente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

** Entrevista Revista Acontece, agosto de 2019*

Guia e Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I.

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**.

Reintegração Cósmica.

Caminhos Espirituais.

Carma e Compromisso.

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias

capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte. Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico. Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre. Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus. Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia. Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I, II e III. Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo

Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 - ETAPA II.

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração. O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre. Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus. Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final e da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha. Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo. Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética. O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo. Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a

construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 - REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III.

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos quatro grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé. Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé. Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé. Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino. Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé. Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador. Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé. Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica. Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia. Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

O Dharma e as Castas Hindus. O que sempre esteve por trás das castas hindus e a humanidade nunca soube? Qual o significado real do Dharma?

Por que será que na Terra existe uma multidão de miseráveis e somente uns poucos nascem com possibilidade de dar um bom curso as suas vidas?

Este livro responde a essas questões, dentre outras jamais abordadas na cultura humana, e apresenta um inquietante mecanismo psíquico que sempre pretendeu impedir o ser humano de se inconformar perante o absurdo de alguns painéis da existência.

Mitologia, religião, espiritualidade, filosofia, história e cosmologia se encontram numa abordagem ímpar, que ultrapassa os limites do trivial em torno da imoralidade que é a situação de um ser humano que, por força do seu nascimento se vê obrigado a ser o que a tradição religiosa impõe.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora. A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden. O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os

tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End. Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Frota Norte. Abordagem da saga dos biodemos capelinos — incluindo o quartel general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio. Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milênios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”. Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas ao mesmo tempo em que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra. Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como

Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Era Sapiens. Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou acontecendo. Len Mion e Yel Luzbel perseguem a vinda do Messias anunciado pela veia profética do povo hebreu ao mesmo tempo em que procuravam compreender se Jesus era o “conquistador” há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel, dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar de todas as maneiras, qualquer interesse que ele enxergasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir na Terra a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.s

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte. Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

Grupo 4 – Temas Avançados.

A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador. Dentre as partículas

fundamentais da matéria, apontadas pela Física, os elétrons têm uma característica incomum e pouco conhecida: a de hospedar, na sua “intimidade”, as informações produzidas desde o “momento zero” da sua história que começou com o Big Bang.

Os psiquismos das diversas espécies da natureza universal, que nasceram programadas (as mais fortes, as predadoras) para liquidar outras formas de vida, para, assim, por meio da violência imperativa, manter a “sobrevivência dos mais fortes” como sendo a tônica da vida inclemente, têm sujado a “vida interior” desses agentes da informação cósmica.

Os elétrons parecem não ter premissa lógica – pelo menos por enquanto – para se perguntar sobre o porquê das coisas serem assim, mas, estranhamente, sobram indícios e evidências de que, algum tipo de premissa neles, não mais suporta acumular marcações de sofrimento e de outros naipes que enfeiam e criminalizam a existência.

Esse tema jamais foi abordado nos cânones da cultura humana, mas por “urgências e necessidades” ainda desconhecidas para a lógica planetária, tornou-se agora imperiosa a sua abordagem.



* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

Por que o IEEA?

Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos



Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Assista vídeos de palestras não públicas
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smartphones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos
- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica

- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Entre muitos outros fascinantes temas.

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

Manifesto Projeto Orbum



“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a

atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Filie-se espiritualmente a esta idéia.

Jan Val Ellam

Mais informações

Para mais informações sobre o ator, novos lançamentos de livros e sua agenda de palestras e eventos, acesse nossas redes:

Website e Livros

www.janvalellam.org

Youtube

www.youtube.com/janvalellam1

Facebook

www.facebook.com/janvalellam

Ebooks Amazon

www.amazon.com/author/janvalellam

Programa de Rádio

www.radioatlan.com